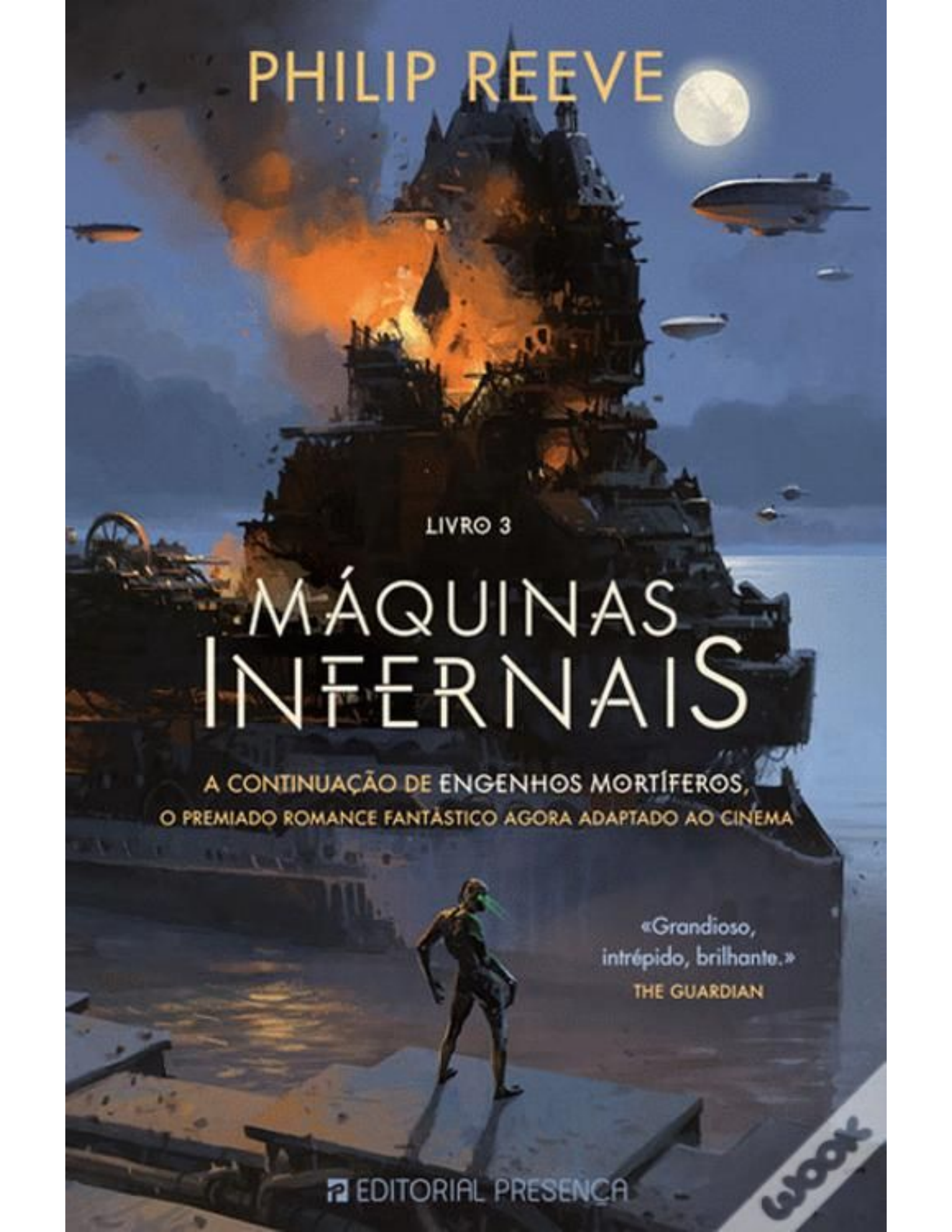




PHILIP REEVE

LIVRO 3

MÁQUINAS INFERNAIS

A CONTINUAÇÃO DE ENGENHOS MORTÍFEROS,
O PREMIADO ROMANCE FANTÁSTICO AGORA ADAPTADO AO CINEMA

«Grandioso,
intrépido, brilhante.»

THE GUARDIAN

 EDITORIAL PRESENÇA

wook

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Table of Contents

[Philip Reeve](#)

[Primeira Parte](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Segunda Parte](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

Philip Reeve

Máquinas Infernais

Mortal Engines

Editorial Presença

Primeira Parte

Capítulo 1

O Despertar Do Adormecido

No início não havia qualquer indício. Depois surgiu uma faísca, um som sibilante que despertava toda uma série de fragmentos de sonhos e recordações. E de repente, com um estalido e um rugido, um fluxo de energia azul esbranquiçada atravessou-o, inundando as passagens secas do seu cérebro como uma onda a invadir uma gruta. O seu corpo deu um esticão tão forte que por momentos ficou equilibrado nos calcanhares e na parte de trás do crânio blindado. Ele gritou e acordou com uma saraivada de estática e uma sensação de estar a cair.

Lembrava-se de ter morrido. Lembrava-se do rosto de uma rapariga rasgado por uma cicatriz que o olhava quando ele estava deitado na erva húmida. Ela era alguém importante, alguém de quem ele gostava mais do que qualquer Caçador deveria gostar na vida e havia algo que lhe queria ter dito mas não tinha conseguido. Agora restava apenas a imagem do seu rosto destruído.

Qual era o nome dela? A sua boca lembrava-se.

— He...

— Está vivo! — exclamou uma voz.

— HES...

— Novamente, por favor. Depressa.

— A carregar...

— HESTER...

— Afastem-se!

E seguiu-se outra corrente de energia que inundou até aqueles derradeiros fios de memória e ele apenas se lembrou que era o Caçador Shrike. Um dos seus olhos recomeçou a funcionar. Reconheceu sombras imprecisas que se moviam através de uma tempestade de interferências e ficou a observar, enquanto elas se iam transformando em figuras humanas, iluminadas por lâmpadas

contra um céu repleto de nuvens fugidias realçadas pelo luar. Chovia de forma constante. Os mortais envergavam óculos de protecção, uniformes e capas de plástico e reuniam-se à volta do seu túmulo aberto. Alguns seguravam lanternas de quartzo e iodo, outros ocupavam-se de máquinas com fileiras de válvulas brilhantes e mostradores reluzentes. Cabos vindos das máquinas estendiam-se pelo seu corpo. Sentiu que uma parte do seu crânio de aço tinha sido removida e que a sua cabeça estava aberta, expondo o seu cérebro de Caçador aninhado lá dentro.

— Mr. Shrike? Consegue ouvir-me?

Uma mulher, muito jovem, estava debruçada sobre ele. Ele tinha uma ténue e atormentada recordação de uma rapariga e pensou se seria aquela. Mas não. Nos seus sonhos havia algo de estranho no rosto dela e aquele era perfeito. Um rosto de Leste com as maçãs salientes e uma tez pálida e olhos negros enquadrados por uns óculos pretos. O seu cabelo curto tinha sido pintado de verde. Por baixo da capa transparente, envergava um uniforme preto, com caveiras aladas bordadas a fio de prata no colarinho subido e igualmente preto.

Ela colocou a mão no metal corroído do peito de Shrike e disse:

— Não tenha medo, Mr. Shrike. Presumo que isto seja confuso para si. O senhor está morto há mais de dezoito anos.

— MORTO — repetiu ele.

A mulher sorriu. Os seus dentes eram brancos e inclinados para a frente, e ligeiramente grandes de mais para a sua pequena boca.

— Talvez a palavra mais adequada seja «adormecido». Os Caçadores mais antigos nunca morrem realmente, Mr. Shrike...

Seguiu-se um ruído surdo e prolongado, demasiado ritmado para ser um trovão. Ondas de luz cor de laranja brilharam nas nuvens, desenhando em silhueta as rochas escarpadas, situadas sobre o lugar onde Shrike repousava. Alguns dos soldados olharam para cima nervosos. Um deles disse:

— Lança-granadas. Atravessaram os fortes dos pântanos. Os seus subúrbios anfíbios estarão aqui dentro de pouco tempo.

A mulher lançou um olhar por cima do ombro e respondeu:

— Obrigada, Capitão. — Depois, voltou novamente a atenção para Shrike enquanto as suas mãos trabalhavam rapidamente no interior do crânio dele. — O senhor foi gravemente danificado e desligou-se mas nós vamos repará-lo. Eu sou a Dr.^a Oenone Zero do Corpo de Ressuscitação.

— NÃO ME LEMBRO DE NADA — confessou Shrike.

— A sua memória foi danificada — respondeu ela — e não a posso restaurar. Lamento.

A fúria e uma espécie de pânico invadiram-no. Sentia que aquela mulher lhe tinha roubado algo apesar de já não saber o que tinha sido. Tentou pôr as garras de fora mas não conseguia mover-se. Mais parecia um simples olho, deitado ali na terra molhada.

— Não se preocupe — continuou a Dr.^a Zero. — O seu passado não é importante. Agora vai trabalhar para a Green Storm. Em breve terá novas recordações.

No céu, por trás do seu rosto sorridente, algo começou a explodir em manchas silenciosas de vermelho e amarelo vivo. Um dos soldados bradou:

— Eles vêm aí! A divisão do General Naga está a contra-atacar com Derrubantes mas não os vai aguentar durante muito tempo...

A Dr.^a Zero acenou com a cabeça e trepou para fora do túmulo, limpando a lama das mãos.

— Temos de levar imediatamente Mr. Shrike daqui. — Olhou novamente para Shrike e sorriu. — Não se preocupe, Mr. Shrike. Temos um dirigível à nossa espera. Vamos levá-lo para o Laboratório Central de Caçadores em Batmunkh Tsaka. Vamos pô-lo novamente a funcionar muito em breve...

Desviou-se para deixar aproximar duas imponentes figuras. Eram Caçadores. Nas suas armaduras estava pintado um raio verde que Shrike não reconheceu. Tinham os rostos feitos de metal liso como lâminas de pás, sem qualquer característica à excepção das estreitas fendas para os olhos que se tornavam verdes à medida que levantavam Shrike da terra e o deitavam numa maca. Os

homens das máquinas apressavam-se ao lado dos silenciosos Caçadores, enquanto estes carregavam Shrike por um caminho em direcção a um caravanchará aéreo fortificado, de onde dirigíveis levantavam voo uns a seguir aos outros em direcção ao céu chuvoso. A Dr.^a Zero corria mais à frente e gritava:

— Depressa! Depressa! Cuidado! Ele é uma antiguidade.

O caminho era cada vez mais íngreme e Shrike percebeu a razão da sua pressa e da inquietação dos seus homens. Através das brechas nas rochas escarpadas, conseguiu vislumbrar uma grande massa de água a cintilar sob os constantes disparos das armas. Sobre a água e também para lá desta, na terra plana e escura viam-se sombras gigantescas que se moviam. À luz dos flamejantes dirigíveis que salpicavam o céu sobre eles e do pálido e lento cair do brilho dos pára-quedas luminosos, ele conseguia ver caminhos trilhados por eles, as suas enormes mandíbulas e as várias plataformas dos fortes couraçados de ferro e zonas de armamento.

Metrópoles de tracção. Um exército delas triturava o seu caminho através dos pântanos. Vê-las agitou ténues recordações em Shrike. Lembrava-se de metrópoles como aquelas. Pelo menos, lembrava-se de ideias delas. Mas se tinha estado a bordo de alguma e se lá tinha feito alguma coisa, disso não se lembrava.

À medida que os seus salvadores se apressavam a levá-lo para o dirigível que os aguardava, viu por instantes o rosto dilacerado de uma rapariga a olhar confiantemente para ele enquanto esperava algo que ele lhe prometera.

Mas quem ela era e o que o seu rosto fazia na sua mente, isso já não sabia.

Capítulo 2

Em Anchorage-In-Vineland

Alguns meses depois e a meio mundo de distância, Wren Natsworthy deitada na sua cama observava uma nesga de luar que se movia lentamente pelo tecto do seu quarto. Já passava da meia-noite e tudo o que conseguia ouvir eram os sons do seu próprio corpo e os suaves e ocasionais rangeres à medida que a velha casa ia cedendo. Duvidava que existisse no mundo um lugar tão calmo como aquele onde vivia: Anchorage-in-Vineland, uma metrópole gelada em ruínas, cravada na costa rochosa a sul de uma ilha desconhecida, num lago perdido algures, num canto esquecido do Continente Morto.

Mas, apesar de ser tão calmo, não conseguia dormir. Voltou-se de lado e tentou pôr-se de forma mais confortável com os lençóis quentes e emaranhados nela. Tinha voltado a discutir com a mãe ao jantar. Tinha sido uma daquelas discussões que começara com uma pequena semente de discórdia (sobre a Wren querer ir sair com Tildy Smew e os irmãos Sastrugi em vez de ir lavar a loiça) e que se transformou rapidamente numa terrível batalha com lágrimas e acusações e antigos rancores a serem rebuscados e lançados pela casa como granadas enquanto o pobre pai se mantinha de lado a pedir desesperadamente: «Wren, acalma-te» e «Hester, por favor!».

É claro que Wren tinha acabado por perder. Tinha lavado a loiça e caminhado da forma mais barulhenta possível para o quarto. Desde então, o seu cérebro tinha estado demasiado activo, a inventar comentários ofensivos que desejava ter dito mais cedo. A mãe não sabia o que era ter quinze anos. A mãe era tão feia que provavelmente nunca tinha tido amigos e certamente amigos como Nate Sastrugi, de quem todas as raparigas de Anchorage gostavam e que tinha dito a Tildy que gostava realmente de Wren. Provavelmente *nunca* nenhum rapaz tinha gostado da mãe, à excepção do pai, claro. E, na opinião de Wren, o que o pai via na mãe era um dos Grandes Mistérios Por Resolver de Vineland.

Deu mais uma volta e tentou parar de pensar naquilo mas depois desistiu e saiu da cama. Talvez um passeio a fizesse esquecer. E se os pais acordassem e descobrissem que ela tinha desaparecido e temessem que ela se tivesse afogado ou fugido, então isso ensinaria a mãe a não a tratar como uma criança, certo? Enfiou a roupa, as meias e as botas e desceu silenciosamente pela inaudível respiração da casa. Os pais tinham escolhido aquela casa dezasseis anos antes quando Anchorage apenas acabara de se arrastar para terra e Wren não passava de um pequeno embrião a flutuar no ventre da mãe. Era a história da família, uma história para adormecer que Wren recordava de quando era pequena. Freya Rasmussen tinha dito aos pais que podiam escolher uma das casas vazias da metrópole superior. Eles tinham escolhido aquela, uma vivenda numa zona chamada Pátio de Sírius com vista para a doca aérea. Era uma boa casa, acolhedora e bem construída, com chão de azulejos e condutas de aquecimento em cerâmica espessa e paredes forradas a madeira e bronze. Ao longo dos anos, os pais tinham enchido a casa com mobílias que tinham encontrado nas outras casas vazias ali à volta e tinham-na decorado com fotografias e quadros, com madeira dada à costa e algumas das antiguidades que o pai descobrira nas suas expedições às Montanhas Sem Vida.

Wren caminhou calmamente pelo corredor para ir buscar o casaco que estava pendurado no bengaleiro ao pé da porta da rua e nem se dignou olhar, nem mesmo nelas pensar, as fotografias penduradas nas paredes, nem tão-pouco os preciosos pedaços de antigos electrodomésticos e telefones colocados numa vitrina de vidro. Tinha crescido com tudo aquilo e tudo aquilo a aborrecia. Naquele último ano, a casa toda parecia ter-se tornado mais pequena, como se ela tivesse crescido depressa de mais. Os odores familiares a pó, a cera e aos livros do pai eram reconfortantes mas ao mesmo tempo sufocantes. Tinha quinze anos e a sua vida comprimia-a como um sapato apertado.

Fechou a porta o mais silenciosamente possível e seguiu rapidamente pelo Pátio de Sírius. A névoa pairava como se fosse fumo sobre as Montanhas Sem Vida e a expiração de Wren parecia névoa também. Era o início de Setembro mas ela já sentia o odor do Inverno no ar da noite.

A Lua estava baixa mas as estrelas brilhavam e, por cima dela, a aurora polar tremeluzia. No centro da metrópole, as espirais enferrujadas cobertas de hera do Palácio de Inverno salientavam a sua negrura contra o céu reluzente. O Palácio de Inverno tinha sido em tempos a residência dos governantes de Anchorage mas a única pessoa que agora lá vivia era Miss Freya que tinha sido a última margravine da metrópole e, agora, era a professora da escola. Durante todos os dias da semana, desde os seus cinco anos de idade, Wren tinha frequentado a sala de aulas no andar térreo e ouvido Miss Freya a dar explicações sobre geografia, logaritmos e Darwinismo Municipal e ainda outras matérias que provavelmente nunca lhe iriam servir para nada. Na altura, tinha-a aborrecido imenso, mas agora, com quinze anos e já demasiado crescida para frequentar a escola, sentia-lhe muito a falta. Nunca mais se voltaria a sentar naquela querida e velha escola a não ser que aceitasse o que Miss Freya lhe tinha proposto e a fosse ajudar a ensinar os mais novos.

Miss Freya tinha-lhe feito aquele convite há já várias semanas e precisava de uma resposta em breve, pois, apesar de por enquanto as crianças de Anchorage estarem ocupadas com as colheitas, logo regressariam às aulas. Mas Wren não estava certa se queria ou não ser assistente de Miss Freya. Nem queria pensar nisso. Naquela noite, não.

No final do Pátio de Sírius havia uma escada que descia através das placas do convés para a subdivisão das máquinas. A medida que Wren descia, fazendo ressoar as escadas, ia sentindo um cheiro estival chegar até si e ouviu pedaços de ferrugem soltarem-se sob as suas botas e caírem no feno amontoado por baixo. Em tempos, aquela parte da metrópole tinha estado repleta de vida e de barulho sempre que os motores de Anchorage a faziam deslizar sobre o gelo pelo tecto do mundo em busca de comércio. Mas as viagens da metrópole tinham terminado antes de Wren nascer e a subdivisão de máquinas tinha sido transformada em armazéns para feno e tubérculos, vegetais e para albergar o gado durante o Inverno. Raios de luar ténues passavam enviesados através das clarabóias e dos buracos nas placas do convés de cima e

mostravam-lhe os fardos empilhados entre os tanques de combustível vazios.

Quando Wren era mais nova costumava brincar no meio daqueles andares abandonados e ainda gostava de lá passear quando se sentia triste ou aborrecida e imaginava como teria sido divertido viver a bordo de uma metrópole em movimento. Os adultos estavam sempre a falar dos maus velhos tempos e de como era assustador viver em constante perigo de serem devorados por uma metrópole maior e mais rápida, mas Wren teria adorado ver as imensas Metrôpoles de Tracção ou voar de uma para outra a bordo de um dirigível tal como os seus pais tinham feito antes de ela nascer. O pai tinha na secretária uma fotografia dele e da mãe tirada num recinto de acostagem, a bordo de uma metrópole chamada San Juan De Los Motores, diante do seu pequeno e vermelho dirigível, o *Jenny Haniver*, mas eles nunca falavam sobre as aventuras por que tinham passado. Tudo o que sabia é que tinham acabado por aterrar em Anchorage, onde o infame professor Pennyroyal lhes roubara o dirigível, e que depois disso tinham acabado por se fixar ali, dispostos a desempenharem os seus papéis na vida aconchegante e calma de Vineland.

Que sorte a minha, pensou Wren inspirando o odor floral e quente do feno enfardado. Gostaria de ter sido a filha de um mercador aéreo. Parecia uma vida fascinante e bem mais interessante do que aquela que levava, presa naquela ilha solitária, no meio de pessoas cuja ideia de divertimento era uma corrida de barco a remos ou uma boa colheita de maçãs.

Ouviu-se o som de uma porta a fechar, fazendo-a dar um salto. Tinha-se acostumado de tal forma ao silêncio e à sua própria companhia que a ideia de mais alguém a andar por ali quase que a assustava. Depois, lembrou-se de onde estava. Embrenhada nos seus pensamentos tinha caminhado em direcção ao centro da subdivisão onde Caul, o engenheiro de Anchorage, vivia sozinho num velho barracão entre dois suportes da plataforma. Ele era o único habitante dos níveis inferiores de Anchorage, já que mais ninguém queria viver ali em baixo no meio da ferrugem e das sombras, principalmente quando havia belas mansões vazias nas plataformas

superiores, à luz do sol. Mas Caul era um excêntrico. Não gostava da luz do sol, pois fora criado debaixo de água no covil de ladrões de Grimsby, e também não gostava de companhia. Tinha feito amizade com o velho Mr. Scabious, o anterior engenheiro da metrópole, mas desde que o pobre homem morrera que Caul se tinha mantido lá em baixo nas profundezas.

Então porque andaria a vaguear pela subdivisão de máquinas àquela hora? Intrigada, Wren trepou uma escada para uma das passagens aéreas do andar de cima, através das quais conseguia ter uma bela visão dos velhos tanques dos reactores até ao barracão de Caul. Este estava de pé, à porta. Tinha numa das mãos uma lanterna eléctrica que erguera para poder examinar um pedaço de papel que segurava na outra mão. Pouco depois, guardou o papel no bolso e dirigiu-se para o limite da metrópole. Wren voltou a descer a escada e começou a seguir a luz. Sentia-se muito excitada. Quando era mais nova e lia ininterruptamente a pequena colecção de livros para crianças na biblioteca da margravine, as histórias que Wren preferia eram as que falavam de corajosas estudantes detectives que andavam sempre a descobrir contrabandistas e a desmascarar círculos Anti-Traccionistas espiões. Sentira sempre pena que em Vineland não existissem criminosos. Mas Caul não tinha sido em tempos um ladrão? Talvez ele tivesse decidido regressar à sua antiga vida!

Só que em Anchorage, é claro que não valia a pena roubar nada, pois todos agarravam no que lhes apetecesse das centenas de casas e lojas abandonadas. Enquanto seguia o seu caminho através das pilhas de maquinaria desmantelada que ficavam por trás do barracão de Caul, tentou pensar numa explicação mais lógica para aquele passeio a meio da noite. Talvez, tal como ela, Caul não conseguisse dormir. Talvez estivesse preocupado com alguma coisa. Tildy, o amigo de Wren tinha-lhe contado que, há muitos anos atrás, quando Anchorage atracara em Vineland, Caul tinha-se apaixonado por Miss Freya e ela por ele mas que nada acontecera porque já naquela altura Caul era muito estranho. Talvez ele deambulasse pelas ruas da subdivisão de máquinas todas as noites a suspirar pelo seu amor perdido? Ou talvez estivesse apaixonado por outra

pessoa e fosse encontrar-se com ela para uma entrevista ao luar, algures nos limites da metrópole?

Wren apressou o passo, entusiasmada pela ideia de ter algo realmente importante para contar a Tildy na manhã seguinte.

Mas quando Caul chegou ao limite da metrópole não parou, desceu rapidamente umas escadas que iam dar à terra batida e começou a subir a montanha, iluminando com o feixe da lanterna o caminho à sua frente. Wren esperou uns instantes e depois seguiu-o, saltando para a urze flexível e movendo-se cautelosamente pelo caminho que conduzia à casa de pedra solta que, sempre a zumbir, abrigava a turbina da instalação hidroelétrica do velho Mr. Scabious. Caul também não parou ali e continuou a subir por entre os pomares de macieiras e através do pasto em direcção à floresta.

No cimo da ilha, onde os pinheiros enchiam o ar com um odor a resina e as rochas escarpadas espreitavam através da turfa fina como a espinha dorsal de um dragão, Caul parou e desligou a lanterna olhando em volta. Wren estava escondida no meio das sombras em ziguezague a cerca de quinze metros atrás dele. Um vento suave agitou-lhe o cabelo e sobre a sua cabeça as árvores moviam as suas pequenas mãos contra o céu.

Caul olhou para baixo para a metrópole adormecida e aninhada na curva da margem sul da ilha. Depois, voltou-lhe as costas, ergueu a lanterna e acendeu-a três vezes seguidas. *Enlouqueceu*, pensou Wren e depois: *Não... esta a fazer sinal a alguém tal como o terrível reitor do livro Milly Crisp e o Mistério da Plataforma Doze!* E de facto, lá em baixo, no meio das baías rochosas e vazias da costa norte, outra luz respondeu.

Caul continuou a andar e Wren recomeçou a segui-lo, descendo pelo escarpado flanco norte da ilha, fora das vistas da metrópole. Talvez ele e Miss Freya tivessem voltado um para o outro e receassem os comentários, caso alguém descobrisse. Era um pensamento romântico que fez Wren sorrir para si mesma à medida que seguia Caul pelo último íngreme trecho de caminho de cabras, através de uma zona de videiros que desembocava numa praia entre duas pequenas penínsulas.

Miss Freya não estava à espera dele. Mas havia alguém que estava. Um homem à borda de água observava Caul, enquanto este caminhava na sua direcção, fazendo estralejar os seixos. Mesmo àquela distância e à fraca luz do luar, Wren apercebeu-se de que aquela pessoa era alguém que nunca tinha visto antes.

Ao princípio nem quis acreditar. Não *havia* estranhos em Vineland. As únicas pessoas que ali viviam eram aquelas que tinham vindo a bordo de Anchorage ou que entretanto tinham nascido e Wren conheci-as a todas. Mas o homem que estava na margem era um estranho para ela e, quando falou, tinha uma voz que ela nunca antes ouvira.

— Caul, meu velho camarada de bordo! Que bom ver-te novamente!

— Gargle — respondeu Caul, parecendo pouco à vontade e não aceitando a mão que o estranho lhe estendia.

Conversaram durante mais tempo, mas Wren estava demasiado ocupada a pensar quem seria aquele estranho para prestar atenção à conversa. Quem poderia ser? Como teria vindo ali parar? O que queria?

Quando finalmente percebeu, não gostou nada. *Meninos Perdidos*. Era assim que se chamava o *gang* de que Caul fizera parte e que tinha roubado Anchorage nos seus tempos de deambulação pelo gelo com as suas estranhas *camaracnídeas*. Caul tinha-os deixado para vir com Miss Freya e Mr. Scabious. Ou não? Teria ele mantido contacto com os Meninos Perdidos durante todos aqueles anos, à espera que a metrópole se estabelecesse e prosperasse, antes de os chamar para a roubarem novamente?

Mas o estranho que estava na praia não era um menino. Era um homem feito com cabelo comprido e escuro. Tinha calçadas umas botas altas como os piratas dos livros de histórias e um casaco que lhe dava pelos joelhos. Ele afastou as abas do casaco para trás e enfiou os polegares no cinto e Wren viu-lhe, na anca, uma arma num coldre.

Sabia que aquilo estava acima das suas possibilidades. Queria ir a correr para casa contar aos pais do perigo. Mas os dois homens

tinham-se aproximado mais dela e, se fugisse, vê-la-iam. Wren afundou-se ainda mais nos arbustos baixos de giesta por trás da praia, regulando cada movimento pelo bater e arrastar das pequenas ondas que rebentavam na areia.

O homem chamado Gargle estava a falar e parecia dizer alguma piada, mas Caul interrompeu-o abruptamente.

— O que é que vieste aqui fazer, Gargle? Pensei que nunca mais veria os Meninos Perdidos. Foi um choque para mim encontrar a tua mensagem debaixo da minha porta. Há quanto tempo andas a vasculhar Anchorage?

— Desde ontem — respondeu Gargle. — Passámos apenas para te cumprimentar e ver que tal te estavas a dar, como velhos amigos.

— Então, porque é que não se mostram? Porque é que não vieram falar comigo durante o dia? Porque é que me deixaram mensagens e me arrastaram para aqui a meio da noite?

— Sinceramente, era o que eu queria fazer, Caul. Tinha planeado ancorar a minha «lapa» na praia, a céu aberto e às claras, mas antes enviei umas *camaracnídeas*, claro, para ter a certeza. Ainda bem que o fiz, não? O que é que aconteceu, Caul? Pensei que ias ser um homem muito importante aqui! Olha bem para ti: fato-macaco gorduroso, cabelo desgrenhado e barba de uma semana. Ou a moda desta estação em Anchorage é o Desmazelo Total? Pensei que te fosses casar com a margravine deles, a Freya Não-sei-das-quantas.

— Rasmussen — corrigiu Caul tristemente. E afastou-se do outro homem. — Também eu. Não resultou, Gargle. É complicado. Não é exactamente como parece que vai ser quando vemos através das *camaracnídeas*. Eu nunca me adaptei aqui.

— Pensava que os «Gamados» te iam receber de braços abertos — continuou Gargle com um ar chocado. — Depois de lhes teres trazido aquele mapa e tudo.

Caul encolheu os ombros.

— Foram todos muito amáveis. Eu é que não me adaptei. Não sei como falar com eles e isso é muito importante para eles. Quando

o Mr. Scabious era vivo corria tudo bem. Trabalhávamos juntos e não precisávamos de falar, tínhamos o trabalho em vez da conversa. Mas ele morreu... E tu? E o Tio? Como é que ele está?

— Como se isso te interessasse!

— Interessa. Penso muitas vezes nele. Ele...?

— O velhote continua vivo, Caul — respondeu Gargle.

— A última vez que falei contigo tinhas planos para te veres livre dele, assumir o controlo...

— E assumi — respondeu Gargle com um sorriso que Wren vislumbrou como uma mancha branca no escuro. — O Tio já não está tão astuto como era. Nunca conseguiu ultrapassar o que aconteceu em Rogue's Roost. Perdeu tantos dos seus melhores rapazes e tudo por culpa dele. Quase morreu. Hoje em dia conta comigo para quase tudo. Os rapazes respeitam-me.

— Aposto que sim — comentou Caul e havia um certo sentido nas suas palavras que Wren não compreendeu, como se estivessem a continuar uma conversa que tinham interrompido há muito tempo, antes de ela ter nascido.

— Disseste que precisavas da minha ajuda — prosseguiu Caul.

— Pensei em pedir-te — disse Gargle —, pelos velhos tempos.

— Qual é o plano?

— Não existe propriamente um plano. — Gargle parecia magoado. — Caul, eu não vim aqui com a missão de roubar. Não quero roubar os teus simpáticos amigos «Gamados». Quero apenas uma coisa, uma pequena coisa, uma coisa muito especial e de que ninguém dará por falta. Já observei através das *camaracnídeas* e já mandei o meu melhor ladrão, mas não a conseguimos encontrar. E então pensei: «*o que precisamos é de alguém de lá.*» E aqui estás tu. Eu disse à minha tripulação que podíamos confiar em Caul.

— Pois estavam enganados — respondeu Caul. A sua voz vacilou. — Posso não me adaptar aqui, mas também não sou um Menino Perdido. Já não sou. Não te vou ajudar a roubar Freya. Quero que te vás embora. Não direi a ninguém que cá estiveste, mas manterei os meus olhos e ouvidos bem abertos. Se ouvir uma

camaracnídea a bisbilhotar por aí ou se algo desaparecer, direi aos «Gamados» tudo o que sei. E certificar-me-ei que estarão à tua espera da próxima vez que voltares a Anchorage.

Voltou-se e subiu pela praia, esmagando as giestas e passando a escassos centímetros do sítio onde Wren estava escondida. Ela ouviu-o cair e praguejar quando começou a subir a montanha e aos poucos, os sons dele a afastar-se foram-se tornando cada vez mais ténues à medida que ia subindo.

— Caul! — chamou Gargle, mas não muito alto. Mais parecia uma espécie de sussurro gritado com mágoa e desapontamento. — Caul! — Depois desistiu e manteve-se quieto e pensativo, passando a mão pelo cabelo.

Wren começou a mexer-se cuidadosa e silenciosamente, preparando-se para o momento em que ele se voltasse e ela pudesse correr para o meio das árvores. Mas Gargle não se voltou. Em vez disso, ergueu a cabeça e olhou directamente para o lugar onde ela estava escondida e disse:

— Os meus olhos e ouvidos são mais aguçados que os de Caul, meu amigo. Já podes sair daí.

Capítulo 3

A «Lapa» *Autolycus*

Wren levantou-se, voltou-se e ia começar a correr, tudo num só movimento súbito e de pânico, mas antes que conseguisse dar três passos, um segundo estranho apareceu no meio da escuridão do seu lado esquerdo e agarrou-a, dando-lhe uma reviravolta e deitando-a por terra.

— Caul! — começou ela a gritar mas uma mão gelada cobriu-lhe a boca. O seu captor olhou para ela. Era mais um rosto pálido, meio encoberto por farripas de cabelo negro. E o homem da praia surgiu a correr. Uma lanterna com uma luz fraca e azulada fê-la pestanejar.

— Com jeitinho — disse o homem chamado Gargle. — Vamos com jeitinho. É uma mulher. Uma jovem. Foi o que eu pensei. — E afastou a lanterna para que Wren o pudesse ver. Ela esperava alguém da mesma idade de Caul, mas Gargle era mais novo. E sorria. — Como te chamas, minha jovem?

— Wr...Wren, — conseguiu Wren balbuciar, — Wr...Wren N...N...N...N... Natsworthy. — E quando Gargle conseguiu decifrar todos aqueles enes o seu sorriso aumentou e tornou-se mais caloroso.

— Natsworthy? És filha do Tom Natsworthy?

— Conhece o meu pai? — perguntou Wren. No meio da confusão, pensou se o pai também teria ido ali, encontrar-se secretamente com os Meninos Perdidos nas enseadas da Margem Norte, mas era claro que Gargle estava a falar dos velhos tempos, antes de ela ter nascido.

— Lembro-me bem dele — continuou Gargle. — Foi nosso convidado a bordo do *Screw Worm* durante uns tempos. É um bom homem. E a tua mãe é uma rapariga com uma cicatriz na cara?

Como é que ela se chamava...? Ah, sim, Hester Shaw. Sempre pensei muito bem do Tom Natsworthy por ter amado alguém como

ela. As aparências para ele não interessam. Vê mais além. O que é raro nos «Gamados».

— O que é que vamos fazer com ela, Gar? — perguntou o estranho que tinha apanhado Wren num tom de voz estranho e suave. — É isco para os peixes?

— Levamo-la para bordo — respondeu Gargle. — Gostava de conhecer melhor a filha de Tom Natsworthy.

Wren, que entretanto se tinha acalmado, voltou a entrar em pânico.

— Tenho de ir para casa! — guinchou, tentando fugir, mas Gargle enfiou o seu braço no dela.

— Vem a bordo só por uns instantes — pediu ele sorrindo de forma prazenteira. — Gostava de conversar. Explicar-te porque é que ando escondido no vosso lago como um ladrão. Bom, é claro que *sou* um ladrão, mas acho que devias ouvir o meu lado da história antes de decidires.

— Decidir? — perguntou Wren.

— Decidir se vais contar ou não aos teus pais e amigos o que viste esta noite.

Wren achou que confiava nele, mas não tinha muita certeza. Nunca antes precisara de pensar em confiar nas pessoas. Confusa com o sorriso de Gargle, olhou a praia para além dele. A água entre as duas penínsulas era de um azul reluzente. Primeiro pensou se seria o reflexo da lanterna nos seus olhos, mas depois o azul tornou-se cada vez mais reluzente e ela viu que era uma luz brilhante que vinha de debaixo de água. Algo enorme surgiu à superfície a cerca de nove metros da margem.

Por trás do barracão de Caul na subdivisão de máquinas, a «lapa» que o tinha trazido até Anchorage ganhava ferrugem. Chamava-se *Screw Worm* e, quando eram crianças, Wren e os amigos tinham muitas vezes jogado às escondidas por entre as suas pernas dobradas. Sempre a achara uma coisa cómica com as enormes patas planas e as janelas à frente como uns olhos esbugalhados. Mas nunca tinha imaginado a subtilidade com que uma «lapa» se movia, como o seu casco curvo era elegante e como o

lunar escorria dela juntamente com a água à medida que se aproximava da praia.

Esta «lapa» era menor que a *Screw Worm* e o seu corpo mais achatado, antes parecendo uma carraça que uma aranha. A Wren

julgou que estivesse pintada com motivos de camuflagem mas era difícil ter a certeza à luz do lunar. Através das janelas salientes, conseguia ver um miúdo ao comando com o rosto distorcido pela água que ia escorrendo pelo vidro. A máquina parou à beira da água e uma rampa desceu-lhe do ventre com um silvar hidráulico, rangendo ao pousar nos seixos.

— A «lapa» *Autolycus* — apresentou Gargle, fazendo sinal a Wren para subir a bordo. — O orgulho da frota dos Meninos Perdidos. Vem a bordo, por favor. Por favor. Prometo que não submergiremos antes de te colocarmos novamente em terra firme.

— E se aparecerem mais «Gamados»? — perguntou o outro Menino Perdido que não era um rapaz, como Wren reparou, mas uma rapariga bonita e com ar sombrio. — E se o Caul der o alarme?

— O Caul deu-nos a sua palavra — respondeu Gargle. — Para mim é o suficiente.

A rapariga lançou um olhar furioso a Wren, nada convencida. O curto colete preto que trazia vestido estava desabotoado e via-se uma arma presa no cinto. *Não tenho escolha*, pensou Wren. *Terei de confiar em Gargle*. E, tomada a decisão, fácil se tornou atravessar a rampa em direcção ao ventre frio e azul da «lapa». Afinal, se Gargle a tivesse querido matar, teria sido mais fácil na praia.

Foi levada para a popa, para o que ela julgou ser a cabina privada de Gargle, onde vários quadros escondiam as paredes de metal baço e onde havia livros e bugigangas espalhados. Um pau de incenso ardia e tentava disfarçar o cheiro a bolor e metal da «lapa» com outro cheiro que fez lembrar a Wren pessoas sofisticadas e lugares distantes. Ela sentou-se numa cadeira enquanto Gargle se sentava no beliche. A outra rapariga permaneceu à porta da antepara com o mesmo olhar de fúria. O miúdo que Wren tinha visto através da janela permaneceu atrás da

rapariga, mirando Wren com olhos esbugalhados e espantados, até que Gargle lhe disse:

— Volta para o teu posto, Fishcake.

— Mas...

— Imediatamente!

O rapaz desapareceu rapidamente. Gargle dirigiu a Wren um sorriso contrafeito.

— Desculpa. O Fishcake é ainda caloiro, tem dez anos e acabou de sair do *Furtário*. Nunca tinha visto um «Gamado», só nas *camaracnídeas*. E tu ainda por cima és muito bonita.

Wren corou e olhou para o chão onde as suas botas escorriam lama sobre os valiosos tapetes persas de Gargle. O «Furtário» é onde os Meninos Perdidos são treinados, recordou. Eram raptados dos conveses inferiores das metrópoles geladas ainda demasiado jovens para se aperceberem disso, levados para a cidade submersa de Grimsby e treinados nas diversas artes do roubo. E as *camaracnídeas* eram as câmaras robot que eles usavam para espiarem as suas vítimas. Miss Freya tinha mandado os seus alunos fazer um trabalho sobre os Meninos Perdidos. Na altura, Wren achou que era um assunto sem interesse para ter de aprender.

Gargle voltou-se para a rapariga que estava à porta.

— Réмора, a nossa convidada está com frio. Vai buscar-lhe chocolate quente, sim?

— Não sabia que havia Meninas Perdidas — comentou Wren quando a rapariga saiu.

— Muita coisa mudou em Grimsby desde que Caul de lá saiu — respondeu Gargle. — Aqui entre nós, Wren, agora quem dirige aquilo sou eu. Consegui livrar-me de muitos dos rapazes mais violentos e rufiões que cercavam o Tio e consegui convencê-lo a aceitar raparigas para além dos rapazes. Não nos estava a fazer bem nenhum viver sem elas. São uma influência civilizada.

Wren olhou para a porta. Conseguia ver a rapariga chamada Réмора a mexer em panelas numa coisa parecida com uma cozi-

nha. Para Wren, ela não parecia uma influência civilizadora.

— Ela é tua mulher? — perguntou e logo, para não parecer demasiado intrometida: — Ou namorada ou coisa parecida?

Da cozinha, Rémora lançou-lhes um olhar ríspido. Gargle respondeu:

— A Mora? Não! O facto é que muitas das raparigas acabaram por se mostrar melhores ladras que os rapazes. A Rémora é uma das melhores que temos. Assim como o Fishcake que, apesar da sua tenra idade, é o melhor mecânico. Eu só queria os melhores a acompanharem-me nesta missão, percebes, Wren? Existe algo em Anchorage de que preciso urgentemente. Vi-o há muitos anos atrás quando aqui estive com Caul a bordo do *Screw Worm*, mas na altura não o roubei por que achei que não teria qualquer utilidade.

— O que é? — indagou Wren.

Gargle não respondeu de imediato mas aguardou enquanto estudava o rosto da rapariga, como que para se certificar de que poderia confiar-lhe aquilo que estava prestes a contar. Wren gostou da atitude. Não a estava a tratar como uma criança, como a maioria das pessoas fazia. Uma «jovem» mulher era como a tinha tratado e como estava a conversar com ela.

— Detesto isto — disse ele por fim debruçando-se sobre ela e olhando-a directamente nos olhos. — Tens de acreditar em mim. Odeio ter de vir assim de forma tão secreta. Preferia ter vindo normalmente, atracar o *Autolycus* no vosso porto e dizer: «Eis-nos, os vossos amigos de Grimsby que vieram pedir a vossa ajuda». Se Caul tivesse prosperado aqui, tal como eu esperava, isso seria possível. Mas assim, quem iria confiar em nós? Somos Meninos Perdidos. Ladrões. Jamais acreditariam que tudo o que queremos é um livro, um simples livro da biblioteca da vossa margravine.

Rémora voltou para a cabina e passou a Wren uma caneca de estanho cheia de chocolate quente e delicioso.

— Obrigada — agradeceu Wren, satisfeita pela distração, pois não queria que Gargle visse como ela tinha ficado chocada com o que ele acabara de dizer. A biblioteca de Miss Freya era um dos lugares preferidos de Wren, uma cave preciosa cheia de milhares e

milhares de maravilhosos livros antigos. Antigamente estava num dos andares de cima do Palácio de Inverno, mas como já ninguém vivia naqueles andares, Miss Freya tinha decidido que era um desperdício manter a zona aquecida só por causa dos livros e mandara mudá-la para a cave...

— É por isso que não conseguem encontrar o que querem! — disse Wren subitamente. — Os livros foram todos mudados desde a última vez que cá estiveram!

Gargle acenou, sorrindo admirado.

— Estás certa — continuou. — As nossas *camaracnídeas* levariam semanas a descobrir o que queríamos e nós não temos semanas para perder. Por isso estava a pensar. Miss Natsworthy, ajudas-nos?

Wren acabara de tomar um gole do seu chocolate. As reservas de chocolate de Anchorage tinham terminado há já vários anos e ela já se esquecera de como era saboroso. Mas, quando Gargle lhe pediu ajuda, quase se engasgou.

— Eu? — disse precipitadamente. — Eu não sou uma ladra...

— Nem te pediria para te tornares uma — continuou Gargle.

— Mas o teu pai é um homem inteligente. E amigo da margravine, se bem me lembro. Aposto que conseguirias descobrir através dele onde é que o livro que queremos poderá estar. Basta apenas descobrires onde é que ele está e eu mando a Réмора fazer o resto do trabalho. Chama-se o *Livro de Estanho*.

Wren estava prestes a recusar, mas o facto de nunca ter ouvido falar naquele livro fê-la hesitar. Estava à espera que ele lhe perguntasse por um dos tesouros de Anchorage, o notável e esclarecedor livro denominado *Os Actos dos Deuses Gelados* ou o livro de Wormwold intitulado *História Anchoragia*. Wren indagou:

— Quem é que poderá estar interessado num livro só sobre estanho?

Gargle riu-se, como se ela tivesse dito uma boa piada.

— Não é *sobre* estanho — respondeu. — É disso que ele é feito. De folhas de metal.

Wren abanou a cabeça. Nunca tinha visto uma coisa assim.

— E para que é que o querem? — perguntou.

— Porque somos ladrões e ouvimos dizer que é muito valioso.

— respondeu Gargle.

— Deve ser! Para virem de tão longe...

— Existem pessoas que colecionam esse tipo de coisas, livros velhos e assim. Podemos trocá-lo por aquilo de que precisamos.

— Gargle hesitou, ainda a olhar para ela, mas depois disse com seriedade: — Por favor, Wren, pergunta apenas ao teu pai. Quando o conheci, passava a vida a bisbilhotar tudo o que havia nos museus e bibliotecas. Deve saber onde está o *Livro de Estanho*.

Wren pensou no assunto enquanto acabava de beber o seu chocolate. Se ele lhe tivesse pedido os *Actos* com iluminuras ou outro tesouro clássico qualquer, ela ter-lhe-ia dito imediatamente que não. Mas um livro feito de estanho de que nunca tinha ouvido falar... Não devia ser assim tão importante, pois não? Provavelmente, nem nunca dariam pela sua falta. E parecia que Gargle o queria mesmo muito.

— Vou perguntar — respondeu, hesitante.

— Obrigado! — Gargle tomou-lhe a mão nas suas. As mãos dele estavam quentes e os seus olhos eram bastante bonitos. Wren pensou como seria agradável contar a Tildy que tinha passado as primeiras horas da madrugada a beber chocolate na cabina de um arrojado pirata submarino e depois lembrou-se de que nunca poderia falar nem a Tildy, nem a ninguém, sobre Gargle e o *Autolycus*. Aquilo tornava tudo ainda mais agradável. Nunca antes tivera um verdadeiro segredo.

— Encontrar-me-ei contigo junto às árvores no cimo da montanha, amanhã por volta das seis — continuou Gargle. — Pode ser? Consegues aparecer?

— É a hora do jantar. Vão dar pela minha falta. A minha mãe...

— Ao meio-dia. Meio-dia ou pouco depois.

— Está bem...

— E agora... queres que a Rémora te acompanhe até casa?

— Eu encontro o caminho — respondeu Wren. — Costumo passear no meio da escuridão.

— Ainda havemos de fazer de ti uma Menina Perdida — comentou Gargle. E riu-se para ela perceber que não passava de uma brincadeira. Levantou-se, e ela também, e passaram pelas várias zonas da «lapa» em direcção à rampa de saída com o caloiro Fishcake a observá-los da cabina de controlo. Lá fora, a noite estava fria e a lua brilhava, e a água batia contra a margem como se nada tivesse acontecido. Wren acenou, despediu-se e voltou a acenar e em seguida avançou rapidamente pela praia acima, desaparecendo por entre as árvores.

Gargle ficou a observar até ela desaparecer da sua vista. A rapariga Rémora aproximou-se e enfiou a mão na dele.

— Confias nela? — perguntou.

— Não sei. Talvez. Não custa tentar. Não temos tempo para andarmos por aí nós próprios à procura e não podemos fazer muita coisa com as *camaracnídeas* nesta lixeira. Estes «Gamados» lembram-se de nós. E logo somam dois mais dois, se começarem a ouvir o ruído de pequenas patas de metal dentro das suas condutas de ar. Mas não te preocupes. Vou pedir ao Fishcake para colocar algumas *camaracnídeas* de guarda à volta da casa de Wren e assim ficaremos a saber se ela deu com a língua nos dentes acerca de nós.

— E se ela der?

— Então, teremos de os matar a todos — retorquiu Gargle.

— E deixarei que sejas tu a tratar da Wren com a tua bela faca.

— Beijou-a e depois regressaram ambos a bordo.

Mas Wren, sem saber do que se estava a passar, voltou para casa com um alucinante turbilhão de pensamentos na cabeça, sentindo-se meia culpada e meia feliz, como se nas últimas horas tivesse crescido mais do que nos quinze anos que já vivera.

Capítulo 4

A Lenda Do Livro De Estanho

O dia seguinte amanheceu limpo, com o céu sobre o lago de um azul da cor das campainhas, a água límpida como vidro e cada uma das ilhas de Vineland poisada, nítida e calma, no seu próprio reflexo. Wren, exausta das suas aventuras noctívagas, dormiu até tarde mas, do lado de fora da sua janela, Anchorage despertava. O fumo da lenha subia pelas chaminés das trinta casas habitadas da metrópole e os pescadores cumprimentavam-se uns aos outros enquanto se dirigiam para as escadas que iam dar à praia do ancoradouro.

Do lado norte do lago, erguia-se uma montanha mosqueada, bem mais alta que as Montanhas Sem Vida que ficavam a sul. As suas encostas baixas eram verdes com vegetação baixa, zonas com pinheiros e prados íngremes onde cresciam flores silvestres, e num desses prados pastava um grupo de veados. Havia muitos veados nas florestas da margem verde e alguns tinham mesmo nadado até ao outro lado para se instalarem nas ilhas mais selvagens. As pessoas tinham debatido bastante a forma como eles haviam ido ali parar. Ou tinham sobrevivido desde a queda do antigo Império Americano, ou descido das regiões geladas a norte, ou migrado até ali vindos de alguma zona verde mais vasta e mais afastada para ocidente. Mas tudo o que preocupava Hester Natsworthy, enquanto preparava o seu arco escondida no abrigo das árvores, e na direcção do vento, era a quantidade de carne que neles ia encontrar.

O arco fez um som curto e suave. Os veados deram um salto no ar e desataram a correr pela montanha abaixo em direcção ao abrigo dos arbustos, à excepção do maior de rodos que caiu morto por terra com a seta de Hester cravada no coração e as pernas finas a espernear. Hester subiu a montanha, puxou a seta e limpou a ponta numa mancheia de erva seca, antes de a voltar a colocar na aljava que carregava às costas. O sangue era muito vivo à luz do sol. Molhou o dedo na ferida e esfregou uma parte do sangue na testa enquanto murmurava a sua oração à Deusa da Caça para que

o espírito do veado não a viesse atormentar. Depois, colocou a carcaça ao ombro e começou a descer a montanha até ao seu barco.

Os seus contrerrâneos de Vineland raramente caçavam veados. Diziam que os peixes e os pássaros do lago eram alimento suficiente mas Hester suspeitava que era porque o belo pêlo dos animais e os seus grandes olhos escuros lhes fazia pena e lhes perturbava a pontaria. Hester não sentia pena e caçar era o que melhor sabia fazer. Gostava da quietude e solidão que encontrava na floresta pela manhã e, por vezes, agradava-lhe estar longe de Wren.

Melancolicamente, Hester recordou aquela miúda sorridente que Wren fora em tempos, a brincar com a água nas margens do lago ou aninhada no seu colo quando lhe cantava. Enquanto Wren olhava ternamente para ela e passava os dedos rechonchudos pela velha cicatriz que dividia o rosto da mãe ao meio, Hester pensava que finalmente existia alguém capaz de a amar pelo que ela era e de não se preocupar com a sua aparência. Porque, apesar de Tom ter sempre dito que tal não o incomodava, Hester nunca tinha conseguido afastar o receio de que, lá no fundo, ele devia preferir alguém mais bonito que ela.

Mas Wren tinha crescido e um dia, quando já tinha oito ou nove anos, começou a ver Hester como todos os outros a viam. Nem precisou de dizer nada. Hester conhecia aquele olhar de pena e vergonha bem demais e sentia o embaraço de Wren quando saíam juntas ou iam ter com os amigos dela. A filha sentia vergonha dela.

— É apenas uma fase — tinha dito Tom quando ela se queixou. Tom adorava Wren e parecia a Hester que ele ficava sempre do lado dela. — Em breve lhe passa. Sabes como são as crianças.

Mas Hester não sabia como eram as crianças. A sua própria infância tinha terminado quando era ainda muito jovem e a sua mãe e o homem que ela julgara ser seu pai tinham sido assassinados pelo seu verdadeiro pai, Thaddeus Valentine. Não fazia a menor ideia do que era ser uma rapariga normal. À medida que Wren crescia e se tornava mais teimosa e o longo e curvo nariz que tinha herdado do avô ficava mais saliente como uma faca a trespassar um retrato, Hester descobriu que era cada vez mais difícil ter paciência para

ela. Por uma ou duas vezes, deu por si culposamente a desejar que Wren nunca tivesse nascido e que voltasse novamente a ser apenas ela e Tom como antigamente pelas Estradas de Pássaros.

Quando por fim Wren acordou, já o sol ia alto. Pela janela aberta, ouvia os gritos dos pescadores na praia do ancoradouro, o riso das crianças e o bater surdo do machado, enquanto lá fora, no jardim, o pai rachava lenha. Sentia ainda um leve sabor a chocolate na boca. Ficou deitada mais uns momentos a saborear o facto de que mais ninguém em Vineland sabia o que ela sabia. Depois, levantou-se da cama e correu para a casa de banho para se lavar. O seu reflexo espreitou-a através do espelho manchado que ficava sobre o lavatório. Um rosto comprido, fino e inteligente. Odiava o seu nariz pontiagudo e as sardas dispersas à volta da boca demasiado pequena, mas gostava dos seus olhos, grandes e bem afastados com as íris cinzentas escuras. *Olhos marinhos*, tinha-lhe dito o pai uma vez e, embora Wren não soubesse o que significava, tinha gostado. Prendeu o cabelo cor de cobre atrás e lembrou-se que Gargle a tinha apelidado de bonita. Nunca antes se tinha achado bonita, mas agora via que ele tinha razão.

Desceu as escadas a correr e encontrou a cozinha vazia e as camisas brancas da mãe penduradas na corda do lado de fora da janela. A mãe era estranhamente vaidosa em relação às suas roupas. Vestia-se como um homem com as roupas que tinha tirado das lojas abandonadas da Arcada Boreal e era exagerada quanto a manter as coisas lavadas e passadas a ferro e a salvo das traças como se o facto de usar roupas boas fizesse com que as pessoas esquecessem o seu horrível rosto arruinado pela cicatriz. Era apenas mais um exemplo de como ela era infeliz, pensou Wren deitando leite do jarro que estava no frigorífico num copo e espalhando mel num dos bolos de aveia da véspera. Era tudo muito bonito, mas o facto de ter uma mãe com um aspecto tão estranho tornava a vida difícil a Wren. O pai de Tildy, o velho Mr. Smew, não teria mais que um metro de altura, mas, como era um nativo de Anchorage, já ninguém reparava no seu tamanho. Porém, a mãe de Wren era diferente. Não era simpática e por isso ninguém se

esquecia de como ela era horrenda e uma forasteira, o que por vezes fazia com que Wren também se sentisse uma forasteira.

Talvez fosse por isso que se sentia tão atraída pelos Meninos Perdidos. Talvez Gargle se tivesse apercebido da sua característica de forasteira e fora isso que o levava a confiar nela.

Saiu para o jardim a comer o bolo de aveia com cuidado para não deixar cair mel nas camisas da mãe. O pai estava a colocar pequenos troncos no cepo e a cortá-los ao meio com o machado. Tinha o chapéu de palha na cabeça porque o seu cabelo castanho já não lhe cobria por completo o topo da cabeça e por vezes apanhava escaldões na calva. Mal viu Wren, parou de trabalhar, sentou-se e colocou uma das mãos sobre o peito. Wren achou que ele estava feliz por ter encontrado uma desculpa para descansar e pensou se a sua velha ferida o estaria a incomodar novamente mas tudo o que ele disse foi:

— Finalmente acordaste?

— Não, estou com um ataque de sonambulismo — respondeu ela, pontapeando algumas achas de lenha do seu caminho e sentando-se ao lado dele. Deu-lhe um beijo no rosto e encostou a cabeça no ombro dele. As abelhas zumbiam à volta das colmeias na outra ponta do jardim e Wren sentou-se e pôs-se a ouvi-las e a imaginar como é que iria abordar o assunto do *Livro de Estanho* de Anchorage. Depois, decidiu fazer-lhe antes uma pergunta sobre outra coisa.

— Pai — começou ela —, lembras-te dos Meninos Perdidos?

O pai tomou um ar incomodado como sempre fazia quando ela lhe fazia perguntas sobre os velhos tempos. Pôs-se a brincar com a pulseira que tinha no pulso. A pulseira de casamento larga, de ouro, que tinha gravadas as suas iniciais e as da mãe.

— Meninos Perdidos — começou ele. — Sim, é difícil esquecê-los...

— Estava a pensar neles — continuou Wren. — Eram muito maus?

— Conheces o Caul, não conheces? — perguntou-lhe o pai.

— E ele não é mau, pois não?

— É um bocado estranho.

— Talvez. Mas é um bom homem. Se tiveres algum problema, podes sempre ir ter com ele. Foi graças a ele que encontrámos este lugar, sabias? Se ele não tivesse fugido de Grimsby e nos tivesse trazido o mapa de Snøri Ulvaeusson...

— Já conheço essa história — interrompeu Wren. — Mas não era no Caul que eu estava a pensar. Estava a pensar nos outros que ficaram em Grimsby. Eram muito maus, não eram?

O pai abanou a cabeça.

— O líder deles, o Tio, era uma bela peça. Obrigava-os a fazer coisas más. Mas acho que os Meninos Perdidos eram uma mistura de bons e de maus, tal como encontrarás em qualquer outro lado. Lembro-me de que havia um miúdo chamado Gargle. Foi ele que salvou Caul quando o Tio o tentou matar e lhe deu o mapa para nos trazer.

— Quer dizer que era tão corajoso como Caul?

— De certa forma, sim.

— E conheceste-o? Que idade tinha?

— Tal como eu disse, era um miúdo. — respondeu o pai, lembrando-se dos seus breves e assustadores tempos com os Meninos Perdidos. — Nove ou dez. Talvez até mais novo.

Wren sentiu-se satisfeita. Se Caul tinha nove quando o pai o tinha conhecido, não podia ter mais de vinte e cinco agora, o que significava que não era assim *muito* mais velho que ela. E era uma pessoa boa que tinha ajudado a salvar Anchorage.

— Porquê esse súbito interesse? — perguntou-lhe o pai.

— Por nada — respondeu Wren casualmente. Parecia-lhe estranho mentir ao pai. Era a pessoa que ela mais amava ao cimo da terra. Sempre a tinha tratado como uma amiga e não como uma criança e ela sempre lhe tinha contado tudo. Sentia uma grande vontade de lhe confiar o que se tinha passado na margem norte e perguntar-lhe o que deveria fazer. Mas não podia, pois não? Não seria correcto para com Gargle.

O pai continuava a olhar para ela com um ar confuso e então ela respondeu:

— Estava só a pensar neles, mais nada.

— Por serem Perdidos? — perguntou o pai. — Ou por serem Meninos?

— Adivinha. — respondeu Wren. Acabou de comer o seu bolo e deu um beijo peganhento no rosto do pai. — Vou ter com a Tildy. Adeus!

Saiu pelo portão do jardim e seguiu pelo Pátio de Sírius com o sol a brilhar-lhe no cabelo e Tom ficou a olhar para ela até que ela virou a esquina, sentindo-se orgulhoso da sua alta e bonita filha e ainda espantado depois de todos aqueles anos que ele e Hester tivessem feito aquela nova pessoa.

Nas sombras por trás da pilha de lenha, uma *camaracnídea* focava a sua lente nele. Numa gruta subaquática numa das ilhotas, a sua imagem tremia num ecrã arredondado e azul.

— Ela quase que nos denunciou! — exclamou o rapaz chamado Fishcake. — Ele vai perceber!

Gargle afagou-lhe o ombro.

— Não te preocupes. O Natsworthy é tão tapado como os outros. Não suspeita de nada.

Wren encaminhou-se energicamente para a casa de Smew mas não entrou no portão. Sabia perfeitamente que Tildy e a família estariam naquela manhã no pomar a apanhar maçãs. Ela até tinha prometido ir ajudá-los. Como é que iria imaginar que teria algo muito mais importante para fazer?

Cortou caminho pela Arcada Boreal, olhando de soslaio para o seu reflexo nas janelas empoeiradas das antigas lojas, e depois correu por Rasmussen Prospekt e subiu a rampa que ia dar ao Palácio de Inverno. As enormes portas principais estavam sempre abertas durante o Verão. Wren entrou a correr e chamou:

— Miss Freya?

Mas a única resposta que obteve foram os ecos da sua própria voz que ressaltavam vindos dos tectos superiores. Voltou a sair, seguiu o caminho de cascalho que rodeava o Palácio e encontrou Miss Freya na sua horta, a apanhar feijões e a metê-los num balde.

— Wren! — exclamou ela alegremente.

— Olá, Miss Freya!

— Ah, trata-me só por Freya, por favor — pediu ela, parando e colocando o balde no chão. Parecia ser o principal objectivo da vida de Miss Freya conseguir que todos a tratassem apenas por «Freya» mas nunca tinha muito sucesso. Os mais velhos recordavam-se de que ela era a última representante da Casa de Rasmussen e continuavam a gostar de a tratar por «Margravine » ou por «Sua Resplandecência» ou por «Luz dos Campos Gelados». Os mais novos conheciam-na como professora e, para eles, seria sempre «Miss Freya».

— Afinal — continuou ela, sorrindo para Wren enquanto limpava o suor do seu rosto arredondado com um lenço —, já não és uma estudante. Poderemos em breve ser colegas. Voltaste a pensar na hipótese de me vires ajudar com os mais pequenos, quando a apanha da maçã terminar?

Wren tentou dar a entender que tinha gostado da ideia sem se comprometer na realidade a fazê-lo. Tinha receio de que, se concordasse em vir ajudá-la a gerir a escola, pudesse acabar como Miss Freya, gorda, amável e solteira. Mudando de assunto o mais depressa que conseguiu, perguntou:

— Posso dar uma olhadela na biblioteca?

— Claro! — exclamou Miss Freya, tal como Wren sabia que ela faria. — Nem precisas de perguntar! É algum livro em particular...?

— É só uma coisa de que o pai falou um dia destes. O *Livro de Estanho*.

Wren corou ao mencioná-lo, pois não estava habituada a mentir, mas Miss Freya nem reparou.

— Aquela coisa velha? — perguntou, — Ah, àquilo nem se pode chamar um livro, Wren. É antes uma curiosidade. Apenas mais um

dos muitos restos da casa de Rasmussen.

Seguiram juntas para a biblioteca. Era uma maravilha, pensou Wren, que os Meninos Perdidos precisassem da sua ajuda. Aquela enorme sala estava repleta de livros do chão até ao tecto organizados segundo um sistema próprio de Miss Freya. Velhas brochuras carcomidas de Chung-Mai Spofforth e de Rifka Boogie estavam lado a lado com pequenos cofres que continham pergaminhos antigos e preciosos, e livros de feitiços. Os cofres tinham os nomes dos livros escritos a ouro numa caligrafia pequena na parte de trás, mas alguns estavam demasiado gastos ou apagados para se conseguir ler e os Meninos Perdidos também não deviam ser lá muito bons leitores. Por onde é que um pobre ladrão haveria de começar?

Miss Freya usou uma pequena escada para chegar às prateleiras superiores. Ela era de facto demasiado roliça para subir um simples escadote e Wren sentiu-se culpada e com receio que ela pudesse cair mas Miss Freya sabia exactamente aquilo que procurava e em breve desceu, afogueada pelo seu esforço, segurando na mão um pequeno cofre com as armas da Casa de Rasmussen embutidas em marfim de narval.

— Dá uma olhadela — convidou Miss Freya, abrindo-o com uma chave que estava pendurada num cabide, numa parede próxima.

Lá dentro, envolto num tecido de seda e silício estava o que Gargle tinha descrito. Era um livro com cerca de vinte centímetros de altura por quinze de largura, feito de vinte folhas de estanho presas por uma espiral de fio ferrugento. As folhas eram grossas e pesadas, cheias de ferrugem, dobradas nas pontas para evitar que os leitores cortassem os dedos na aresta viva do metal.

No cimo da primeira página, alguém tinha feito um círculo com uma águia dentro toscamente desenhada. Havia uns escritos à volta do limite do círculo e outros mais abaixo, mas todos demasiado gastos para Wren perceber as palavras. As páginas seguintes já eram mais visíveis e as longas linhas de palavras, números e símbolos que tinham sido cuidadosamente escritos nas suas superfícies ainda eram vagamente legíveis. Mas Wren não percebia o que queriam dizer. A etiqueta de papel desbotada da contracapa, mar-

cada com as armas de Anchorage e as palavras *Ex Libris de Rasmussen*, era a única coisa que fazia algum sentido.

— Não é lá muito impressionante, pois não? — perguntou Miss Freya. — Mas supõe-se que seja muito antigo. Existe uma lenda sobre ele que o historiador Wormwold refere na sua obra *Historia Anchoragia*. Há muito tempo, como uma das terríveis consequências da Guerra dos Sessenta Minutos, o povo de *Anchorage* pôs-se em fuga navegando numa frota de barcos que metiam água, através dos mares do norte em busca de uma ilha onde pudessem reconstruir a sua metrópole. Pelo caminho encontraram os destroços de um submarino. As pragas e as tempestades de radiação tinham morto toda a tripulação à excepção de um homem, mas já moribundo. Ele deu um documento à minha antepassada, Dolly Rasmussen, e disse-lhe para o preservar a qualquer custo. Assim, ela guardou-o e desde então tem passado de mãe para filha dentro da Casa de Rasmussen até que o papel se desfez. Depois foi feita uma cópia mas, como naqueles tempos o papel era um bem raro, foi escrito em velhos pratos de estanho, martelados até ficarem lisos. É claro que as pessoas que fizeram a cópia não deveriam saber, tal como eu e tu, o que significava. O simples facto de ser proveniente do mundo perdido de antes da guerra era o suficiente para torná-lo sagrado.

Wren voltou as páginas de metal e o fio que as prendia fez um som de arranhar e chiar. Imaginou o escrivão de outros tempos que tinha tão cuidadosamente gravado aqueles símbolos, trabalhando à luz de um candeeiro de gordura de foca, na escuridão daquele Inverno de séculos, a copiar cada dúbia coluna numa tentativa desesperada para salvar algo do mundo que a guerra tinha destruído.

— Para que é que serve? — perguntou. — Por que é que o homem do submarino achou que era tão importante?

— Ninguém sabe, Wren. Talvez ele tenha morrido antes de o poder dizer ou talvez já tenha sido esquecido. O *Livro de Estanho* é apenas mais um dos muitos mistérios que os Antigos nos deixaram. E tudo o que sabemos é que aparece várias vezes no meio desses números o nome de um antigo deus: *Odin*. Por isso, talvez seja um

texto religioso. Ah, e a figura que aparece na capa é o selo presidencial do Império Americano.

Wren olhou de forma crítica para a águia.

— A mim, parece-me mais uma espécie de passarinho.

Miss Freya riu-se. Ficava linda ali de pé à luz do sol da tarde que entrava pelas janelas da biblioteca. Tão grande e dourada como a própria Deusa da Terra e Wren adorou-a, sentindo-se envergonhada por estar a planear roubá-la. Fez-lhe mais umas perguntas acerca do *Livro de Estanho*, apesar de não estar propriamente interessada nas respostas. Devolveu de imediato o livro e deixou Miss Freya regressar à sua jardinagem com a promessa de que voltaria em breve para conversar com ela sobre a hipótese de se tornar professora.

O dia passava rapidamente e a sombra do Palácio de Inverno atravessava as chapas ferrugentas dos conveses da metrópole, à medida que o Sol se ia erguendo no céu. Em breve estaria na hora de Wren se encontrar com Gargle. E começava a sentir-se cada vez mais nervosa com o facto. Por mais atrevido, corajoso e bonito que ele fosse e por mais que lhe agradasse a ideia de ajudar os Meninos Perdidos, ela não podia roubar as pessoas que conhecia desde sempre. O *Livro de Estanho* seria certamente dado como desaparecido e, quando dessem por isso, Miss Freya lembrar-se-ia do súbito interesse de Wren por ele e saberia quem tinha sido o responsável.

Mas afinal, o que era o *Livro de Estanho*? Porque é que Gargle o queria assim tanto? Wren não era estúpida. Sabia que os documentos provenientes dos Antigos eram por vezes pistas que conduziam a coisas verdadeiramente perigosas. O pai tinha-lhe contado várias vezes que Londres, a metrópole onde ele crescera, tinha sido completamente destruída por uma máquina chamada MEDUSA. E se o *Livro de Estanho* contivesse as instruções para construir algo do género e Gargle tivesse descoberto uma forma de o decifrar?

Wren vagueou até à zona sul de Anchorage e desceu as escadas já gastas dos pescadores em direcção à praia do

ancoradouro onde se sentou à sombra de um velho e enferrujado tractor de lagartas a pensar no que havia de fazer. O seu imenso segredo, que a princípio parecia tão emocionante, estava a transformar-se numa espécie de fardo. Desejou ter alguém com quem partilhá-lo. Mas quem? Certamente não o pai, a mãe ou Miss Freya, pois ficariam aterrorizados com a ideia de os Meninos Perdidos estarem em Vineland. Tildy também devia entrar em pânico. Imaginou-se a contar a Nate Sastrugi e a pedir-lhe ajuda mas agora, depois de ter conhecido Gargle, Nate Sastrugi já não parecia tão atraente. Apenas um rapaz chato e mole que não sabia fazer mais nada para além de pescar.

Nem se apercebeu do barco a remos que se aproximava da praia, até que a mãe saiu e a chamou.

— Wren? O que é que estás a fazer? Vem ajudar-me com isto.

O «isto» era um pobre veado morto com um buraco no peito e a mãe estava a arrastá-lo para fora do barco e a preparar-se para o levar para o Pátio de Síríus, onde o cortaria aos bocados e o salgaria para o Inverno. Wren levantou-se e dirigiu-se para ela, mas, ao reparar como o sol já ia alto, disse:

— Não posso!

— O quê?

— Tenho de ir ter com uma pessoa.

Hester pousou o veado no chão e olhou para ela.

— Com quem? Com o tal Sastrugi, presumo?

Wren tinha tentado evitar outra discussão mas o tom de voz da mãe era o suficiente para a deixar com os nervos em franja.

— E porque não? — perguntou — Porque é que não posso ir? Não preciso de ser uma infeliz como tu o tempo todo. Já não sou uma criança. Lá porque os rapazes não gostavam de ti quando tinhas a minha idade...

— Quando eu tinha a tua idade — continuou a mãe num tom baixo e ameaçador —, vi coisas que nem ias acreditar. Sei do que é que as pessoas são capazes. Por isso é que eu e o teu pai tentámos sempre proteger-te e manter-te por perto e a salvo.

— Ah, mas eu estou bem a salvo — respondeu Wren amargamente. — O que é que achas que me vai acontecer em Vineland? Aqui *nunca* nada acontece a *ninguém*. Estás sempre a queixar-te de como passaste um mau bocado e a dizer que eu tenho uma grande sorte comparada contigo, mas aposto que a tua antiga vida era bem mais emocionante que esta! E aposto que o pai pensa o mesmo! Eu bem reparei como ele olha para a fotografia do vosso antigo dirigível. Ele adorava andar pelo mundo, a voar por aí e aposto que ainda andaria se não tivesse ficado preso a *ti*.

A mãe bateu-lhe. Foi um estalo rápido e violento, com a mão bem aberta, e quando Wren afastou a cabeça para trás para o evitar, a pulseira de casamento da mãe roçou-lhe o rosto. Wren não apanhava um estalo desde que era pequena. Sentiu a cara a arder e, quando tocou nela, pequenas gotas de sangue mancharam os seus dedos no sítio onde a pulseira lhe acertara. Tentou falar mas só conseguiu soluçar.

— Pronto — disse a mãe bruscamente. Parecia ter ficado quase tão chocada como a filha. Tentou aproximar-se para lhe tocar no rosto, desta vez suavemente, mas Wren deu meia volta e correu pela praia em direcção às frescas sombras sob Anchorage correndo por baixo da velha metrópole rumo às pastagens que ficavam por trás, com a voz da mãe a gritar furiosamente.

— Wren! Volta! Vem cá imediatamente!

Continuou pelos limites da floresta de forma a que os apanhadores de maçãs não a vissem e correu o mais que pôde sem pensar para onde estava a ir até que chegou lavada em lágrimas e sem fôlego ao meio das rochas escarpadas no topo da ilha, e ali estava Gargle à sua espera.

Capítulo 5

Notícias do Mar

Todo ele foi simpatia e preocupação, sentando-a numa pedra musgosa e retirando o seu lenço de pescoço para lhe limpar o rosto, enquanto lhe segurava na mão até ela se acalmar o suficiente para conseguir falar.

— O que foi, Wren? O que é que se passa?

— Nada. Nada mesmo. Foi a minha mãe. Foi só isso. Odeio-a.

— Ora, tenho a certeza de que isso não é verdade. — Gargle ajoelhou-se a seu lado. Ela achava que ele não olhara senão para o seu rosto desde que chegara junto dele e os seus olhos, por detrás dos óculos de lentes azuis fumadas, eram os de um amigo, amáveis e preocupados. — Tens sorte em ter uma mãe — continuou ele. — Nós, os Meninos Perdidos, fomos raptados quando éramos ainda pequenos. Nenhum de nós sabe quem são os seus pais, apesar de sonharmos com eles às vezes e de pensarmos como seria bom se os pudéssemos encontrar. Se a tua mãe é severa contigo, é apenas um sinal de que se preocupa.

— Tu não a conheces — contrapôs Wren, sustendo a respiração para parar os soluços. Quando o conseguiu, acrescentou: — Vi o livro.

— O *Livro de Estanho*? — Gargle parecia surpreendido, como se tivesse estado tão preocupado com Wren que se tivesse esquecido do verdadeiro motivo que o tinha trazido a Vineland. — Obrigado! — continuou. — Conseguiste numa manhã o que à tripulação de uma «lapa» teria levado uma semana ou mais. Onde é que está?

— Não sei — respondeu Wren. — Quer dizer, não sei se te deva dizer. A menos que me digas o que é. Miss Freya contou-me a sua história, mas... Para que é que alguém o haveria de querer? Para que serve?

Gargle levantou-se e afastou-se dela olhando através dos pinheiros. Wren achou que ele estava com um ar zangado e teve receio de o ter ofendido, mas, quando a encarou de novo, parecia apenas triste.

— Estamos com problemas, Wren — disse por fim. — Já ouviste falar no Professor Pennyroyal?

— Claro — retorquiu Wren —, ele deu um tiro no meu pai. Quase levou Anchorage à ruína. Roubou o dirigível dos meus pais e fugiu nele...

— Pois bem, ele escreveu um livro acerca disso — continuou Gargle. — Chama-se *O Ouro do Predador* e nele fala sobre o que ele apelida de «piratas parasitas» que surgem por baixo do gelo para roubar as metrópoles. A maior parte é uma treta mas vendeu que foi uma loucura nas metrópoles das quais nós sobrevivíamos, nomeadamente as metrópoles jangadas do Atlântico Norte e as que se deslocavam sobre o gelo. Começaram todos a instalar alarmes contra ladrões e a verificar uma vez por dia se as partes inferiores tinham parasitas, o que tornou muito difícil prender uma «lapa».

Wren pôs-se a pensar no Professor Pennyroyal. Durante toda a sua vida tinha ouvido histórias sobre aquele homem terrível. Vira a comprida cicatriz em forma de L no peito do pai que Mrs. Scabious tinha feito para abrir e retirar de lá de dentro a bala. E agora parecia que até os Meninos Perdidos se tinham tornado vítimas de Pennyroyal!

— Mas continuo sem perceber para que é que precisam do *Livro de Estanho* — insistiu.

— Temos de enviar as nossas «lapas» cada vez mais para sul — explicou Gargle —, mesmo para o Middle Sea e o Oceano do Sul onde as metrópoles jangadas não se preocupam em manter-nos sob vigilância. Pelo menos, não costumavam. Neste último Verão começámos a perder «lapas». Três delas foram para sul e nunca mais voltaram. Nem uma palavra, nem um sinal de alarme, nada. Acho que talvez algumas dessas metrópoles possuam qualquer tipo de dispositivo que nos detecta e têm andado a afundar as nossas

«lapas» ou então a capturá-las. E se algum dos nossos é capturado, torturado e der com a língua nos dentes...

— Podem vir à procura de Grimsby?

— Exactamente. — Gargle olhou pensativamente para ela como se tivesse ficado satisfeito por ter resolvido contar tudo aquilo a uma rapariga tão inteligente e perceptiva. Voltou a agarrar nas mãos dela. — Precisamos de algo que nos mantenha novamente à frente dos «Gamados», Wren. É por isso que preciso do *Livro de Estanho*.

— Mas não passa de um monte de números antigos — retorquiui ela. — Veio de um velho submarino americano...

— Exactamente — continuou Gargle. — Aqueles Antigos tinham submarinos mais avançados do que os que nós temos. Navios do tamanho de metrópoles que podiam navegar à volta do mundo sem terem de emergir devido à falta de ar. Se nós tivéssemos esse tipo de tecnologia não precisaríamos de temer os «Gamados» nunca mais. Podíamos pôr Grimsby a andar e eles nunca mais nos encontravam.

— Então achas que o *Livro de Estanho* é um plano para um submarino?

— Talvez não o seja propriamente. Mas talvez lá existam pistas suficientes para nos ajudarem a aprender como é que eles funcionavam. Por favor, Wren. Diz-nos onde é que ele está.

Wren abanou a cabeça.

— Miss Freya e os outros não são assim tão assustadores como tu pensas — afirmou ela. — Vem comigo até à metrópole. Apresenta-te. Eu estive a fazer perguntas ao meu pai sobre ti. Ele diz que ajudaste a salvar Vineland. E foste maltratado por Pennyroyal, tal como nós. Estou certa de que Miss Freya ficará feliz por te oferecer o *Livro de Estanho* como um presente.

Gargle suspirou.

— Eu ia gostar disso, Wren. Ia adorar. Mas levaria o seu tempo. Haveria muitas explicações a dar e ainda mais desconfianças para ultrapassar. E durante todo o tempo que aqui estivermos, poderão estar a desaparecer mais «lapas» e quem quer que o esteja a fazer

poderá estar a intervir em Grimsby. Desculpa, Wren. Vamos ter de o fazer à maneira dos Meninos Perdidos. Diz-me onde é que o livro está e iremos buscá-lo esta noite. Depois vamo-nos embora daqui. E, quando eu o tiver e Grimsby estiver a salvo novamente, talvez eu possa voltar e apresentar-me, e passará a haver paz e amizade entre as nossas duas metrópoles.

Wren libertou-se dele e precipitou-se para o meio das árvores quase a correr, para um sítio onde podia olhar para baixo e ver os telhados de Anchorage. Ele não estava a ser sincero quanto a regressar, disso tinha ela a certeza. Só o dissera para a fazer sentir-se melhor. Mal saísse dali, nunca mais voltaria. E porque é que haveria de voltar se tinha um mundo inteiro para percorrer? Um mundo de metrópoles que flutuavam, voavam e rolavam sob céus repletos de dirigíveis. Era para isso que Gargle ia voltar, enquanto que ela, tudo por que poderia ansiar era ser assistente de Miss Freya, envelhecer e entediar-se em Anchorage e um dia (se a mãe a deixasse) tornar-se Mrs. Nate Sastrugi e ter um bando de filhos chatos.

— Wren — chamou ele por trás dela.

— Não — respondeu Wren. Voltou-se para o encararem, tentando que a sua voz não tremesse. — Não, não te vou dizer onde está o livro. Eu própria o vou buscar e trazer-to-ei esta noite. E depois irei contigo. — Riu-se e abriu ambos os braços, tentando abarcar *Anchorage*, o lago, as montanhas e todo o Continente Morto. — Odeio este lugar. É demasiado pequeno para mim. Quero ir contigo quando te fores embora. Quero ver Grimsby e o Terreno de Caça, as Metrópoles de Tracção e as Estradas dos Pássaros. É esse o meu preço. Trago-te o *Livro de Estanho*, se me lewares contigo quando te fores embora.

Capítulo 6

Estamos a Construir um Mundo Novo

A Dr.^a Zero levava o seu trabalho a sério. Muitas vezes continuava a trabalhar pela noite adentro depois do Laboratório Central de Caçadores estar vazio e silencioso, com os seus dedos atarefados a remexerem na cavidade peitoral de Shrike ou no seu cérebro aberto. Enquanto trabalhava ia conversando com ele, pondo-o ao corrente das coisas que tinha perdido durante os anos em que estivera desactivado. Contou-lhe como a forte facção apelidada de Green Storm tinha tomado o poder nas nações Anti-Traccionistas da Ásia e do Norte e da sua longa guerra contra as Metrópoles de Tracção. E falou-lhe da sua líder imortal, a Caçadora Fang.

— UMA CAÇADORA? — perguntou ele surpreendido. Estava a começar a habituar-se aos Caçadores da Green Storm. Umas coisas sem cérebro e sem rosto que nem se conseguiam recarregar a si mesmas e cujas baterias tinham de ser laboriosamente retiradas e substituídas após uns dias de acção. Eram o tipo de criaturas que dava má reputação aos mortos-vivos. Shrike não conseguia imaginar um deles a liderar exércitos.

— Ah, a Caçadora Fang não é nada como os outros — assegurou-lhe a Dr.^a Zero. — É bela e brilhante. Tem um cérebro de Antiga Tecnologia, como o teu, e toda a espécie de adaptações especiais. E foi construída com o corpo de uma famosa agente da Liga, Anna Fang. A Storm gosta que as pessoas pensem que Anna Fang ressuscitou para liderar a nossa gloriosa guerra contra os bárbaros.

A ideia de guerra despertava instintos profundos no cérebro de Caçador de Shrike. Flectiu as mãos, mas as lâminas que ele sabia deverem existir ali dentro não saíram para fora.

A Dr.^a Zero explicou.

— Retirei os gládios dos teus dedos.

— COMO É QUE VOU LUTAR SE ESTOU DESARMADO? — indagou ele.

— Mr. Shrike — continuou a Dr.^a Zero —, se quiséssemos apenas mais um pesadão Caçador de guerra, eu própria o teria construído. Não há falta de corpos para serem Ressuscitados. Mas tu és uma antiguidade, mais complexo que qualquer outra coisa que possamos construir. Não és apenas uma coisa, és uma pessoa. — E tocou nas mãos inofensivas de Shrike. — É uma mudança agradável poder trabalhar num Caçador que não é apenas mais um soldado.

Um dirigível chamado *A Tristeza das Coisas* chegou a fim de levar Shrike para um lugar chamado Comando Avançado. Shrike permaneceu ao lado da Dr.^a Zero na barquinha de observação à medida que se dirigiam para ocidente, passando sobre altas montanhas revestidas de neve, depois pelas planícies a leste do Terreno de Caça que agora pertenciam à Green Storm, vendo-se aqui e além destroços de uma Metrópole de Tracção a enferrujar no meio da erva.

— Esta terra foi toda capturada nas primeiras semanas de guerra há quase catorze anos — explicou a Dr.^a Zero, ainda desejosa de instruir o seu paciente. — No início, os bárbaros foram completamente apanhados de surpresa quando as nossas frotas aéreas os varreram, vindas das montanhas. Dirigimo-nos para oeste levando na nossa frente metrópoles aterrorizadas e destruindo qualquer uma que se atrevesse a virar-se contra nós e lutar. Mas, aos poucos, as metrópoles começaram a juntar-se e a defenderem-se. Uma liga de industriais alemães chamada *Traktionstadtgesellschaft* interrompeu o nosso avanço para ocidente e empurrou-nos de volta para os Pântanos de Água Ferrugenta e uma multidão de cidades eslavas de tracção atacou as nossas instalações em Khamchatka e na Altai Shan.

— E desde então estamos paralisados. Por vezes, dirigimo-nos para norte e destruímos mais algumas metrópoles e outras vezes são elas que rumam a leste e devoram mais alguns dos nossos fortes e quintas.

A paisagem lá em baixo estava a mudar, marcada pelos recentes combates. Enormes crateras ocas brilhavam como espelhos cosidos numa manta de lama. Aquela altura, as vastas marcas das lagartas dos subúrbios de combate do inimigo e os complicados entrincheiramentos e fortificações da Storm pareciam quase idênticos.

— Dizem que estamos a tornar o mundo novamente verde — suspirou a Dr.^a Zero. — Mas afinal o que estamos a fazer é a transformá-lo em lama...

O Comando Avançado era afinal uma metrópole capturada. Um lugar pequeno com quatro plataformas, inerte nas escarpas de uma montanha na extremidade norte dos Pântanos de Água Ferrugenta. As suas lagartas permaneciam enroladas na lama que as circundava. As rodas e as plataformas inferiores estavam queimadas e estragadas mas nos níveis superiores viam-se luzes débeis na profunda penumbra. Dirigíveis de guerra iam e vinham de docas aéreas de emergência e bandos de pássaros sobrevoavam os telhados destroçados. Shrike ficou surpreendido pela forma inteligente como os bandos de pássaros voavam para evitar os dirigíveis até que *A Tristeza das Coisas* passou mais perto de um deles e ele viu que não eram pássaros verdadeiros mas sim Caçadores, os olhos brilhando com a mesma estranha luz verde que os seus, e os bicos e garras substituídos por lâminas. Lá em baixo, nas estradas, mais Caçadores abriam caminho por entre a lama sob as mais diversas formas, uns com aspecto humano e outros corpulentos, com aspecto de caranguejos, munidos de várias pernas.

— A GREEN STORM TEM MUITOS CAÇADORES — comentou Shrike.

— A Green Storm necessita de muitos pois tem muitas batalhas para travar — respondeu a Dr.^a Zero.

A Tristeza das Coisas pousou numa zona de aterragem sob as paredes da Câmara Municipal. Um homem aguardava-os. Era velho, baixo e calvo, envolto em vestes de pele e estremecendo com os esporádicos estrondos dos tiros que, vindo dos pântanos, ri-

bombavam para oeste. Sorriu ao ver Shrike a descer a prancha de desembarque do *Tristeza*.

— Shrikey! Que bom ver-te novamente de pé e a funcionar! Lembras-te de mim? Eu era um dos assistentes de Twixie. Ajudei a examinar-te na pobre e velha Londres.

O cérebro de Shrike, habituado a guardar imagens de dez mil novos rostos, agora lembrava-se apenas da Dr.^a Zero e de alguns técnicos do Laboratório Central de Caçadores. Estudou os dentes amarelados do velho homem, a tatuagem de uma roda vermelha enterrada nas rugas entre as suas farfalhadas sobrancelhas e depois voltou-se para a Dr.^a Zero como uma criança olhando a mãe a pedir que a tranquilizasse.

— Este é o Dr. Popjoy — informou ela suavemente —, fundador do Corpo de Ressuscitação e Cirurgião-Mecânico pessoal da nossa líder. — Depois voltou-se para o homem e disse: — Receio que Mr. Shrike tenha poucas recordações da sua antiga carreira, Dr. Popjoy. Essa secção do seu cérebro foi severamente afectada. E eu não a consegui desbloquear.

— Pena — respondeu Popjoy distraidamente. — Era capaz de ser agradável ter uma conversa sobre os velhos tempos. Mas talvez seja melhor assim. — Deu duas voltas à roda do Caçador estendendo a mão para tocar no novo e reluzente corpo de Shrike e dar um puxão aos fios que saíam do seu crânio de metal. — Excelente! — cacarejou. — Um trabalho de mestre, Treacle! Nem eu teria feito melhor!

— Procuro apenas agradar à Caçadora Fang — respondeu a Dr.^a Zero humildemente.

— Como todos nós, Treacle. Vamos, é melhor subirmos, ela está à nossa espera.

Lanternas à prova de vento iluminavam os compridos corredores do edifício. Mortais vestidos de uniforme corriam de um lado para o outro gritando ordens, agitando folhas de papel e falando alto para telefones de campanha. Alguns tinham pintado o cabelo de verde como símbolo de lealdade para com a Storm. Falavam em cerrados

códigos de guerra que Shrike descobriu ser capaz de compreender perfeitamente. Sem dúvida, obra da Dr.^a Zero. À medida que a seguia e a Popjoy pelas largas escadas pôs-se a imaginar que outros ajustes lhe teria ela feito.

Ao cimo das escadas havia um par de portas de bronze marcadas por balas.

— Corpo de Ressuscitação — anunciou Popjoy quando as sentinelas se puseram em sentido. — Entrega para a Digníssima.

As portas abriram-se de par em par. A sala era grande e escura. Os novos olhos de Shrike mudaram automaticamente para a visão nocturna e ele viu que a parede mais afastada tinha sido reforçada com chapa de aço blindado. A longa fresta de uma janela, como uma ranhura numa viseira, permanecia aberta e sem vidro, virada para ocidente. A figura junto a ela não era completamente humana.

— Digníssima... — começou Popjoy.

— Espera — soou uma voz vinda da escuridão, num sussurro imperioso.

Popjoy esperou. No meio do silêncio, Shrike detectou o som quase inaudível dos dentes da Dr.^a Zero a bater e o ritmo nervoso do seu coração.

De repente, uma intensa onda de luz surgiu a ocidente dos pântanos, enchendo a sala com um brilho alaranjado que se agitou e feriu quando a primeira grande explosão de fogo se dividiu no relampejar individual das bocas de incontáveis armas e no derivar das chamas brancas dos foguetes de fósforo. O Comando Avançado abanou ligeiramente e todo o metal chiou sob os pés de Shrike. Após alguns segundos, o som chegou até ele, um ruído afastado, ribombante e explosivo, como se alguém estivesse a mudar a mobília de sítio numa sala distante.

Banhada pela luz da sua guerra, a Caçadora Fang voltou costas à fresta de inspecção para saudar as visitas. Vestia uma túnica comprida e cinzenta e o seu rosto era uma máscara mortuária de mulher, moldada em bronze. E disse:

— A nossa artilharia acabou de lançar um bombardeamento às metrópoles fronteiriças da *Traktionstadtgesellschaft*. Partirei em breve para liderar o ataque por terra.

— Mais uma gloriosa vitória, tenho a certeza, Fang. — Comentou a voz de Popjoy vinda de algures próximo dos tornozelos de Shrike e este reparou que tanto Popjoy como a Dr.^a Zero se tinham posto de joelhos, comprimindo os rostos contra a suave madeira do chão.

— Mas não uma vitória final. — E a voz da Caçadora parecia um vento invernosso a atravessar um canavial gelado. — Precisamos de armas mais poderosas, Popjoy.

— E tê-las-ás, Digníssima — prometeu Popjoy. — Estou sempre à espreita de pedaços ocasionais da Antiga Tecnologia que nos possam servir. Entretanto trouxemos-te um pequeno penhor da estima do Corpo de Caçadores.

Os olhos em forma de amêndoa da Caçadora Fang emitiram uma luz verde ao focar Shrike.

— És o Caçador Shrike — afirmou ela, deslizando para mais perto. — Já vi imagens tuas. Disseram-me que estavas desactivado.

— Mas já está completamente restaurado, Digníssima — anunciou Popjoy.

A Caçadora parou a alguns passos de Shrike, observando-o.

— O que é que isto significa, Popjoy? — perguntou.

— Um presente de aniversário, Digníssima! — respondeu Popjoy, levantando-se e gemendo com o esforço, — Uma pequena surpresa que a Dr.^a Zero engendrou. Estou certo que te lembras de Oenone Zero, filha do velho Hiraku Zero, o às dos dirigíveis. Ela é um prodígio e já é a melhor cirurgiã-mecânica do corpo (para além de mim, claro). Bom, Oenone teve a ideia de desenterrar o velho Shrikey e de o reparar para marcar o aniversário da tua gloriosa Ressurreição!

A Caçadora Fang observou Shrike sem fazer qualquer comentário. A Dr.^a Zero tremia de tal forma que Shrike conseguia sentir as vibrações através do chão.

— Não me digas que te esqueceste? — gorjeou Popjoy. — Faz dezassete anos desde o dia que eu te devolvi à vida no complexo de Rogue's Roost! As tuas dezassete primaveras, Fang. Muitos parabéns!

A Caçadora Fang fitou Shrike com os seus impassíveis olhos verdes.

— E o que hei-de fazer com ele?

A Dr.^a Zero olhou para cima pela primeira vez.

— Pensei...pensei...que poderias m...mantê-lo a teu lado, Digníssima — respondeu ela. — Servir-te-á bem. Enquanto estás ocupada a limpar o mundo do cancro das metrópoles móveis, Mr. Shrike poderá to...to...tomar conta de ti.

— A...a...aí tens — acrescentou Popjoy, imitando o gaguejar assustado da Dr.^a Zero. — Tomará co...co...conta de ti. Um guarda-costas tão forte como tu, Digníssima, e com os mesmos sentidos intensificados...

— Duvido que seja tão forte como eu — ripostou a nova Caçadora.

— É claro que não! — respondeu Popjoy apressadamente. — A Digníssima não precisa de guarda-costas, Treacle! O que é que estás para aí a insinuar? — Sorriu de forma afectada para o Caçador que aguardava. — Apenas pensei que te pudesse distrair, Fang.

A Caçadora Fang inclinou a cabeça para um dos lados ainda a considerar Shrike.

— Muito bem. É um espécime impressionante. Acrescenta-o ao meu estado-maior.

Uma porta alta abriu-se ao fundo da galeria. Um assistente de uniforme fez uma profunda vénia e anunciou:

— Digníssima, o teu dirigível está pronto para partir para a frente de trabalho.

Sem mais uma palavra para Popjoy, a Caçadora voltou costas e afastou-se.

— Excelente! — exclamou Popjoy logo que ela saiu. Levantou-se e acendeu um candeeiro de árgon e depois deu uma palmada no traseiro da Dr.^a Zero quando esta se levantou, fazendo-a corar. — Bom trabalho, Treacle. A Flor de Fogo ficou satisfeita. As pessoas dizem que não sabem em que é que ela está a pensar, mas fui eu que a reconstruí, lembra-se? E tenho uma bela ideia do que vai por trás daquela máscara. — Limpando o suor da calva com um lenço, olhou para Shrike. — Então, o que é que o velho Shrike pensa da nossa gloriosa líder?

— É FORTE — respondeu Shrike.

Popjoy acenou afirmativamente.

— É sim, de facto. O meu maior feito. Existe uma impressionante maquinaria dentro dela. Partes de um cérebro de Caçador ainda mais antigo que o teu. Pedacos de Antiga Tecnologia tão estranhas que nem *eu* sei muito bem como é que funcionam. Nunca mais consegui construir um como ela. Mas talvez um seja o suficiente, certo, Shrikey?

Shrike voltou-se para a janela e para a batalha distante. Lençóis de luz estendiam-se pelo céu como se viessem de alguma fissura profunda da terra. A noite estava repleta de dirigíveis. Pensou que iria ser bom servir aquela Caçadora Fang, obedecer a alguém tão forte como ele, em vez de receber ordens de um qualquer mortal frágil e mole. Ser-lhe-ia leal e talvez, com o tempo, aquela lealdade preenchesse os espaços vazios da sua memória e o livrasse da sensação irritante de ter perdido algo precioso.

Aquele rosto, aquele rosto com uma cicatriz.

Flutuou na sua mente como uma traça e depois desapareceu.

Capítulo 7

Ela Vai Fugir de Casa

Já tinha anoitecido e um fino crescente de Lua elevava-se acima das Montanhas Sem Vida. Wren estava deitada na sua cama, completamente vestida, a escutar as vozes abafadas dos pais que atravessavam a parede do quarto. Em breve se silenciaram. *Tinham adormecido*. Aguardou para se certificar. A monotonia das suas vidas dava-lhe por vezes vontade de gritar. A dormir, àquela hora e numa noite tão maravilhosa e tão cheia de luar! Mas adequava-se aos seus planos. Calçou as botas, saiu silenciosamente do quarto e desceu as escadas com o *Livro de Estanho* de Anchorage a pesar-lhe no saco que carregava ao ombro.

Tinha sido tão fácil roubá-lo que nem parecia que o estava a roubar. Aquilo *não era* roubar. Wren insistia em dizer para si mesma: Miss Freya não precisava do *Livro de Estanho* e mais ninguém em Anchorage se preocuparia se ele desaparecesse. Aquilo não era de forma alguma roubar.

Mas mesmo assim, enquanto encostava o bilhete que tinha estado a escrever durante todo o princípio da noite à caixa do pão e saía silenciosa e vagarosamente para as ruas iluminadas pelas estrelas, não conseguia deixar de se sentir triste por a sua vida em Vineland terminar daquela forma.

Depois de ter deixado Gargle, correrá pela encosta abaixo, direita ao Palácio de Inverno. Miss Freya continuava no jardim a conversar com Mrs. Scabious sobre a peça que os mais jovens iam representar no Festival da Lua. Wren foi até à biblioteca e tirou do sítio o velho cofre de madeira que Miss Freya lhe mostrara anteriormente. Retirou de lá o *Livro de Estanho* e voltou a fechar o cofre, colocando-o novamente a salvo no seu lugar na prateleira. Pela janela aberta, Wren conseguia ouvir Miss Freya dizer:

— Por favor, Windolene, trate-me apenas por Freya. Já nos conhecemos há tanto tempo...

Wren saiu sorrateiramente da biblioteca, depois do palácio e correu para casa com o *Livro de Estanho* seguramente enfiado no casaco e tentando não se sentir uma ladra.

A Lua parecia uma pena levada pelo vento, que tivesse ficado presa nos pináculos do Palácio de Inverno. Um candeeiro ardia na janela de Freya Rasmussen e, quando Wren passou a correr, só teve tempo de pensar, *Adeus, Miss Freya* e sentiu que ia começar a chorar.

Em casa fora pior. Toda a noite tinha estado prestes a desatar a chorar só de pensar que ia deixar o pai e até começou a pensar que ia sentir a falta da mãe. Mas seria por pouco tempo. Voltaria um dia como uma princesa dos Meninos Perdidos e tudo voltaria ao normal. Abraçara o pai de forma especial antes de ir para a cama, o que o tinha surpreendido. Devia ter pensado que provavelmente ela estava apenas chateada devido à última discussão que tivera com a mãe.

Wren desceu até à subdivisão de máquinas e encaminhou-se rapidamente para o limite da metrópole. Tinha acabado de sair das sombras da plataforma superior e seguia ao longo de uma rua que ficava entre dois armazéns abandonados, quando Caul se lhe atravessou no caminho.

Wren apertou o saco contra si e tentou esquivar-se, mas ele bloqueou-lhe novamente o caminho. Os seus olhos brilhavam levemente por entre o cabelo.

— O que é que queres? — perguntou Wren, tentando parecer zangada em vez de assustada.

— Não deves ir — foi a resposta de Caul.

— Porque não? Posso ir se me apetecer. Além disso, não sei do que estás a falar.

— Do Gargle. Eu vi o que aconteceu ontem à noite. Olhei para trás quando cheguei ao cimo da montanha e vi-te sair daquela

«lapa». Ele pediu-te ajuda? Concordaste?

Wren não respondeu.

— Wren, tu não podes confiar no Gargle — avisou Caul. — Era apenas um miúdo quando trabalhei com ele mas já na altura era astuto. Sabe como usar as pessoas. E como esconder o que realmente pretende. O que quer que seja que ele te tenha pedido, não o faças.

— E como é que me vais impedir? — perguntou Wren.

— Contarei ao Tom e à Hester.

— E por que é que já agora não contas a Miss Freya também? — gozou Wren. — Tenho a certeza de que ela ia adorar saber. Mas não o farás, pois não? Se fosses contar aos meus pais, tê-lo-ias feito mal eu saí do *Autolycus*. Não ias trair o teu próprio povo.

— Tu não fazes *ideia*... — começou Caul. Mas, enquanto procurava as palavras certas para lhe dizer, ela desatou a correr passando por ele com os seus passos a ressoarem pelo metal das escadas até ao final da rua e depois desapareceu quando saltou o último lance directamente para a terra. O saco batia-lhe contra as costas e o coração saltava-lhe no peito. Olhou para trás para ver se Caul a seguia, mas ele permanecia no sítio onde o deixara, sem se mexer. Acenou-lhe um adeus e depois voltou-se e começou a correr pela montanha acima.

Hester tinha adormecido rapidamente naquela noite mas algo perturbou Tom quando estava mesmo a adormecer. Só mais tarde viria a perceber que fora o som da porta da rua a fechar-se.

Deixou-se ficar no meio da escuridão a ouvir o bater do seu coração. Por vezes, parecia-lhe que fraquejava e outras vezes sentia uma dor, que não era bem dor, mas a sensação de que algo dentro de si não estava bem, onde a bala com que Pennyroyal lhe tinha acertado lhe dilacerara o corpo há tantos anos atrás. O exercício só piorava. Não devia ter cortado aqueles troncos de manhã. Mas os troncos precisavam de ser cortados e, se ele não os cortasse, teria de falar a Hester nas dores que sentia na zona do coração e ela preocupar-se-ia e obrigá-lo-ia a consultar Windolene

Scabious, que era a médica de Anchorage, e ela iria querer examiná-lo e ele temia que ela descobrisse algo de mau. Mais valia não pensar no assunto. Preferia agradecer aos deuses por todos aqueles bons anos que tinha passado com Hester e Wren e preocupar-se com o futuro quando ele chegasse.

Mas o futuro já corria na sua direcção, descendo Rasmussen Prospekt, passando pela Arcada Boreal e subindo o Pátio de Sírius. Tinha passado pelo portão principal e subido as escadas a correr, e batia com força à sua porta.

— Grande Quirke! — exclamou Tom sobressaltado e sentando-se. A seu lado, Hester gemeu e virou-se, emergindo lentamente do sono. Tom atirou as cobertas para trás e correu para o andar inferior em camisa de dormir. Através dos painéis envidraçados da porta da rua, uma figura esfumada surgia como um fantasma com os punhos a baterem com força na madeira. Uma voz chamou por Tom.

— Caul? — perguntou Tom. — Está aberta.

Já não era a primeira vez que Caul acordava Tom com más notícias. Uma vez, quando Anchorage era ainda uma metrópole de tracção e Hester tinha zarpado sozinha a bordo do *Jenny*, ele tinha surgido no meio da noite para avisar Tom do que estava a acontecer. Na altura, não passava de um rapaz. Agora, com o longo cabelo, a barba, os olhos esbugalhados e assustados, mais parecia um profeta louco. Entrou de rompante, deitando por terra o bengaleiro e a colecção de capas de telemóveis antigas de Tom.

— Caul, calma! — exclamou Tom. — O que é que aconteceu?

— A Wren — começou o antigo Menino Perdido. — A Wren...

— A Wren está no quarto dela — retorquiu Tom, mas sentindo-se subitamente inquieto ao lembrar-se da estranha forma como Wren o tinha abraçado ao dar-lhe as boas-noites e o arranhão que tinha no rosto e que ela explicara ter feito ao embater num espinheiro. Pressentiu que algo não estava bem. — Wren? — chamou das escadas.

— Ela foi-se embora! — bradou Caul.

— Embora? Para onde?

Hester ia a meio das escadas a puxar a camisa. Voltou a correr pelas escadas acima e Tom ouviu-a abrir a porta do quarto de Wren com um pontapé.

— Pelos deuses e deusas! — gritou ela, reaparecendo ao cimo das escadas. — Tom, ele tem razão. A Wren levou a mochila e o casaco...

Tom respondeu:

— Deve andar com o Tildy Smew em alguma expedição nocturna. Afinal, estamos em Vineland. Que mal lhe poderá acontecer?

— Os Meninos Perdidos — respondeu Caul. Andava de um lado para o outro com as mãos enfiadas nos bolsos do seu velho e nojento casacão. O cheiro a animal selvagem que exalava dele enchia o corredor — Lembras-te do Gargle? Ele deixou-me uma mensagem. Queria que o ajudasse. A roubar qualquer coisa. Não sei o quê. A Wren deve ter-me seguido e foi apanhada. Ele está a usá-la. Ela vai-se embora com ele.

Hester entrou na cozinha e voltou com um pedaço de papel na mão.

— Tom, olha...

Era a mensagem da filha.

Queridos pais, tinha ela escrito, decidi deixar Vineland. Estão cá uns Meninos Perdidos. Não se preocupem, eles não querem fazer mal a ninguém. Vão levar-me com eles. Irei conhecer as metrópoles jangadas, o Terreno de Caça e o mundo inteiro e viver aventuras tal como vós. Perdoem-me por não me ter despedido mas, se o fizesse, ter-me-iam impedido de ir. Cuidarei bem de mim e voltarei em breve com várias histórias para vos contar.

Adoro-vos,

Wren

Hester deixou-se cair de joelhos sobre o tapete do corredor e pôs-se a remexer nele. Por baixo e enfiado no chão, estava o cofre

onde o mercador, que em tempos ali tinha vivido, guardava os seus bens mais preciosos. E agora, albergava umas caixas de cartão de munições e uma arma. Hester tirou-a para fora, desembrulhando-a do oleado que a envolvia.

— Onde é que eles estão, Caul? — perguntou.

— Het... — começou Tom

— Devia ter-vos contado antes — balbuciou Caul —, mas era o Gargle. O *Gargle*. Ele salvou-me a vida uma vez...

— *Onde?*

— Numa enseada na Margem Norte. Onde as árvores quase tocam na água. Por favor, eu não quero que ninguém se magoe.

— Devias ter pensado nisso antes — respondeu Hester, verificando a arma. Das armas que ela tinha tirado aos Predadores de Arkangel, deitara grande parte ao mar pela popa da metrópole, mas tinha guardado aquela para o caso de ser precisa. Não era tão bonita como as outras. Não tinha nenhuma cabeça de lobo de dentes arreganhados na coronha, nem os cinzelados de prata no tambor. Era apenas uma *Schadenfreude* 38, preta e pesada. Uma ferramenta feia e fiável de matar pessoas. Enfiou balas nas seis câmaras e fechou a arma. Depois, enfiou-a no cinto e com um empurrão passou por Tom em direcção à porta da rua arrancando de passagem o casaco do bengaleiro. — Acorda os outros — ordenou-lhe e embrenhou-se na noite.

Do cimo da ilha, Wren conseguia ver, na enseada onde encontrara Gargle pela primeira vez, o *Autolycus* agachado na areia como um caranguejo. A luz azulada da escotilha aberta da «lapa» espelhava-se no mar. Começou a descer o caminho de cabras em direcção à «lapa», escorregando na terra solta, tropeçando nas raízes, com a respiração fria e funda na garganta à medida que corria entre as árvores e giestas em direcção à silhueta em forma de aranha do mar.

Gargle estava de pé no banco de areia, junto à entrada da rampa que levava à escotilha aberta. Rémore encontrava-se junto dele e, quando Wren se aproximou, viu Fishcake sair pela rampa para se juntar aos dois.

— Pronto para partir? — Wren ouviu Gargle perguntar.

— Basta carregar num botão — respondeu o rapaz.

Os motores da «lapa» trabalhavam ao *ralenti*, com um leve penacho de fumo a erguer-se dos escapes situados na parte posterior e susceptíveis de ser hermeticamente fechados. Uma *camaracnídea* cintilou enquanto se apressava por uma das patas acima e seguia para o seu lugar no casco. Outras câmaras desciam tão rapidamente pela praia que mais pareciam aranhas de que Wren quase quis fugir. Mas depois disse para consigo, que se de facto se ia embora com os Meninos Perdidos, teria de se habituar a elas, por isso, continuou a caminhar no meio delas pela praia fora.

— Sou eu — anunciou suavemente, quando Gargle se voltou ao ouvir-lhe os passos. — Trouxe o *Livro de Estanho*.

Anchorage-in-Vineland ia acordando indignada e alarmada. A medida que Hester subia o caminho através da floresta, conseguia ouvir as portas a baterem com força na metrópole por trás de si e as pessoas a gritarem, enquanto se preparavam para ir ajustar contas com os Meninos Perdidos. Alguns dos homens mais jovens quase que a conseguiram acompanhar quando ela chegou ao cimo da ilha, mas perderam-na de vista logo que começou a descer. Eles mantiveram-se no caminho em ziguezague enquanto ela seguia a direito, deitando o mato por terra e deslizando pelos seixos numa confusão de pedras que ressaltavam. Sentia-se entusiasmada e feliz por finalmente Wren precisar dela. O pai não a conseguiria salvar dos Meninos Perdidos. Nem mais ninguém em Vineland. Apenas Hester tinha força suficiente para lidar com eles e, depois de os matar a todos, Wren cairia em si e perceberia o perigo em que tinha estado e ficar-lhe-ia grata e assim as duas passariam a ser novamente amigas.

Hester deslizou para um caminho de roseiras bravas no sopé da montanha e olhou para trás. Não havia sinal dos outros. Retirou a arma do cinto e encaminhou-se para a enseada.

— Toma. — continuou Wren, retirando a pesada mochila das costas e estendendo-a a Gargle. — Está aí dentro. E as minhas coisas também.

Rémora comentou:

— Mais vale dizer-lhe já, Gar. Está na hora de partirmos.

Gargle tinha retirado o *Livro de Estanho* para fora e folheava-o, ignorando ambas.

— Eu vou convosco, lembraste? — continuou Wren, sentindo-se pouco à vontade, pois aquela não era a recepção que esperara. — Eu vou convosco, foi esse o acordo.

Apercebeu-se do tom infantil e choramingado a invadir a sua voz e sentiu que não estava a conseguir ser tão corajosa, adulta e aventureira como queria que Gargle a visse. Subitamente apercebeu-se de que não tinha qualquer significado para ele, a não ser como forma de conseguir o *Livro de Estanho*.

— É isto mesmo — disse Gargle para consigo. E atirou a mochila de volta a Wren, passando em seguida o *Livro de Estanho* a Fishcake que o enfiou dentro de uma bolsa de couro que trazia de lado.

— Eu vou convosco — lembrou Wren Gargle. — Eu vou convosco, não vou?

Gargle aproximou-se dela. Havia um certo tom de escárnio na sua voz.

— O problema, Wren, é que estive a pensar nisso e, afinal, não temos lugar para ti.

Wren pestanejou rapidamente, tentando evitar que as lágrimas brotassem. Atirou a mochila para a areia e gritou:

— Prometeste que me levavas contigo! — Reparou que Rémora a observava e sussurrava algo para o pequeno Fishcake, que também fez um sorriso afectado. Deviam pensar que ela era uma estúpida!

— Eu quero ver outras coisas! — gritou. — Quero fazer outras coisas! Não quero ficar aqui, casar-me com o Nate Sastrugi, tornar-me numa professora da escola, envelhecer e morrer!

Gargle pareceu irritar-se com toda aquela barulheira que ela estava a fazer.

— Wren! — sibilou ele e instantaneamente como um eco em fúria ouviu-se no meio da escuridão outra voz gritar:

— Wren!

— Mãe! — arfou Wren.

— Raios! — murmurou Rémora.

Gargle não disse palavra. Apenas tirou a arma de pressão que tinha no cinto e disparou para a praia. Através do súbito clarão azul da arma, Wren viu a mãe atravessar a praia quase sem se desviar, quando o tiro passou por ela. Hester ergueu a arma de forma segura à sua frente. Começaram a ouvir-se sons surdos e monótonos como livros a fecharem-se repentinamente. A primeira bala fez ricochete no *Autolycus* com um som metálico. As duas seguintes silvaram sobre o lago e a terceira atingiu Gargle entre os olhos. Algo espesso e húmido atingiu Wren no rosto e nas roupas.

— Gargle! — guinchou Fishcake.

Gargle caiu de joelhos no chão tombando para a frente com o traseiro no ar e o rosto nas ondas que iam rebentando.

Fishcake atravessou as águas paradas na direcção dele, passando à frente de Rémora enquanto esta puxava pela arma.

— Fishcake embarca! — gritou. — Regressa a Grimsby! — Hester acertou-lhe com duas balas atirando-a para trás, para o lago.

— Gargle! — gemia Fishcake.

Hester recarregava a sua arma e as cápsulas vazias saltitavam nos seixos aos seus pés. E gritou:

— Wren, anda para aqui! — A tremer de susto, Wren enca-minhou-se com satisfação na sua direcção mas de repente o braço de Fishcake abraçou-a pela cintura e fê-la recuar, apontando-lhe ao queixo o cano da pistola de Gargle.

— Largue a arma! — gritou Fishcake. — Ou eu, eu *mato-a*, eu *mato-a*!

— Mamã! — guinchou Wren. Não conseguia respirar como deve ser. Subitamente, deu-se conta de que, quanto às aventuras que queria viver, aquilo já lhe chegava. Só queria voltar a salvo para casa, — Mamã! Socorro!

Hester deu um passo em frente. Tinha a arma apontada mas não se atrevia a puxar o gatilho, todos sabiam disso, pois corria o risco de atingir Wren.

— Larga-a! — ordenou ela.

— Para me atingir a seguir? — soluçou Fishcake.

Fazendo rodar Wren, para um e outro lado, de forma a que o seu corpo ficasse sempre entre ele e a mãe dela, começou a arrastá-la pela rampa de embarque. A sua arma continuava a fazer-lhe pressão sob o queixo, obrigando-a a manter a cabeça levantada. Ela sentia-o tremer e, embora conseguisse facilmente dominá-lo, não se atrevia a fazê-lo, com receio de que a arma disparasse. Ele puxou-a para dentro da escotilha da «lapa» e bateu com o cotovelo no botão que fazia a rampa subir. Ouviu-se um ricochetejar de balas pelo lago quando Hester disparou à toa contra o sistema hidráulico falhado.

— Mamã! — gritou Wren novamente e viu de relance a mãe a gritar qualquer coisa enquanto a escotilha se fechava. Depois, Fishcake empurrou-a pela porta para a confusão eléctrica e complicada da cabina de controlo. Ela sentiu a «lapa» estremecer quando ele começou a mexer nos comandos com uma das mãos enquanto a outra continuava a apontar a arma à cabeça de Wren. — Por favor — implorou ela. A cabina deu um solavanco. Wren viu luzes a surgirem na colina por trás da praia — Socorro! — gritou. As ondas embatiam nas janelas da cabina e ela vislumbrou a Lua por momentos, trémula e irrereal à medida que a água ia subindo. Depois desapareceu, o som dos motores alterou-se e ela pensou: *Submergimos e agora nunca mais vou voltar para casa!* O estômago deu-lhe uma volta e ela desmaiou.

Hester desceu a praia a correr disparando contra a «lapa» até o casco negro desaparecer na borbulhante espuma branca. Depois,

não havia mais nada a fazer a não ser chamar pelo nome de Wren ininterruptamente com a sua voz rouca e inútil. Aquele era o único som que permanecia no ar enquanto a ondulação e o marulhar da esteira do *Autolycus* se perdiam no silêncio.

Não, silêncio não. Aos poucos, Hester apercebeu-se de outros sons: cães a ladrar e gritos. Lanternas e tochas surgiam na colina. Mr. Smew veio a correr através da giesta com uma antiga espingarda para caçar lobos na mão que tinha o dobro do seu tamanho e a gritar.

— Onde estão eles, esses demónios subaquáticos? Deixem-me que eu lhes digo!

Havia mais pessoas a segui-lo. Hester foi ao encontro delas afastando de si as mãos que lhe tocavam, as perguntas.

— Está bem, Mrs. Natsworthy?

— Ouvimos tiros!

— Eram os Meninos Perdidos?

Os corpos agitavam-se levemente na rebentação, que ia arrasando grandes manchas vermelhas para o lago. Caul ajoelhou-se ao lado de um deles e murmurou num tom de voz baixo e confuso:

— Gargle.

O ar tinha um odor a fumo de armas e de escape.

Tom correu, olhando estupidamente em volta e vendo apenas a mochila da filha, abandonada na praia.

— Onde está a Wren? — perguntou. — Hester, o que é que aconteceu?

Hester voltou-se sem responder. Foi Freya Rasmussen que acabou por se acercar dele e, tomando-lhe as mãos nas suas, disse:

— Oh Tom, eles foram-se embora e acho que a Wren foi também. Acho que levaram a Wren.

Capítulo 8

Raptada

— *Papa, a cara da mamã é esquisita.*

— *Eu sei.*

— *Mas porquê?*

— *Porque um homem muito mau lha cortou quando ela era pequena.*

— *E doeu?*

— *Acho que sim. Acho que doeu muito e durante muito tempo. Mas agora já está bom.*

— *O homem mau vai voltar?*

— *Não, Wren, já morreu. Morreu há muito tempo. Em Anchorage-in-Vineland não há homens maus. E por isso que aqui vivemos. Aqui estamos a salvo. Ninguém nos conhece e ninguém tentará fazer-nos mal e nenhuma metrópole faminta nos virá devorar. Somos só nós, bem seguros, a mamã, o papá e a Wren.*

As vozes da sua infância ecoavam-lhe na cabeça à medida que aos poucos ia recobrando os sentidos. Estava deitada no chão de uma pequena cabina que tinha um lavatório e uma retrete, ambos de metal. A retrete cheirava a desinfetantes. Uma lâmpada azul escura brilhava fracamente numa grade presa ao tecto. As paredes vibravam suavemente. Conseguia ouvir o som forte dos motores do *Autolycus* e ainda um chiar e sussurrar que julgou serem provocados pela pressão da água contra o casco.

Bem, afinal de contas, os homens maus vieram a Anchorage-in-Nineland, pensou ela, e fugiram com o que queriam e eu ajudei-os. A questão que se mantém é: o que vão eles fazer comigo?

O pai tinha sido em tempos levado pelos Meninos Perdidos, mas conseguira sobreviver e regressar a Anchorage para casar com a mãe. O que devia significar uma certa esperança para Wren, certo? Mas pensar no pai fê-la pensar na mãe e lembrar-se do que ela

tinha feito, e sentiu a sua memória encher-se de um horror nauseado. Na sua cabeça, como um eco que não desaparecia, ainda conseguia ouvir o som da bala ao atingir Gargle.

Wren não sabia ao certo quanto tempo tinha passado ali deitada a tremer e a choramingar, demasiado chocada e triste para se mexer. Por fim, o chão duro tornou-se de tal forma desconfortável que se obrigou a pôr-se de pé. *Reage, Wren*, disse para consigo, zangada.

Aquela coisa que lhe salpicara a roupa tinha secado e lembrava restos de guisado. Deixou correr água no lavatório de metal e tentou limpar aquilo, depois lavou o rosto e o cabelo o melhor que pôde.

Passado bastante tempo, ouviu uma chave a entrar na fechadura da porta e esta abriu-se. Fishcake entrou e olhou para ela. Permanecia com a arma na mão. O seu rosto parecia duro e pálido àquela luz azul, como se tivesse sido esculpido em marfim.

— Desculpa — disse ela.

— Cala-te — cortou Fishcake com uma voz igualmente dura.

— Devia matar-te.

— A mim? — perguntou Wren, endireitando-se e tentando espreitar para o convés. — Mas eu não fiz nada! Consegui o *Livro de Estanho* como o Gargle queria...

— E a bruxa da tua mãe matou-o! — gritou Fishcake. Na sua mão, a arma oscilou quando grandes soluços lhe sacudiram o corpo. Wren pensou se ele a ia matar, mas ele não o fez. Sentia medo e raiva dele e ao mesmo tempo, por alguma razão inexplicável, também se sentia responsável por ele.

— Lamento muito — continuou ela. — E pela Rémora também.

Fishcake fungou alto.

— A ‘Mora era namorada do Gargle — afirmou. — Toda a gente diz que ele está apaixonado por ela. Jamais te levaria com ele. Ouvi-o a falar de ti com a ‘Mora e a dizerem como eras estúpida... — Recomeçou a chorar. — O que é que os Meninos Perdidos vão fazer sem o Gargle? — perguntou. — Ele está bem. Está com a ‘Mora no País Sem Sol. E nós? E eu?

Voltou a olhar para Wren. Aquela luz de submundo, os seus olhos pareciam negros. Como dois buracos que dessem para um espaço vazio.

— Devia matar-te nem que fosse para a tua mãe perceber o que custa matarem alguém que amamos. Mas isso tornar-me-ia tão mau como ela, não era?

Deu um passo atrás, fechou a porta com força e girou a chave na fechadura.

— Vou atrás dela — disse Tom.

Todos o ignoraram de forma educada. Todos achavam que ir atrás de Wren era impossível mas eram demasiado educados para o dizerem. Achavam que o choque do que tinha acontecido a Wren o estava a levar a dizer disparates. E ele *tinha* ficado em estado de *choque*. Tinha ficado entorpecido quando lhe haviam contado que ela desaparecera. Tinha percorrido a praia de um lado para o outro a gritar o nome dela às ondas como se os Meninos Perdidos que a haviam levado o pudessem ouvir e compadecer-se, até que sentiu uma dor tão forte no coração que pensou que ia morrer naquele momento ali na praia, sem voltar a ver Wren.

Mas não morrera. Mãos caridosas tinham-no conduzido a um barco e levado de volta para Anchorage, onde agora estava sentado com Hester e Freya e mais uma dúzia de Vinelandianos numa das salas mais pequenas do Palácio de Inverno.

— A culpa é minha — explicava ele. — Ainda esta manhã ela me fez perguntas sobre os Meninos Perdidos. Eu devia ter percebido que se passava qualquer coisa.

— A culpa não é tua, Tom — reconfortou-o Smew, olhando de soslaio para Hester, sentada em silêncio ao lado do marido. — Se uma *certa pessoa* não tivesse corrido à nossa frente e desatado aos *tiros*...

Alguns dos outros Vinelandianos murmuraram em concordância. Tinham sempre respeitado Hester por ela os ter salvo dos Predadores de Arkangel mas nunca tinham gostado dela. Lembravam-se bem da forma como Hester matara Piotr Masgard. Tinha-

o morto quando já não havia necessidade de matar mais ninguém e golpeado várias vezes o seu corpo depois de morto. Não era de admirar que os deuses lançassem a má fortuna sobre uma mulher capaz de fazer tais coisas. Só era pena terem tido de esperar dezasseis anos para que tal acontecesse e que o azar talvez tivesse de recair sobre o seu simpático marido e a sua adorável filha.

Hester sabia o que estavam a pensar.

— Estava apenas a defender-me — argumentou ela. — E a defender-nos a todos nós. Prometi em tempos a Freya que tomaria conta desta pocilga e que os protegeria de qualquer mal e era o que estava a fazer. Se querem pôr as culpas em alguém, culpem-no a ele.

E apontou para Caul, acanhadamente sentado a um canto. Mas parecia que ninguém condenava a atitude de Caul. Os seus antigos amigos tinham vindo pedir-lhe ajuda e ele recusara. Não se podia esperar que os traísse. Eram o seu povo.

— Afinal, o que é que os Meninos Perdidos vieram cá fazer?

— perguntou Mr. Aakiuq.

— E as Meninas Perdidas também — acrescentou Smew, ainda a olhar para Hester. — Uma das crianças que ela matou não passava de uma rapariga.

— Mas o que é que os trouxe a Anchorage depois destes anos todos?

Todos se voltaram para Caul que encolheu os ombros.

— Não sei. Não perguntei. Pensei que quanto menos soubesse, melhor.

— Pelos deuses e deusas! — exclamou Freya e saiu a correr da sala. Quando voltou, trazia o pequeno cofre que contivera o *Livro de Estanho* de Anchorage. — Wren veio fazer-me umas perguntas acerca disto — explicou. — Foi por isto que os Meninos Perdidos vieram.

— Porquê? — indagou Tom. — Não vale nada, pois não?

Freya encolheu os ombros.

— Eu achava que não. Mas agora desapareceu. Eles devem ter pedido à Wren para o roubar e...

— Aquela miúda estúpida... — começou Hester a dizer.

— Cala-te Het — cortou Tom. Estava a pensar quando Wren era criança e de como ele a abraçava com força, quando ela ficava assustada por causa de uma trovoadas ou de um pesadelo, até ficar mais calma. Não conseguia suportar a ideia dela presa a bordo daquela «lapa» só e assustada sem ninguém para a acalmar. — Eu vou atrás dela. — Voltou a insistir.

— Então, eu também vou — concordou Hester, agarrando na mão dele. Tinham-se separado em tempos quando Hester fora feita prisioneira em Rogues' Roost e haviam jurado que nunca mais se separariam. E acrescentou: — Iremos juntos.

— Mas como? — perguntou Freya.

— Eu ajudo.

Caul tinha-se levantado. Deu a volta à sala de costas para a parede e com a luz dos candeeiros espelhada nos olhos.

— A culpa é minha — continuou. — Pensei que, se não os ajudasse, eles nos deixariam em paz. Nunca julguei que pedissem ajuda a Wren. Esqueci-me de como o Gargle é... era inteligente.

— Levou a mão ao pescoço onde se viam as marcas avermelhadas e brilhantes das cordas quando o Tio o tinha tentado enforcar. Prosseguiu: — Lembro-me de ver a Wren nascer. Brinquei com ela quando era pequena. Eu ajudo. O *Screw Worm* leva-vos até Grimsby se for caso disso.

— Aquela tua velha «lapa»? — Havia zanga na voz de Hester, como se pensasse que Caul estava a gozar com eles.

— Julgava que o *Screw Worm* se tinha avariado há vários anos

— acrescentou Tom. — Naquele Verão em que tu e o Mr. Scabious construíram a entrada do cais...

— Eu arranjei-o — respondeu Caul. — Como é que acham que tenho andado a passar o tempo na subdivisão? A olhar para o meu umbigo? Tenho estado a consertar o *Worm*, Está bem, a consertar o

Worm e a olhar para o meu umbigo. Pode não ser perfeito mas está em condições de navegar. Não tem é combustível, claro...

— Acho que é capaz de ainda haver algum nos velhos tanques da doca aérea... — comentou Mr. Aakiuq. — E podemos recarregar os acumuladores na central hidroelétrica.

— Então pode ficar pronta dentro de alguns dias — prometeu Caul. — Talvez numa semana.

— Por essa altura já a Wren estará a milhas de distância!

— exclamou Hester.

— Isso não interessa — ripostou Tom com firmeza. Geralmente a mais firme era Hester e Tom fazia o que ela dizia, mas desta vez ele estava seguro. *Tinha* de trazer Wren de volta. Se Wren estivesse morta, de que serviria continuar a viver? Pegou na mão de Hester, certo de que ela sentia o mesmo — Havemos de a encontrar — prometeu. — No nosso tempo, enfrentámos coisas bem piores que os Meninos Perdidos. Ainda que tenhamos de ir até Grimsby, havemos de a encontrar.

Capítulo 9

A Mensagem

O *Autolycus* seguiu o seu caminho para sudeste ao longo dos complexos sistemas fluviais do Continente Morto. Fishcake conhecia o caminho de regresso ao mar pois tinha ajudado Gargle a fazer o mapa daqueles canais na viagem de Grimsby. Era bastante simples refazer o caminho que tinha trazido o *Autolycus* das Montanhas Sem Vida até Vineland, só que, durante todo o trajecto, Fishcake ia pensando: *A última vez que passámos por este lago, o Gargle estava connosco* ou *A última vez que passámos por este banco de areia na foz do rio a 'Mora disse aquela piada...*

Tinha de fazer alguma coisa. Mas o que podia ele fazer? Podia ter adorado Gar e ainda o adorava, mas Gar tinha morrido e chorar não o ia trazer de volta. O que é que podia fazer? Tinha de fazer *alguma coisa...*

Antes, houvera sempre alguém para lhe dizer o que fazer. Nunca tinha agido por sua livre vontade ou elaborado os seus próprios planos, à excepção daquele momento de pânico em Vineland, ao agarrar naquela arma e a apontar a Wren para evitar que a mãe dela o matasse, mas mesmo aquilo não tinha terminado como ele queria, pois Wren tinha acabado por ficar prisioneira e agora não sabia o que fazer com ela.

Na terceira noite após a luta em Vineland, desligou os motores da «lapa» e trepou para a cobertura. As Montanhas Sem Vida da América erguiam-se hirtas contra o céu cintilante. Certo de que a Senhora Morte e todos os deuses da guerra e da vingança tomavam conta daquela terra, Fishcake ergueu a voz para que todos o pudessem ouvir.

— Vingar-te-ei, Gargle! Vingar-te-ei, 'Mora! Um dia encontrarei de novo Hester Natsworthy e prometo que a matarei.

No dia seguinte, a «lapa» atingiu a costa, passou sobre uma faixa de salinas sombrias e deslizou agradecida para o mar cinzento. A salvo nas águas profundas, Fishcake marcou a rota para regressar a casa e depois foi até à popa ver a sua prisioneira. Wren estava enrolada no chão da casa de banho. Ao observar o seu rosto frágil enquanto dormia, Fishcake desejou não a ter capturado pois era muito bonita e nada daquilo tinha sido por culpa dela. Mas agora era tarde de mais para a soltar.

Tocou-lhe com o pé.

— Já estamos no mar — anunciou quando ela acordou. — Já não precisas de ficar aqui fechada. Temos cerca de cinquenta braças acima de nós de água fria, por isso nem sequer penses em tentar fugir.

— No mar? — Wren sabia que o mar alto ficava muito longe de Anchorage-in-Vineland. Mordeu o lábio para conseguir dominar a vontade de chorar.

— Vou levar-te para Grimsby — continuou Fishcake. — O Tio ou um dos rapazes mais velhos saberá o que fazer contigo. Se quiseres podes limpar-te e vestir algumas das roupas antigas da Rémora que estão no cacifo dela.

— Obrigada — sussurrou Wren.

— Não estou a fazer isto por ti — replicou Fishcake rispidamente, para lhe mostrar que não era brando. — E o cheiro, percebes? Não vou aguentar o teu pivete até Grimsby.

Wren foi até à popa. Durante aqueles quatro dias, não tinha visto nada para além do interior daquela pequena casa de banho e, agora, até o estreito corredor do *Autolycus* parecia mais espaçoso. O cacifo de Rémora estava decorado com recortes de revistas de penteados e roupas. Havia fotografias de Rémora e Gargle abraçados e a rir. Havia também um saco com produtos de maquilhagem, um urso de peluche e um livro de interpretação de sonhos. Wren encontrou algumas roupas e vestiu-as, depois foi ver o seu reflexo no espelho que estava sobre o lavatório, mas que não era um espelho a sério, apenas uma chapa de metal polido aparafusada à parede. Wren parecia já mais velha e mais magra, enfiada nas

roupas escuras e direitas de Réмора. Wren, a Menina Perdida. Depois de encafuar as suas roupas sebatas dentro de um dos sacos que a tripulação da «lapa» usava para guardar os saques e de o atar, já nada restava que a ligasse a Vineland a não ser as botas.

Sentou-se no porão a ouvir Fishcake andar ruidosamente de um lado para o outro na ponte. O seu estômago queixava-se, mas o Menino Perdido não lhe oferecera comida e ela tinha receio de lhe pedir. Era um pouco embaraçoso ser mantida prisioneira por alguém tão mais novo que ela, mas os sentimentos de Fishcake estavam de tal forma à flor da pele que Wren ainda receava que ele a matasse, caso o incomodasse. Mais valia ficar quieta. Bebeu água da torneira do lavatório, que sabia mal, e pensou em fugir. Planos arrojados invadiam a sua mente mas acabavam por se desfazer como bolhas de sabão após alguns segundos. Mesmo que de alguma forma conseguisse dominar o seu captor, não seria capaz de conduzir a «lapa» de volta a *Vineland*. Estava ali presa e a culpa era toda dela. Tinha sido incrível e perigosamente estúpida. Apercebia-se agora disso e sentiu-se envergonhada, pois sempre se tinha considerado inteligente. Não era a Miss Freya que dizia que Wren tinha mais massa cinzenta que qualquer um dos outros jovens de Vineland?

— Bem, Wren — disse a si própria, envolvendo o tronco com os braços para se animar —, se queres continuar viva e tentar voltar para os teus pais, vais ter de começar a usar essa massa cinzenta.

O *Autolycus* estava a cem milhas da costa, quando o sinal surgiu. A princípio, Fishcake pensou que fosse uma mensagem de outra «lapa», embora não tivesse conhecimento de mais nenhuma a actuar daquele lado do oceano. Depois reparou em algo estranho. O sinal estava a ser transmitido em simultâneo na frequência usada para contactar as outras «lapas» e no comprimento de onda usado pela «lapas» para receberem imagens das *camaracnídeas*.

Carregou nalguns interruptores e o banco de ecrãs circulares que se encontrava por cima dele foi-se inundando de luz.

Aninhada no chão do porão, Wren começou a ouvir vozes. Arrastou-se até à porta da cabina de controlo e espreitou. Fishcake olhava os ecrãs. Todos os seis mostravam a mesma estranha imagem. Uma metrópole vista de cima a navegar num mar calmo. Era difícil distinguir o tamanho da metrópole através daquela imagem granulada e com fantasma, mas parecia agradável, com várias cúpulas e edifícios brancos ornamentados e muitos galhardetes compridos a ondular ao vento.

— O que é aquilo? — perguntou Wren.

Fishcake voltou-se, mas se ficara surpreso por a ver ali, não o demonstrou. E olhou novamente para os ecrãs.

— Não sei — respondeu. — Nunca vi nada parecido. E está sempre a repetir-se. Repara.

A imagem mudou. Um homem e uma mulher com um ar afável estavam sentados lado a lado num sofá. Pareciam olhar directamente para Wren e Fishcake e, apesar de serem estranhos e estarem vestidos com mantos e turbantes de cidadãos abastados, algo nos seus sorrisos tristes e suaves fez com que Wren se lembrasse dos seus pais e de como eles deviam estar a sentir a sua falta.

— Saudações, crianças das profundezas! — dizia o homem. — Estamos a falar-vos em nome da OMPFRMJ, Organização Mundial de Pais de Filhos Raptados das Metrópoles Jangadas. Há cinquenta anos que rapazes, e mais recentemente, raparigas, têm desaparecido das metrópoles que atravessam o Atlântico e os Desertos Gelados. Só recentemente, e graças ao explorador Nimrod Pennyroyal, é que soubemos da existência de piratas parasitas que roubam e infestam secretamente essas metrópoles e raptam crianças a fim de as treinar para serem ladrões como eles.

— O Pennyroyal outra vez! — exclamou Wren zangada.

— Cala-te — cortou Fishcake. — Escuta!

Agora quem falava era a mulher que continuava a sorrir mas também chorava enquanto se inclinava para os telespectadores.

— Mas agora, o simpático povo da estância gelada de Brighton trouxe-nos para norte, para os vossos lares aquáticos. Se sintoniza-

rem o vosso equipamento de rádio para 680 quilociclos, apanharão o sinal do radiofarol de Brighton. Sabemos que provavelmente não se lembram dos vossos papás e mããs de quem foram roubados quando ainda eram pequenos e que sentem muito a vossa falta. Mas se quiserem, venham nos vossos submarinos ter connosco a Brighton pois temos a certeza de que muitos reconhecerão as suas famílias e vice-versa. Não queremos fazer-vos mal, nem arrancar-vos dos vossos novos amigos, nem da vida excitante que levam sob as ondas. Só queremos voltar a ver os nossos adorados e perdidos filhos...

Por esta altura, a voz da mulher tornou-se mais aguda e trémula e ela escondeu o rosto no lenço, enquanto o marido lhe acariciava o braço e retomava a palavra.

— A OMPFRMGJ tem muitos membros — explicou ele e a imagem voltou a mudar mostrando uma multidão de pessoas reunidas numa das plataformas de observação da metrópole. — Todos nos perdemos um filho e ansiamos por voltar a vê-lo e descobrir o que lhe aconteceu. Ou a vê-la. Crianças das profundezas, se ouvirem esta mensagem, imploramos-vos, venham ter connosco!

A imagem manteve-se durante mais uns segundos enquanto se ouvia uma música triste e os membros da OMPFRMJ sorriam e acenavam para a câmara, com a brisa do mar a bater nos casacos, mantos e chapéus. Depois foi substituída por um letreiro que dizia *OMPFRMJ — Expedição de Verão (em Associação com o Presidente da Câmara e o Concelho de Brighton)*. A música foi-se desvanecendo, seguiu-se um momento de negro total e depois lá recomeçou a transmissão: «Saudações, crianças das profundezas...»

— Viste? — perguntou Fishcake, voltando-se para Wren. Até se tinha esquecido de que ela era sua refém, tal não era a vontade de partilhar aquela surpreendente mensagem com alguém. Os seus olhos brilhavam. Todo o seu rosto estava radiante e Wren apercebeu-se pela primeira vez de como ele era novo. Não passava de um miúdo pequeno longe de casa e que ansiava por amor e carinho.

— O que é que achas que eu devo fazer? — perguntou ele. — Já verifiquei o radiofarol de Brighton. Eles estão perto. A cerca de

cinquenta ou sessenta milhas a sudoeste de nós. Nunca soube de uma metrópole que se aproximasse tanto do Continente Morto...

Wren sentia a ansiedade a crescer na apertada cabina, à medida que Fishcake imaginava a metrópole cheia de pais e mães a fluírem a cerca de cinquenta milhas de distância. E se ela conseguisse persuadi-lo a ir para Brighton? Tinha a certeza de que ficaria bem melhor lá do que nas profundezas de Grimsby. Assim como Fishcake, provavelmente, e ela não precisava de se sentir culpada de nada.

Wren entrou na cabina e sentou-se na cadeira giratória ao lado da dele.

— Talvez tenham vindo até cá por andarem à procura de Meninos Perdidos — alvitrou ela. — Podem ter andado a deambular pelo Norte durante semanas, a transmitir esta mensagem ininterruptamente. Gargle contou-me que as «lapas» andavam a desaparecer. Ele achava que algo de mau lhes tinha acontecido mas e se eles ouvirem esta mensagem e resolveram ir à procura das famílias...?

— Então, porque é que não contactaram Grimsby? — perguntou Fishcake.

— Talvez estejam demasiado divertidos — sugeriu Wren.

— Talvez tivessem medo que Gargle os punisse por terem ido a Brighton sem ordem dele.

Fishcake voltou a olhar para os ecrãs.

— Aquelas pessoas pareciam tão ricas. Os Meninos Perdidos só raptam os miúdos que sabem que ninguém irá dar pela sua falta. Órfãos e miúdos de rua dos conveses inferiores que ninguém quer...

— Isso é o que o Gargle e o Tio te contaram — atalhou Wren.

— E se não for verdade? Se às vezes também roubarem as crianças das famílias mais abastadas? De qualquer forma, mesmo a falta de um órfão podia ser sentida por alguém. Provavelmente, até os pais de um miúdo da rua o iam querer encontrar se ele tivesse sido raptado...

Duas grandes lágrimas escorreram pelo rosto de Fishcake parecendo pérolas à luz dos ecrãs.

— Vou mandar um *mensageiro* para Grimsby e perguntar ao Tio o que fazer — decidiu ele.

— Mas, Fishcake — contrapôs Wren —, ele pode dizer-te para não ires!

— O Tio É Quem Sabe — respondeu Fishcake, mas não parecia lá muito seguro de si.

— Seja como for, quando receberes a resposta, já Brighton poderá ter desaparecido. O Outono está a chegar. Há tempestades e mar agitado. Miss Freya sempre nos ensinou que, na altura do Outono, as metrópoles jangadas se dirigiam para águas mais abrigadas. Por isso, esta poderá ser a tua única oportunidade...

— Mas é uma das regras. É o que nos ensinam no Furtário. Nunca te mostres. Nunca dêes uma oportunidade aos «Gamados» de descobrir mais sobre os Meninos Perdidos, era o que Gargle dizia...

— Mas estes «Gamados» parecem já saber tudo a vosso respeito

— lembrou-lhe Wren.

Fishcake abanou a cabeça e limpou as lágrimas com a palma da mão. O seu treino no Furtário estava a entrar em guerra com a crescente esperança de que os pais pudessem estar no meio daquela multidão de rostos sorridentes que aparecia nos ecrãs. Não se lembrava deles, mas tinha a certeza de que, se os visse em carne e osso, os reconheceria de imediato.

— Está bem — concordou. — Vamos aproximar-nos. Vamos dar uma boa vista de olhos a esta tal Brighton e colocar umas *camaracnídeas* a bordo se conseguirmos. E verificar se essas pessoas que pertencem à OMPFRMJ serão de fiar... — Em seguida olhou para Wren e sentiu pena dela. Afinal, não podia ter qualquer esperança de encontrar os pais *dela* a bordo da metrópole que os aguardava.

— Deves estar cheia de fome — disse de súbito.

— Bastante — admitiu ela.

Fishcake sorriu timidamente.

— Eu também. Era a 'Mora que cozinhava. Sabes cozinhar?

Capítulo 10

A Armadilha Dos Pais

Geralmente, por aquela altura do ano, a estância jangada de Brighton deveria estar a navegar pelo Middle Sea, ancorando de vez em quando para que visitantes, vindos das metrópoles móveis que percorriam as margens em busca de presa, pudessem ali chegar de dirigível ou de barco a motor para explorar as suas arcadas de divertimento e o aquário, as suas praias e lojas. Mas o negócio tinha andado fraco nestas últimas estações e o Concelho tinha decidido aventurar-se pelo Atlântico Norte em busca de piratas parasitas.

Porém, começavam já a arrepender-se. Criara-se uma grande agitação quando as três primeiras «lapas» tinham estabelecido contacto a leste dos Açores. Multidões de visitantes tinham vindo aos magotes, em dirigíveis, de outras metrópoles do Terreno de Caça para ver as novas e estranhas chegadas. Mas isso acontecera semanas atrás. Desde então, nunca mais tinha havido qualquer sinal de Meninos Perdidos e as compridas faixas que se estendiam pela proa da metrópole anunciando *OMPFRMJ — Expedição de Verão e Brighton Dá as Boas-vindas aos Piratas Parasitas* estavam a começar a ficar esfarrapadas e com um ar infeliz.

Fishcake fez subir o *Autolycus* até à profundidade de periscópio, a cerca de uma milha de Brighton. Tinha passado uma noite desde que ele apanhara pela primeira vez a transmissão da OMPFRMJ. O céu daquela manhã estava da cor do interior de uma concha de caurim e grandes ondas cinzentas erguiam-se e baixavam. Quando Wren espreitou pelo periscópio, não conseguiu ver Brighton mas apenas as ondas que, de vez em quando, a deixavam vislumbrar uma grande ilha para barlavento, circundada por falésias de um branco sujo e com nuvens a cingirem-lhe o cume.

E então, apercebeu-se de que não era uma ilha e que aquilo que ela tinha tomado por falésias eram filas de edifícios brancos e as nuvens não passavam de vapor e fumo de escape que se erguiam

de uma densa mata de chaminés. Era uma metrópole, uma metrópole jangada de três plataformas, com dois distritos de suporte fora de borda e ligados ao casco central por torres araneiformes e um conjunto de enormes rodas de pás que, à popa, batiam o mar transformando-o em espuma.

— Oh! — exclamou Wren, assombrada.

Já vira fotografias de metrópoles em livros mas nunca tinha imaginado que fossem tão grandes. Bem maiores que Anchorage-in-Vineland. Os dirigíveis moviam-se de um lado para o outro sobre um horizonte denteado de espirais, cúpulas e telhados e uma placa de convés circular, mantida por enormes balões, estava suspensa a algumas dezenas de metros do chão sobre a terceira plataforma, presa a esta com fortes cabos. Wren conseguia ver árvores verdes na ponta da placa do convés e um edifício com estranhas cúpulas em forma de cebola.

— O que é *aquilo*? — arfou ela.

— Chama-se *Cloud 9* — respondeu Fishcake, que tinha conseguido tirar uma fotografia da metrópole através de uma *camaracnídea* que enviara para se empoleirar no periscópio. Fora buscar uma velha cópia esfarrapada do *Almanaque de Cade sobre as Metrópoles de Tracção (Edição Marítima)* que existia no *Autolycus* e comparava o diagrama de Brighton de Ms. Cade com a imagem no ecrã. — É uma espécie de parque aéreo. O edifício grande do meio é onde o Presidente da Câmara de Brighton vive.

— Uau! — suspirou Wren. — Quer dizer... uau!

— Não tem mandíbulas — continuou Fishcake verificando nos ecrãs para ter a certeza de que Brighton não tinha feito nenhum acrescento desagradável desde o lançamento do *Almanaque de Cade*. Havia alguns canhões de defesa antiaérea montados nas plataformas giratórias que ficavam nas cobertas, mas mais nenhuma arma de que qualquer metrópole não dispusesse naqueles dias conturbados. — Não passa de uma estância de prazer.

Baixou o periscópio. Quando desligou o sinal da *camaracnídea*, os ecrãs voltaram a encher-se com a transmissão de Brighton que agora surgia mais clara e mais forte já que a «lapa» estava tão

perto. «Nós só queremos voltar a ver os nossos adorados filhos» repetia a mulher da OMPFRMJ. Fishcake sentiu uma sensação estúpida e de felicidade a crescer dentro de si. E se aquela fosse a sua mamã? *Os pais são como uma corrente que prende, como uma dor, uma tensão e impedem os meninos de ser meninos.* Era o que ele tinha aprendido a entoar no Furtário. E agora, que estava na eminência de encontrar os pais, percebeu que nunca tinha acreditado naquilo. Sentira a falta dos pais desde sempre e só se apercebeu disso ao ouvir a mensagem da OMPFRMJ.

Conduziu o *Autolycus* para uma maior profundidade e para mais perto, mesmo por debaixo das sombras sob o casco de Brighton. Cabos de reboque e um enorme e complicado sistema de direcção surgiram no meio da escuridão. Uma floresta de algas verdes rodopiava pelo cone de luz que saía do farol colocado na ponta da «lapa». Perto da metrópole, oscilava uma esfera metálica presa por cabos. Fishcake calculou que fosse a máquina que a OMPFRMJ usava para transmitir a sua mensagem pelo mar.

Um som metálico invadiu a cabina. Wren pensou que alguma coisa tivesse caído no porão, mas o som era insistente e ritmado como se alguém estivesse a bater cuidadosamente com um martelo do lado de fora no casco.

— Pelos deuses! — exclamou Fishcake subitamente.

— Que foi? — perguntou Wren. — Que barulho é este?

Fishcake mexia desesperadamente nos comandos da «lapa», tentando levá-la para águas mais profundas, fora dos limites da metrópole.

— O Gargle contou-nos uma vez que tinha chocado contra algo deste género, por baixo de uma grande jangada predadora. É um tipo de dispositivo de escuta da Antiga Tecnologia... Agora, os papás e as mamãs já sabem que aqui estamos! — Não sabia se devia sentir-se assustado ou feliz.

Com um ressoar arrastado, a «lapa» guinou desastradamente para um dos lados, atirando Wren ao chão. A princípio ela pensou que tinha sido por culpa de Fishcake e de qualquer coisa que ele tivesse feito.

— Podias ter-me avisado — queixou-se, enquanto esfregava o cotovelo com que tinha batido numa antepara. Depois reparou que o rapaz estava com um ar tão assustado como ela.

— O que é que se passa? — sussurrou.

— Não sei, não sei!

A sensação seguinte não enganava. O *Autolycus* estava a ser puxado rapidamente para cima. A água formou uma espuma branca quando o *Autolycus* surgiu à superfície e a luz do sol invadiu a cabina ofuscando-os com o seu brilho, após tantos dias encafuados na escuridão. Quando Wren recuperou a visão, a «lapa» estava pendurada bem acima das ondas e balançava sobre um largo convés de metal que saía das proas de Brighton. Havia gente a correr pelo convés. Só que não eram as mães e os papás sorridentes e bem vestidos que ela vira nos ecrãs, mas sim homens com um ar rude e violento, envergando fatos de macaco revestidos de borraça. Wren sentiu um súbito medo ao vê-los. Depois, olhou para trás deles e acalmou-se porque sobranceiro ao convés havia um passeio público com um ar agradável e as pessoas que se alinhavam junto aos parapeitos pareciam-se mais com os Pais dos Filhos Raptados das Metrópoles Jangadas. Radiantes, felizes, apontavam excitadas para a «lapa» enquanto esta era depositada no convés.

Fishcake ia já a meio da escada que conduzia à escotilha no tecto. Quando a abriu, o som de aplausos invadiu a «lapa» e uma voz forte e amplificada começou a gritar qualquer coisa, em palavras confusas e ecoantes.

Wren seguiu-o pela escada acima. Já no casco, Fishcake estava agachado junto ao suporte do periscópio, olhando nervoso à sua volta, confuso com a luz do sol e os gritos trovejantes. O arpéu magnético que tinha arrastado a «lapa» do mar fora solto e permanecia suspenso no ar, preso à lança de um guindaste. As pessoas que estavam no convés gritavam, aplaudiam e acenavam com os braços no ar. Wren tocou no ombro de Fishcake para o acalmar. Os homens vestidos com os fatos revestidos de borracha tinham formado um largo anel à volta da «lapa» e aproximavam-se cautelosamente. Wren calculou que fossem estivadores ou pescadores contratados para puxarem as «lapas» para bordo.

Sorriu-lhes, mas eles não retribuíram o sorriso. Esforçando os ouvidos, começou a tomar atenção ao que a voz ecoante dizia:

—... e para aqueles de vós que só agora se juntaram a nós — bramia a voz através dos guinchos de interferências —, Brighton capturou o quarto submarino pirata! Eis a tripulação a subir para o casco... um par de assassinos jovens com o ar tão desesperado quanto esperavam ver! Mas não se preocupem, senhoras e senhores, em breve o mundo se verá livre destes parasitas para sempre!

— É uma armadilha! — exclamou Wren. Fishcake, que não tinha ainda compreendido o que a voz dizia, voltou para ela um rosto assustado e pálido. — Não é verdade! — exclamou ela, levantando-se e gritando. — Fishcake! E uma...

E apareceram dois homens vindos de um dos lados da «lapa», desemaranhando algo entre eles que logo se verificou ser uma rede. Atiraram-na sobre Fishcake, que pontapeou, lutou e gritou, tentando agarrar a mão de Wren.

— Quer dizer que eles não são os nossos papás e mamãs? — perguntou-lhe ele com a voz estridente e prestes a rebentar em choro. — Tu mentiste! Mentiste-me!

Depois, umas mãos fortes agarraram-no por trás e afastaram-no de Wren, e outras mãos agarraram nela, umas mãos possantes enfiadas em luvas de borracha que tresandavam a peixe e a óleo. Uma rede caiu sobre ela e, embora se contorcesse e atacasse furiosamente com os punhos e os pés, não conseguiu evitar que o seu captor a pusesse ao ombro, a levasse para baixo por um dos lados da «lapa» e a lançasse violentamente para o convés. Ouviu os soluços de Fishcake tornarem-se subitamente num grito lancinante e pouco depois compreendeu porquê. Um homem agarrou no braço dela e queimou-lhe as costas da mão com um ferro em brasa, marcando-a com uma espécie de logótipo:

Shkin

— Mamã! Mamã! — uivava Fishcake enquanto o arrastavam dali para fora, ainda sem querer acreditar que a OMPFRMJ e todos aqueles pais sorridentes não passavam de isco.

— Deixem-no em paz! — gritou Wren, gemendo com a dor da sua mão marcada a fogo. — Ele só tem dez anos! Como é que podem ser tão brutos? Ele pensava que eram os pais dele!

— É essa a ideia, miúdo — respondeu um homem enorme e corpulento com uma capa impermeável à chuva, inclinando-se sobre ela, arrotando e deixando sair um bafo quente que tresandava a *whisky* enquanto olhava para o rosto dela. — 'Pera aí! — ouviu-o Wren dizer. — Repare, Miss Weems... esta é uma rapariga.

Uma bonita mulher vestida de preto e com um ar frágil afastou-o. Tal como Wren, também tinha uma marca na mão, mas a dela era antiga e transformara-se numa cicatriz saliente, não muito mais escura que a pele em volta.

— Interessante — comentou, olhando para Wren. — Já tinha ouvido falar em raparigas parasitas, mas esta é a primeira que vemos.

— Eu não sou uma Menina Perdida! — gritou Wren através da malha apertada e húmida da rede. — Era prisioneira a bordo do *Autolycus*. Fishcake levou-me da minha casa...

A mulher olhou-a com ar de desprezo.

— Não me interessa quem és, miúda. Nós somos traficantes de escravos e tu, para nós, não passas de mercadoria.

— Mas eu sou... não pode fazer de mim uma escrava!

— *Au contraire*, miúda. O nosso contrato com o Presidente da Câmara Pennyroyal é perfeitamente claro. Qualquer um que arranquemos de uma destas máquinas parasitas torna-se propriedade da Empresa Shkin.

— Presidente da Câmara Pennyroyal? — bradou Wren — Não quer dizer... Não o *Nimrod* Pennyroyal?

A mulher fez um ar surpreendido por uma Menina Perdida reconhecer aquele nome.

— Sim. Há doze anos ou mais que Nimrod Pennyroyal é o Presidente da Câmara de Brighton.

— Mas não pode ser! Quem haveria de querer Pennyroyal para Presidente da Câmara? Ele é uma fraude! Um traidor! Um ladrão de dirigíveis!

Miss Weems fez umas anotações no seu caderno.

— Levem-na para a prisão dos escravos — ordenou a um dos homens. — Informem Mr. Shkin da captura. Acho que é um bom sinal. Talvez estejamos a chegar perto do ninho pirata.

Capítulo 11

Quatro Contra Grimsby

Na manhã da partida, quando o *Screw Worm* ficou finalmente pronto e Hester e Tom aguardavam Caul para fazer os últimos testes aos motores, Freya Rasmussen desceu até à praia do ancoradouro e anunciou que também ia. E nada do que Tom ou Hester pudessem dizer a fez mudar de opinião.

— Vai ser perigoso.

— Bem, vocês os dois vão.

— És necessária aqui.

— Oh, Anchorage-in-Vineland funciona perfeitamente sem mim. Além disso, disse a Mrs. Aakiuq que, enquanto eu estivesse fora, ela poderia ficar com o lugar de Margravine Substituta e não a vão querer desiludir, pois não? Ela até fez um chapéu especial e tudo... — Esfusiante, Freya trepou a escada de embarque e atirou a volumosa mala de viagem pela escotilha.

— Não percebes, *Rainha das Neves*? — continuou Hester. — Nós não vamos a Grimsby fazer uma visita de cortesia e se eu tiver de matar todos os Meninos Perdidos que se metam no meu caminho...

— Só vais piorar as coisas — atalhou Freya mordazmente. — Já houve demasiadas mortes. É por isso que precisam de mim. Eu posso conversar com o Tio e trazê-lo à razão.

Hester soltou um uivo exasperado e olhou para Caul, segura de que ele não havia de querer que Freya os acompanhasse naquela viagem, mas Caul não disse nada e ficou a olhar para a água cintilante.

Ficou, pois, decidido e a viagem começou como um piquenique com Tom e Freya a acenarem pela escotilha aberta do *Screw Worm*, enquanto a «lapa» afocinhava no lago, e todos os habitantes de

Anchorage-in-Vineland alinhados na praia para se despedirem deles.

Enquanto a metrópole desaparecia de vista por trás da pequena península e o *Screw Worm* encolhia as suas pernas e se preparava para submergir, Freya desceu até à cabina onde Caul se debruçava sobre os comandos ferrugentos, mas Tom permaneceu no casco até ao último instante, observando as linhas da costa que iam passando e o reflexo das colinas verdejantes na água ondulada. Os pássaros cantavam nos canaviais e as suas canções ecoavam como alarmes de automóveis e sons de telemóveis que os seus ancestrais deviam em tempos ter escutado. Os sons fósseis de um mundo desaparecido. Tudo aquilo fez com que Tom se lembrasse das antigas colónias que tinha começado a escavar nas Montanhas Sem Vida e das relíquias de vidas esquecidas que ali tinha desenterrado. Acaso algum dia voltaria com Wren para terminar aquele trabalho?

— Havemos de voltar — prometeu Tom enquanto entrava na «lapa» para se juntar a Hester. Mas Hester nada disse. Ela achava que não ia voltar a ver Anchorage-in-Vineland.

Na estreita cabina de controlo do *Screw Worm*, Caul não tinha qualquer hipótese de evitar falar com Freya Rasmussen. Pensou se essa seria uma parte da razão por que ela tinha decidido vir. À medida que as águas iam cobrindo as janelas da parte da frente, ela sentou-se ao lado dele e espalhou o antigo mapa de Snøri Ulvaeusson sobre a consola do piloto e perguntou:

— E então, lembras-te do caminho de regresso a Grimsby? Ele acenou com a cabeça.

— Estava certa que sim — continuou ela. — Só me surpreende que não tenhas feito esta viagem antes.

— Para Grimsby? — Caul voltou-se para a olhar, mas a forma amigável e cuidadosa como ela o observava deixou-o pouco à vontade e preferiu voltar-se novamente para os comandos. — Porque é que eu haveria de querer voltar para Grimsby? Ter-te-ás esquecido do que aconteceu da última vez que lá estive? Se o Gargle não me tivesse tirado da força...

— Mas continuas a querer voltar — interrompeu Freya gentilmente. — Por que outro motivo terias arranjado o *Worm*?

Caul estreitou os olhos para a negrura sedimentosa em frente da «lapa», fingindo estar a evitar quaisquer rochas afundadas.

— Pensei nisso — admitiu Caul. — O problema é esse. Não conseguia parar de pensar nisso. Mesmo nas primeiras semanas em Vineland quando havia tanto para fazer e todos eram tão gentis e acolhedores e tu...

Olhou-a de soslaio e voltou a desviar o olhar. Ela continuava a observá-lo. Porque seria sempre tão gentil para com ele? Há dezasseis anos, tinha-lhe oferecido o seu amor, mas ele recusara por razões que nem ele próprio tinha percebido. Não lhe teria levado a mal se ela o tivesse mandado embora, de volta ao mar.

— Foi por isso que fui viver para a parte inferior do convés

— admitiu Caul. — Porque é a parte de Anchorage que mais se parece com Grimsby. E todas as noites, quando estou a sonhar, ouço a voz do Tio a dizer «Volta para Grimsby, Caul». — Olhou nervosamente para Freya. Nunca contara aquilo a ninguém e receava que ela o achasse louco. Ele próprio às vezes pensava assim.

— O Tio sussurra-me da mesma forma que costumava sussurrar-me pelos altifalantes no tecto do Furtário, quando eu era pequeno. Até as ondas da praia falam no seu tom de voz. «Grimsby é a tua casa, Caul, meu rapaz. O teu lugar não é com os “Gamados”. Volta para Grimsby».

Freya estendeu a mão para lhe tocar, mas depois pensou melhor e disse:

— Mas quando o Gargle apareceu e te pediu ajuda, tu recusaste. Podias ter-lhe dado o *Livro de Estanho* e voltado com ele para casa no *Autolycus*.

— Era o que eu queria — concordou Caul. — Nem imaginas como eu queria.

— Mas não o fizeste. Preferiste Anchorage a Grimsby.

— Só porque tinha medo — confessou Caul. — Só porque tinha medo que quando lá chegasse já não me conseguisse adaptar aos Meninos Perdidos como também não me adaptei aqui com os «Gamados». Talvez já lá não pertença. Talvez já não pertença a nada.

Nesse momento Freya tocou-lhe. Colocou-lhe a mão no ombro e sentiu-o esquivar-se, rápido e envergonhado como um animal assustado. Às vezes, Freya achava que Caul permanecia um mistério para ela tanto agora como há uns anos atrás, quando chegara junto dela vindo do mar. Ele teria sido muito mais feliz se a tivesse deixado amá-lo. Assim como ela. Não tinha propriamente destruído a vida dela, pois muitas coisas boas lhe tinham acontecido, mas às vezes Freya sentia-se triste por não ter marido nem filhos. Parecia-lhe que havia algumas pessoas, como Caul e Hester Natsworthy, que não estavam talhados para serem felizes.

Ou seria mais do que isso? Pensou nas ondas a rebentar na praia e a sussurrar Caul com a voz do seu mestre e sentiu-se assustada e pouco à vontade. Se o Tio conseguia falar com Caul em Vineland como seriam as coisas para ele quando chegassem a Grimsby? E se tudo corresse mal e surgisse um impasse, de que lado ficaria Caul, do seu ou do lado do Tio?

Capítulo 12

Negócios Em Águas Profundas

— Exacto, Excelência! Mantenha a pose! Sorria!

Um tabuleiro de magnésio explodiu com um suave barulho e uma bola de fumo subiu em direcção ao ensolarado ar da *Cloud 9* como um balão de festa. Nimrod Pennyroyal, explorador, autor e Presidente da Câmara estava novamente a tirar uma fotografia para o vespertino *Palimpsesto* de Brighton, posando desta vez com Digby Slingback e Sardona Flysch, o actor e a actriz que interpretavam os sofridos porta-vozes da OMPFRMJ nas mensagem que Brighton transmitia para dentro do Atlântico.

— Então, Vossa Excelência — perguntava o repórter do *Palimpsesto* enquanto o fotógrafo colocava uma nova chapa na sua câmara —, pode lembrar aos nossos leitores o que lhe deu a ideia para esta expedição contra os piratas parasitas?

— Considerei que era o meu dever — respondeu Pennyroyal esfusiente e ajustando a sua condecoração que cintilava alegremente ao sol. — Afinal de contas, fui eu quem alertou o mundo em primeira mão para a existência destes patifes marítimos. Pode ler os meus encontros com eles no meu *best-seller* interpolitano *O Ouro do Predador* (que custa apenas vinte e cinco Golfinhos Brightonianos em qualquer boa livraria). Ultimamente recebemos mais informações sobre os seus ataques e roubos e começámos a deduzir como é que a organização opera. Achei que era meu dever conduzir a nossa metrópole para Norte e capturar tantos quanto possível.

— É claro, Excelência, que alguns dos seus críticos sugeriram tratar-se apenas de mais uma manobra de *marketing* concebida para atrair mais visitantes a Brighton e vender mais exemplares dos seus livros...

Pennyroyal tossicou.

— Os meus livros vendem muito bem sem manobras de *marketing*. E se as notícias da nossa demanda para nos vermos livres destes parasitas atrai mais turistas a Brighton, qual é o mal? Brighton é uma metrópole turística e compete ao Presidente da Câmara ajudar a impulsioná-la. E deixe-me recordar-lhe que a nossa pequena expedição não custa um só cêntimo aos contribuintes de Brighton. Graças ao acordo de parceria que estabeleci, todo o equipamento subaquático sensorial e as armadilhas para «lapas» são patrocinados por um dos nossos mais importantes homens de negócio, Mr. Nabisco Shkin. Toda esta organização falsa dos pais dos piratas foi ideia de Shkin. Eu sei que muitas pessoas a consideram cruel, mas temos de admitir que está a resultar. Shkin compreende a psicologia destes enfeitados sem família muito bem, percebe. Ele também foi órfão, sabia? Um garoto de rua dos conveses inferiores que se ergueu por si mesmo e que por isso sabe muito bem como lidar com eles.

— E Vossa Excelência acha que iremos brevemente apanhar mais piratas?

— Espere e verá! — retorquiu Pennyroyal com uma risadinha abafada, apresentando o seu melhor perfil à câmara enquanto o fotógrafo preparava nova fotografia. — Os rapazes que apanhámos nas primeiras três «lapas» eram cabeças duras que se recusaram a divulgar a localização da sua base. Esta última pescaria inclui um rapaz mais novo e uma rapariga. Mais fáceis de quebrar. Acredito que os próximos dias nos trarão grandes resultados!

De facto, o que os dias seguintes trouxeram foi uma alteração do clima. Uma tempestade varreu o Continente Morto transformando o oceano em vagas brancas e gigantescas, e obrigando Brighton a subir e descer tão violentamente que até os residentes se sentiam maldispostos. Muitos dos visitantes que tinham vindo de propósito do Terreno de Caça para assistirem ao espectáculo dos homens de Pennyroyal a pescar piratas, agarraram nos seus dirigíveis e veleiros aéreos e voltaram rapidamente para casa. Os Brightonianos (aqueles que não se sentiam demasiado enjoados para passear) olhavam para cima através da violenta chuva, para o baixo-ventre

da *Cloud 9* suspensa no céu chuvoso e tentavam entender porque teriam concordado em deixar que Pennyroyal os trouxesse para aquele oceano selvagem e hostil.

Abaixo dos conveses basculantes, nas plataformas inferiores de Brighton, Wren, deitada no chão da sua pequena cela nos calabouços da Empresa Shkin, só desejava morrer. Sobre a sua cabeça, um candeeiro de árgon balançava de um lado para o outro, espalhando luz pelas paredes de metal e pelas filas de celas que aguardavam por mais Meninos Perdidos atraídos para bordo. Fishcake estava numa delas. As outras eram ocupadas pelas tripulações das «lapas» capturadas anteriormente. A queimadura que Wren tinha na mão ardia terrivelmente. Calculou que iria ter de ficar com aquela marca para o resto da vida... embora esta pudesse já não ser muito longa.

— Estamos a afundar-nos? — perguntou, quando um dos guardas da Empresa Shkin passou pela sua cela e a varreu com o feixe de luz para verificar se Wren ainda estava viva.

O guarda soltou uma risada.

— É o que parece, não é? Mas Brighton já passou por coisas piores que esta. Não te preocupes. Em breve estaremos a apanhar o resto dos teus amigos.

— Não são meus amigos — redarguiu Wren amargamente.

— Eu não sou um Menino Perdido...

— Muda o disco, querida — cortou o homem, aborrecido.

— Já te ouvi contar essa história à Mónica Weems no Largo da Lota, quando te içámos. A resposta é a mesma. Não interessa quem és. Agora não passas de mercadoria. E valerás uma bela maquia em Nuevo Maya.

Recordações das antigas aulas de geografia assolaram o cérebro de Wren. O grande globo que estava na sala de aula do Palácio de Inverno e Miss Freya a explicar: «Aqui fica Nuevo Maya, que era denominada América do Sul antes que o istmo que a ligava à América do Norte fosse brutalmente destruído pelas Bombas de Retardamento na Guerra dos Sessenta Minutos.»

Nuevo Maya ficava a milhares de milhas de distância! Se a levassem para lá, como podia ela descobrir o caminho de regresso a casa?

O guarda inclinou-se sobre a cela e olhou-a com um ar irónico através das grades.

— Não estás à espera que Mr. Shkin vá tentar vender um bando de piratas manhosos como escravos do lar ou amas-secas, pois não?

Vocês vão acabar como lutadores a bordo de uma das enormes metrópoles zigurates de Nuevo Maya. Fazem uns belos espectáculos nas arenas deles. Bandos de escravos a atacarem-se uns aos outros ou a lutarem contra máquinas artilhadas desmanteladas e Caçadores capturados da Green Storm. Sangue e entranhas espalhadas por todo o lado. Mas é tudo feito em honra dos seus engraçados deuses Nuevo-Mayanos, de modo que é uma coisa muito espiritual.

Espiritual ou não, Wren achou que não ia gostar daquilo. Tinha de arranjar forma de sair daquela horrível confusão. Mas o seu cérebro, que Miss Freya tantas vezes elogiara, estava demasiado tonto com o balouçar da metrópole para conseguir pensar fosse no que fosse.

— Espero que nos afundemos! — gritou ela sem forças após o *guarda* ter seguido o seu caminho. — Era bem feito! Espero que nos afundemos antes que consigam apanhar mais pobres Meninos Perdidos!

Mas no dia seguinte a tempestade amainou, as ondas diminuíram e, nessa noite, as tripulações de mais três «lapas» foram arrastadas, envergonhadas e a chorar, para as celas dos escravos. Seguiram-se mais quatro «lapas» durante a noite e outras três no dia seguinte. Uma delas sentiu que era uma armadilha e fugiu antes que os grampos magnéticos a apanhassem, mas Brighton perseguiu-a e lançou cargas de profundidade até que uma coluna de água branca emergiu do oceano, molhando os espectadores que aplaudiam a estibordo nos conveses de observação, e pedaços de «lapa» e de Meninos Perdidos surgiram à superfície.

— As notícias já devem ter chegado a Grimsby — disse Krill, um dos rapazes que tinha sido apanhado antes, observando a cena da sua cela, muito pálido, à medida que as outras à sua volta se enchiam de cativos. — O velho Tio fará alguma coisa. Ele virá salvar-nos.

— As notícias já *chegaram* a Grimsby — responderam os recém-chegados.

— Foi de lá que viemos...

— Apanhámos a tal mensagem há uns dias atrás.

— O Tio disse que era uma armadilha e que não devíamos ligar, mas resolvemos fugir na mesma.

— Pensávamos que os nossos pais iam estar aqui...

Krill baixou a cabeça e pôs-se a chorar. Tinha liderado grupos de ataques de surpresa contra as metrópoles estáticas no Arquipélago do Ocidente, chacinando qualquer «Gamado» que se colocasse à sua frente, mas ali, no armazém da Empresa de Shkin, não passava de mais um adolescente perdido. Wren esticou-se através das grades e puxou a manga de Fishcake. O caloiro estava enroscado no chão da cela vizinha. Não falava com Wren desde que tinham sido para ali levados e a rapariga calculou que ele a culpasse pelo que tinha acontecido. Talvez tivesse razão. Se ao menos ela não tivesse sido tão entusiasta a convencê-lo a ir até Brighton!

— Fishcake — perguntou calmamente. — Quantos Meninos Perdidos existem? No total?

Fishcake nem se dignou olhar para ela, mas passados uns segundos respondeu.

— Cerca de sessenta, julgo eu. Isto sem contar com o Tio e os caloios demasiado pequenos para andarem nas «lapas».

— Mas aqui estão pelo menos uns quarenta! — exclamou Wren. — Grimsby deve estar quase vazia...

A porta do armazém rangeu e abriu-se e entrou mais uma série de pessoas. *Mais prisioneiros*, pensou Wren e nem se deu ao trabalho de olhar para eles. Era demasiado triste. Mas o som de passos pesados pararam junto à sua cela e a rapariga olhando de soslaio,

viu que os recém chegados não eram Meninos Perdidos mas sim dois guardas da Empresa Shkin e a odiosa Miss Weems.

— Tirem-na dali — ordenou Miss Weems. Wren alarmou-se. Teria finalmente Miss Weems percebido que ela não era uma Menina Perdida? Talvez a Empresa Shkin tivesse compreendido que ela não prestava para as arenas Nuevo-Mayanas e estivesse a pensar em lançá-la borda fora em vez de gastar mais alimentos e água para a manter viva?

— O chefe quer falar contigo — anunciou Miss Weems.

Os Meninos Perdidos que estavam presos ficaram a vê-la ser levada.

A porta que ficava por trás das celas dos escravos abriu-se para uma sala pouco maior que um armário. Os guardas empurraram Wren lá para dentro e entraram atrás dela. Só quando Miss Weems puxou uma alavanca e Wren sentiu o chão estremecer é que percebeu que se tratava de um elevador. Os elevadores de Anchorage estavam todos avariados há anos, mas aquele parecia funcionar na perfeição. Subiu tão depressa que Wren se sentiu como se tivesse ficado com o estômago nos calcanhares.

Como tinha sido levada numa rede para a cela, Wren não se apercebera bem da forma do edifício da Empresa Shkin. Era uma torre, e os armazéns inferiores, que ficavam na zona mais profunda de Brighton, era onde os escravos estavam presos. Os andares intermédios, na segunda plataforma, albergavam algumas zonas especiais para os bens de luxo e para os gabinetes dos administradores. Os andares superiores, que furavam a plataforma mais alta, faziam parte de uma subdivisão mais chique chamada Queens Park onde se situavam os escritórios do fundador da Empresa, Mr. Nabisco Shkin. Aquela parte de cima era tão branca e bela como um *iceberg* e não dava qualquer ideia da perigosidade dos nove andares que ficavam por baixo. Os habitantes de Brighton chamavam-lhe o Pimenteiro.

O elevador parou no último andar e Wren saiu para uma sala enorme e circular. Estava muito bem decorada com tapeçarias negras de pêlo, alcatifas negras e quadros igualmente negros em mol-

duras douradas, pendurados em paredes pintadas de negro. Mas foi a vista das janelas que fez Wren sustar a respiração. Estendia-se sobre os telhados de Brighton. O sol brilhava, bandeiras coloridas esvoaçavam, veleiros aéreos e *pedalos* (pequenas embarcações de recreio movidas a pedais) aéreos zarpavam da doca aérea e um bando de gaivotas voava e pairava à volta das chaminés e mais para diante, sobre o mar cintilante. A espuma pulverizada que saía das rodas de pás espalhava-se sobre a metrópole, trazida por uma brisa suave e a luz do sol que se filtrava através dela enchia as ruas com arco-íris à deriva.

Por momentos, Wren quase esqueceu a sua desgraça, e a fome, e a dor que sentia na mão marcada a fogo. A alegria inundava-a. Estava numa metrópole jangada, uma das metrópoles maravilhosas com que tinha sonhado e que ainda era mais bela do que esperara.

— A rapariga — anunciou Miss Weems num tom de voz simpático que Wren não lhe ouvira antes. Um dos guardas obrigou Wren a voltar-se para um homem sentado numa cadeira negra giratória e que a observava em silêncio.

Nabisco Shkin estava muito quieto, com uma perna cruzada sobre a outra, e o único movimento que fazia era com um dos sapatos de verniz, tão lustroso que reflectia a luz, que ele balançava suavemente para cima e para baixo. Vestia um fato cinzento-pérola, luvas cinzentas, o cabelo cinzento, olhos cinzentos, o rosto acinzentado e a voz sombria. E disse:

— Estou encantado por te conhecer, minha querida. — Mas não soava, nem parecia nada encantado. Nem sequer parecia saber o que significava a palavra encantado. E continuou: — A Mónica disse-me que afirmas vir de Anchorage.

— E venho! — exclamou Wren, agradecida por finalmente alguém estar preparado para a ouvir. — O meu nome é Wren Natsworthy e fui raptada...

— *Ninguém* vem de Anchorage — interrompeu-a Shkin, levantando-se e acercando-se de Wren com os olhos postos nela o tempo todo. — Anchorage afundou-se há anos atrás, a oeste da Gronelândia.

— Não, não afundou! — explodiu Wren. — É...

Shkin ergueu um dos dedos e voltou para junto da secretária. Regressou com algo nas mãos. Era o livro que Wren roubara a Miss Freya. Wren já nem se lembrava dele.

— O que é isto? — perguntou ele.

— E o *Livro de Estanho* — respondeu Wren. — E uma antiga curiosidade dos Séculos Negros. Foi por isso que o *Autolycus* foi a Anchorage. Julgo que tenha algo a ver com submarinos. Eu ajudei os Meninos Perdidos a roubarem-no, mas deu tudo para o torto e Fishcake acabou por me fazer sua refém, e se o senhor me puder levar de volta, eu agradecia porque os meus pais e Miss Freya dar-lhe-ão uma recompensa...

— Novamente Anchorage. — Shkin pousou o livro e fitou-a, atentamente. — Porque é que insistes nessa história ridícula? Anchorage só alberga peixes. Todos em Brighton o sabem. O nosso adorado Presidente da Câmara Pennyroyal fez uma fortuna à conta do livro que escreveu sobre os últimos dias de Anchorage. *O Ouro do Predador* termina com Anchorage a afundar-se na sua, como o nosso original Presidente da Câmara descreve, «*sepultura aquática*».

— Pois Pennyroyal é um mentiroso! — respondeu Wren, enraivecida ao pensar na injustiça que era Pennyroyal ter sobrevivido e, ainda mais enriquecido à conta das suas mentiras. — Ele é um covarde e um mentiroso, que alvejou o meu pai e roubou o dirigível dos meus pais para poder tugar de Anchorage quando pensou que Arkangel a ia devorar. Pode lá saber o que aconteceu depois. O que quer que tenha escrito, foi inventado.

Nabisco Shkin ergueu cerca de três milímetros uma das suas sobancelhas cinzentas, que era a sua maneira de evidenciar surpresa. Naquele mesmo instante, Wren teve uma ideia. Ela era a única pessoa de todo o mundo exterior que sabia a verdade sobre Anchorage. Com certeza que isso a tornava valiosa? Demasiado valiosa para ser leiloada com o resto dos Meninos Perdidos como uma escrava de arena!

Sentiu como se uma porta muito pequena se tivesse aberto bem longe de si, do outro lado de uma sala enorme e sombria. Conseguia vislumbrar uma saída.

E continuou:

— Anchorage encontra-se num pedaço de terra verdejante no Continente Morto. Ali prosperou e eu sou a prova disso. Não acha que Pennyroyal iria gostar de ser informado?

Nabisco Shkin estivera prestes a mandá-la calar mas, quando a ouviu, hesitou e a sua sobrancelha ergueu-se mais três milímetros. Instalou-se de novo na cadeira e fixou os olhos em Wren.

— Explica-te — disse.

— Bem, ele vai querer saber o que aconteceu a Anchorage, não vai? — balbuciou Wren, — Se ele ganhou todo aquele dinheiro a falar de nós, imagine como deve ficar interessado em saber o que realmente aconteceu. Podia escrever a continuação. Podia arranjar uma expedição para me levar de volta a casa e escrever um livro sobre isso! — E mesmo que não pudesse, pensou ela, ao menos a vida de escrava naquele palácio flutuante seria bem melhor do que nas arenas Nuevo-Mayanas. E continuou ansiosamente: — Ele vai ficar ansioso por falar comigo.

Shkin acenou lentamente a cabeça. Um sorriso tentou formar-se por momentos à volta da sua delgada boca mas logo desistiu. Estava irritado com a observação que Pennyroyal tinha feito naquela mesma manhã ao *Palimpsesto* sobre o convés inferior, recordando a todos as origens de Shkin como criança e ladrão que tinha sido nos becos húmidos e frios da Comba da Toupeira. Talvez aquela rapariga fosse uma dádiva dos deuses. Uma forma de se vingar do absurdo Presidente da Câmara de Brighton.

— Se a tua história for verdadeira — continuou ele —, poderás de facto ter interesse para o Presidente da Câmara Pennyroyal. Mas como é que O podes provar?

Wren apontou para o *Livro de Estanho* que estava sobre a secretária.

— A prova é essa. É um famoso artefacto da biblioteca da margravine...

— Não me lembro de Pennyroyal o mencionar na sua enfadonha descrição pormenorizada dos tesouros de Anchorage — comentou Shkin. — E se ele não o reconhecer? Restaria apenas a tua palavra e quem acreditaria na palavra de uma escrava e Menina Perdida?

— Ele pode perguntar-me coisas — replicou Wren desesperadamente. — Pode perguntar-me coisas sobre os meus pais, Mr. Scabious, Miss Freya e coisas que não constem do livro, coisas que apenas alguém que vivesse em Anchorage conhecesse.

— Interessante. — E Shkin voltou a fazer um dos seus lentos acenos. — Mónica — disse —, esta rapariga deve ser transferida para a segunda plataforma. Certifica-te de que a partir de agora é tratada como um artigo de luxo.

— E não se esqueça do Fishcake — lembrou Wren. — Ele também esteve em Anchorage.

— De facto — concordou Shkin e, lançando um olhar a Miss Weems, acrescentou: — Trata de mandar trazer esse rapaz à sala de interrogatórios. Está na hora de eu ter uma conversa com ele.

Capítulo 13

Dr.^a Zero

À medida que o dirigível que a tinha trazido de Batmunkh Tsaka balouçava no rasto dos outros dirigíveis sobre Tienjing, Oenone Zero olhava para baixo pelas janelas da barquinha, deliciada com as casas pintadas de cores garridas, equilibradas nas suas inverosímeis saliências os jardins semelhantes a canteiros de janela, a luz do sol que tornava prateados os canais a grande altitude e as vestes claras dos cidadãos que se amontoavam nas pontes araneiformes e nas ruas íngremes como escadas. Aquela metrópole erguida nas montanhas centrais de Shan Guo tinha sido o berço do Anti-Traccionismo. Aqui Lama Batmunkh tinha fundado a Liga Anti-Traccionista, que, por sua vez, mantivera ali a sua capital durante um milhar de anos.

Porém a Liga já tinha desaparecido, o velho Alto Conselho fora derrubado e os sinais da guerra com a Green Storm estavam por todo o lado. À medida que o dirigível ia descendo em direcção aos compartimentos militares de docagem no Pagode de Jade, Oenone achou cada vez mais difícil ignorar as hediondas plataformas de betão para foguetões que desfiguravam os parques de Tienjing e os exércitos de horríveis moinhos de vento que se agitavam e ressoavam nas encostas das montanhas, gerando «Energia Limpa» para o esforço de guerra. Durante quatorze anos não tinha sido permitido a ninguém fazer o que quer fosse que *não* fizesse parte do empenho da guerra e os alojamentos civis da metrópole mostravam sinais de negligência prolongada. Para onde quer que Oenone olhasse, só via edifícios a cair em ruínas e as sombras de couraçados de patrulha a resvalar pelos telhados a apodrecer.

O Pagode de Jade não era feito de jade nem tão-pouco era um pagode. O nome era apenas uma relíquia que os fundadores de Tienjing tinham trazido com eles ao voarem pela primeira vez sobre aquelas montanhas. Teria provavelmente pertencido em tempos a algum agradável palácio de Verão nas terras baixas, de há muito devorado pelas metrópoles famintas. Não se coadunava com a

ameaçadora fortaleza de pedra que se agigantou acima de Oenone quando ela desembarcou no compartimento livre de neve. Nos espigões sobre os portões exteriores, as cabeças dos que protestavam contra a guerra e das pessoas que não tinham conseguido reciclar o seu lixo familiar estavam a ficar secas e semelhantes a papel, como ninhos de vespas, com o ar da montanha. Tinham sido pintados nas paredes enormes *slogans* que diziam: O MUNDO NOVAMENTE VERDE! e UM ÚLTIMO EMPURRÃO IRÁ DESTRUIR A FRENTE DE TRACÇÃO PAN-ALEMÃ!

Os soldados de elite da legião aérea da Caçadora Fang guardavam o portão interior e saíram a barrar-lhe o caminho enquanto Oenone colocava o seu saco ao ombro e começava a subir as escadas do compartimento de docagem.

— Documentos, meu jovem — ladrou o suboficial de serviço. Era um erro a que Oenone já estava habituada. Nas terras da Storm, todo o excedente de comida tinha uma marca de identificação para os lutadores da linha da frente e as fomes anuais da infância de Oenone tinham-na deixado tão esguia e sem peito como um rapaz de quatorze anos. Esperou pacientemente enquanto o suboficial verificava o seu passe e viu o rosto dele alterar-se quando percebeu quem ela era. — Deixem-na passar! Deixem-na passar! — gritou, açoitando os seus homens com a prancha da espada, castigando-os na esperança de que a Dr.^a Zero não o castigasse a ele. — Deixem-na passar imediatamente! Esta é a Dr.^a Zero, a nova Cirurgiã-Mecânica da nossa líder!

Oenone tinha apenas quatro anos de idade quando a Green Storm tomara o poder e não tinha memórias nítidas da altura anterior à guerra. O pai, que fora morto num conflito com piratas em Rogues'Roost, não passava de um rosto numa fotografia colocada no altar da família.

Oenone cresceu tímida e inteligente numa base aérea nas antigas ilhas Aleutas onde a mãe trabalhava como mecânica. Na escola, ela cantava músicas promocionais como «O Leste é Verde» e «Agradecemos à Caçadora Fang pelas nossas felizes infâncias».

Em casa, as histórias para adormecer que o seu irmão aviador, Eno, lhe contava eram sobre as vitórias conseguidas em campos de batalha distantes. Os seus brinquedos eram Caçadores avariados, enviados das batalhas de Khamchatka e empilhados por trás da base. Sentia tanta pena deles que começara a tentar fazê-los sentirem-se melhor sem perceber que já estavam mortos e mais valia deixá-los a enferrujar em paz. Aprendeu os segredos escondidos sob as suas armaduras, o Braille dos seus cérebros. Aprendeu tanto com eles que o comandante da base começou a mandar chamar a miúda Zero em vez do próprio cirurgião-mecânico, sempre que um dos Caçadores tinha algum problema. Assim, ganhou rações extra para ela e para a mãe até aos dezasseis anos, quando a Green Storm ouviu falar dos seus talentos e a enviou para um centro de treino e de seguida para uma unidade de Ressurreição na linha da frente, em Altai Shan.

Naquele oculto mundo de trincheiras e abrigos subterrâneos, ela trabalhou arduamente durante o comprido e criminoso Inverno de 22. Soldados mortos eram retirados da lama gelada por equipas de recuperação e largados nas mesas de Ressuscitação onde Oenone e os seus camaradas os transformavam em Caçadores e os enviavam novamente para a linha da frente.

Ela própria se sentia surpreendida pela rapidez com que tinha deixado de sentir horror e pena. Aprendeu a não olhar para os rostos das pessoas em que trabalhava. Assim, para ela não eram pessoas mas apenas coisas partidas que tinham de ser desmontadas e consertadas o mais depressa possível. Existia um sentido de camaradagem na sala de Ressuscitação de que Oenone gostava. Os outros cirurgiões-mecânicos brincavam e metiam-se uns com os outros enquanto trabalhavam, mas como Oenone era muito jovem, tratavam-na por «irmãzinha» e tomavam conta dela. Ficavam impressionados pela forma rápida e cuidadosa com que ela trabalhava e a facilidade com que resolvia problemas que por vezes nem eles conseguiam. Às vezes, ouvia-os falarem dela, utilizando palavras como «génio».

Oenone sentia-se orgulhosa por lhes ter agradado e fazer parte da luta por uma Terra Melhor. E novamente, naquele Inverno, as

metrópoles inimigas tentaram avançar através da extensão de Inferno revolvida pelas bombas que separava o seu Território de Caça dos territórios da Green Storm e eram tantas e tão vastas que por vezes parecia a Oenone que nada as conseguiria fazer parar. Mas os canhões e as catapultas da Green Storm lançavam-lhes bombas contra as lagartas, os transportadores da Green Storm deixavam-lhes cair Derrubantes sobre as obras mortas, e os dirigíveis de guerra da Green Storm destruíam-lhes os ecrãs dos caças e as corajosas unidades de foguetões da Green Storm passavam por entre as enormes rodas, fazendo buracos nos cascos através dos quais os esquadrões de Caçadores da Green Storm podiam avançar. E quando por fim o número de mortes tinha sido suficiente, as metrópoles desistiam e recuavam. Por vezes, quando alguma estava muito danificada, as outras voltavam-se contra ela e desfaziam-na.

A princípio, Oenone aterrorizava-se com o uivo e o estrondo das descargas dos lança-granadas e com o silvo das balas dos atiradores que cortavam o ar frio sobre as trincheiras de comunicação. Mas passaram-se semanas e depois meses e aos poucos ela foi-se habituando ao terror. Era como trabalhar nos corpos na sala de Ressuscitação. Aprende-se a deixar os sentimentos de fora. Nem conseguiu sentir nada quando chegaram as notícias, vindas das Aleutas, de que a base aérea onde a mãe estava tinha sido devorada por subúrbios anfíbios.

E depois, durante a ofensiva da Primavera de 23, reconheceu um dos corpos que as equipas de recuperação tinham largado à sua frente. Tinha no peito uma série de sinais que conhecia tão bem como as constelações que ele lhe ensinara quando era pequena. Mesmo antes de puxar para o lado o trapo ensanguentado que lhe cobria o rosto, já sabia que se tratava do seu irmão Eno. Como as cartas que enviavam um ao outro tinham sido censuradas, nem sequer sabia que ele estava no seu sector.

Fixou-o enquanto mecanicamente ia calçando as luvas compridas de borracha. Não o queria ressuscitar mas sabia o que lhe iria acontecer se recusasse. Às vezes, os soldados no activo tentavam impedir que o Corpo de Oficiais levasse os corpos dos

seus camaradas para a Ressuscitação. A Green Storm denunciava-os como Cripto-Traccionistas e eram mortos e Ressuscitados como os seus amigos. Oenone não queria ser morta. Ao ver Eno, todos os seus sentimentos tinham voltado e o medo da morte regressou tão repentinamente e com tal violência, que quase nem conseguia respirar. Não queria vir alguma vez a estar como Eno. Fria e indefesa sobre uma mesa de Ressuscitação.

— Cirurgiã-Mecânica? — perguntou-lhe um dos assistentes. — Sente-se bem?

Oenone queria vomitar. Mas fez-lhe sinal para se afastar e tentou controlar-se. Era errado pensar sequer em não Ressuscitar Eno.

Oenone disse para consigo que deveria sentir-se feliz pelo irmão, pois, graças a ela, o seu corpo ia poder continuar a lutar contra os bárbaros mesmo depois da morte. Mas não se sentia feliz.

Os assistentes continuavam a observá-la, de modo que disse:

— Bisturi. Serra. Separador de costelas. — E deitou-se ao trabalho. Abriu o corpo de Eno e retirou-lhe todos os órgãos internos substituindo-os por motores, encaixes para as baterias e bombas de conservação. Cortou-lhe as mãos e substituiu-as por umas mãos de aço de Caçador. Cortou-lhe as partes íntimas. Retirou-lhe os olhos. Tirou-lhe a pele e ligou uma rede misteriosa de eléctrodos às fibras musculares. Abriu-lhe o crânio e introduziu no cérebro um dispositivo do tamanho do caroço de um pêssago, depois observou-o a estremecer e a contorcer-se à medida que desenrolava cílios finos como fios pela medula espinal, ligando-se ao sistema nervoso e aos outros dispositivos que ela tinha instalado.

— Na realidade, este não és tu — sussurrava-lhe, enquanto ia trabalhando nele. — Tu estás no País Sem Sol e isto é apenas uma coisa que deixaste para trás e que podemos usar, como se reciclássemos uma garrafa ou um engradado. Não é a Green Storm que nos diz para reciclarmos tudo em prole de uma Terra Melhor?

Quando terminou, passou-o a um cirurgião-mecânico júnior que adaptaria o exosqueleto e as lâminas dos dedos. Depois, foi até lá fora fumar um cigarro e ficou a ver dirigíveis a arder sobre a terra de ninguém.

Foi depois daquilo que os mortos começaram a falar com ela. Parecia estranho que pudessem ser tão conversadores quando o seu próprio irmão nada lhe dissera, mas quando olhava para os rostos deles, coisa que passou a fazer depois de se ocupar de Eno, conseguia ouvi-los sussurrar na sua mente.

Todos eles lhe faziam a mesma pergunta. *Quem acabará com isto? Quem porá fim a esta guerra interminável?*

— Eu fá-lo-ei — prometia Oenone com a sua vozinha a ser abafada pelo barulho das armas. — Pelo menos, tentarei.

— Treacle! — exclamou alegremente Popjoy quando ela chegou por fim ao seu escritório, situado na parte superior do pagode.

Estava a emalar as suas coisas. No grande baú aberto sobre a secretária, Oenone distinguiu livros, processos, papeladas, uma fotografia emoldurada da Caçadora Fang e uma caneca de esmalte com o logótipo do Corpo de Ressuscitação com o slogan *Não precisas de ser um cientista louco para trabalhar aqui... Mas ajuda!* Popjoy estava em cima de uma cadeira a retirar da parede um quadro da base aérea de Rogues' Roost, que limpou com a manga antes de o guardar no baú. Depois lançou um beijo à Dr.^a Zero.

— Parabéns! Acabei de estar com a Fang e já é oficial! Ficou tão impressionada com o trabalho que fizeste no velho Shrikey que me deixou por fim reformar! Estou de saída para a minha casa de fim-de-semana em Batmunkh Gompa para um bem merecido descanso. Uma pitada de pescaria, desenvolver alguns projectos favoritos, talvez começar a escrever as minhas memórias. E tu, Treacle, vais ser a minha substituta.

Que estranho, pensou Oenone. Tinha sido para isto que ela tinha estado a trabalhar desde a sua epifania nas trincheiras. Tornar-se na Cirurgiã-Mecânica pessoal da Caçadora Fang. Para isto ela ultrapassara a sua timidez natural, lutando por uma transferência para o Laboratório Central de Caçadores. Para isto, aturara o desagradável sentido de humor do Dr. Popjoy e as suas mãos irrequietas. Para isto, passara anos a procurar o túmulo do notável Caçador Shrike e meses a repará-lo, provando a todos que era pelo

menos tão boa como Popjoy. Mas agora que aquele momento chegara, não conseguia nem sorrir. Sentia os joelhos fracos. E agarrou-se ao manipulo da porta para não cair.

— Anima-te, Treacle! — exclamou ironicamente Popjoy. — São boas notícias! Poder! Dinheiro! E tudo o que precisas de fazer é verificar regularmente os níveis de óleo da Digníssima, polir-lhe a carapaça e manter os olhos abertos para qualquer sinal de ferrugem. Ela é basicamente indestrutível, por isso não deverás ter muitos problemas. Se tiveres alguma preocupação, manda-me chamar. Senão...

Senão estou por minha conta, pensou Oenone Zero, subindo as escadas que iam dar ao nível mais elevado do pagode e onde ficavam situados os aposentos da Caçadora Fang. O que estava errado, claro, pois se existisse justiça no mundo, um homem como Popjoy que provocara tanto sofrimento e mal, também deveria sofrer. Em vez disso, ia terminar os seus dias em beleza, a fazer umas pescarias, a desenvolver uns projectos favoritos. Mas pelo menos, ao reformar-se, dava a Oenone Zero uma oportunidade de cumprir a sua promessa aos mortos.

As sentinelas puseram-se em sentido quando ela passou. Os lacaios fizeram uma vénia diante dela e abriram de par em par as portas que davam para a sala de conferências da Caçadora Fang. Os secretários e assistentes levantaram o olhar de um enorme mapa da Água Ferrugenta e nem se dignaram retribuir a vénia que Oenone lhes fez. Fang também ergueu a vista, com os olhos verdes a brilhar. Regressara havia apenas algumas horas da linha da frente e ainda tinha a armadura suja de lama e do sangue de soldados de outras metrópoles.

— A minha nova Cirurgiã-Mecânica — sussurrou.

— Ao seu dispor, Digníssima — murmurou Oenone Zero e deixou-se cair de joelhos diante da Caçadora. Quando arranjou coragem para erguer a cabeça, já todos se tinham voltado de novo para os mapas de guerra e o único olhar que ainda se encontrava pousado nela era o de Mr. Shrike.

Portanto, estava tudo em ordem. Passara para o lado de dentro, fazia parte do estado-maior. Em breve poria em prática o plano que engendrara no seu beliche infestado de piolhos em Altai Front. O de assassinar a Caçadora Fang.

Capítulo 14

Vendida!

Mais tarde, Wren havia de contar a algumas que sabia o que era ser escrava, mas, na realidade, não sabia. O velho negócio prosperava naqueles anos. Os prisioneiros feitos de ambos os lados na longa guerra eram vendidos por atacado a homens como Shkin que os enfiava em fretadores aéreos não estanques e sem aquecimento e os enviava através das Estradas de Pássaros para trabalharem em plataformas industriais gigantescas ou nos infindáveis entrincheiramentos e metrópoles-armadilhas da Storm. Para eles, a escravidão significava trabalhos forçados, o desfazer de famílias, crueldade gratuita e uma morte prematura. O pior que Wren teve de aturar foram os livros de Nimrod Pennyroyal.

Depois daquela primeira entrevista com Shkin, haviam-na mudado para uma cela confortável nos níveis intermédios do Pimenteiro. Tinha uma cama macia, uma bacia para se lavar, três refeições diárias e um vestido novo de linho que até lhe assentava muito bem. E tinha um exemplar d'*O Ouro do Predador* entregue por Miss Weems «com os cumprimentos de Mr. Shkin».

Diariamente e durante algumas horas, um reflector posicionado do lado exterior da janela gradeada captava um raio de sol que incidia sobre uma clarabóia das placas do convés acima dela e enchia a cela de Wren de luz. Enroscada no seu beliche, abria a capa sinistra do livro de Pennyroyal e quase conseguia imaginar-se no seu quarto no Pátio de Sírius, onde muitas vezes se tinha sentado a ler à janela. Mas nunca lera nada como *O Ouro do Predador*. Que estranho ver os lugares, as pessoas e as histórias, que conheceria toda a vida, tão alteradas e distorcidas!

Receava que o facto de ler coisas sobre os pais a deixasse ainda com mais saudades de casa, mas não precisava de se ter preocupado. O pai não fazia parte do livro de Pennyroyal. E quanto a Hester Shaw, «uma Amazona aérea de cabelo vermelho cujo rosto divino era apenas desfeito por uma lívida cicatriz, onde algum

salteador lhe marcara, com o seu estilete, a pele adamecada do rosto», não era propriamente identificável com a sua mãe.

E, numa das noites em que Wren deitada e sem sono pensava indignada sobre tudo aquilo que lera, apercebeu-se de que tinha cometido outro terrível erro. Considera-se muito inteligente por ter conseguido convencer Shkin a levá-la ao Presidente da Câmara porque tinha presumido que o que estava escrito n' *O Ouro do Predador* seria maioritariamente verdade. Mas não fizera ideia de como Pennyroyal tinha mentido sobre a sua passagem por Anchorage. Ao contar a verdadeira história, Wren poderia destruir a reputação e a carreira. Pennyroyal poderia querer comprá-la mas não para escrever livros sobre ela. Iria querer silenciá-la rapidamente e para sempre.

Sozinha na sua cela, Wren escondeu o rosto na almofada e começou a gemer de medo. O que é que tinha feito? E como o poderia desfazer? Saltou do beliche e dirigiu-se para a porta, na intenção de chamar um dos guardas. Diria a Shkin que mentira acerca de Anchorage e que afinal não passava de uma Menina Perdida, sem qualquer interesse para o Professor Pennyroyal. Mas, então, voltaria tudo ao início ou pior ainda... e Shkin diria que ela lhe tinha feito perder tempo. Estaca certa de que Shkin havia de ter formas bem desagradáveis de lidar com quem lhe tivesse feito perder tempo.

— Pensa, Wren, *pensa!* — sussurrou.

E durante todo aquele tempo, sob os seus pés, os poderosos motores *Mitchell & Nixon* ressoavam e martelavam ruidosamente, empurrando com firmeza a metrópole para norte.

Após a sua entrevista com Wren, Shkin interrogara Fishcake. O caloiro mostrou-se bastante cooperativo. Estava exausto e aterrorizado e desejoso de ter um novo mestre que cuidasse dele e lhe dissesse o que fazer. Após algumas palavras agradáveis vindas de Nabisco Shkin, confirmou a história de Wren sobre Anchorage. E mais algumas depois, disse ao traficante de escravos a localização exacta de Grimsby.

Os subordinados de Shkin transmitiram a informação ao Presidente da Câmara e ao Conselho. Brighton ajustou a sua rota e logo os instrumentos de Antiga Tecnologia da ponte detectaram as espirais de uma metrópole afundada nas profundezas do mar. Brighton circundou-a durante mais alguns instantes, emitindo a sua mensagem traiçoeira e conseguiu arrancar umas últimas «lapas». Quando deixaram de aparecer, Pennyroyal decidiu que a expedição chegara ao seu termo.

O plano original consistia em enviar homens lá abaixo em «lapas» capturadas para explorarem o covil pirata. Mas a viagem para norte tinha demorado mais tempo do que o esperado. A estação já ia avançada, previam-se mais tempestades e o povo de Brighton, que tinha a capacidade de concentração da atenção de um mosquito, já estava a ficar aborrecido. Foram largadas cargas de profundidade que provocaram explosões subaquáticas espectaculares e muitos destroços que vieram à superfície que os lojistas da metrópole apanharam com redes e puseram à venda à laia de recordações de Grimsby. Pennyroyal fez um discurso em que declarava que o Atlântico Norte estava agora a salvo para que outras metrópoles jangadas pudessem nele navegar e Brighton rumou a sul, seguindo uma rota de regresso às águas quentes do Middle Sea, onde tinha prometido encontrar-se com um aglomerado de Metrôpoles de Tracção para celebrar o Festival da Lua.

Na tarde seguinte, a porta de Wren abriu-se e um grupo de guardas vestidos de preto entraram na sua cela seguidos de Nabisco Shkin.

— Bom, minha querida — começou ele, deitando uma olhadela ao exemplar d'*O Ouro do Predador* que estava no seu beliche. — Ficaste fascinada pelas aventuras do nosso Presidente da Câmara? Reparaste em alguns erros?

Wren mal sabia por onde começar.

— É tudo uma grande treta! — respondeu, indignada. — O povo de Anchorage não *obrigou* Pennyroyal a guiá-los pelos Glaciares Superiores. Nomearam-no Director de Navegação, o que é consi-

derado uma grande honra, e ele fez uma figura muito triste. E não foi ele que lutou com os Predadores, foi a minha mãe, que não foi morta por Masgard, como ele descreve no livro. Ela continua viva. E ela *nunca* venderia a rota de Anchorage a Arkangel. E quando escreve que ela está a morrer e lhe diz «Leva o meu dirigível e salva-te», é mentira. Pennyroyal *roubou* o dirigível e alvejou o meu pai para o poder levar. E é claro que nem menciona o meu pai. E quanto àquilo que Miss Freya faz na página 81...

Parou ao lembrar-se da sua situação delicada. Shkin observava-a sempre com o seu ar cuidadoso e calculista. Talvez o facto de lhe ter dado o livro tivesse sido uma forma de a testar e ver se ela mantinha a sua história sobre Anchorage face a todas as mentiras de Pennyroyal.

— Interessante — comentou Shkin e estalou os dedos para um dos guardas que deu um passo em frente e colocou um par de bonitas algemas prateadas nos pulsos de Wren. — Sempre suspeitei que as aventuras de Sua Excelência eram de alguma forma um pouco floreadas. Acho que chegou a hora de te levarmos para o conheceres.

Desceram uma escadaria do Pimenteiro ate à garagem onde um lustroso e negro veículo os aguardava.

— E o Fishcake? — perguntou Wren, quando os homens de Shkin a empurraram lá para dentro. — O que é que fez ao pobre do Fishcake?

— Permanecerá no Pimenteiro — respondeu Shkin, sentando-se ao lado dela no banco traseiro do veículo e verificando o relógio de bolso. — Para a *Cloud 9* — indicou ao condutor e o veículo arrancou pelas ruas sujas de Laines, uma subdivisão constituída por lojas de antiguidades e hotéis baratos que ocupava a maior parte da terceira plataforma.

Noutras circunstâncias, Wren teria ficado fascinada pelas montras das lojas por que passavam, atulhadas de tralhas e Antiga Tecnologia, pelas pessoas vestidas de forma estranha, pelos suportes da plataforma cobertos de panfletos de companhias de teatro de

má qualidade. Mas, agora, estava demasiado ocupada a pensar como faria para se manter viva. Era tudo uma questão de oportunidade, decidiu. Se fosse esperta o suficiente e mantivesse a calma, poderia conseguir ver-se livre de Shkin sem que Pennyroyal soubesse quem ela de facto era...

O veículo subiu uma longa rampa até à plataforma superior. Afastando os turistas do caminho à força de buzínadelas, percorreu a Alameda Oceânica, um passeio público oval que contornava a zona superior de Brighton. Passaram por hotéis e restaurantes, palmeiras e estranhos campos de golfe, feiras, relógios de flores e salas de bingo. Atravessaram uma ponte que transpunha a extremidade menos profunda da Piscina Oceânica, um lago de água salgada, limpa e filtrada, cercada de praias artificiais. Por fim, chegaram à *Old Steine*, uma praça circular onde os grossos cabos de aço que ligavam a *Cloud 9* a Brighton, estavam presos. O convés flutuante ficava suspenso uns sessenta metros acima da cabeça de Wren. Erguendo a vista, conseguiu distinguir uma sala de controlo envidraçada que se salientava da parte de baixo como uma complicada estufa virada ao contrário. Viam-se homens lá dentro a movimentarem-se e a mexerem em várias alavancas de bronze de forma a ajustarem o equilíbrio e a altitude da *Cloud 9*. Pequenas hélices de tracção estavam montadas em volta do rebordo do convés e Wren presumiu que, quando o tempo estivesse mau, manteriam a *Cloud 9* imóvel e sobre a metrópole. Nesta tarde sem vento, apenas algumas estavam ligadas e a funcionar como ventoinhas para afastarem os fumos de escape do palácio do Presidente da Câmara.

No meio da *Old Steine*, onde os cabos de reboque da *Cloud 9* estavam presos a grandes e enferrujados suportes, um ascensor por cabo, amarelo, aguardava para levar os visitantes até ao *Pavilhão*. Quando o veículo de Shkin parou ao seu lado, surgiram a correr alguns soldados com casacos vermelhos para verificarem os documentos de Shkin e dos seus homens e passaram um detector de metais da Antiga Tecnologia sobre as suas roupas.

— Houve uma altura em que praticamente toda a gente podia subir e passear pelos jardins do *Pavilhão* — comentou Shkin. —

Mas, desde que a guerra começou, tudo mudou. É claro que deste lado do mundo não há batalhas, os Anti-Traccionistas Africanos não têm estômago para as cruzadas da Green Storm, mas Pennyroyal continua aterrorizado com o facto de sabotadores ou terroristas poderem tentar assassiná-lo.

Foi a primeira vez que Wren ouviu falar da guerra entre as metrópoles e a Storm. O que explicava o porquê de existirem todas aquelas grandes e feias baterias aéreas nas esplanadas da metrópole e de a segurança ser tão apertada.

— Motivo da sua visita à *Cloud 9*, Mr. Shkin? — perguntou o comandante.

— Tenho uma peça de mercadoria interessante para mostrar ao Presidente da Câmara.

— Não sei se Sua Excelência estará de momento interessado em comprar escravos, senhor.

— Oh, certamente não vai querer perder a oportunidade de acrescentar esta ao seu rol. Sugiro que nos deixe subir imediatamente, a não ser que prefira passar o resto da sua carreira na Plataforma 3 a apanhar pêlos dos filtros da Piscina Oceânica...

Não houve mais objecções. Shkin e o seu grupo foram rapidamente mandados embarcar, o ascensor estremeceu e Wren, olhando através da enorme janela, viu Brighton a ficar para trás.

— Oh, olhe — murmurou fascinada, mas Shkin e os seus homens já tinham visto tudo aquilo antes.

Subitamente o gemido das hélices de direcção sobrecarregadas encheu o ascensor e rápidas sombras passaram a tremeluzir pelas janelas. Para além da rede de cabos de aço, um grupo de sombras ferozes, aguçadas, cortaram o céu do entardecer. Wren soltou um guincho imaginando que tivesse havido uma explosão na *Cloud 9* e que aquilo fossem os destroços a cair mas as formas, voando em formação, afastaram-se estrepitosamente, sobre os telhados de Brighton com as sombras a percorrerem rápidas as ruas movimentadas.

— Mas não têm balões! — exclamou Wren. — Nem invólucros! Como é que se mantêm no ar? É impossível o voo para o que é

mais pesado que o ar!

Alguns dos homens de Shkin riram-se. O próprio negociante de escravos pareceu levemente satisfeito, como se a ingenuidade do Wren desse mais credibilidade à sua história.

— Não é impossível — explicou ele. — O segredo do voo mais pesado que o ar foi redescoberto há alguns anos atrás por metrópoles desejosas de se defenderem contra as frotas aéreas da Storm. Não há nada como quatorze anos de guerra para encorajar os avanços tecnológicos... — Ergueu a voz quando os engenhos voadores voltaram para trás, enchendo o céu com o ronco dos motores e o teimoso guinchar dos freios pneumáticos. — Este grupo chama-se *Os Furões Voadores*. É uma força aérea mercenária contratada pelo nosso Presidente da Câmara para proteger o seu palácio...

Wren voltou-se novamente para a janela quando os engenhos voltaram a passar. Eram umas engenhocas com um ar frágil, feitas de cordas e madeira de balsa e papel envernizado e as carlingas limitavam-se a um assento inteiriço e um conjunto de manípulos de controlo. Alguns tinham uma espécie de duas asas de morcego, outros três, quatro ou dez. Alguns avançavam agitando umas coisas negras que chiavam e lembravam guarda-chuvas partidos. Nas

suas maciças coberturas dos motores estavam pintados gaviões e tubarões, mulheres nuas e nomes libertinos e demoníacos como: *Vai-te Lixar*, *Gravidade!* e *Dia Mau!*, *Conteúdos Sob pressão!* e *Gratificação Atrasada Já!* Uma aviadora com óculos protectores acenou a Wren da carlinga de uma coisa chamada *Marsupial de Combate*. Wren respondeu com um aceno mas já a esquadrilha se tinha afastado passando a nada mais que um conjunto de pontos, lá longe, sobre o mar.

Wren tremia quando o ascensor a levou, através da barriga da *Cloud 9*, até ao terminal nos jardins do *Pavilhão*. Sempre achara que o seu pai e Miss Freya sabiam tudo o que havia para saber sobre o mundo, fora de Anchorage-in-Vineland, mas era óbvio que nos últimos dezasseis anos muito tinha mudado desde que eles tinham atravessado o gelo. Desconheciam por completo aquela terrível guerra que tinha quase a idade de Wren e ela duvidava que

eles pudessem sequer imaginar que existiam aqueles engenhos voadores que acabara de ver. Aquilo fazia-a sentir-se ainda mais afastada deles.

A agonia das saudades de casa desapareceu quando os guardas a fizeram sair do terminal superior do ascensor e seguir por caminhos de gravilha em direcção ao centro da *Cloud 9*, onde os minaretes de açúcar cor-de-rosa e as cúpulas de merengue do palácio de Pennyroyal se erguiam dos jardins repletos de palmeiras e ciprestes, pérgulas pretensiosas e fontes. Bandos de periquitos coloridos voavam sobre as cabeças e, acima deles, os balões transparentes da *Cloud 9* brilhavam à luz do sol como enormes bolhas.

— O motivo da sua vinda? — perguntou um dos escravos de casa, saindo e barrando a passagem a Shkin.

— Nabisco Shkin — respondeu o negociante de escravos, e foi o suficiente. O homem fez uma vénia, balbuciou qualquer coisa e fez sinal aos visitantes para subirem uma elegante escadaria branca que dava para um espaçoso solário ao ar livre. No meio do solário havia uma piscina. E no meio da piscina, à deriva, deitado num colchão de ar, envergando um fato de banho de *lamé* (tipo de tecido entrelaçado com fio de ouro ou de prata.) dourado, com um copo numa mão e um livro na outra, voltando para o Sol o rosto redondo, esparramava-se Nimrod Pennyroyal.

Wren tinha imaginado que Pennyroyal deveria ter pelo menos sessenta e cinco anos, de modo que esperara encontrar alguém bastante débil. Mas Pennyroyal envelhecera bem. Tinha perdido algum peso e grande parte do cabelo mas de resto não estava muito diferente das fotografias que vira dele, tiradas durante a sua breve e infeliz função enquanto director de navegação de Anchorage. Um grupo de escravas atraentes boiava à volta da sua cama flutuante com bebidas frescas nas mãos, um marcador de livros, bandejas de bolos e doces e outras coisas que um atarefado Presidente da Câmara pudesse necessitar. Um rapaz da idade de Wren, alto e negro como uma sombra, permanecia de pé num dos lados da piscina, agitando um leque de penas de avestruz.

— Vejo que o prisioneiro da Green Storm que lhe vendi se adaptou bem — comentou Shkin.

— Hem? Oh! — Pennyroyal abriu os olhos e sentou-se. — Ah! Boa tarde, Shkin! — Voltou-se no seu colchão de ar e olhou de esguelha para o jovem. — Sim, Mrs. Pennyroyal está encantada com ele. É um ótimo abanador de leques. Sabe abanar muito bem. E condiz lindamente com o papel de parede da sala de jantar. — Olhou novamente para Shkin, e Wren ficou com a impressão de que ele não tinha ficado muito satisfeito por ver o negociante de escravos. — Bem, Nabisco, meu velho, a que devo eu a um, pois...

Shkin fez uma brevíssima vénia.

— Esta rapariga foi tirada de uma das «lapas» que pescámos na semana passada. Pensei que talvez estivesse interessado em comprá-la para o *Pavilhão*. — Fez um sinal na direcção de Wren e os seus assistentes aproximaram-na da borda da piscina para que o Presidente da Câmara a visse melhor.

Pennyroyal olhou-a de esguelha.

— Menina Perdida, é? Tem bom aspecto, diga-se. Mas pensei que tínhamos acordado em que não queríamos ninguém da laia dela a pavonear-se por Brighton. Não estava a pensar vendê-los todos aos Nuevo-Mayas?

— Receia que algum deles possa saber alguns detalhes menos agradáveis do seu passado, Pennyroyal? — testou Shkin.

— Quê? Que está a insinuar?

— Esta rapariga — anunciou Shkin — chegou recentemente do Continente Morto. De uma metrópole há muito julgada perdida mas que na realidade sobrevive naquela maldita terra. Uma metrópole de que, julgo, Vossa Excelência terá boas recordações.

Estendendo a mão para trás, Shkin recebeu algo de um dos seus lacaios e lançou-o sobre a piscina de forma a que caísse no colchão de ar de Pennyroyal. O *Livro de Estanho*. Pennyroyal agarrou nele e observou-o com uma expressão confusa, depois voltou-o e olhou para a etiqueta de papel colada na parte de trás.

— Grandes Deuses! — exclamou, engasgando-se e entornando a bebida na piscina. — Anchorage!

— A rapariga — continuou Shkin — é nada mais, nada menos que a filha dos seus velhos companheiros de viagem, Tom Natsworthy e Hester Shaw.

— Ora bolas! — gritou Pennyroyal e com um súbita e espasmódica guinada voltou o colchão de ar.

— Fiquei preocupado ao descobrir que existiam algumas discrepâncias entre a história que ela conta e a versão dos acontecimentos que Vossa Excelência relata no seu *best-seller* interpolitano *O Ouro do Predador* — explicou Nabisco Shkin, aparentando total à vontade, ali ao pé da piscina, apoiado na sua bengala negra e observando Pennyroyal a debater-se na água. — Por isso, achei que seria preferível dar a Vossa Excelência a oportunidade de a comprar, antes que a sua história possa tornar-se pública e... *confundir* os seus muitos leitores. Naturalmente, ela tem um preço especial. Digamos, mil peças de ouro?

— Nunca! — disse Pennyroyal atabalhoadamente, enquanto se punha de pé na parte mais baixa da piscina com toda a dignidade que um cavalheiro de idade e em fato de banho de *lamé* dourado podia transmitir. — Não passa de um bandido, Shkin! Não me deixarei intimidar pela sua tentativa infantil de hum... Não é verdade, pois não? Não pode ser verdade! Hester Shaw não teve nenhuma filha..., de qualquer forma, Anchorage afundou-se, certo? Foi ao fundo com toda a gente...

— Pergunte-lhe — retorquiu Shkin vivamente, apontando com a ponta da bengala para Wren. — Pergunte aqui à Menina Natsworthy.

Pennyroyal olhou boquiaberto para Wren com os olhos tão cheios de medo que Wren quase sentiu pena dele.

— Então, rapariga? — perguntou. — O que tens a dizer? Dizes mesmo vir de Anchorage?

Wren respirou fundo e cerrou os punhos. Agora que estava frente a frente com aquele legendário traidor e vilão, sentia-se ainda menos segura de que o seu plano pudesse dar certo.

— Não — respondeu.

Shkin voltou-se para ela.

— É claro que não é verdade — prosseguiu Wren, conseguindo soltar uma breve gargalhada. — Anchorage afundou-se no Ártico há vários anos atrás. Qualquer pessoa que tenha lido o seu magnífico livro sabe disso, Professor Pennyroyal. Eu não passo de uma pobre Menina Perdida de Grimsby.

Wren tinha resolvido alterar a sua história quando vinha a caminho do Pimenteiro e não via como poderia ser contestada. É claro que, se alguém perguntasse a qualquer um dos Meninos Perdidos, todos diriam que ela não fazia parte da tribo e Fishcake sabia quem ela era na realidade, mas porque haveria Pennyroyal de acreditar na palavra deles e não na sua? Ela poderia dizer que Shkin os tinha subornado para o apoiarem.

— Eu nunca estive em Anchorage — disse com firmeza.

As narinas de Shkin dilataram-se.

— Muito bem, e então o livro, o *Livro de Estanho* que tem o selo dos governantes de Anchorage... como é que o explicas?

Wren já tinha uma resposta pronta para aquela pergunta.

— Trouxe-o comigo de Grimsby — continuou. — E um presente para Vossa Excelência. Os Meninos Perdidos roubaram-no há vários anos atrás, tal como roubámos várias coisas de várias metrópoles. Anchorage não passa de um destroço, atolado no fundo do mar. Ninguém lá vive.

— Mas ela própria me contou que era filha de Hester Shaw!

— exclamou Shkin — Porque haveria de mentir?

— Por causa dos seus maravilhosos livros, Excelência — explicou Wren e olhou para o Presidente da Câmara com o maior ar de adoração que conseguiu fazer. — Li-os todos. Sempre que a minha «lapa» se colava a uma metrópole nova, a primeira coisa que eu assaltava eram as livrarias na esperança de encontrar um novo livro de Nimrod Pennyroyal. Eu disse a Mr. Shkin que tinha vindo de Anchorage só para que ele me trouxesse aqui para eu o conhecer.

Pennyroyal fez um ar optimista. Ele queria *tanto* acreditar nela.

— Mas o teu nome — insistiu. — Natsworthy...

— Oh, não é o meu *verdadeiro* nome — respondeu alegremente Wren. — Eu consultei os registos do Tio sobre Hester Shaw e lá dizia que ela costumava viajar com alguém com esse apelido.

— Aí sim? — Pennyroyal tentou esconder o seu alívio.

— Nunca ouvi falar dele.

Sorriu satisfeita por ser tão simples mentir e estar a tornar-se pe-rita. A história dela não fazia muito sentido, mas quando se diz a alguém algo que sabemos que essa pessoa vai gostar de ouvir, tendem a acreditar em nós. OMPFRMJ ensinara-lhe isso.

E continuou:

— Estava a planear continuar a fingir, Professor, na esperança de que o senhor me aceitasse no seu pessoal doméstico. Mesmo que eu fosse apenas a mais humilde das suas escravas, ao menos ficaria mais perto do autor d'*O Ouro do Predador* e... e de todos os outros livros. — E baixou os olhos modestamente. — Mas, mal o vi, senhor, percebi que jamais seria levado por mentiras e assim resolvi contar-lhe a verdade.

— Muito louvável — concedeu Pennyroyal. — E bastante acertado. Eu percebi logo de imediato, sabias? Embora, por muito estranho que possa parecer, tenhas uma leve semelhança com Hester. Por isso me assustei quando apareceste. Essa mulher era-me muito, muito querida e a minha mais profunda mágoa foi não a ter conseguido salvar.

Aí, mentiroso de um raio! pensou Wren mas tudo o que proferiu foi:

— Presumo que me deva ir embora, senhor. Presumo que Mr. Shkin quererá tirar de mim o melhor proveito possível. Mas irei feliz, pelo menos, consegui falar com o melhor autor desta era.

— Aí isso é que não! — E Pennyroyal saiu da piscina e ficou ali a pingar, acenando às raparigas que se aproximaram de imediato com toalhas, roupas e um vestiário portátil. — Nem quero ouvir mais nada, Shkin! Esta adorável e inteligente jovem mostrou coragem,

iniciativa e fez um correcto julgamento literário. Proíbo-o de a vender como uma escrava qualquer.

— Tenho as minhas despesas a ter em conta, Excelência. — Shkin estava furibundo, pálido de raiva e a tentar manter-se controlado.

— Eu próprio a comprarei — respondeu Pennyroyal. Não era um homem sentimental mas não gostaria de imaginar que aquela rapariga inteligente fosse punida pelo amor aos seus livros. Além disso, os escravos do lar eram dedutíveis nos impostos. — A minha mulher precisa sempre de uma empregada extra em casa — explicou ele. — Principalmente agora, com os preparativos para o baile do Festival da Lua. Fazemos assim, dou-lhe vinte Golfinhos por ela. É mais do que justo.

— Vinte? — escarneceu Shkin, como se aquele montante fosse demasiado irrisório para levar em conta.

— Vendida! — exclamou Pennyroyal rapidamente. — Os meus empregados pagar-lhe-ão. E para a próxima, meu caro amigo, tente não ser tão crédulo. Sinceramente, como é que alguém poderia acreditar que esta rapariga tinha vindo da América? Um verdadeiro absurdo!

Shkin fez uma suave vénia.

— Como Vossa Excelência disse. Um absurdo. — E ergueu a mão. — *O Livro de Estanho*, por favor.

Pennyroyal, que tinha estado a folhear o *Livro de Estanho*, fechou-o de imediato e encostou-o ao peito.

— Não me parece, Shkin. A rapariga disse que era um presente para mim.

— Mas pertence-me!

— Não, não pertence. O contrato que fez com o Conselho determina que todos os Meninos Perdidos que pescar são seus. E isto não é um Menino Perdido, sem qualquer sombra de dúvida. É uma espécie de Código Antigo e possivelmente valioso. É meu dever, como Presidente da Câmara de Brighton, guardá-lo, para um posterior estudo.

Shkin olhou demoradamente para o Presidente da Câmara e depois para Wren. Conseguiu fabricar um leve sorriso.

— Não há qualquer dúvida de que nos voltaremos todos a encontrar — disse num tom agradável e voltou-se estalando os dedos para os seus homens, que o seguiram enquanto ele saía em passo vivo.

As raparigas de Pennyroyal juntaram-se à sua volta, fechando-o dentro do vestiário portátil. Por momentos, Wren ficou sozinha. Sorriu, entusiasmada com a sua própria esperteza. Podia continuar a ser uma escrava, mas ao menos era uma escrava fina a trabalhar em casa do Presidente da Câmara! Assim conseguiria boa comida e boas roupas e provavelmente não teria de carregar nada mais pesado que um tabuleiro de bolos. E conheceria várias pessoas interessantes. Aviadores bonitos, por exemplo, e que poderia persuadir a levarem-na de volta a Vineland.

O seu único remorso era não ter conseguido trazer Fishcake com ela ali para cima. Sentia-se responsável por ele e esperava que o negociante de escravos não descarregasse a sua raiva nele. Mas ficaria tudo bem. De uma forma ou de outra, acabaria por encontrar uma forma de fugir e, então, talvez conseguisse maneira de ajudar Fishcake.

Nabisco Shkin não era homem para nos mostrar as suas emoções e, quando o ascensor o colocou novamente no convés de Brighton, já ele tinha controlado o seu temperamento. Chegado ao Pimenteiro, cumprimentou Miss Weems com a sua habitual frieza e disse-lhe:

— Traga-me aquele pequeno Menino Perdido.

Pouco depois, estava calmamente sentado no seu escritório a observar Fishcake, que devorava a segunda taça de gelado de chocolate e a ouvir novamente o seu relato da viagem do *Autolycus* a Vineland. Aquele rapaz estava a contar a verdade, disso tinha Shkin a certeza. Mas não valia a pena usá-lo para tentar desacreditar o Presidente da Câmara. Era jovem e facilmente influenciável. E caso fossem a tribunal, os advogados de Pennyroyal acabariam com ele. Shkin fechou os olhos pensativamente e tentou imaginar Vineland.

— Tens a certeza de que és capaz de voltar a encontrar esse lugar, rapaz?

— Sim, Mr. Shkin — respondeu Fishcake com a boca cheia. Shkin sorriu-lhe por sobre as pontas dos seus compridos dedos. — Bem. Muito bem — continuou. — Sabes, meu rapaz, de vez em quando eu fico com um dos escravos que se mostra útil ou demasiado esperto para deixar partir. Miss Weems, por exemplo. Espero que sejas um desses.

Fishcake devolveu-lhe nervosamente o sorriso.

— Quer dizer que não me vai vender aos tais diabos dos Nuevo-Mayanos, senhor?

— Não, não, não não — assegurou-lhe Shkin abanando a cabeça. — Quero que trabalhes para mim, Fishcake. Vamos treinar-te para aprendiz. E no próximo Verão, quando o tempo melhorar, organizarei uma expedição e tu levar-nos-ás até Anchorage-in-Vineland. Calculo que esses Vinelandianos ou Ancoragitas, ou lá como é que eles se apelidam, darão uma bela maquia no mercado de escravos.

Fishcake ouviu de olhos esbugalhados e depois sorriu.

— Sim, Mr. Shkin! Obrigado, Mr. Shkin!

Shkin recostou-se na sua cadeira com o seu humor já restabelecido. Vingar-se-ia de Pennyroyal, mostrando ao mundo inteiro que Anchorage tinha sobrevivido. Quanto a Wren, aquela raposinha traidora, ver-se-ia a inteligência dela quando a Empresa Shkin escravizasse toda a sua família e amigos.

Capítulo 15

Crianças Das Profundezas

A «lapa» *Screw Worm* tinha sido construída muito antes de os Meninos Perdidos começarem a usar *camaracnídeas*. Até o próprio rádio tinha deixado de funcionar há vários anos. Não tinha forma de receber as transmissões de Brighton e assim Hester, Tom e Freya nunca precisaram de saber se o desejo de Caul de reencontrar os pais se sobreporia à lealdade para com os amigos. Incapaz de ouvir os convites da OMPFRMJ, o *Screw Worm* navegou pelas profundas e frias águas da Fossa da Gronelândia, rumo a norte. Na mesma tarde de Verão em que Wren se encontrava frente a frente com Pennyroyal, os seus passageiros avistavam Grimsby.

Tom já tinha visitado aquela metrópole subaquática mas Hester e Freya só a conheciam através das suas descrições. Acotovelaram-se para conseguirem ver melhor, enquanto Caul aproximava mais a «lapa».

Grimsby tinha sido, em tempos, uma grande metrópole industrial. Mas agora não passava de destroços abandonados que jaziam nas encostas de uma montanha subaquática. As algas, bernacas e ferrugem trabalhavam em conjunto para a camuflarem, confundindo os contornos dos edifícios e das rodas de pás, até se tornar difícil distinguir onde começava Grimsby e onde acabava a montanha.

— Onde estão as luzes? — perguntou Tom. A maior recordação que ele tinha do covil dos Meninos Perdidos era o brilho surreal das luzes nas janelas da Câmara Municipal de Grimsby. Mas agora toda a metrópole se encontrava submersa na escuridão.

— Há qualquer coisa que não vai bem. — respondeu Caul.

Algo embateu contra o casco do *Screw Worm*. Fragmentos de madeira lascada e de plástico retorcido giravam em torno do feixe de luz que saía do farol da ponta. A «lapa» nadava através de uma zona de destroços à deriva.

— Está tudo morto... — começou Hester, mas logo se deteve, pois isso significaria que Wren também podia estar morta.

— Olhem para o Furtário! — sussurrou Caul chocado. Um enorme edifício deslizou a estibordo. Um edifício onde ele tinha passado grande parte da sua infância e que estava agora às escuras e aberto ao mar, com destroços a redemoinhar à volta de enormes fendas nas paredes. O corpo de um rapaz deu lentas cambalhotas quando a esteira do *Worm* o atingiu. Outros encontravam-se no túnel de glástico inundado e que em tempos ligara o Furtário à Câmara Municipal. — A central eléctrica também desapareceu — acrescentou Caul, ao passarem por um edifício com uma cúpula que fora esmagado como a casca de um ovo. — A Câmara Municipal parece inteira. Mas não está lá ninguém. Vou ver se conseguimos entrar.

Tinham passado dezasseis anos desde que Caul fugira daquele lugar mas, nos seus sonhos, ele tinha feito a aproximação ao atracadouro das «lapas» milhares de vezes. Conduziu o *Screw Worm* em direcção à porta aquática que se encontrava na base da Câmara Municipal. A porta estava aberta. Peixes prateados entravam e saíam velozes.

— Continua a não haver ninguém — comentou. — Isto devia estar fechado. Devia haver submarinos sentinelas a inspeccionar-nos.

— Talvez estejam a tentar contactar-nos por rádio e nós não os conseguimos ouvir — sugeriu Tom, esperançoso.

— O que é que fazemos? — perguntou Freya.

— Entramos, claro — retorquiu Hester. Verificou a pistola que trazia no cinto, a faca na bota. Se ainda existissem alguns Meninos Perdidos vivos ali dentro, fazia tenções de lhes mostrar de que era feita a filha de Valentine.

O *Screw Worm* deslizou pelos túneis. As portas automáticas abriam-se à frente e fechavam-se atrás.

— A energia de emergência deve estar ligada — concluiu Caul.

— Já é alguma coisa...

— Pode ser uma armadilha — comentou Hester. — São capazes de estar à nossa espera.

Mas ninguém esperava o *Screw Worm*. Emergiu num dos tanques em meia-lua abertos no chão do atracadouro das «lapas» e os seus passageiros saíram para o ar frio e bafiento. A escuridão era cortada apenas por algumas luzes de emergência vermelho-escuras. As bombas de ar arquejavam asmaticamente. O espaço enorme que Tom recordava repleto de Meninos Perdidos e de «lapas» estava agora deserto. Os guindastes da doca permaneciam desolados sobre os tanques redondos como esqueletos de dinossauros num museu abandonado. Um volumoso submarino de carga balouçava numa doca, do lado mais afastado do atracadouro, com as escotilhas abertas. Uma «lapa» meio desmanchada permanecia num dos estaleiros de reparações, mas não havia sinal dos mecânicos que deveriam estar a trabalhar nela.

Tom foi buscar uma lanterna eléctrica ao porão do *Screw Worm* e seguiu à frente na esperança de encontrar Wren por ali algures, viva e a salvo, correndo para o abraçar. Iluminou com a lanterna as sombras negras por baixo dos guindastes. Por mais de uma vez achou ter vislumbrado uma *camaracnídea* a fugir da luz. Nada mais se movia.

— Onde estão todos? — sussurrou.

— Bem, está aqui um deles — respondeu Hester.

A grande porta nas traseiras do atracadouro estava meia aberta e na soleira jazia um rapaz da idade de Wren, enrolado, com o olhar fixo e morto. Hester empurrou Tom e passou por cima do cadáver. No corredor do lado de fora do atracadouro, havia mais uma meia dúzia, uns mortos a golpes de espada e outros trespassados por dardos metálicos de espingardas lança-arpão.

— Parece que os Meninos Perdidos andaram a lutar entre si

— concluiu ela. — Foi simpático da parte deles terem-nos poupado o trabalho.

Tom passou cuidadosamente sobre o rapaz morto e olhou para cima. Gotas de água fria caíram-lhe sobre o rosto.

— Este sítio está a verter como uma lata enferrujada — murmurou.

— O Tio há-de saber arranjá-lo — redargiu Caul. Os outros voltaram-se surpreendidos com a confiança que havia na sua voz. Ele próprio parecia surpreendido. — O Tio construiu Grimsby

— lembrou. — Foi ele quem fez as primeiras salas que se fechavam hermeticamente, assim como a primeira «lapa», sem a ajuda de ninguém.

— Acenou apalpando o pescoço. As velhas marcas da corda ainda lá estavam, e duras sob as pontas dos seus dedos, uma recordação do que tinha sofrido e de como odiara o Tio no final. Mas antes disso e durante muito tempo tinha-o adorado. Agora que ali estava novamente, com o Furtário em ruínas e os Meninos Perdidos mortos, sentiu que o medo e o ódio tinham desaparecido também e só o amor restava. Lembrou-se de como costumava sentir-se seguro, aninhado no seu beliche, enquanto a voz do Tio sussurrava nos altifalantes do tecto durante o longo turno da noite. Nessa altura, o mundo era muito mais simples e ele tinha sido feliz.

— O Tio É Quem Sabe — murmurou.

Um movimento nas sombras do corredor fez com que Hester se voltasse de arma em punho. Freya agarrou-lhe no braço antes que ela pudesse disparar e Tom gritou:

— Het, não!

— O eco da sua voz irrompeu pelas escadarias acima e pelas passagens laterais abaixo e o rosto, imobilizado por instantes à luz da lanterna, desapareceu quando o dono desembestou novamente para o meio das sombras.

— Está tudo bem — disse Freya, passando por Hester com as mãos erguidas à sua frente. — Não te vamos fazer mal.

A escuridão encheu-se subitamente de suaves ruídos de passos, de sussurros. Olhos brilhavam à luz da lanterna. Surgindo dos seus esconderijos, as crianças de Grimsby foram-se aproximando, os rostos pálidos como pétalas e mascarrados. Eram caloiros, demasiado jovens para tomarem os seus lugares entre os Meninos Perdidos. Alguns teriam nove ou dez anos mas, na maioria, eram

ainda mais novos. Observavam os visitantes com olhos timoratos, esbugalhados. Uma das raparigas, mais velha e mais ousada que os outros, aproximou-se de Freya e perguntou:

— Vocês são os nossos papás e mamãs?

Freya ajoelhou-se de forma a ficar com o rosto ao nível do das crianças.

— Não — respondeu. — Lamento, mas não somos.

— Mas os nossos papás e mamãs vêm aí, não vêm? — sussurrou outra criança.

— Recebemos uma mensagem...

— Eles diziam que estavam perto — continuou um rapazito, puxando a mão de Caul e olhando abertamente para o seu rosto.

— Disseram que devíamos ir ter com eles e muitos dos mais velhos queriam ir, apesar de o Tio ter dito que não...

— E quando os outros rapazes tentaram impedi-los, eles lutaram e mataram-nos!

— E depois foram na mesma. Levaram todas as «lapas».

— Nós queríamos ir com eles mas eles disseram que não havia mais espaço e nós éramos só caloiros...

— E ouviram-se explosões! — disse uma das raparigas.

— Não, isso foi depois, tonta — emendou outra. — Isso foram as cargas de profundidade.

— Bum! — gritou o mais pequeno dos rapazes, agitando os braços para mostrar como fora. — Bum!

— E as luzes apagaram-se todas e acho que entrou água...

As crianças falavam todas ao mesmo tempo, juntando-se à volta da luz da lanterna de Tom. Hester estendeu a mão para um dos rapazes, mas ele afastou-se e foi encostar-se a Freya.

— A Wren está cá? — perguntou Hester. — Estamos à procura da nossa filha, Wren.

— Ela anda perdida — explicou Tom. — Estava a bordo do *Autolycus*.

Os pequenos rostos voltaram-se para ele, inexpressivos como páginas por escrever. A rapariga mais velha disse:

— O *Autolycus* não regressou. Nenhuma das «lapas» que saiu nestas últimas três semanas regressou.

— Então, onde está Wren? — bradou Tom. Viera aterrorizado com a ideia de poder encontrar Wren morta. A ideia de simplesmente não a encontrar era quase tão má. Olhou de um rosto confuso para outro. — O que é que em nome de Quirke tem andado a acontecer?

As crianças afastaram-se dele, assustadas.

— Onde está o Tio? — perguntou Caul. Freya sorriu-lhe para que as crianças percebessem que era um amigo e deviam responder à sua pergunta.

— Talvez também se tenha ido embora — comentou Hester.

Caul abanou a cabeça.

— Não sejas estúpida. O Tio jamais deixaria Grimsby.

— Acho que está lá em cima — aventou um dos rapazes.

— Ele está muito velho — comentou outro dubitativamente.

— Agora nunca sai do quarto dele — concordou um terceiro.

Caul acenou com a cabeça.

— Bom. Iremos falar com ele. Ele nos dirá o que aconteceu e onde podemos encontrar Wren. — Sentia que os outros o olhavam. Voltou-se para elas e sorriu. — Vai ficar tudo bem. Verão. O Tio É Quem Sabe.

Capítulo 16

A Menina Dos Seus Olhos

Seguiram numa estranha procissão subindo as escadas atravancadas de Grimsby, onde a água do mar pingava das finas rachas do tecto alto e corria em cascata de degrau em degrau. Mais corpos jaziam pelo chão formando diques que retinham a água suja por trás deles. Sobre as suas cabeças, *camaracnídeas* agarravam-se a condutas e corrimão. De vez em quando uma delas voltava-se para seguir os recém-chegados com o seu olho de ciclope.

Hester seguia à frente. Atrás dela, caminhavam Tom, Caul e Freya rodeados de crianças, com as pequenas mãos agarradas às deles e a tentarem tocar-lhes nas roupas como se se quisessem assegurar de que aqueles visitantes do mundo de lá de cima eram reais. Eram especialmente atraídos por Freya. Com vozes chocadas e sussurrantes, contavam-lhe todo o tipo de segredos.

— O Whitebait tira macacos do nariz.

— Não tiro nada!

— Eu chamo-me Esbjørn mas os rapazes mais velhos do Furtário disseram que eu tinha de me chamar Atum. Mas eu acho que é um nome estúpido, por isso, agora que os mais velhos foram mortos e fugiram, já posso voltar a ter o meu nome?

— Ele mete o dedo lá dentro e come os macacos.

— Não como *nada*!

— Crianças — perguntou Freya — quem é que fez explodir o Furtário? Há quanto tempo é que foi?

Mas as crianças não sabiam responder. Há alguns dias, disseram uns, há uma semana, acharam outros. A conversa foi diminuindo à medida que se aproximavam dos andares superiores.

Olharam para uma sala enorme, nova para Tom e Caul desde a última vez que tinham estado em Grimsby e que fora feita deitando abaixo as separações ente alguns dos antigos quartos. Estava repleta de bonitas mobílias pilhadas de Câmaras Municipais e de

despojos de metrópoles estáticas. Tinha enormes espelhos pendurados nas paredes e as sedas e veludos frutos de pilhagens, serviam de cortina à imensa cama. Fatos e almofadas estavam espalhados pelo chão do quarto e móveis feitos de pedras da praia furadas e antigas sementes pendiam das condutas do tecto.

— Este era o quarto do Gargle — contaram as crianças.

— O Gargle geria tudo a partir daqui.

— A Rémora fazia os enfeites — comentou uma das raparigas.

— É bonita e esperta e uma das favoritas do Gargle.

— Quem me dera que o Gargle voltasse — disse um dos rapazes. — O Gargle sabia o que havia de fazer.

— O Gargle morreu — proferiu Hester.

Depois daquilo, os únicos sons que se ouviram foram os passos nas alcatifas molhadas e uma voz fraca lá mais à frente, metálica e sibilante como se viesse através de altifalantes. E que dizia: «Só queremos voltar a ver os nossos adorados e perdidos filhos...»

Subiram uma última escadaria que ia dar à sala dos ecrãs onde o fundador de Grimsby mantinha debaixo de olho o seu reino subaquático. Da última vez que Tom ali tinha estado, havia guardas. Mas desta vez os guardas tinham desaparecido e a porta nem sequer estava trancada. Hester abriu-a com um pontapé e entrou por ali dentro com a arma em punho.

Os outros entraram atrás dela. A sala era grande e com os tectos altos, iluminada por um brilho azul fantasmagórico que provinha dos ecrãs que cobriam as paredes. Eram de todos os tamanhos e feitios, desde ecrãs públicos gigantes, a pequenos ecrãs arrancados do equipamento de hospital da Antiga Tecnologia e todos ligados entre si por um conjunto de cabos flexíveis e rígidos. Mais acima, da cúpula escura do tecto, pendia uma estação de vigilância portátil. Um pequeno balão de carga que mantinha no ar um globo de ecrãs e de altifalantes. E todos os ecrãs mostravam a mesma imagem. Uma multidão de pessoas agrupadas na plataforma de observação, variada pelo vento, de uma metrópole jangada. «Crianças das profundezas», rogava a voz dos altifalantes, «se nos conseguem ouvir, imploramos-vos, venham ter connosco!».

— Porque foi que eles acreditaram nisto? Por que é que se foram embora? Será que preferem um bando de velhos «Gamados» a *mim*?

No meio da sala estava um homem idoso, de costas para a porta, gritando para a gravação que passava nos ecrãs. Na mão tinha um comando. Ergueu-o e pressionou um botão que fez com que todos os ecrãs ficassem sem imagem e sem som e depois voltou-se para Hester e para os outros.

— Quem são vocês? — perguntou de modo petulante. — Onde está o Gargle?

— O Gargle não vai voltar — respondeu Tom da forma mais simpática que conseguiu. Tinha más recordações do Tio, mas isso não o impedia de sentir pena do encurvado velho que arrastava os pés na sua direcção num par de chinelas do feitio de coelhos, já gastas. A cabeça, semelhante à de uma tartaruga, que saía das várias camadas de roupas bolorentas, pestanejou miopemente para ele. Os olhos do Tio estavam turvos da idade e Tom reparou que muitos dos ecrãs tinham grandes lentes de aumentar presas à frente para que as imagens se tornassem mais nítidas. Suspeitou que o Tio estivesse quase cego. Não era para admirar que se tivesse tornado tão dependente de Gargle.

— O Gargle faleceu — esclareceu.

— O quê, queres dizer que...? — o Tio aproximou-se, observando-o. — Morto? O Gargle? O pequeno Gargle que se armou em importante? — O seu rosto mostrou dor, alívio e finalmente raiva. — Eu *avisei-o!* Eu avisei-o para não ir atrás daquele livro enferrujado. Ele não foi feito para roubar. O Gargle, não. Era mais um planificador. Tinha cérebro, aquele Gargle.

— Pois tinha — interveio Hester. — Nós vimo-lo.

O Tio recuou perante o som daquela voz.

— Uma mulher? As mulheres são interditas em Grimsby. Sempre fui rígido acerca disso. E o Gargle sempre me apoiou nesse aspecto. As raparigas não eram permitidas. Só trazem azar. Não se pode confiar nelas.

— Mas, Tio... — disse Freya suavemente.

— Quê, mais outra? Este sítio está pejado delas!

— Tio? — chamou Caul.

O velho voltou-se, franzindo o sobrolho como se a voz de Caul tivesse ligado um botão ferrugento dentro da sua cabeça.

— Caul, meu rapaz! — exclamou ele. E logo, com uma roncadela, continuou: — Isto é obra tua, não? Tens alguma coisa a ver com isto? Contaste aos «Gamados» como é que nos podiam encontrar, não foi? Só tu ou há mais?

Voltou-se a coxear, apertando os botões do comando até que os confusos ecrãs se enchessem de imagens de Grimsby, colocando o seu rosto encarquilhado perto do vidro para observar os corredores e quartos vazios, o atracadouro vazio das «lapas», os corredores inundados e em ruína do Furtário.

— Somos só nós os quatro, Tio — respondeu Caul. — Mal sabemos o que aqui se passou. Não tem nada a ver connosco.

— Não? — O Tio observou-o atentamente e depois soltou uma casquinada aguda. — Pelos deuses, escolheste uma bela altura para nos visitares!

— Viemos por causa da filha do Tom da Hester. — explicou Caul pacientemente. — Chama-se Wren. Foi levada de Vineland pelo caloiro que estava com o Gargle a bordo do *Autolycus*.

— O Fishcake? Fishcake, era esse o nome dele... — E o Tio inclinou a cabeça. Quando voltou a falar tinha os olhos marejados de lágrimas. — O *Autolycus* desapareceu. Desapareceram todos, Caul, meu rapaz. Os idiotas receberam aquela mensagem acerca dos pais deles e zarparam de imediato para Brighton.

— Para Brighton? — Tom já tinha ouvido falar de Brighton. Uma estância de veraneio. Um tanto boémia mas não era um sítio muito mau. Se Wren lá estivesse, poderia estar bem.

— Porque é que Brighton os havia de querer? — perguntou Hester desconfiada.

O Tio encolheu os ombros, estendeu as mãos e fez vários outros gestos para significar que não fazia a menor ideia.

— Eu *avisei*-os de que era uma armadilha. Eu *avisei*-os. Mas eles não quiseram ouvir. Talvez se o Gargle cá estivesse. Eles ouvem o Gargle. Já não ouvem o seu velho Tio, que se preocupou tanto com eles ao longo destes anos todos... — Lágrimas de auto-comiseração escorreram-lhe pelo rosto velho e enrugado e assou o nariz à manga. O seu olhar deslizou apaticamente por Tom e Hester e depois fixou-se novamente em Freya. — Pelos deuses, Caul, foi por causa dessa baleia gigante que fugiste para Anchorage? Ela desleixou-se! Mas, pensando bem, tu também não estás com muito bom aspecto. Gosto que os meus rapazes estejam em perfeitas condições e tu... Bem, tu estás com um ar miserável, essa é que é essa. O Gargle contou-me que te tinhas ido tornar qualquer coisa entre os «Gamados».

Caul sentiu-se novamente um caloiro, a levar uma descompostura por se ter esquecido de uma parte do seu estojo de roubos.

— Desculpe, Tio — disse ele.

Freya pôs-se ao seu lado e tomou a mão dele nas suas.

— Caul *tornou-se* alguém — afirmou. — Não poderíamos ter construído Anchorage-in-Vineland sem a sua ajuda. Gostaria de lhe poder contar tudo, mas primeiro acho que temos todos de deixar este lugar.

— Deixar? — O Tio olhou para ela como se nunca tivesse ouvido tal palavra antes. — Eu não posso ir-me embora! O que é que a leva a crer que eu quero partir?

— Senhor, este lugar está acabado. Não pode manter aqui as crianças...

O Tio riu-se.

— Aqueles miúdos não vão a lado nenhum — redarguiu. — Eles são o futuro de Grimsby.

As crianças aproximaram-se mais de Freya. Ela largou a mão de Caul para lhes afagar a cabeça. Todos podiam ouvir o suave gemido do metal a dar de si nos andares inferiores e o marulho distante da água a entrar.

— Mas, Mr. Kael — implorou Freya. Tinha-se lembrado de algo que Caul lhe contara em tempos. Antes de o Tio se tornar no Tio, ele tinha sido Stilton Kael, um jovem rico de Arkangel. Esperara que, ao usar o seu verdadeiro nome, conseguiria convencê-lo, mas só o fez soltar um assobio irritado e arregalar-lhe os olhos. Mas ela insistiu na mesma. — Mr. Kael, este lugar deixa entrar água. Está meio inundado e o ar cheira a bafio. Posso não saber muito acerca de covis secretos subaquáticos, mas posso garantir-lhe que o futuro de Grimsby será muito curto.

Hester soltou a patilha de segurança da sua *Schadenfreude* e apontou mais ou menos na direcção do Tio.

— Se não quiser — disse ela — não precisa de vir.

O Tio olhou de esguelha para ela e depois para o globo de ecrãs suspenso, onde se via uma imagem do seu rosto mais nítida do que aquela que os seus pobres olhos lhe podiam oferecer.

— Não compreendem — insistiu ele. — Eu não me vou embora e nem vocês. Vamos todos reconstruí-la. Vamos tornar este lugar novamente à prova de água. Mais forte que nunca. Construir mais «lapas» e melhores. Nenhum de nós se vai embora. Diz-lhes, Caul.

Caul hesitou sem saber o que fazer. Não queria trair os seus amigos, mas também não queria deixar ficar mal o Tio. O som da voz daquele homem fê-lo estremecer de amor e dó.

Olhou para Freya.

— Lamento — murmurou. Depois, com um rápido movimento, arrancou a arma a Hester e apontou-lha e de seguida a Tom.

— Caul! — bradou Tom.

O Tio voltou a soltar outra casquinada.

— Bom trabalho, meu rapaz! Eu sabia que no final ias tomar a atitude certa! Ainda bem que não acabei de te enforcar. Que pena que todos aqueles tenham fugido daqui para fora antes de te terem conhecido, Caul. Servirias de lição. O regresso do Filho Pródigo. Todos estes anos fora e ainda continuas fiel ao teu pobre e velho Tio. — Retirou uma chave de um dos bolsos e entregou-a a Caul. —

Agora, vê-te livre desta gente. Fecha-os nas instalações do Gargle enquanto temos uma conversa como deve ser.

Caul manteve a arma apontada a Tom, pois sabia que Hester era a única estouvada o suficiente para tentar dominá-lo e que se preocupava mais com a segurança de Tom do que com a sua própria. Pescou a faca da bota de Hester, depois agarrou na chave do Tio e começou a mandar todos sair pela porta que estava aberta.

— Mas, Caul... — começou Freya.

— Esquece — aconselhou Hester. — Eu sabia que fazíamos mal em confiar nele. Presumo que esta tenha sido a única razão que o tenha feito concordar em trazer-nos aqui, para poder ver o seu precioso Tio mais uma vez.

— Ninguém vos vai fazer mal — prometeu Caul. — Tudo isto se resolve. Vai correr tudo bem. — Ele não sabia o que ia fazer, mas apenas que estava feliz por ser novamente um Menino Perdido.— O Tio É Quem Sabe — repetiu, enquanto forçava os seus prisioneiros a descerem as escadas para os aposentos de Gargle e fechava a porta atrás deles. — Vai correr tudo bem. O Tio sabe sempre o que é melhor.

Capítulo 17

A Capela

A noite caiu sobre Tienjing. Acima da metrópole, as montanhas avultavam, grandes e pálidas, com um galhardete de neve em pó a voar sobre cada pico gelado. Sobre as montanhas, mais geladas ainda, as estrelas começavam a aparecer e as coisas que não eram estrelas, os satélites mortos e as plataformas orbitais dos Antigos, dançavam a sua antiga e lenta dança no céu.

O Caçador Shrike patrulhava os silenciosos corredores do Pago-de Jade, os olhos de visão noturna a investigar as sombras, os seus ouvidos a detectar conversas em salas distantes, um ataque de riso na casa dos guardas ou o caruncho atarefado nos painéis das paredes. Deambulou pelas galerias decoradas com esculturas antigas de monstros e demónios das montanhas, nenhum tão assustador como ele próprio. Saboreando a elegância e o poder do seu corpo afinado de novo, verificou com todos os seus vários sentidos se existia qualquer leve assinatura química de explosivos escondidos ou o brilho corporal de um assassino oculto. Esperava que, em breve, algum mortal tentasse atacar a sua chefe. Estava desejoso de voltar a matar.

Uma brisa fria atingiu-o. Uma leve alteração na pressão do ar avisou-o de que uma porta da rua tinha sido aberta e fechada quatro andares mais abaixo. Chegou rapidamente a uma janela e olhou para baixo. Uma mancha bifurcada de calor humano movia-se pelas sombras do pátio em direcção ao posto de identificação no portão. Shrike mediu-lhe a altura e a passada com os dados que tinha armazenado durante o tempo que passara como guarda-costas e reconheceu a Dr.^a Zero.

Onde iria ela numa noite assim, quando o sinal de recolher ia soar dentro de menos de uma hora? Shrike ponderou os motivos da mortal. Talvez a Dr.^a Zero tivesse um amante na metrópole inferior. Mas a Dr.^a Zero nunca parecera interessada em amor e de qualquer

forma, esta já não era a primeira vez que Shrike a apanhava em atitudes estranhas. Reparara na forma como o seu coração batia mais rapidamente quando estava perto da Caçadora Fang e sentia o forte odor que exalava quando por vezes Fang a observava. Ficara surpreendido por a sua chefe não ter reparado nessas coisas. Mas Fang não se interessava pelos mortais e pelos seus modos. Talvez não se apercebesse ou não lhe interessasse que a sua Cirurgiã-Mecânica tivesse medo dela.

Os olhos de Shrike, em modo de ampliação máxima, observaram a Dr.^a Zero a mostrar o seu passe no posto de identificação e seguiu-a até a perder de vista no meio dos aquartelamentos e das bandeiras de Tienjing. Porque estaria ela tão assustada? O que é que a assustaria? O que estava ela a fazer? O que *planeava* fazer?

Shrike devia-lhe tudo mas, mesmo assim, sabia que era seu dever descobrir o que se passava.

Descendo pelas ruas íngremes e tortuosas, Oenone Zero caminhava rapidamente com o seu manto de seda de silicone com o capuz levantado e a cabeça baixa. O céu sobre a metrópole estava coberto com as luzes móveis de porta-aviões e contratorpedeiros aéreos que levantavam voo da doca aérea militar, transportando ainda mais homens e mulheres jovens para o Ocidente, onde as suas mortes os aguardavam no Saliente de Água Ferrugenta.

A culpa crescia dentro de Oenone, mas já estava habituada. Todas as manhãs, verificava as juntas da Caçadora Fang, bem como o resto do corpo, e colocava os seus instrumentos contra o peito de aço da Caçadora para verificar a estranha fonte de energia de Tecnologia Antiga que estava aninhada onde, em tempos, batera o coração de Anna Fang. Todas as manhãs repetia para si mesma: *Devia fazê-lo agora, hoje.*

Não seria a primeira a tentar. Todo o tipo de fanáticos da paz e conservadores extremistas da velha Liga tinham tentado destruir a Caçadora Fang, conseguindo apenas quebrar as facas contra a armadura dela ou vê-la sair ilesa das ruínas de salas bombardeadas e dos destroços de dirigíveis. Mas Oenone era uma cientista e usara

os seus talentos de cientista para montar uma arma que pudesse destruir até a Caçadora Fang.

O problema é que não tinha coragem para a usar. E se não funcionasse? E se *funcionasse*? Oenone estava certa de que, sem a Caçadora para o liderar, o regime da Green Storm em breve cairia, mas não tão rapidamente que os apoiantes da Caçadora não conseguissem arranjar tempo para a matar. E já ouvira uns boatos sobre o que faziam aos traidores. Perdida nos seus pensamentos, nem reparou que estava a ser seguida enquanto atravessava a Ponte do Duplo Arco-íris e virava para a Rua das Dez Mil Divindades.

Ao longo dos séculos, os Anti-traccionistas de toda a Europa e Ásia tinham fugido para aquelas montanhas e trazido com eles os seus deuses. Arrumados ao lado uns dos outros, os templos pareciam competir entre si naquela luz sombria. Oenone seguiu o seu caminho passando por dois casamentos, um funeral, sanitários enfeitados com moedas da sorte e estralejante fogo de artifício. Passou pelo templo dos Deuses do Céu e pelo Pagode Dourado dos Deuses das Montanhas. Passou pelo *Poskittarium* e pelo pequeno bosque da Deusa das Maçãs. Passou pela casa silenciosa da Deusa da Morte. No final da rua, apertada entre dois templos de religiões mais populares havia uma capela Cristã.

Olhou em volta para se certificar que ninguém a observava antes de entrar, mas nem se lembrou de olhar para os telhados.

Oenone tinha encontrado aquele lugar por acaso e não percebia o que a impelia a lá voltar. Não era Cristã. Poucas pessoas o eram, excepto em África e nalgumas ilhas que ficavam mais para Ocidente. Tudo o que sabia acerca dos cristãos é que adoravam um deus pregado a uma cruz com pregos e de que raio serviria um deus que andava por aí a deixar-se pregar a coisas? Não admirava que aquele lugar tivesse caído em desuso, já nem tivesse tecto e as ervas crescessem através dos bancos podres. Mas em noites como aquela, quando sentia que tinha de sair do Pagode de Jade ou enlouqueceria, era ali que Oenone vinha para se acalmar. Flocos de neve caíam sobre ela através de uma peneira solta de vigas, pousando-lhe no cabelo verde quando ela lançou o capuz para trás.

Passou as mãos pelas paredes e decifrou com as pontas dos dedos os textos gravados na velha pedra. A maioria estava ilegível mas havia um de que ela gostava muito. Era um velho fragmento, de antes da Guerra dos Sessenta Minutos, e Oenone não tinha a certeza do que significava mas havia nele algo de consolador.

Morremos com os mortos:

Vê, eles partem e nós vamos com eles.

Nascemos com os mortos:

Vê, eles regressam e trazem-nos com eles.

O momento da rosa e o momento do teixo

Têm a mesma duração.

Num impulso, Oenone ajoelhou-se diante do altar de pedra nua e baixou a cabeça. Não acreditava nele, naquele deus antigo, mas tinha de falar com alguém.

— Ajuda-me — sussurrou. — Se realmente estiveres aí, dá-me força. Dá-me coragem. Estou tão perto dela. Podia usar imediatamente a arma se fosse suficientemente corajosa. E não seria um assassínio, pois não, matar alguém que já está morto? Estaria apenas a desfazer uma máquina, uma máquina perigosa e destrutiva...

Falou baixinho quase sem mover os lábios. Nenhum ouvido humano a teria conseguido escutar. Mas mesmo assim a sua prece foi ouvida. Agachado como uma gárgula no arruinado campanário da capela, o Caçador Shrike ouvia cuidadosamente cada palavra.

— Terei eu o direito de o fazer? Antes, tudo parecia tão claro. Mas agora, vi-a. Como é inteligente e forte... Talvez fosse assassínio. Ou estarei apenas a arranjar desculpas para mim mesma? Estarei à procura de uma razão para não o fazer para que eu possa viver? Envia-me um sinal, deus, se estiveres aí. Mostra-me o que devo fazer...

Aguardou, e Shrike aguardou com ela, mas não houve qualquer sinal. Os deuses barulhentos e populares dos templos das redondezas pareciam distribuir conforto e conselhos como conselheiras sentimentais, mas o deus daquele lugar era menos perscrutável.

Talvez estivesse a dormir, ou morto. Talvez estivesse mais ocupado com um mundo melhor, lá do outro lado do universo. Oenone Zero abanou a cabeça perante a sua própria idiotice levantou-se, preparando-se para partir.

Shrike desceu rapidamente pela parede da capela e esperou num recanto perto da entrada, onde em tempos teria talvez estado uma estátua do deus cristão pregado na cruz. As suas suspeitas estavam certas. A Dr.^a Zero era uma traidora e, embora ele tivesse nutrido um forte sentimento por ela à sua maneira de Caçador, sabia que tinha de a eliminar antes que ela fizesse mal à sua chefe. O seu sistema de circuitos eléctricos zumbiu e formigou perante a perspectiva de matar. Ela retirara-lhe as garras mas ele continuava a ser forte e implacável. Um golpe com o seu punho e ela morreria facilmente.

Um passo na entrada. A mulher saiu da capela e levantou o capuz para se proteger do frio. Não viu Shrike. Passou por ele e caminhou rapidamente pela Rua das Dez Mil Divindades, voltando rapidamente para os seus aposentos no Pagode antes que os sinos tocassem para o recolher obrigatório.

Shrike baixou o punho, sentindo-se surpreendido e ligeiramente ridículo. O que se teria passado com ele? Era um Caçador, uma máquina de matar e no entanto, quando o seu crânio de perseguidor em forma de casca de ovo, estabelecera contacto, não tinha conseguido atacar.

Preciso de avisar a polícia secreta da Green Storm, pensou, saltando do seu recanto e seguindo Oenone pelo meio da multidão que enchia a rua. Deixaria a mortal lidar com os seus nas salas de tortura de tijolo branco, por baixo do Pagode de Jade. Mas, após algumas passadas, parou. Simplesmente não havia nele a capacidade de trair Oenone Zero.

Foi ela que me fez isto. pensou, ao lembrar-se de todas os turnos nocturnos a sós nos Laboratórios de Caçadores. De alguma forma, a jovem Cirurgiã-Mecânica tinha criado uma barreira na sua mente que impossibilitava Shrike de lhe fazer qualquer mal ou de contar a alguém o que ela estava a planear. Ele sempre fizera parte

dos seus planos. E ela fornecera à Caçadora Fang um guarda-costas incapaz de a proteger.

Deveria odiar a Dr.^a Zero por o usar daquela forma. Mas também não havia nele a capacidade de a odiar.

Abriu caminho pelo meio de uma procissão que estava a decorrer à porta do templo de Jomo e encaminhou-se para casa através da escuridão e da neve. Ele não era um fantoche de Oenone Zero. Podia não conseguir fazer-lhe mal mas ia impedir que ela fizesse mal à sua chefe. Fosse de que maneira fosse, ia descobrir a natureza do plano dela e pôr-lhe termo.

Capítulo 18

O Naglfar

Assim que fechou os seus amigos e as crianças nos aposentos de Gargle, Caul voltou a subir as escadas a correr em direcção à sala dos ecrãs. Tremia ligeiramente e sentia-se meio inclinado a voltar atrás e a abrir a porta. Insistia em dizer para si mesmo que não tinha escolhido o Tio em detrimento de Freya e dos outros. Arranjaria uma forma de se manter fiel a todos.

— A primeira coisa que temos de fazer — disse o Tio logo que Caul se juntou novamente a ele — é livrarmo-nos destas mulheres. Dão azar. Verás. — Tinha enchido os seus ecrãs com as imagens dos cativos que estavam na sala do andar inferior. Grandes planos, cheios de grão, de Freya e Hester. E continuou: — Não há dúvida que são muito bonitas e não duvido que as aches amorosas, mas dar-te-ão a volta e trair-te-ão tal como a minha Anna me traiu há tantos anos atrás. Foi por isso que sempre mantive a regra de que não haveria mulheres em Grimsby.

Caul pousou a arma de Hester. Sentia-se estúpido, ali de pé, com aquilo na mão.

— Então e a rapariga que estava a bordo do *Autolycus* com o Gargle?

— O jovem Rémora? — O Tio agarrou na arma e enfiou-a algures no meio da sua roupa nojenta. — Eu sei o que queres dizer. Um rapaz estranho. Uma voz demasiado aguda. Cabelo comprido. Demasiada maquilhagem. Tive as minhas sérias dúvidas quando o Gargle mo apresentou pela primeira vez, mas ele assegurou-me tratar-se de um rapaz. E um excelente ladrão. Pobre Rémora. Presumo que também tenha morrido?

— Tio, há raparigas entre aquelas pobres crianças que encontramos lá em baixo. Muitas são raparigas.

— Raparigas? Tens a certeza? — O Tio começou a manusear o comando, procurando planos das crianças. Caul viu os seus amigos nos ecrãs com um ar nervoso enquanto as *camarachídeas* ci-

randavam no tecto sobre eles, chocalhando os móveis de Rémora. O Tio via apenas manchas de rostos acinzentados. — Talvez os esquadrões raptos do Gargle *tenham* agarrado algumas raparigas por engano — murmurou, ressentido. — Também nos temos de livrar delas, se é que queremos recomeçar de novo. E é o que faremos, Caul, meu rapaz. Reconstruiremos Grimsby mais forte e melhor que nunca e tu serás o meu braço direito. Podes mudar-te para os aposentos do Gargle e tomar conta de tudo por mim, como ele fazia.

Um dos grupos de ecrãs por trás dele apagou-se de súbito, deixando a sala ainda mais sombria que antes. Sentia-se no ar um cheiro a fios queimados e, quando Caul foi verificar, reparou que a água estava a inundar as superfícies dos ecrãs e o chão por baixo deles. Levou os dedos aos lábios e soube-lhe a salgado. *O Tio E Quem Sahe*, disse para consigo, e queria acreditar naquilo, pois seria bom voltar aos velhos tempos quando ele tinha a certeza de tudo. Todos temos de acreditar em algo melhor e maior que nós. Tom e Freya tinham os seus deuses, Hester tinha Tom e Caul tinha o Tio. Não voltaria a desiludir novamente o Tio, apesar de ele estar velho, cego e confuso. E apesar de não haver provavelmente nada capaz de salvar Grimsby do mar.

Mas não deixaria que os seus amigos morressem afogados com ele.

— Parece cansado, Tio — disse gentilmente. E era verdade. Há quanto tempo estaria o velhote naquela sala, a olhar para a traiçoeira mensagem vinda de Brighton que passava nos seus ecrãs? Caul tocou-lhe na mão. — Devia ir descansar, agora que estou eu aqui para tomar conta de tudo.

O Tio voltou-se para o observar e nos seus olhos havia ainda alguma da sua velha astúcia.

— Estás a tentar enganar-me, Caul? Foi o que o Gargle fez. «Tire uma soneca, querido Tio», disse ele. «Descanse por uns instantes, Tio.» E quando acordava, uma parte do meu pessoal tinha desaparecido ou um dos rapazes em que eu confiava tinha morrido e o Gargle dizia-me que tinha sido só um acidente...

— Porque é que o deixou levar a melhor? — perguntou Caul. O velho encolheu os ombros.

— Porque tinha medo dele. E porque tinha orgulho nele. Aquele Gargle era astuto e fui eu que o tornei assim. Era como um filho para mim, acho. Gosto de pensar que eu e a Anna teríamos tido filhos, se ela não me tivesse enganado e fugido naquele dirigível feito em casa. Gosto de pensar que seriam tão astutos como o Gargle. Mas ainda bem que ele morreu, Caul, meu rapaz. Fico feliz por seres tu que aqui estás, agora.

Resmungando baixo para consigo, o Tio deixou que Caul o levasse pelas íngremes escadas acima para o quarto. As hélices de direcção do velho balão de carga gemeram e tiniram enquanto o globo de ecrãs os acompanhava, pendurado a escassos metros das suas cabeças, para que o Tio conseguisse olhar para ele com os olhos meio cegos, passando nervosamente de um para outro. A entrada para o quarto do Tio tinha sido alargada para permitir que o balão entrasse. — Tenho de os manter debaixo de olho, Caul — murmurou. — Nunca se sabe o que poderão fazer se não os observarmos. Temos de os observar a todos. Em todo o lado. Sempre.

O quarto tinha sido em tempos faustosamente mobilado, pois os Meninos Perdidos traziam as melhores coisas que roubavam para ali como um tributo ao Tio. Mas, ao longo dos anos e peça a peça, o Gargle devia ter arranjado desculpas para tirar dali tudo e levar lá para baixo para os seus aposentos. Restava uma cama com uma manta coçada, algumas pilhas de livros bolorentos e um grande cesto virado ao contrário que servia de mesa-de-cabeceira e tinha em cima um candeeiro de árgon e a fotografia amarelecida de uma bonita mulher, vestida com o uniforme dos escravos de Arkangel.

— Guardo-a para me lembrar — explicou o Tio ao ver Caul olhar para a fotografia e virou-a rapidamente ao contrário. — A minha Anna Fang. Era bonita, não era? Transformaram-na numa Caçadora e puseram-na a comandar a Green Storm e ela governa cerca de meio mundo com dirigíveis e exércitos às suas ordens. Segui-lhe a carreira. Tenho um livro de recortes por aí algures. O Gargle achou

que podia fazer negócio com ela mas eu sabia que não. Sabia que ia era arranjar mais problemas...

— Que tipo de negócio' — perguntou Caul. Já ouvira o Tio falar do seu grande amor, mas nunca soubera que os Meninos Perdidos haviam tentado fazer negócios com o mundo exterior.

— Foi por isso que o Gargle foi a Anchorage? Era para isso que ele queria o *Livro de Estanho*?

O Tio sentou-se na cama e a sua lua de ecrãs de vigilância seguiu-o até ficar logo acima da sua cabeça.

— O Gargle disse que íamos ter problemas. Mal aquelas três primeiras «lapas» desapareceram, ele disse «Vamos ter problemas». E tinha razão, sabias? Só não sabia era quando. Pensou que, se tivesse o *Livro de Estanho* na mão, podia dá-lo à Green Storm e pedir-lhe protecção em troca. E fazer com que eles desfizessem qualquer metrópole que nos viesse perseguir.

— Mas para que é que eles haviam de querer o *Livro de Estanho*?

— perguntou Caul.

— Quem sabe? — respondeu o Tio encolhendo os ombros.

— Há uns verões atrás mandaram uma expedição à procura dos destroços de Anchorage. É claro que não encontraram. Mas Gargle conseguiu colocar uma «lapa» a bordo do dirigível deles e descobriu o que eles esperavam dragar.

— O *Livro de Estanho*?

O Tio acenou que sim com a cabeça.

— Eles também não eram meros Green Storm. Eram agentes especiais que respondiam directamente perante *ela*. Então o Gargle pensou que, se ela estava pronta a enviar dirigíveis carregados de agentes para o outro lado do mundo em plena guerra, à procura daquilo, então é porque devia valer muito. E ele lembrava-se de ter visto qualquer coisa parecida quando tinha andado a roubar Anchorage daquela outra vez, só que nunca pensou que tivesse tanta importância. — E abanou a cabeça. — Eu disse-lhe que não ia resultar. Disse-lhe para ficar quieto. Mas o jovem Gargle era assim,

mal tinha uma ideia na cabeça, não havia como impedi-lo. E lá foi ele e agora está morto e aquela terrível metrópole roubou-me todos os meus meninos.

— Mas o *que* era? — perguntou Caul. — Quer dizer, o *Livro de Estanho*? O que é que o torna tão valioso?

O Tio, que entretanto tinha estado a fungar, assoou-se a um lenço às pintas e olhou de soslaio para Caul.

— Não sei — respondeu. — Nunca descobrimos. O Gargle contou uma história qualquer que se tratava dos planos de um enorme submarino Antigo que nos salvaria a todos, mas acho que foi invenção dele. O que é que a minha pobre Anna haveria de querer com um submarino? Não. Acho que é uma arma. Coisa grande.

Guardou o lenço e bocejou.

— E agora, meu rapaz, já chega de passado. Devemos pensar no futuro. Devemos fazer planos. Está na hora de começar a reconstruir. Vamos ter de roubar umas coisas. Ainda bem que trouxeste o *Screw Worm* contigo porque nos vai dar muito jeito. E ainda tenho o velho *Naglfar*. Lembraste do bom e velho *Naglfar*?

— Vi-o no atracadouro quando chegámos — confirmou Caul. Apercebeu-se de que o Tio estava a ficar sonolento. Ajudou-o a deitar-se e cobriu-o com a manta de xadrez, tapando-o até ao queixo.

— Durma um bocadinho — disse-lhe. — Durma e, quando acordar, vai estar na hora de pôr mãos à obra.

O Tio olhou para ele e sorriu. A bola de ecrãs permanecia suspensa sobre a sua almofada e, à luz dos raios catódicos das imagens das *camaracnídeas*, o seu velho rosto iluminou-se, parecendo uma máscara de papel iluminada por dentro pela luz vacilante dos seus sonhos.

Na sala do piso inferior algumas das crianças também tinham adormecido. Os outros estavam sentados em silêncio, com os olhos abertos e confiantes a observar Tom que lhes contava uma história que costumava contar a Wren, quando ela era pequena e acordava assustada a meio da noite. Não pareciam assustados com os

rangidos e estremecimentos da metrópole moribunda, nem com o gotejar da água que escorria pelas paredes. Fora assustador quando estavam sozinhos mas agora, que aqueles simpáticos adultos tinham aparecido, sentiam que tudo ia ficar bem.

Hester perambulava pelos cantos da sala em busca de armas ou formas de abrir as pesadas fechaduras das portas, ficando cada vez mais irritada por não encontrar nada.

— O que é que vais fazer se encontrares maneira de sair daqui?

— perguntou Freya baixinho. — Senta-te. Vais assustar as crianças.

Hester lançou-lhe um olhar carrancudo.

— O que é que eu vou fazer? Vou até aos tanques das «lapas», claro, e zarpo no *Screw Worm*.

— Mas não cabemos todos a bordo do *Screw Worm*. Mesmo que conseguíssemos enfiar as crianças todas no porão, não teríamos nem ar, nem combustível suficiente para chegar a Anchorage.

— Quem disse que íamos levar as crianças? — perguntou Hester. — Eu vim salvar a Wren e não aqueles pequenos selvagens. A Wren não está aqui, portanto agarramos no *Worm*, vamos até Brighton e procuramo-la lá.

— Mas as crianças... — gritou Freya e logo parou abruptamente, não fossem elas ouvir e perceber o plano de Hester. — Hester, como é que foste capaz de pensar tal coisa! Também tens uma filha!

— Exacto — replicou Hester. — E se tu também tivesses, perceberias o trabalho que dão. E estas nem são crianças normais. É muito bonito armares-te em mamã e preocupares-te com eles, mas estes são *Meninos Perdidos*. Não os podes levar para Anchorage. O que é que vais fazer com eles lá?

— Amá-los, claro — respondeu prontamente Freya.

— Ah, como fizeste com o Caul? E teve um lindo resultado, não foi? Vão roubar-te quando menos esperares e talvez até matar-te. Perdeste o tino, Rainha das Neves. Pediste-me uma vez para te ajudar a proteger Anchorage. Pois bem, proteger-te-ei evitando que

leves um bando de ladrões bebés para casa, à laia de recordação de Grimsby.

Freya deu um passo atrás como se lhe desagradasse estar tão próxima de Hester.

— Acho que Anchorage já não precisa do teu tipo de protecção — replicou. — Fiquei aliviada por te ter por perto em tempos. Mas pensei que todos estes anos de paz te tivessem trazido igualmente alguma paz. Mas tu não mudaste.

Hester estava prestes a responder-lhe, quando a porta por trás dela se abriu e Caul entrou. Preferiu então voltar-se contra Caul.

— Vieste gozar com a desgraça dos teus prisioneiros?

Caul evitou fitá-la nos olhos,

— Vocês não são prisioneiros — respondeu. — Só não quis que ninguém sofresse. E não quis que obrigassem o Tio a partir. É um velho. E morreria se saísse de Grimsby.

— E morre se ficar — contrapôs Hester. — A não ser que seja um excelente nadador.

Caul ignorou-a e falou directamente para Freya e Tom.

— Ele está a dormir. Vai dormir durante algumas horas. Dá-lhes tempo para fugir.

— E tu? — indagou Freya.

Caul abanou a cabeça.

— Eu tenho de ficar. Sou tudo o que lhe resta.

— Pois olha, és mais do que ele merece — comentou Tom indignado. — Sabes que ele jamais conseguirá reconstruir isto, não sabes?

— Vocês não percebem — disse Caul. — Vê-lo naquele estado, tão velho, louco e infeliz... É claro que Grimsby acabou. Mas o Tio não se apercebe disso. Eu sou o último dos seus meninos, Tom. Tenho de ficar com ele até ao fim.

Freya estava prestes a discutir com ele, mas Hester interrompeu a conversa.

— Por mim, tudo bem. E agora, como é que sugeres que par-
tamos?

Caul olhou para ela e sorriu, satisfeito por ouvir finalmente uma
questão prática.

— O *Naglfar*. É o submarino de carga que vimos no atracadouro
quando cá chegámos. É velho mas de confiança. Pode levá-los de
regresso a Anchorage à confiança.

— Então, também tens de vir connosco! — exclamou Freya
aliviada. — Eu não sei conduzir um submarino, ou pilotá-lo, ou lá o
que é preciso fazer.

— Tom e Hester ajudam-te.

— Tom e Hester vão agarrar no *Screw Worm* e dar caça a
Brighton — respondeu Hester.

— Não — disse Caul. — Têm de ir com Freya. Eu tenho de ficar
com o Tio. Ajudo-os a fornecer o *Naglfar* com combustível e
provisões. Primeiro, levam-no de volta a Anchorage e, depois de
Freya e as crianças estarem a salvo, podem seguir para Brighton,
em busca de Wren.

E assim, pela última vez, o atracadouro de «lapas» de Grimsby
ressoou com o som de um submarino a preparar-se para se fazer ao
mar. O *Naglfar* era uma banheira enferrujada e decrepita, mas Caul
disse que podia navegar e tinha espaço suficiente para todas as
crianças. Mas não lhes contou tudo o que sabia acerca dele. Que
era o submarino que o Tio tinha roubado anos antes aos Gelófilos
necrófagar, usando-o para dar início ao seu império subaquático.
Nem de onde vinha o seu nome (segundo as lendas do velho Norte,
Naglfar tinha sido um navio construído com unhas de mortos, no
qual os deuses das trevas navegavam para a batalha no fim do
mundo). Não queria provocar pesadelos às crianças.

Assim, Tom e Caul concentraram-se em testar os motores do
velho submarino, enquanto Hester atestava os depósitos de
combustível e Freya obrigava algumas das crianças mais velhas a
mostrar-lhe os armazéns de víveres de Grimsby onde agarraram em

braçadas de provisões para os alimentar na viagem de regresso a Vineland.

Tudo tinha de ser feito rapidamente. Rangidos e murmúrios metálicos ecoavam pelas passagens do velho edifício, à medida que as placas do casco, danificadas pelas cargas de profundidade lançadas por Brighton se iam deslocando lentamente e cedendo à pressão do mar, e as anteparas das portas se fechavam com estrépito, cerrando as secções inundadas. Ninguém esquecera que o Tio permanecia nos seus aposentos, com os seus sonhos alucinados. Mas parecia que, de momento, o Tio dormia profundamente. Pelo menos, quando Tom abriu as escotilhas do *Naglfar* e olhou para o tecto escuro, não viu *camaracnídeas* em acção.

Encostou-se ao tampo aberto da escotilha durante uns segundos, grato pelo frio, pois dentro da casa das máquinas do *Naglfar* estava a ficar quente e abafado. Tinha-se excedido em baixo, preocupando-se também demasiado com Wren, e a sua velha ferida começava a incomodá-lo cada vez mais, com pontadas agudas de dor como se tivesse o coração coberto de vidros partidos. Pensou mais uma vez se iria morrer. Não se julgava com receio de morrer, mas temia que isso acontecesse antes de encontrar Wren.

Decidiu preocupar-se com Caul em vez de consigo mesmo. Saiu do submarino e encontrou Hester que vinha a atravessar a doca.

— O que é que vamos fazer com o Caul? — perguntou Tom brandamente, puxando-a de lado. — Ele teima em ficar aqui. Será que já se esqueceu de que o Tio tentou mandá-lo matar?

Hester abanou a cabeça.

— Ele não se esqueceu — retorquiu, — Acho que ele não *quer* propriamente ficar. Mas é que ele ama o Tio.

— Mas o Tio quase que o matou!

— Isso não faz diferença — respondeu Hester. — O Tio é o que Caul tem de mais parecido com um pai ou uma mãe. Toda a gente ama os pais. Podem nem sempre aperceber-se disso, podem até odiá-los, mas há sempre um pouco de amor misturado com o ódio, o que torna tudo mais... complicado.

Parou, incapaz de se explicar a si própria, pensando nos sentimentos complicados que nutria pelo seu falecido pai e pela filha desaparecida. Desejaria que Wren a amasse tanto como Caul amava o Tio.

— Freya contou-me que Caul sonha todas as noites com este lugar — comentou Tom. — Sonha com a voz do Tio a sussurrar-

-lhe como fazia quando ele era uma criança. Porque é que o Tio haveria de continuar a falar com eles, pelos altifalantes, mesmo quando estavam a dormir?

— Talvez lhes estivesse a fazer alguma lavagem ao cérebro — respondeu Hester.

— É o que eu acho — concordou Tom. — Colocar-lhes uma espécie de anzol na mente de forma a puder puxá-los sempre de volta para Grimsby, por mais longe que tentassem fugir ou por muito que quisessem sair dali.

— Nós dominamos o Caul — sossegou-o Hester. — Damos-lhe uma marretada na cabeça e arrastamo-lo daqui para fora. Quando estivermos no alto mar, logo recupera o juízo.

— Talvez — concordou Tom. — Talvez quando este lugar desaparecer e o Tio morrer, ele o consiga esquecer.

Da torre de comando do *Naglfar* ouviu-se subitamente o grito penetrante de uma criança.

— *As camaracnídeas!* — gritou um rapaz chamado Eel, a quem Freya tinha pedido para manter vigilância, pois era demasiado pequeno para ajudar fosse no que fosse. — As câmaras estão a andar!

Tom e Hester olharam para cima. Acima deles, *camaracnídeas* corriam pelas enferrujadas lanças dos guindastes, atropelando-se umas às outras enquanto focavam as lentes sobre o tanque onde se espojava o *Naglfar*.

— O velho acordou — avisou Caul, saindo pela escotilha da frente do submarino e saltando para a doca com Freya logo atrás.

— E depois? — indagou Hester. — Ele não nos pode impedir de ir embora.

— Quem falou em ir embora? — perguntou a voz áspera do Tio.
— Ninguém se vai embora.

Aproximou-se deles a coxear por entre os tanques em meia-lua vazios, com a arma de Hester na mão débil e trémula. Sobre a sua cabeça o velho balão permanecia suspenso como um antiquado balão de banda desenhada e o globo de ecrãs sob ele tremeluzia com imagens das *camaracnídeas*. Ergueu a arma e puxou o gatilho, deferindo um tiro contra o metal da torre cônica do *Naglfar*. O som ecoou por entre os obscuros guindastes e, à laia de resposta, uma antepara algures nos andares superiores soltou um rugido como uma criatura gigante que estivesse a morrer lenta e dolorosamente de indigestão.

O Tio ignorou-o.

— O Tio É Quem Sabe! — berrou esganiçadamente. — Fiquem e ajudem-me a reconstruir Grimsby, e serão todos bem recompensados. Tentem ir embora e serão evacuados pela porta aquática para servir de alimento aos peixinhos.

As crianças estremeceram. Hester pôs-se em frente de Tom como que a protegê-lo. Caul correu para junto do velho.

— Tio — começou ele —, acho que Grimsby está mais danificado do que julgávamos.

— E então? — perguntou, o Tio olhando para um dos grandes planos de Caul num dos ecrãs. — Então? Estava bem pior que isto da primeira vez que para cá vim.

— Mr. Kael — interpelou Freya baixinho. — Stilton?

E atravessou a doca, com as *camaracnídeas* que estavam nos guindastes sobre ela a ampliar frenéticas o seu rosto e mãos. Caul tentou impedi-la mas ela empurrou-o para o lado e estendeu a mão ao Tio.

— Caul tem razão — continuou. — Grimsby está a chegar ao fim. Foi uma ideia arrojada e ainda bem que a vi com os meus próprios olhos, mas está na hora de partir. Pode vir connosco para *Anchorage*. Não gostaria de voltar a respirar o ar puro e a ver o sol?

— O sol? — perguntou o Tio com os olhos subitamente marejados de lágrimas. Há muito tempo que ninguém era simpático para com ele. Há muito tempo que ninguém o tratava por Stilton. Freya aproximou-se e ele olhou para cima, para a sua bola adejante de ecrãs e para as mãos brancas e ampliadas dela sobre ele como se fossem asas.

— Deixar Grimsby? — perguntou, mas num tom calmo e pensativo. As *camaracnídeas* ampliaram a imagem até que por fim todos os ecrãs mostravam apenas Freya ou partes dela. O seu rosto, olhos, boca, a suave curva das maçãs do rosto, as mãos. Todas maiores que o normal como peças de um jogo de montar de onde pudesse surgir uma deusa. O Tio queria segurar naquelas mãos caridosas, ir com ela e ver novamente o sol antes de morrer. Deu meio passo na sua direcção e depois lembrou-se de Anna Fang e de como ela o tinha traído.

— Não! — gritou. — Não! Não vou! Não passa tudo de um truque!

Apontou-lhe a arma e puxou o gatilho e o imenso estrondo ecoou pelo atracadouro e fez com que todas as crianças gritassem e cobrissem os ouvidos. A bala atravessou o rosto sorridente de Freya, e o rosto partiu-se e por trás havia apenas escuridão, faíscas e o vidro a cair em estilhaços sobre o Tio que se apercebeu vagamente que não tinha acertado em Freya, mas sim na sua imagem projectada no maior dos ecrãs. Procurou com a vista a verdadeira Freya, mas Caul puxou-a para o lado, escudando-a, e o Tio não queria atirar sobre Caul.

Algures acima dele soou um longo suspiro que o distraiu. A pesada arma caiu-lhe das mãos. Olhou para cima. Todos olharam para cima, incluindo as assustadas crianças. O suspiro foi-se tornando mais audível e o Tio viu que o seu disparo tinha feito um buraco no balão que sustinha a sua lua de ecrãs. À medida que o observava, o furo transformou-se rapidamente num longo rasgão, como uma boca a bocejar.

— Tio! — gritou Caul.

— Caul! — gritou Freya, puxando-o e agarrando-o com força.

— Anna... — sussurrou o Tio.

E a bola de ecrãs caiu sobre ele como uma bota a esmagar uma aranha. Os ecrãs rebentaram, com faíscas azuis e brancas a saltar e o vidro partido espalhou-se pelo convés. O balão que se ia esvaziando assentou sobre os destroços como um manto e, logo que o fumo que saía das máquinas estraçalhadas alcançou o tecto, um extintor automático de incêndios entrou em funcionamento, enchendo o atracadouro das «lapas» de água fria e salgada.

Tom correu juntamente com Hester e agarrou Freya pelos ombros trémulos, perguntando:

— Estás bem?

— Acho que sim — respondeu ela acenando com a cabeça en-sopada até aos ossos e a espirrar devido ao fumo. — O Tio...?

Caul contornou a pilha de ecrãs que faiscavam e ardiam lentamente. Apenas os pés do Tio com os seus encardidos chinelos em forma de coelhos, saíam de debaixo dos destroços. Estremeceram algumas vezes e depois ficaram imóveis.

— Caul? — chamou Freya.

— Estou bem — respondeu Caul. E estava, apesar de, por alguma razão, não conseguir parar de chorar. Puxou um bocado do tecido do balão até cobrir os chinelos e em seguida voltou-se para os outros. — Venham daí — continuou. — Vamos pôr o *Naglfar* a funcionar antes que este lugar se desfaça por completo. O também. Tom e Hester vão precisar dele para irem em busca de Wren.

Depois daquilo, tudo se fez mais depressa. Grimsby chiava e lamentava-se constantemente e por vezes um estremecimento ameaçador agitava a água do atracadouro das «lapas» como se de alguma forma aquele velho lugar soubesse que o seu criador se fora e estava a morrer com ele.

O resto do combustível foi carregado, e baterias novas e barris de água rolados para dentro do *Screw Worm* e do *Naglfar*. Hester andava à caça dos tesouros ocultos de Grimsby, juntando mãos cheias de moedas de ouro pois suspeitava que o dinheiro iria ser útil a bordo de Brighton. E, quando ninguém estava a ver, vasculhou a

pilha de destroços dos ecrãs até encontrar a sua arma, ainda presa à mão morta do Tio. Tinha a certeza de ir arranjar uso para ela.

No cais, Tom abraçou Freya.

— Boa sorte — desejou-lhe.

— Boa sorte também para vocês — respondeu Freya segurando-lhe no rosto e sorrindo. Hesitou e corou. Queria avisar Tom acerca da mulher, se conseguisse. Continuava a achar que Tom não percebia como Hester podia ser implacável. Freya sabia que Hester o amava mas achava que ela não queria saber de mais ninguém e receava que toda aquela crueldade lhes trouxesse um dia infelicidade.

— Tom — começou Freya —, toma conta da Hester, sim?

— Tomaremos conta um do outro, como sempre fizemos — respondeu ele sem compreender.

Freya desistiu e beijou-o.

— Vão encontrar Wren — disse. — Eu sei que vão.

Tom acenou com a cabeça.

— Eu também sei. E, se puder, também hei-de encontrar o *Livro de Estanho*. Se o que o Tio disse ao Caul é verdade e a Green Storm está a provocar guerra nas metrópoles... Eu vi do que eles eram capazes em Rogues' Roost, Freya. Se aquele livro for a chave para alguma coisa perigosa, não podemos deixar que lhe deem a mão...

— Não temos a certeza de que se trata da chave de seja o que for — lembrou-lhe Freya. — Entretanto, seria melhor reavê-lo se pudermos, por uma questão de segurança. Mas Wren é a prioridade. Encontra-a, Tom. E volta são e salvo para Vineland.

Tom entrou com Hester para bordo do *Screw Worm* e Freya ficou a observá-los e a acenar enquanto o *Worm* submergia, permanecendo com Caul à beira do tanque circular enquanto as últimas ondulações desapareciam. As crianças aguardavam-na a bordo do *Naglfar*. As suas vozes estridentes e nervosas saíam pelas escotilhas abertas.

— Vamos já embora?

- É muito longe até Anchorage?
- Vamos lá ter os nossos próprios quartos e tudo?
- O Tio morreu mesmo?
- Estou enjoado!

Freya agarrou as mãos de Caul nas suas.

— Então? — perguntou.

— Anda — respondeu ele. — Vamos para casa.

E assim partiram deixando Grimsby abandonada à sua sorte. Após alguns dias até a fraca luz das janelas desapareceu e as bombas de ar foram-se avariando uma por uma. Através das rachas e fissuras que não tinham quem as reparasse, o mar paciente foi penetrando e os peixes fizeram os seus lares nos corredores e salas dos Meninos Perdidos.

Tom sentiria a falta de Freya e até de Caul, mas para Hester era um alívio estar novamente a sós com ele. Nunca se tinha sentido confortável na companhia de ninguém a não ser de Tom, exceptuando Wren, quando era pequena. Observou ternamente enquanto Tom mexia nos estranhos comandos do *Screw Worm*, concentrando-se e enrugando a testa a tentar lembrar-se de tudo o que Caul lhe ensinara. Naquela noite, enquanto a «lapa» deslizava suavemente na direcção su-sudoeste para a zona de cruzeiro de Brighton e as águas zuniam contra o casco, Hester enfiou-se no seu beliche e envolveu-o com as suas compridas pernas e beijou-o, lembrando-se de quando eram jovens e entraram pela primeira vez no *Jenny Haniver* e das horas que passavam a beijar-se. Mas Tom estava demasiado preocupado com Wren para corresponder devidamente aos seus beijos e assim ela limitou-se a ficar deitada ao seu lado durante bastante tempo, acordada enquanto ele dormia, a pensar amargamente: *Ele ama-a mais do que alguma vez me amou a mim.*

Capítulo 19

Grinalda De Casamento

As primeiras geadas atingiram Vineland antes de o *Naglfar* chegar. O velho submarino, com demasiadas pessoas a bordo e os seus pobres e velhos motores a gemerem todo o caminho, demorou várias semanas a regressar ao Velho Continente e a avançar cuidadosamente pelos rios sinuosos que o *Screw Worm* descera alguns dias antes. Mas Caul conseguiu por fim levá-lo até Anchorage e fazê-lo emergir através de uma fina camada de gelo que se tinha formado na praia do atracadouro. Freya saiu para fora a acenar e quase foi alvejada de novo, desta vez por Mr. Smew, que pensava que os Meninos Perdidos os estavam a invadir.

E, de certa forma, até estavam. Anchorage nunca mais seria a mesma, agora que todas aquelas crianças rudes, sem maneiras e por vezes problemáticas tinham ido para lá viver. Freya mandou abrir os abandonados andares superiores do Palácio de Inverno e o velho edifício encheu-se de vida com as crianças a ocuparem os seus novos alojamentos. Alguns não estavam ainda habituados à ideia de que não deviam roubar e outros tinham pesadelos em que chamavam pelo Tio e por Gargle, mas Freya estava convencida de que, com paciência e amor, acabariam por esquecer o tempo passado debaixo de água e tornar-se-iam nuns Vinelandianos felizes e saudáveis.

Ao fim e ao cabo, isso acabara por resultar com Caul. Freya nunca contou o que se tinha passado entre eles na viagem de regresso, mas o antigo Menino Perdido nunca mais voltou para a sua choça na subdivisão de máquinas. No início de Outubro, quando as colheitas estavam a decorrer, os animais a ser trazidos das altas pastagens e a metrópole se preparava para o Inverno, ele e a margravine casaram-se.

Freya acordou cedo na manhã seguinte ao seu casamento, facilmente e às cinco da manhã como costumava acordar quando era

jovem. Saiu da cama cuidadosamente para não acordar Caul e foi até à janela do seu quarto com o chão frio sob os pés descalços e os restos da grinalda de casamento ainda presos ao cabelo.

Quando afastou as cortinas, viu que a camada de gelo que se tinha formado sobre o lago era espessa e que um manto de neve caíra durante a noite. Sentiu-se feliz por a sua metrópole estar novamente sob o domínio dos Deuses Gelados durante os próximos seis meses. Os deuses do Verão, do Lago e da Caça tinham sido bons para o seu povo e o deus do Mar e a deusa do Amor haviam sido igualmente bons para ela. Mas os Deuses Gelados eram os deuses com que tinha crescido e confiava mais neles do que nos outros. Bafejou a janela, desenhou o seu símbolo com a forma de um cristal de neve e sussurrou: «Protejam o Tom. E Hester também, apesar de ela não o merecer. Guiem-nos até Wren, onde quer que ela esteja. E façam com que voltem todos juntos para casa, salvos e felizes.»

Mas se os Deuses Gelados ouviram a sua prece, não deram qualquer sinal. A única resposta que obteve foi o som do vento nas espirais do Palácio de Inverno e a voz do marido, suave e sonolenta, a chamá-la de novo para a cama.

Segunda Parte

Capítulo 20

Uma Vida Na Crista Da Onda

— Pennyroyal, meu amor?

— Simmmmmmmmm?

Era de manhã no *Pavilhão* e o Presidente da Câmara e a esposa estavam sentados cada um na sua ponta de uma comprida mesa na sala de pequeno-almoço, protegidos do intenso sol por cortinas de musselina. Por trás da cadeira da esposa do Presidente da Câmara, o escravo africano agitava um leque de penas de avestruz, lançando o ar frio sobre ela e fazendo esvoaçar as páginas do jornal que o marido tentava ler.

— Pennyroyal, estou a falar contigo.

Nimrod Pennyroyal suspirou e baixou o jornal.

— Sim, Boo-Boo, meu tesouro?

É uma verdade universalmente conhecida que um falso explorador na posse de uma grande fortuna deve arranjar uma mulher e Pennyroyal tinha sido apanhado por Boo-Boo Heckmondwyke. Quinze anos antes, quando *O Ouro do Predador* ocupava o primeiro lugar na lista de *best-sellers* a bordo de todas as metrópoles do Terreno de Caça, tinha parecido uma boa ideia. A família dela era da antiga aristocracia de Brighton, mas o pobre Pennyroyal era um mero aventureiro, agora rico. O casamento permitiria aos Heckmondwykes restaurar a sua fortuna e dar a Pennyroyal o estatuto social de que precisava para ser eleito Presidente da Câmara. Boo-Boo daria uma excelente mulher para um homem ambicioso. Era bem-falante e sabia fazer arranjos florais, planeava jantares e festas com uma precisão militar e era perita em festas de inauguração, galas e pequenos asilos.

Mas Pennyroyal acabara por lamentar aquele casamento. Boo-Boo era uma mulher tão ampla, enérgica e exuberante que o cansava só de estar na mesma sala que ela. Entusiasta cantora amadora, tinha uma paixão pelas óperas da Cultura do Metal Azul

que duravam dias sem qualquer rasto de melodia e em geral terminavam com todas as personagens mortas, em monte. Quando Pennyroyal a aborrecia com perguntas sobre o custo da sua última indumentária ou com o namoro demasiado óbvio com a mulher de algum conselheiro durante o jantar, ela começava a praticar as suas escalas até as janelas estremecerem ou punha o gramofone a tocar e mimoseava os habitantes da casa com todos os seiscentos versos da *Ária do Arpão de Diana, a Princesa das Baleias*.

— Espero que me *ouças* quando falo contigo, Pennyroyal — continuou ela, pousando o *croissant* de forma ameaçadora.

— Claro, minha querida. Estava apenas a ler as últimas notícias do *Palimpsesto* sobre a guerra. Excelentes notícias vindas da frente. Faz com que nos sintamos orgulhosos por sermos Traccionistas, não é?

— Pennyroyal!

— Sim, querida?

— Tenho estado a ver os preparativos para o nosso Baile do Festival da Lua — prosseguiu Boo-Boo — e não pude deixar de reparar que convidaste os *Furões Voadores*.

Pennyroyal fez um gesto de encolhimento com o corpo todo.

— Não creio que se deva receber mercenários, Nimrod.

— Apenas convidei a líder deles, a Orla Twombly — protestou Pennyroyal. — Eventualmente talvez tenha dito que podia trazer alguns amigos se quisesse. Não queria que ela se sentisse à margem, percebes... É uma aviadora famosa. O seu engenho voador, *O Marsupial de Combate* deu cabo de três couraçados aéreos na Batalha da Baía de Bengala.

À medida que ia falando, uma imagem do às aéreo feminino invadiu a mente de Pennyroyal, esbelta e maravilhosa no seu fato de aviadora, de couro cor-de-rosa. Ele sempre se orgulhara da sua popularidade entre as mulheres. Nos seus tempos de juventude tinha desfrutado de romances apaixonantes com mulheres exóticas e belas (Minty Bapsnack, Peaches Zanzibare e toda a Equipa de Croquete Feminina de Traktiongrad Smolensk lhe vieram à me-

mória). Estava de certa forma desejoso que a fogosa Orla Twombly fizesse em breve parte dessa lista.

— É bonita, não é? — comentou a esposa gelidamente.

Pennyroyal remexeu-se na cadeira, pouco à vontade.

— Sinceramente, nunca reparei... — murmurou. Odiava cenas daquelas. Aquela expressão desagradável e desconfiada nos olhos de Boo-Boo era o tipo de coisa, pensou ele, capaz de lhe dar cabo do pequeno-almoço. Felizmente foi salvo da continuação do interrogatório por um dos escravos da casa que abriu a porta da sala do pequeno-almoço e disse:

— Mr. Plover para falar com Vossa Excelência.

— Ótimo! — exclamou Pennyroyal, saltando da cadeira para ir receber a visita. — Plover! Meu caro amigo! Que bom vê-lo!

Walter Plover, um negociante de antiguidades de uma das regiões mais superpovoadas e imundas das Laines, era conselheiro do Presidente da Câmara em matéria de Antiga Tecnologia e tinha ajudado Pennyroyal a fazer o seu pequeno pé-de-meia, vendendo secretamente alguns artigos do Museu de Brighton. Era um homem baixo e nervoso com um rosto que parecia que alguém tinha moldado com massa de pão e depois esquecido de colocar no forno. Pareceu assustado com a exuberante recepção de Pennyroyal. Em geral as pessoas não se sentiam lá muito felizes por o verem... mas também, nem sempre quando ele aparecia as pessoas estavam a ser sujeitas a um interrogatório sobre belas aviadoras feito por Mrs. Pennyroyal.

— Estive a fazer umas pesquisas sobre aquele *artigo* que Vossa Excelência me mostrou — começou ele, deslizando para mais perto de Pennyroyal. Os seus olhos pestanejavam inseguros na direcção de Boo-Boo. — Vossa Excelência lembra-se? O *artigo*?

— Oh, não há motivo para secretismos, Plover — respondeu-lhe Pennyroyal. — Boo-Boo sabe tudo acerca disso. Não sabes, meu bolinho de pernas ao ar? Aquela história do livro de metal que surripiei ao velho Shkin na semana passada. Pedi ao Plover para lhe dar uma olhadela e dizer-me o que achava...

Boo-Boo sorriu vagamente e, pegando no jornal, abriu-o na página de mexericos, dizendo:

— Perdoe-me, Mr. Plover, mas acho as conversas sobre a Antiga Tecnologia tão enfadonhas...

Plover acenou que sim com a cabeça, fez uma vénia na sua direcção e depois voltou-se novamente para Pennyroyal.

— Ainda tem o artigo?

— Está no cofre do meu escritório — respondeu Pennyroyal.

— Porquê? Acha que pode ter algum valor?

— Po-o-ssivelmente — adiantou Plover, cauteloso.

— A Menina Perdida que o trouxe achava que tinha algo a ver com submarinos.

Mr. Plover permitiu-se uma pequena gargalhada.

— Ah, não, Excelência. É óbvio que ela não percebe nada das linguagens de máquina dos Antigos.

— Uma linguagem de máquina, é?

— Um código que deverá ter sido usado pelos nossos antepassados para comunicar com um dos seus cérebros computadorizados. Não consigo encontrar um exemplo desta particular linguagem em parte nenhuma nos arquivos históricos. No entanto, é semelhante a alguns fragmentos que sobreviveram do código militar americano.

— Americano, é? — comentou Pennyroyal e prosseguiu:

— Militar? Então deverá valer alguma coisa. Esta guerra já dura há quatorze anos. As pessoas estão desesperadas. Os departamentos de P&D (Pesquisa e Desenvolvimento.) das grandes metrópoles de combate pagariam uma fortuna por algo que lhes cheirasse a uma superarma.

O rosto de Plover adquiriu um tom quase imperceptivelmente rosado ao imaginar a percentagem que iria receber daquela fortuna.

— Deseja que eu tente tratar da venda, Excelência? Tenho contactos nos Estados Móveis Livres...

Pennyroyal abanou a cabeça.

— Não, Plover, eu próprio tratarei disto. Não vale a pena fazer nada até ao Festival da Lua. Guardarei o livro no meu cofre até ao final das celebrações e depois entrarei em contacto com alguns dos meus conhecimentos. Existe uma arqueóloga que conheço, uma jovem encantadora chamada Cruwys Morchard. Ela costuma passar por Brighton por altura do Outono e parece sempre interessada em encontrar artigos fora do comum da Antiga Tecnologia. Sim, acho que conseguirei tratar da venda sem ter de o incomodar, Plover.

Mandou o descontente negociante de Antiga Tecnologia embora e sentou-se para terminar o seu pequeno-almoço e para ser confrontado com o *Palimpsesto* que a esposa levantava para ele ver. Ali,

na primeira página da secção dos mexericos, estava uma fotografia de corpo inteiro dele próprio a entrar num casino nas Laines, de braço dado com Orla Twombly, que estava com um ar ainda mais de deusa do que Pennyroyal se lembrava.

— Bem — comentou com ar fanfarrão —, ela não é propriamente aquilo a que eu possa chamar *bonita*...

— Pobre Boo-Boo! — exclamou Wren que, ao lado da sua nova amiga Cynthia Twite, permanecia despercebida numa galeria bem acima da sala do pequeno-almoço. A conversa de Pennyroyal com Plover tinha sido demasiado baixa para ela conseguir ouvir mas em contrapartida tinha ouvido cada palavra da discussão acerca de Orla Twombly. — Não sei como é que ela aguenta...

— Aguenta o quê? — perguntou Cynthia inocentemente.

— Não ouviste? Boo-Boo acha que ele tem uma *liaison* com Orla Twombly!

— O que é uma *liaison*? — perguntou Cynthia olhando de esquelha. — É algum tipo de bolo?

Wren suspirou. Cynthia era muito querida, muito bonita, mas muito pouco inteligente. Já era escrava de casa há muitos anos e, quando Wren chegou, Mrs Pennyroyal tinha-lhe pedido para ser amiga de Wren e lhe explicar todo o trabalho que envolvia cuidar da casa. Wren gostava da companhia dela mas sentia que já percebia

mais acerca da vida no *Pavilhão* do que a própria Cynthia alguma vez soubera.

— Boo-Boo acha que Pennyroyal e Ms. Twombley estão a ter um caso — explicou pacientemente.

— Ah! — Cynthia fez um ar escandalizado. — Aí, pobre patroa! Pensar que um homem da idade dele se possa atirar a uma aviadora escanzelada daquelas!

— Eu podia contar-te algumas coisas sobre o Pennyroyal ainda piores que esta — sussurrou Wren. Mas logo se interrompeu, ao lembrar-se de que não podia contar nada a Cynthia. Para todos os que viviam na *Cloud 9*, Wren não passava de uma Menina Perdida que nada sabia acerca de Pennyroyal para além daquilo que ele tinha escrito nos livros.

— O quê? — perguntou Cynthia intrigada. — Que coisas?

— Contar-te-ei noutra altura — prometeu Wren, sabendo que a outra se esqueceria.

Para mudar de assunto, Wren perguntou:

— Quem é aquele rapaz que está por detrás da cadeira de Boo-Boo? Aquele com o leque? Vi-o na piscina um dia destes. Tem um ar sempre tão triste.

— Ah, é mais um dos novos, como tu — respondeu Cynthia, entusiasmada. — Só cá está há algumas semanas. Chama-se Theo Ngoni e era aviador da Green Storm! Foi capturado numa batalha algures e Pennyroyal trouxe-o para a Boo-Boo como prenda de aniversário. É considerado muito elegante ter um Musguento como escravo, mas eu acho assustador. Podemos ser todos assassinados enquanto estamos a dormir, não é? Olha para ele! Não te parece mau?

Wren observou o rapaz. Não lhe parecia nada mau. Era pouco mais velho do que ela e demasiado jovem para andar envolvido em batalhas. Devia ter sido terrível para ele ser capturado e arrancado ao seu lar e mandado para ali para abanar um leque para os Pennyroyals o dia inteiro! Não admirava que tivesse um ar tão infeliz. Wren sentiu pena dele, a seguir começou a sentir pena de si

mesma, o que lhe lembrou que devia era estar a arranjar uma forma de fugir daquele palácio.

Durante alguns dias, Pennyroyal tinha tomado um interesse especial por Wren, chamava-lhe «a minha fã das profundezas do mar» e emprestara-lhe o seu último livro. Uma história sobre a guerra com a Green Storm. Mas em breve a esqueceu e Wren tornou-se apenas mais uma das escravas da sua esposa.

A nova vida era simples. Levantava-se todos os dias às sete da manhã, tomava o pequeno-almoço e ia com as outras escravas de Mrs. Pennyroyal ao quarto dela, onde a acordavam, a ajudavam a vestir e demoravam uma hora a fazer-lhe o penteado que era bastante elaborado, dispendioso e tinha vários decímetros de altura. Nas manhãs em que o Presidente da Câmara ia para a Câmara Municipal, a esposa gostava de tomar um longo e relaxante banho na piscina. Por vezes, durante a tarde, quando Pennyroyal chegava a casa mais alegre do que o costume devido ao que ele chamava «um almoço de negócios», ela metia-se no ascensor e descia até Brighton a fazer visitas ou ia a inaugurações mas nunca levava nenhuma das escravas consigo, apenas dois escravos para lhe carregarem as compras.

Às oito horas o jantar era servido. Normalmente, era sempre um grande acontecimento com muitos convidados e Wren e as outras raparigas andavam numa azáfama a servir ganso assado, bifes de tubarão, tarte de frutos do mar e grandes sobremesas oscilantes. Depois tinham de ajudar Mrs. Pennyroyal a tomar banho e a vestir-se para dormir, antes que as raparigas pudessem finalmente ir para os seus quartos que ficavam no piso térreo.

Por vezes, tinham muito trabalho, mas quando Wren não estava ocupada com a esposa do Presidente da Câmara, podia fazer o que lhe apetecesse e aquilo que ela gostava de fazer naquelas primeiras semanas era deambular pelo *Pavilhão* e pelos seus terrenos com Cynthia Twite.

O palácio de Pennyroyal era um autêntico tesouro de maravilhas escondidas e Wren adorava os jardins com os seus passeios

sombreados e caramanchões, o elaborado labirinto de arbustos talhados, os pequenos bosques de ciprestes azuis-esverdeados e os templos dos deuses antigos. Por vezes, quando Brighton rumava a sul para águas mais quentes e a dourada luz do sol de Outono, ela colocava-se junto ao parapeito dos limites dos jardins a olhar, para a metrópole branca que ficava abaixo dela, para o mar cintilante, as gaivotas que voavam em círculos, os dirigíveis, os galhardetes que esvoaçavam ao vento, e pensava se não teria valido a pena ter sido raptada e tornada escrava só para ver toda aquela beleza.

Mas sentia cada vez mais, à medida que as semanas iam passando, sentia a falta dos pais. Sabia que tinha de fugir da *Cloud 9*. Mas como? Nenhum dirigível tinha autorização para aterrar nas placas de convés aéreas, pelo que a única maneira de sair dali era através do ascensor. Porém, este era fortemente guardado pela milícia de uniforme vermelho de Brighton. E mesmo que conseguisse descer até Brighton, o que ganharia com isso? Tinha a marca da Empresa Shkin e, se tentasse embarcar num dirigível de partida seria presa como escrava fugitiva e devolvida directamente a Shkin.

E, a cada dia que passava, estava a ser levada para para mais longe de casa. Brighton rumava a sul ao longo da costa do Terreno de Caça, enquanto duas metrópoles de Tracção de duas plataformas a acompanhavam pela costa. Todos falavam do Festival da Lua. Boo-Boo escrevia e reescrevia as intermináveis listas de convidados para o baile do Presidente da Câmara. Os cozinheiros nas cozinhas do *Pavilhão* trabalhavam horas extra para conseguirem fazer bolos e doces em forma de lua prateada. O nascer da primeira lua cheia de Outono era um acontecimento sagrado para todas as religiões mais populares. Havia festas e procissões a bordo de Brighton e, por todo o mundo, as fogueiras do Festival da Lua iluminariam tanto as metrópoles flutuantes como as estáticas. Haveria inclusive uma grande e solitária fogueira no Continente Morto, pois em Anchorage-in-Vineland, o Festival da Lua era o maior evento social do ano.

Wren imaginou os seus amigos a empilharem madeiras trazidas pelo mar e mobílias partidas no campo por trás da metrópole e talvez a pensarem onde ela estaria e se estaria bem. Como gostaria

de estar lá com eles! Não percebia como é que podia ter achado as suas vidas monótonas, nem porque é que discutira com a mãe. Todas as noites, deitada na sua cama nos aposentos dos escravos, Wren apertava os braços à volta do tronco e sussurrava canções que a mãe lhe costumava cantar quando era pequena, fingindo que o ranger dos cabos que prendiam a *Cloud 9* aos seus balões era o murmúrio das ondas contra as margens de Vineland.

Wren já quase tinha esquecido Nabisco Shkin e este também quase a era esquecera a ela. Por vezes, quando ia para as suas reuniões atribuladas, olhava para cima para a *Cloud 9* e permitia-se a si mesmo sentir um prazer momentâneo ao pensar na vingança contra a rapariga que o tinha enganado, mas os seus planos para uma expedição de caça aos escravos a Vineland ainda estavam nos primórdios e ele tinha assuntos mais urgentes para tratar.

Hoje, por exemplo, recebera uma mensagem muito interessante de um homem chamado Plover.

Descendo do piso intermédio do Pimenteiro, saíra por uma porta lateral, avançando rapidamente para o tumulto das Laines. Aquelas ruas estreitas iluminadas apenas por globos de árgon que crepitavam e por raios de sol que espreitavam através dos respiradouros e escotilhas envidraçadas das placas do convés superior, eram os antros dos pedintes, ladrões e vadios, mas Shkin era conhecido por andar no meio deles sem guarda-costas. Mesmo o mais ignorante dos pobres de Brighton tinha uma bela ideia do que poderia acontecer a alguém que tocasse em Nabisco Shkin. As pessoas deixavam-no passar e voltavam-se para o ver, depois de ele ter passado por elas. Aviadores fanfarrões eram afastados do seu caminho pelos próprios amigos. Traficantes de drogas descuidados e prostitutas de rua recuavam como se o seu olhar as fulminasse. Só um pedinte miserável e com cabelo à *rastafari*, com um cão preso por uma corda, é que se atreveu a lamuriar:

— Algumas moedas, senhor? É para comprar comida.

— Come o cão — sugeriu Shkin e tomou mentalmente nota para enviar um esquadrão dar uma limpeza àquela subdivisão quando o

Festival da Lua terminasse. Estaria a fazer um favor à metrópole ao livrar as ruas daquela escumalha e sempre dariam algum dinheiro nos mercados de Outono.

Shkin entrou num beco estreito, por trás de uma banca de peixe frito, segurando na mão um lenço que colava ao nariz para evitar o cheiro nauseabundo a urina e afins. Na montra de uma loja mal-amanhada ao fundo beco, via-se cintilar um monte de tralhas e de Antiga Tecnologia. Por cima, num letreiro desbotado, lia-se PLOVERY e o som da porta a abrir-se fez com que o antiquário surgisse apressadamente, vindo das traseiras.

— Queria falar comigo?

— Sim, senhor, sim... — respondeu Ploverly fazendo uma vénia, esfusiante, entrelaçando os dedos finos e brancos. Irritado por Pennyroyal ter decidido procurar outro comprador para o *Livro de Estanho* sem a sua ajuda, o antiquário decidira dar aquela informação a outro homem abastado. A sua mensagem tinha dado entrada no tabuleiro das mensagens recebidas de Shkin apenas uma hora antes e estava impressionado e um pouco assustado por ver Shkin à sua frente tão depressa. Nervoso, contou ao negociante de escravos tudo o que sabia.

— Militar, é? — perguntou Shkin tal como Pennyroyal tinha feito umas horas antes. — Alguma arma antiga?

— Apenas um código, senhor. — avisou Ploverly. — Mas talvez um homem inteligente que conheça estas coisas possa trabalhar a partir do código e reconstruir a máquina para o qual foi escrito. Isso poderia ter valor, senhor. E como Pennyroyal me disse que lhe tinha tirado o livro a si, «*Que obriguei o idiota do Shkin a dar-mo*» foram as suas palavras exactas, senhor, se me permite... bom, achei que lhe poderia interessar, senhor.

— Eu já arranjei forma de fazer com que Sua Excelência pague por esse pequeno episódio — ripostou Shkin, irritado por aquela criatura saber como Pennyroyal o tinha enganado. Mas ao mesmo tempo ficou intrigado com a história de Ploverly. — Presumo que tenha feito uma cópia do livro?

— Não, senhor. Pennyroyal não o perde de vista. Está no seu cofre no *Pavilhão*. Mas se eu tivesse um comprador, talvez lhe conseguisse deitar as mãos. Sou uma visita frequente do *Pavilhão*, senhor.

Shkin crispou uma sobrancelha. Estava interessado mas não ao ponto de dar a Ploverly a quantia que sabia que ele ia querer.

— Eu negoceio em escravos, não em Antiga Tecnologia.

— Claro, senhor. Mas e se se tratar de alguma arma antiga? Poderá pesar na balança. Poria fim à guerra. E a guerra tem sido muito boa para os negócios, não tem, senhor?

Shkin ponderou alguns instantes. Depois acenou com a cabeça.

— Muito bem. A coisa é minha por direito. «Encontrado não é roubado.» Não me agrada pensar que Pennyroyal lucre com ela. Presumo que saiba a combinação do cofre?

Ploverly respondeu:

— 22-09-957. Vinte e dois de Setembro de novecentos e cinquenta e sete, TE. É a data de nascimento de Sua Excelência.

Shkin sorriu.

— Muito bem, Ploverly. Consiga-me o *Livro de Estanho*.

Capítulo 21

O Voo De Uma Gaivota

Naquela tarde, depois de ter terminado o almoço e antes dos preparativos para o jantar, Wren deambulou pela horta em direcção aos terrenos que ficavam por trás do *Pavilhão* para ver um esquadrão de *Furões Voadores* levantar voo em patrulha. Os *Furões* tinham arranjado uma pista temporária na zona menos usada dos jardins que ficavam nas traseiras do *Pavilhão*. Wren já conhecia de vista a maior parte dos engenhos e reconhecia-os à medida que saíam dos seus hangares. Tinham nomes como: *Cueca Visível*, *Pombo Cambalhota*, *Biscoito Austero* e *JMW Ginasta Superprise*. As tripulações de terra prendiam-nos a catapultas de tela, carregadas por molas, e lançavam-nos violentamente para lá da amurada do convés, enquanto os aviadores ligavam os motores e rezavam para que as suas asas conseguissem apoio no ar antes que mergulhassem no mar imundo à popa de Brighton.

Wren observava do parapeito à beira dos jardins enquanto os *Furões* saíam do voo picado, uns a seguir aos outros subiam a grande velocidade por sobre os telhados e faziam piruetas perigosas, deixando para trás um rasto de fumo verde e púrpura. Era um espectáculo que sempre gostara de ver, mas hoje tinha-a deixado com mais saudades de casa do que nunca. Iria adorar falar ao pai dos *Furões*.

Por trás do aeródromo havia um montículo de cobre em forma de dorso de baleia, resguardado por ciprestes. Wren já tinha reparado nele à distância, mas nunca se dignara ir vê-lo mais de perto, presumindo tratar-se de mais uma das esculturas abstractas que enchiam os relvados da *Cloud 9*, comprada por Pennyroyal para manter satisfeitos os seus apoiantes do Bairro dos Artistas. Hoje, como não tinha nada para fazer, Wren resolveu ir até lá. Ao aproximar-se, apercebeu-se de que se tratava de um edifício com portas enormes e arredondadas numa das pontas e um pavimento exterior de metal, em forma de leque. As curvas de cobre das suas paredes e telhado eram ornamentadas com espinhos decorativos,

de modo que parecia um peixe-balão gigante a surgir no meio da relva. Uma escadaria exterior em espiral erguia-se a um dos lados e Wren subiu-a e espreitou por uma janela superior.

No interior sombrio via-se um iate aéreo tão delicado e esguio que até Wren, que não percebia nada de dirigíveis, percebeu que tinha de ser pavorosamente caro.

— É o *Peewit* — informou uma voz prestável por trás dela. Cynthia estava ao fundo das escadas. — Andei à tua procura por *todo* o lado, Wren — acrescentou. — Vou até ao templo da criadagem. Preciso *mesmo* de fazer um sacrifício à Deusa da Beleza. Quero perder peso antes do Festival da Lua. Devias vir comigo. Podias pedir-lhe para fazer alguma coisa em relação às tuas borbulhas.

Wren estava mais interessada em iates do que em borbulhas. Voltou-se de novo para a janela.

— Este *Peewit*... é do Pennyroyal?

— Claro — respondeu Cynthia, subindo as escadas até meio.

— É um *Serapis Moonshadow Tipo IV*... muito chique. Mas agora o Presidente da Câmara quase nunca sai com ele. Mantém-no sempre polido e cheio de gás, mas só é usado quando Boo-Boo vai às compras a outra metrópole.

— O Presidente da Câmara não o vai usar na Regata do Festival da Lua? — perguntou Wren.

— Ah, não. Ele tem um dirigível de primeira atracado em Brighton. Vai nele com a tal da Orla Twombley como co-piloto. Ela vai liderar uma Parada Aérea de Dirigíveis Históricos e vai haver também uma Batalha Aérea com foguetões a sério, tal como nos livros do Professor Pennyroyal. Só de olhares para ele não te apercebes, mas ele viveu aventuras extraordinárias nas Estradas dos Pássaros.

Wren olhou novamente para o iate e pensou no dirigível que Pennyroyal tinha roubado aos seus pais há tantos anos atrás. Seria possível que ela se esgueirasse para ali a meio da noite, abrisse as portas da casa dos barcos e zarpasse a bordo do *Peewit*? Isso é que seria justiça poética, não?

Um suave rufar de esperança começou a pulsar dentro dela. Alegrou-a mesmo quando Cynthia lhe pegou na mão e a levou para o templo dos escravos e empregados, por trás das cozinhas do *Pavilhão*. Mal ouvia a conversa da sua amiga sobre maquilhagem e penteados. Na sua imaginação, pilotava já o *Peewit* rumo a ocidente. Atravessava as Montanhas Sem Vida, com os lagos de Vineland a brilhar azuis sob ela e os pais acorrendo para a receber mal ela pousava no chão, nos campos de Anchorage.

O único problema é que Wren não sabia como pilotar um *Serapis Moonshadow Tipo IV*. Nem nada que voasse. Mas conhecia alguém que sabia.

Boo-Boo Pennyroyal não gostava que os seus escravos do sexo masculino e feminino se misturassem. Nas óperas que ela adorava, os jovens reunidos em circunstâncias trágicas estavam sempre a apaixonar-se uns pelos outros e a lançar-se do alto de alguma coisa (montanhas em geral, mas por vezes de parapeitos, telhados ou para dentro de vulcões). Boo-Boo gostava dos seus escravos e custava-lhe imaginá-los a lançarem-se aos pares das beiras da *Cloud 9*. Assim, eliminava firmemente qualquer trágico caso amoroso ainda em botão, proibindo que rapazes e raparigas falassem uns com os outros. É claro que sendo os jovens como são, por vezes as raparigas se apaixonavam por outras raparigas e os rapazes por outros rapazes, mas como isso *nunca* acontecia nas óperas, Boo-Boo nem reparava. Os outros desobedeciam às suas ordens e tentavam esgueirar-se para os aposentos uns dos outros, o que magoava Boo-Boo. Mas pelo menos Theo Ngoni nunca lhe dera motivos de preocupação. Theo Ngoni não falava com ninguém.

Wren, no entanto, estava determinada a falar com Theo Ngoni e teve a sua oportunidade uns dias depois de ter descoberto a casa dos barcos. Boo-Boo tinha descido até Brighton e Pennyroyal escolhera Wren e Cynthia para lhe servirem de *toalheiras*, enquanto tomava um banho na piscina. Por sorte, Theo estava de serviço na borda da piscina a segurar uma bandeja de prata com os óculos de mergulho do Presidente da Câmara. Enquanto Pennyroyal dormi-

tava no seu colchão, Wren deslizou até junto do seu companheiro de escravidão e sussurrou:

— Olá!

O rapaz olhou-a de soslaio, mas não respondeu. Wren pensou no que deveria fazer a seguir. Nunca antes tinha estado tão perto de Theo. Ele era muito bonito e, embora Wren fosse alta, Theo era ainda mais alto, o que a fez sentir-se pequena e idiota ali ao lado dele.

— Eu sou a Wren — apresentou-se.

Ele voltou novamente o rosto para os jardins e para o mar azul em direcção a uma névoa distante no horizonte que tinham dito a Wren tratar-se de África. Talvez estivesse com saudades de casa. Perguntou-lhe:

— Vieste dali?

Theo Ngoni abanou a cabeça.

— A minha casa era em Zagwa. Uma metrópole estática nas montanhas, lá muito para sul.

— Oh? — respondeu Wren de forma encorajadora, e insistiu: — É bonita? — Mas o rapaz não disse mais nada. Determinada a manter a conversa, ela acrescentou: — Não sabia que a Green Storm tinha bases em África. Aquele livro que o Professor Pennyroyal me emprestou dizia que as metrópoles estáticas africanas não aprovavam a guerra.

— E não aprovam. — Theo voltou o rosto para ela, mas com um olhar frio. — Eu fugi da minha família ainda muito novo para ir até Shan Guo e juntar-me à ala mais jovem da Storm. Pensei que fosse algo glorioso lutar contra as metrópoles bárbaras e fazê-las desaparecer da terra.

— Claro, caramba! — concordou Wren. — Eu também sou Anti-traccionista, sabias?

Theo fitou-a fixamente.

— Pensava que eras uma Menina Perdida. Daquele lugar sub-aquático.

— Sim, sou — corrigiu Wren rapidamente, irritada consigo mesma por se ter esquecido. — Mas Grimsby não se *movia*, não era uma metrópole *em movimento*, o que me torna numa Musguenta de pleno direito. Entraste em muitas batalhas?

— Só numa — respondeu Theo, desviando novamente o olhar.

— Foste capturado na tua primeira missão? Que azar! — Wren tentava fazer um ar simpático, mas estava quase a perder a paciência com aquele rapaz insociável e melancólico. Talvez tudo o que ouvira acerca da Storm e dos seus soldados fosse verdade. Eram fanáticos por lavagem ao cérebro. Mas, ainda assim, tinha a certeza de que ele deveria querer deixar a *Cloud 9* tanto quanto ela e por isso achou pouco provável que a entregasse aos odiados Traccionistas, de modo que decidiu arriscar e revelar-lhe o seu plano.

Olhou em redor e viu que Pennyroyal estava a dormir. Os outros escravos também estavam sonolentos ou sussurravam entre eles do outro lado da piscina, enquanto Cynthia, a que estava mais próxima, observava as unhas acabadas de pintar com a testa franzida em profunda concentração. Wren chegou-se ainda mais a Theo e sussurrou:

— Conheço uma maneira de fugirmos.

Theo não fez qualquer comentário mas endireitou-se, o que Wren achou ser um bom sinal.

— Sei onde podemos arranjar um dirigível — continuou ela. — A Cynthia Twite disse-me que tinhas sido aviador.

Theo quase esboçou um sorriso perante aquilo.

— Cynthia Twite é uma tonta que não sabe o que diz.

— Verdade. Mas se consegues conduzir um dirigível...

— Eu não conduzia dirigíveis. Conduzi Derrubantes.

— Derrubantes? — perguntou Wren. — O que são? São tipo dirigíveis? Quer dizer, se souberes o básico... — Mas Theo tinha-se calado novamente, estreitando os olhos e observando o horizonte por trás dela. — Vá lá! — sussurrou Wren, impaciente. — *Gostas de*

ser escravo de Pennyroyal? Não *queres* fugir? Pensava que estavas desejoso de voltar para a Green Storm...

— Jamais voltarei para a Storm! — respondeu Theo subitamente com um ar zangado e quase deixando cair ao chão os óculos de mergulho do Presidente da Câmara, enquanto se voltava para ela. — É tudo uma mentira. A grande guerra, o Mundo Novamente Verde. O meu pai tinha razão. São tudo mentiras!

— Oh! — fez Wren. — Então é a tua casa? Deves querer voltar para Zagwa...

Theo voltou a olhar para o horizonte mas não era para o mar ou o céu, nem mesmo para a margem distante, que olhava. Mesmo ali, à dispendiosa luz do sol da *Cloud 9*, conseguia ver a última e desesperada luta sobre as Águas Ferrugentas. A luz das armas e foguetões e dos dirigíveis incendiados brilhava nos pequenos e sinuosos canais abaixo de si, à medida que ia caindo. Um subúrbio condenado bramira os seus pedidos de ajuda pelos pântanos e as exultantes vozes dos seus companheiros crepitavam nos seus auriculares a gritarem à medida que eles próprios iam caindo, «O Mundo Novamente Verde!» e «Morte à Frente de Tracção Pan-Alemã!». Pensou que seriam os últimos sons que ouviria. Mas ali estava ele, meses depois e a meio mundo de distância, e ainda vivo. Os deuses da guerra tinham-no poupado para que ele estivesse ali de pé, à beira de uma piscina, a falar com uma rapariga estúpida escanzelada e branca, que se julgava muito esperta.

— Nunca poderei regressar a casa — insistiu ele. — Não me ouviste? Desobedeci ao meu pai. Fugiu. Nunca poderei regressar.

Wren encolheu os ombros, lançando-lhe:

— Tudo bem, como queiras.

E afastou-se antes que Pennyroyal acordasse e os visse a conversar. Ia mostrar como era àquele Theo Ngoni! Roubaria o iate do Presidente da Câmara e pilotá-lo-ia sozinha, de regresso a Vineland. Afinal, não passava de um dirigível idiota! Qual podia ser a dificuldade?

O crepúsculo desceu sobre Brighton. Ao longo dos passeios à beira das suas três plataformas, viam-se fiadas de lâmpadas coloridas acesas. Luzes piscavam e rodopiavam nos terrenos da feira e nos molhes de recreio. Lâmpadas fortes eram acesas no cimo de cada cabina da rotativa Roda do Farol, montada perto da proa da metrópole e servia tanto de diversão para turistas, como de farol para guiar os dirigíveis que viajassem de noite para Brighton.

A metrópole estava a derivar para leste. Em breve atravessaria o estreito canal que separava a África do Grande Terreno de Caça e navegaria orgulhosamente para o Middle Sea. Os homens de negócios de Brighton esperavam ter muitos visitantes, quando ancorassem para o Festival da Lua. Entretanto, a notícia da campanha contra os Meninos Perdidos já se devia ter espalhado pela Estrada dos Pássaros e as «lapas» capturadas que estavam em exposição no Aquário de Brighton acrescentariam um certo elemento educacional às atracções das celebrações do Festival da Lua. Já se viam excursionistas que tinham começado a chegar de algumas pequenas metrópoles cujas luzes eram visíveis na costa.

Acima das chegadas e partidas de balões, as sombras da noite iam ocupando o espaço entre os pequenos bosques de ciprestes da *Cloud 9* e projectores coloridos pintalgavam o *Pavilhão* de rosa e ouro. Alguns dirigíveis circundavam-na, saídos de Brighton para uma viagem nocturna de prazer. As vozes amplificadas dos seus pilotos eram vagamente ouvidas na *Cloud 9*, mostrando pontos de interesse, mas as novas disposições de segurança proibiam-nos de se aproximarem. Nenhum dos excursionistas reparou numa pequena janela que se abriu numa das cúpulas do *Pavilhão*, nem no pássaro que de lá saiu a voar e atravessou a teia de cabos metálicos para se juntar ao bando de gaivotas que se mantinha fantasmagoricamente na esteira da metrópole.

Embora branca como uma gaivota e com o voo alto de uma gaivota, aquele pássaro não era uma gaivota. Já não era. O seu bico tinha sido substituído por uma lâmina e, nos buracos do seu crânio, brilhavam luzes verde-escuras. Subiu através dos bandos que pairavam em círculos e voou em direcção ao crepúsculo profundo. E assim continuou a voar, incansável, enquanto os dias e

as noites passavam por ela vindos de leste. Cruzou a espinha dorsal, despedaçada por cidades, da Itália e ladeou os vapores dos vulcões em erupção da Ásia Menor. Aterrou numa base aérea da Green Storm, localizada nas montanhas Ziganastra, permitindo que a comandante da base deitasse uma olhadela à tira de papel escondida numa cavidade dentro do seu peito. Esta praguejou baixinho quando viu a quem era dirigida a mensagem em código e mandou chamar um cirurgião-mecânico sonolento para recarregar as baterias da gaivota.

A ave prosseguiu o seu caminho, voando em direcção à névoa de fumo que pairava sobre os Pântanos das Águas Ferrugentas, onde duelos de artilharia ribombavam como tempestades de Outono. Um esquadrão de Metrópoles de Tracção enormes rastejava para oriente, tentando evitar um contra-ataque da Green Storm. Os edifícios das plataformas inferiores tinham sido transformados em lança-granadas. Carris transportavam bombas enormes e altamente explosivas para fora das entranhas da metrópole e os lança-granadas cuspiam-nas com violência para o Terreno Exterior pantanoso que ficava mais à frente, que se dizia estar infestado de Caçadores e de unidades de foguetões móveis. Sacudida pelos dirigíveis que passavam e pela fofa e branca lanugem de cardo das explosões antiaéreas, a gaivota deixou que a esteira da metrópole líder a levasse para oriente durante algum tempo, e depois subiu acima da batalha e dirigiu-se para as montanhas brancas que se erguiam na orla do mundo.

O céu tornou-se mais frio e o chão elevou-se. A gaivota voou através de zonas de silêncio altas e brancas e sobre regiões onde os movimentos das tropas da Storm davam às montanhas o aspecto buliçoso e fugidio de formigueiros. Por fim, numa noite de neve e estrelas, e uma semana depois de ter deixado Brighton, a gaivota aterrou no peitoril de uma janela do Pagode de Jade e bateu com o bico no vidro gelado.

A janela abriu-se. A Caçadora Fang agarrou cuidadosamente a gaivota com as suas mãos de metal e abriu-lhe o peito. A mensagem que retirou tinha sido escrita por alguém que se chamava Agente 28. Os seus olhos verdes brilharam com mais intensidade.

Rasgou a mensagem em pedaços mínimos e mandou chamar o General Naga, comandante da sua legião aérea de elite.

— Reúne uma unidade de assalto — ordenou-lhe. — E prepara o meu dirigível para combate. Partimos para Brighton ao amanhecer.

Capítulo 22

Assassínio Na *Cloud 9*

Finais de Outubro. Em Vineland, pensou Wren, a erva estaria branca e dura de geada até meio da manhã, o nevoeiro cobriria o lago e até talvez a primeira neve já tivesse caído. Mas ali, no Middle Sea, estava tão quente como em meados do Verão e as únicas nuvens no céu eram pequenas, brancas e fofas como se ali tivessem sido colocadas para enfeitar.

Brighton navegara lentamente ao longo das margens sul do Terreno de Caça durante várias semanas. Depois, com o Festival da Lua a aproximar-se, dirigiu-se para o ponto de encontro, a sul. Boo-Boo foi com as criadas olhar a terra de que se avizinhavam, de uma das varandas de observação na beira da *Cloud 9*.

— Olhem meninas, olhem! — exclamava ela alegremente, indicando a linha da costa com um movimento teatral da mão — África!

Wren, de pé ao lado da esposa do Presidente da Câmara e segurando um enorme guarda-sol, tentou arvorar um ar impressionado mas era difícil. Tudo o que conseguia ver era uma série de falésias baixas e avermelhadas que se erguiam de uma paisagem da cor de bolachas com um par de montanhas grandes e irregulares perdidas lá para trás, no meio da neblina. Wren sabia, pelo que o pai e Miss Freya lhe tinham contado, que a África fora o berço da humanidade e o seu refúgio durante os séculos sombrios que se tinham seguido à Guerra dos Sessenta Minutos. Mas as civilizações que em tempos se tinham desenvolvido naquelas margens não tinham deixado vestígios ou mesmo que tivessem, haviam desaparecido há muito tempo, surripiados pelas vorazes metrópoles necrófagas.

Uma das metrópoles que podia ter partilhado desse roubo surgiu pouco depois. Era uma metrópole pequena, com apenas três plataformas e que se deslocava ruidosamente com rodas de areia

largas e cilíndricas, deixando um rasto de poeira vermelha como uma capa agitada pelo vento. Wren olhou-a de esguelha sem muito interesse. Era estranho lembrar-se como é que, apenas duas semanas atrás, tinha abandonado o seu posto a meio da rotina do penteado de Mrs. Pennyroyal, para ir a correr ver maravilhada uma pequena metrópole que vinha rodando para a costa. Desde então, tinha visto tantas metrópoles pequenas e grandes que agora já tudo lhe parecia normal e certamente não as coisas maravilhosas que imaginara quando vivia em Vineland.

Voltou a olhar e sentiu-se tão estúpida como naquele dia já distante em que vira Brighton pela primeira vez através do periscópio do *Autolycus* e a confundira com uma ilha. As coisas que julgara serem montanhas distantes não estavam nada distantes. E nem eram montanhas. Eram Metrópoles de Tracção tão grandes que, quando as viu pela primeira vez, o seu cérebro simplesmente não percebeu o que os seus olhos lhe mostravam. Arrastavam-se pesadamente em direcção ao mar e, através do pó e dos fumos de escape, Wren apercebeu-se de que cada uma tinha nove plataformas, de onde se erguiam chaminés e torres.

— A da esquerda é Kom Ombo — explicou a esposa do Presidente da Câmara às raparigas. — A Outra é Benghazi. O Presidente da Câmara Pennyroyal tinha combinado encontrar-se com elas aqui para que as suas populações pudessem desfrutar das delícias do Festival da Lua de Brighton. Têm andado a caçar metrópoles da areia em pleno deserto, pobrezitas, por isso calculem como lhes deve estar a apetecer boa comida, diversão e um refrescante mergulho na Piscina Oceânica.

Para Wren, as metrópoles que se aproximavam pareciam-se a princípio com as imagens que ela recordava do exemplar, com os cantos das folhas dobrados, do *Guia Infantil para o Darwinismo Municipal*, que ficara em Anchorage. Depois, à medida que se aproximavam, começou a distinguir as diferenças. Aquelas metrópoles estavam armadas e os edifícios mais expostos, à beira de cada plataforma, protegidos com placas de metal e redes anti-foguetões. E embora a terra à volta das suas enormes marcas estivesse pontuada de pequenas e apressadas metrópoles,

subúrbios e cidades de tracção, aquelas metrópoles não tentavam devorá-las.

— O Festival da Lua é uma época sagrada — comentou a esposa do Presidente da Câmara quando Wren se referiu a esse assunto. — Uma época em que, segundo a tradição, nenhuma metrópole persegue ou devora outra.

— Ah — respondeu Wren, sentindo-se desapontada pois teria sido entusiasmante ver uma bela perseguição à moda antiga.

— Claro que — continuou Boo-Boo —, hoje em dia, com a guerra em curso e as presas tão escassas, nem todos os presidentes de câmara se mantêm fiéis à tradição, mas se alguma daquelas metrópoles tentar devorar outra, Ms. Twombly e os seus amigos tratam do assunto. Já está na altura de aquela flausina aérea se tornar útil.

Fiéis à deixa, os *Furões Voadores* atravessaram o céu em direcção às metrópoles, girando, fazendo piruetas e disparando foguetes coloridos para demonstrar como é que lidariam com qualquer predador que ameaçasse quebrar o espírito do Festival da Lua. Um deles saiu da formação deixando um rasto de fumo lilás, com que escreveu no céu BEM-VINDOS A BRIGHTON. À medida que o barulho dos seus motores deslizava pelo deserto, Wren ouviu o chocalhar de correntes pesadas que provinha de Brighton. A metrópole estava a lançar a âncora.

— Tenho um pressentimento de que este Festival da Lua vai ser maravilhoso! — exclamou Mrs. Pennyroyal, enquanto as raparigas à sua volta aplaudiam os ousados aviadores. — Agora, venham. Quero que sejam todas fotografadas com os fatos que vão usar no baile.

Dirigiu-se novamente para o *Pavilhão* e Wren lançou um último olhar às altaneiras metrópoles, após o que correu atrás dela. Todas as outras raparigas estavam ocupadas a falar da noite do baile e dos lindos fatos que as escravas de casa iriam usar. Ao ouvir o seu tagarelar entusiasmado, Wren deu por si quase com pena de ir perder toda aquela animação. Mas tinha de o perder. Essa noite, quando todos estivessem a dormir, Wren fazia tenções de se

esgueirar até à casa dos barcos e roubar o *Peewit*. Quando a lua sagrada nascesse, já ela estaria bem longe de Brighton.

O *Pavilhão* ecoava e vibrava ao som dos preparativos para o Baile do Festival da Lua. No salão de baile, sob a cúpula central, os pintores e os colocadores de cortinas andavam muito atarefados, enquanto os músicos ensaiavam e os electricistas cobriam o tecto com centenas de pequenas luzes. Caixas de vinho e cestos de comida surgiam vindos de Brighton pelo ascensor e a milícia exercitava-se nos jardins do *Pavilhão*.

Tudo aquilo custava a Pennyroyal uma fortuna, coisa que ele achava injusta. O povo de Brighton queria certamente que o seu Presidente da Câmara apresentasse uma bela festa para o Festival da Lua. Mas parecia-lhe impagável esperarem que ele pagasse tudo do seu próprio bolso. Por isso, não se sentiu nada culpado por convidar Walter Plover para um jantar de festa, informal, que ia dar naquela noite. Entre a sobremesa e o café, enquanto os outros convidados discutiam os seus planos para a Festa da Lua e os últimos escândalos no Bairro dos Artistas, Pennyroyal levou o antiquário para dar uma olhadela a algumas das preciosas antiguidades da colecção do *Pavilhão*. Juntos, os dois homens passearam de sala em sala, observando os cérebros dos Caçadores e as grelhas dos veículos de todo-o-terreno, fragmentos de placas de circuitos internos que pareciam um bordado delicado, latas amachucadas de bebidas e armaduras antigas. Tomaram nota de algumas peças que, segundo Plover, arrancariam uma boa maquia de alguns coleccionadores que ele conhecia em Benghazi e de que, achava Pennyroyal ninguém ia sentir falta.

Durante o café, Mr. Plover fez mentalmente a soma do total da comissão que iria receber sobre todos aqueles artigos e descobriu que não ia ser nada má. Repleto com a refeição de Pennyroyal e encantado com a inteligência e sofisticação do resto dos convidados, o antiquário arrependeu-se de alguma vez ter feito aquele acordo com Shkin sobre o *Livro de Estanho*. Mas Mr. Shkin tinha-lhe prometido uma bela quantia em dinheiro e Plover, cuja mãe já idosa vivia num lar dispendioso em Black Rock, precisava de

todo o dinheiro que conseguisse arranjar. Quando a noite acabou e os outros convidados se dirigiram ruidosamente para o ascensor, ele deixou-se ficar para trás e escondeu-se numa das galerias do *Pavilhão*.

O ar da noite fez arrepiar-se Wren dentro da sua camisa de dormir de *lamé* prateada, ao sair pela porta de serviço para o frio do jardim. Consequia ouvir o mar lá muito em baixo e o vento a murmurar através do cordame e alguém muito bêbado que, nas ruas de Brighton, entoava uma canção. Agarrando no saco de comida que roubara das cozinhas, Wren atravessou os relvados húmidos em direcção à casa dos barcos e às luzes do aeródromo dos *Furões Voadores*.

As portas da casa dos barcos nunca estavam trancadas e, embora grandes, eram fáceis de mover, deslizando nas rodas bem oleadas logo que Wren encostou o seu peso contra elas. O balão lustroso do *Peewit* brilhava dentro do hangar. Wren aproximou-se, lenta e silenciosamente da barquinha. Reparou que tinha estado a sustentar a respiração, o que era uma estupidez, pois não havia ali ninguém. No aeródromo, um gramofone tocava uma música popular. Wren estendeu a mão para a porta da barquinha, que também não estava fechada. Esgueirou-se lá para dentro e usou a pequena lanterna que roubara ao guarda do *Pavilhão* para ver os mostradores no painel de crómio dos instrumentos, recordando os diagramas que vira num livro na biblioteca do *Pavilhão*, chamado *Aviação Prática para Divertimento e Lucro*.

As células de gás estavam atestadas tal como Cynthia lhe tinha dito. O indicador do combustível apontava para *vazio* mas Wren já tinha pensado numa forma de resolver essa questão. Despiu a camisa de dormir e escondeu-a por trás do painel de instrumentos. Por baixo, trazia ainda vestidas as roupas de dia. Rezou uma rápida oração aos deuses de Vineland, saiu do dirigível e caminhou com determinação até à pista de manobra frente à casa dos barcos e, através das árvores, em direcção à base dos *Furões*.

Numa velha casa de Verão requisitada pela força aérea mercenária, Orla Twombly e alguns dos seus aviadores jogavam às

cartas. Olharam desconfiados para Wren quando ela bateu à porta.

— Quem é que está aí?

— Parece ser uma das raparigas da Boo-Boo.

A aviadora levantou-se preguiçosamente e abriu a porta.

— Que queres?

— Trago um recado de Mrs. Pennyroyal — disse Wren. A voz tremeu-lhe ligeiramente ao falar, mas a aviadora nem reparou. Parecia preocupada. Talvez pensasse que Boo-Boo enviara Wren ali para a censurar por andar de namoro com o Presidente da Câmara. Wren começou a sentir-se mais confiante. — Mrs. Pennyroyal quer o *Peewit* atestado imediatamente — explicou. — Ela vai até Benghazi amanhã de manhã. Logo cedinho para conseguir muitas pechinchas no bazar. Ela pergunta se a vossa equipa de terra o poderá fazer.

Orla Twombly franziu o sobrolho.

— Porquê a nossa? Não são os homens do Presidente da Câmara que devem atestar o velho balão?

— Sim — respondeu Wren. — Sua Excelência devia tê-lo ordenado esta tarde, mas esqueceu-se e entretanto eles já tinham saído do serviço. Por isso, se não se importasse de pedir ao seu pessoal que o fizesse, Mrs. Pennyroyal ficar-lhe-ia eternamente grata.

A aviadora pensou durante alguns instantes. Não queria contrariar a esposa do Presidente da Câmara. Boo-Boo tinha familiares poderosos que poderiam obrigar Pennyroyal a dispensar os serviços dos *Furões Voadores* e a contratar outra força aérea independente. Orla Twombly sabia que os *Anjos do Ferro-Velbo* e o *Circo Voador de Richard D'Astardley* estavam ambos à pesca do contrato de Brighton.

Assentou com um movimento de cabeça e voltou-se para os seus homens.

— Algy? Ginger? Ouviram o que a jovem disse...

De má vontade mas obedientes, os dois aviadores pousaram as cartas e as canecas de chocolate e saíram com Wren para a noite, murmurando o desperdício que era gastar todo aquele bom com-

bustível e perguntando-se porque havia alguém de se preocupar ainda com dirigíveis, quando os mais pesados que o ar eram o caminho do futuro. Wren seguiu atrás deles uma certa distância, ficando a observá-los enquanto colocavam as mangueiras de combustível dos grandes tanques por trás da sua pista de aterragem, e as ligavam aos bocais na parte de baixo do *Peewit*.

— Vai demorar uns bons dez minutos — comentou um dos homens voltando-se para Wren com um piscar de olhos amigável. — Não precisas de ficar aqui à espera ao frio, miúda.

Wren agradeceu-lhe e correu de volta para o *Pavilhão*. Dez minutos seriam o suficiente para ir buscar Cynthia.

Tinha decidido desde o princípio que não contaria o seu plano a Cynthia. Cynthia era demasiado histérica e cabeça no ar para manter um segredo e teria provavelmente contado tudo a Mrs. Pennyroyal. Mas Wren não tinha qualquer intenção de deixar a amiga para trás. Enquanto o *Peewit* era atestado, deslizaria para o dormitório das raparigas e acordaria Cynthia o mais discretamente possível, levando-a para a casa dos barcos. Quando lá chegassem, o iate estaria pronto a zarpar.

Mr. Plover usou uma gazua de novo estilo, que um dos homens de Shkin tinha tirado aos Meninos Perdidos, para abrir a porta do escritório do Presidente da Câmara. O escritório ficava numa sala com janelas altas que quase chegavam ao tecto mergulhado em sombras, lá muito em cima. As cortinas estavam abertas e a lua brilhava lá dentro, revelando ao antiquário a secretária desorganizada de Pennyroyal e o quadro de Walmart Strange atrás do qual se ocultava o cofre pessoal de Pennyroyal.

Ao atravessar a sala, Plover sentiu um movimento acima dele, no tecto abobadado, e teve a estranha sensação de estar a ser observado. Sentiu-se gelar de pânico. E se Pennyroyal tivesse conseguido uma das tais *camaracnídeas* e a estivesse a usar para guardar o cofre?

Esteve para desistir e fugir mas, ao pensar na mãe, continuou. Com o dinheiro que Shkin lhe tinha prometido pelo *Livro de Estanho* conseguiria mudar a mãe para uma das *suites* de luxo do lar, com

vista para os jardins na popa da metrópole. Obrigou-se a permanecer calmo. Pennyroyal não era suficientemente esperto para colocar uma câmara de vigilância. E, se o tivesse feito, ter-se-ia certamente vangloriado ao jantar, perante os seus convidados.

Ploverly retirou o quadro da parede e colocou-o cuidadosamente contra a cadeira de Pennyroyal. A porta circular do cofre estava diante de si. Estendeu a mão para o disco e girou-o para a direita, depois para a esquerda e novamente para a direita. Em visitas anteriores que fizera ao *Pavilhão*, tinha visto muitas vezes Pennyroyal abrir o cofre e acabara por apanhar a combinação apenas só de ouvir o número de cliques que o disco fazia. *Dois-dois-zero-nove-nove-cinco-sete...* Calmamente, cuidadosamente, marcou a sequência e a pesada porta abriu-se.

Dentro do cofre havia uma pequena caixa de couro. Dentro estava o *Livro de Estanho* de Anchorage. Ploverly retirou-o e segurou-o respeitosamente pois as coisas antigas eram a sua paixão, para além do seu sustento. Havia algo de maravilhoso, pensou, na forma como aquele trabalho manual conseguira sobreviver aos seus autores durante muitos, muitos anos.

Quando erguia o braço para fechar o cofre, sentiu um movimento por trás de si, voltou-se e...

Wren ia a caminho do dormitório quando ouviu o seu horrível e tremulo grito. Solto um guincho, estacou e logo se escondeu atrás de uma estátua ali perto. O grito terminou numa espécie de gargarejo. Os ecos foram esmorecendo, transformando-se em silêncio e em seguida o *Pavilhão* começou a encher-se com os sons de portas a abrir, pessoas a gritar umas para as outras.

Acenderam-se luzes. Wren olhou de soslaio para a janela que estava por trás dela e reparou que as luzes também invadiam o jardim. Grandes lâmpadas de segurança acendiam-se e os guardas acorriam com lanternas a balouçar na mão.

Agora é que foi, pensou, *já não tenho qualquer hipótese de fuga...* e depois sentiu vergonha de sentir pena de si própria, em vez

de estar preocupada com quem quer que tinha lançado aquele horroroso grito.

Saiu do seu esconderijo e correu em direcção ao dormitório. A meio caminho e ao dobrar uma esquina, chocou com Theo Ngoni que vinha a sair de um corredor lateral, dos lados da cozinha.

— Oh! — exclamou ela. — O que é que estás *tu* aqui a fazer?

— Ouvi alguém gritar... — respondeu.

— Eu também...

— A casa inteira ouviu alguém a gritar, meus queridos. — Mrs. Pennyroyal aproximava-se deles a passos largos, envergando a sua camisa de dormir que ondulava como um navio a toda a vela. Wren afastou-se de Theo com um salto, receosa de ser castigada por estar a falar com ele mas a esposa do Presidente da Câmara olhou apenas bondosamente para eles e disse: — Pareceu-me que o som vinha da parte da casa do meu marido. Vejamos o que aconteceu.

Wren e Theo seguiram-na obedientemente, enquanto ela virava para a ala de bombordo. Wren pensou que aquele era o tipo de grito de que *fugimos* e não para onde nos *dirigimos*, mas Mrs. Pennyroyal parecia determinada em descobrir a origem daquela agitação. Talvez tivesse uma certa esperança de que o marido se tivesse queimado numa botija de água quente ou caído da varanda abaixo e não queria perder um minuto de regozijo.

Subiram as escadas em caracol por trás do salão de baile e acederam por uma porta à pequena escadaria que conduzia à sala de comando da *Cloud 9*, a qual estava aberta e com alguns dos tripulantes a espreitar por ela com ar preocupado. As luzes iluminavam o escritório do Presidente da Câmara e, à medida que se aproximavam, Wren ouviu a voz estridente e trémula de susto de Pennyroyal a dizer «Mas o intruso pode ainda estar por aí!». Os escravos e a milícia amontoavam-se à porta, mas afastaram-se respeitosamente quando a senhora do Presidente da Câmara se aproximou.

Pennyroyal estava de pé ao lado da sua secretária com mais dois oficiais da sua guarda. Ergueu os olhos quando a esposa e respectiva comitiva entraram.

— Boo-Boo! Não olhes...

Boo-Boo olhou e engasgou-se. Wren também olhou e desejou não o ter feito. Theo olhou e permaneceu imperturbável, mas esse tinha estado na guerra e vira provavelmente coisas daquelas antes.

Walter Plover estava deitado no chão em frente do cofre aberto. Estava agarrado ao *Livro de Estanho* e pela forma como o segurava, a esconder parte do rosto, Wren percebeu que o empunhava de forma a proteger-se. Mas não lhe servira de nada. Algo aguçado lhe entrara pela frente das vestes até ao coração. O cheiro a sangue lembrou a Wren com grande violência a sua última noite em Anchorage e as mortes de Gargle e de Rémora.

— Deve ter sido uma faca — opinou vagamente um dos oficiais da milícia. — Ou talvez uma dança...

— Uma *lança*? — gritou Pennyroyal. — No meu *Pavilhão*? Na noite antes do baile do Festival da Lua?

Os oficiais trocaram olhares tímidos. Tal como a maioria dos soldados de Brighton, tinham-se alistado apenas por causa dos uniformes... atraentes números escarlates, forros rosados e várias borlas douradas. Mas jamais esperaram ter de lidar com cadáveres e intrusos misteriosos e, agora que o tinham de fazer, sentiam-se muito pouco à vontade.

— Como é que ele entrou? — perguntou um deles.

— Não há sinais de arrombamento — salientou o outro.

— Bem, desconfio que tenha agarrado na chave sobressalente que estava lá fora no vaso — deduziu Pennyroyal. — Guardo sempre ali uma sobressalente e Plover sabe disso. *Sabia*...

Os oficiais observaram o corpo aos seus pés e nervosamente passaram os dedos pelo punho ornamentado das espadas.

— Parece-me que estava a tentar roubar o cofre de Vossa Excelência — decidiu o primeiro.

— Sim, e o que é que ele tem na mão? — perguntou o segundo.

— Nada! — respondeu Pennyroyal, agarrando no *Livro de Estanho* que o morto tinha nas mãos e voltando a enfiá-lo no cofre,

fechando de novo a porta. — Nada de valor e além disso não está aqui. Vocês não o viram...

Ouviu-se uma barulheira de botas forradas de lã nas escadas e Orla Twombly entrou de rompante na sala com meia dúzia de *Furões Voadores* atrás dela. Caminhavam com as espadas em punho e a aviadora usou a sua para apontar a Wren.

— É esta a rapariga!

— Quê? Quem diria... — Pennyroyal voltou-se para olhar Wren.

— Ela veio pedir aos meus rapazes que preparassem o seu iate aéreo — informou Orla Twombly, dando um passo ameaçador na direcção de Wren, como se achasse que o melhor seria trespassar a rapariga já ali. — Inventou uma história qualquer sobre a sua esposa querer aquela velharia abastecida de combustível para poder ir às compras a Benghazi...

— Tretas e disparates! — exclamou Pennyroyal entusiasmado.

— A rapariga estava a preparar a fuga! Uma vez ladra, ladra para sempre, certo?

Oh deuses!, pensou Wren. Jamais imaginara que o seu plano tão cuidadosamente elaborado pudesse acabar tão mal. O que é que lhe iriam fazer? Provavelmente, devolvê-la a Shkin e exigir o reembolso...

Toda a gente falava excitadamente e Pennyroyal ergueu a voz acima de todos.

— Ploverly deve tê-la recrutado para o ajudar a roubar-me mas, em vez disso, ela assassinou-o! E não há dúvidas de que este demónio Musguento estava feito com ela! — acrescentou, apontando para Theo — Muito bem, Orla, meu anjo! Sem a tua rápida perspicácia, teriam zarpado a bordo do *Peewit* com o... ah... conteúdo do meu cofre.

— Tretas! — exclamou Boo-Boo num tom de voz que fez com que todos se calassem e a observassem nervosos. Tinha-se endireitado e ficado da cor de que qualquer esposa de Presidente da Câmara ficaria se ouvisse o marido a referir-se a uma aviadora atraente como «meu anjo» mesmo à sua frente. E pôs o braço à

volta de Wren. — O que Wren disse a Miss Twombly foi a mais pura das verdades. Eu *pedi* que o *Peewit* fosse reabastecido. Eu estava a pensar ir às compras a Benghazi amanhã, mas acho que agora já não me vai apetecer. De qualquer forma, a Wren e o Theo estavam comigo quando o pobre Ploverly gritou. Portanto, nenhum deles podia ter feito esta coisa horrorosa.

Wren e Theo arregalaram os olhos para Boo-Boo, espantados por ela estar a mentir para os proteger.

— Mas se não foram eles — perguntou Pennyroyal — então quem...?

— Isso não me cabe a mim descobrir — respondeu Boo-Boo altivamente. — Vou regressar aos meus aposentos. Por favor, procurem o vosso assassino sem barulho. Vamos, Wren, vamos, Theo. Amanhã temos um dia atarefado.

Voltou-se e saiu da sala, passando pelos aviadores corrigidos. Wren fez uma vénia a Pennyroyal e correu atrás de Theo e da sua senhora.

— Mrs. Pennyroyal — sussurrou ao chegarem ao final das escadas —, obrigada.

Boo-Boo pareceu não ter ouvido.

— Que coisa mais desagradável! — exclamou. — Aquele pobre daquele homem. Tenho a certeza de que a culpa é do meu marido.

— Acha que o Presidente da Câmara o matou? — perguntou Theo. Parecia não poder acreditar em tal, mas Wren sabia que o Professor Pennyroyal era bem capaz de matar uma pessoa se lhe conviesse. Só de pensar na forma como tinha tratado o pai dela! Agora percebia como tinha ele conseguido enganar todos em Anchorage durante tanto tempo, pois era de facto um excelente actor. Só o ar chocado que ele fizera, ali de pé ao lado do corpo de Ploverly...

— Antiga Tecnologia! — suspirava Boo-Boo. — Só traz problemas. Oh, não estou a dizer que Pennyroyal tenha empunhado a lâmina fatal, mas suspeito que tenha preparado alguma armadilha terrível para proteger o seu cofre. Era capaz de tudo para proteger

aquele ridículo *Livro de Estanho*. O que é que ele tem de tão especial? Sabes, filha?

Wren abanou a cabeça. Só sabia que o *Livro de Estanho* fora a causa de mais outra morte. Desejava nunca ter tirado aquela coisa horrenda da biblioteca de Miss Freya.

À porta do seu quarto, Boo-Boo mandou o guarda embora e voltou-se para Wren e Theo. Observou-os com um sorriso triste e depois agarrou nas mãos de Wren.

— Meus queridos filhos — começou ela —, lamento muito que a vossa tentativa de fuga tenha falhado. Tenho a certeza de que era isso que estavam a fazer, não era Wren? A mandar abastecer o iate do meu marido para tu e o Theo poderem fugir juntos?

— Eu... — começou Theo.

— O Theo não teve nada a ver com o assunto! — protestou Wren. — Eu choquei com ele no corredor. Íamos os dois ver o que se estava a passar...

Mrs. Pennyroyal ergueu a mão. Não queria ouvir mais nada. Tinha feito o melhor que podia para evitar que aquilo acontecesse, mas, agora que tinha acontecido, achava tudo bastante emocionante e romântico.

— Não precisam de me esconder a verdade — disse, com os olhos marejados de lágrimas, — Espero ser vossa amiga assim como vossa senhora. Mal os vi juntos, o vosso encontro interrompido por um grito de morte de um homem infeliz, percebi de imediato. Como eu gostaria de ter vivido uma paixão avassaladora como a vossa, em vez de me ter casado com Pennyroyal só para agradar à minha família...

— Mas...

— Ah, mas o vosso é um amor proibido! Fazem-me lembrar o Príncipe Osmiroid e a bela escrava Mipsie naquela maravilhosa ópera de Lembit Oriole, *Ervas Calçadas*. Mas têm de ser pacientes, meus queridos. Que esperanças de felicidade podem ter se conseguirem fugir? Escravos foragidos, sem dinheiro e longe de casa, perseguidos por caçadores de prémios para onde quer que vão. Não, têm de ficar aqui e encontrarem-se apenas secretamente.

Agora que sei o quanto desejam partir, farei tudo o que estiver ao meu alcance para convencer Pennyroyal a libertá-los.

Wren sentia-se corar. Como podia alguém achar que ela estivesse apaixonada logo pelo Theo Ngomi? Olhou para ele e ficou irritada ao ver que também ele parecia embaraçado como se aquela ideia de estar apaixonado por Wren fosse totalmente descabida.

— Paciência, meus pombinhos — continuou a esposa do Presidente da Câmara beijando-os na testa. Sorriu e abriu a porta do quarto. — Ah, a propósito — murmurou —, nem uma palavra sobre o que aconteceu ao pobre Mr. Plover. Jamais permitirei que este terrível incidente venha incomodar as celebrações do nosso Festival da Lua...

Capítulo 23

Brilha, Brilhante Brighton

Festival da Lua! Um murmúrio de expectativas ergueu-se da grande metrópole de gelo flutuante quando o Sol nasceu. Actores e artistas, que nunca se levantavam antes do meio-dia, saltaram das camas ao guincho das gaivotas e começaram a fazer os últimos retoques nas decorações e jangadas alegóricas enquanto os donos das lojas subiam os estores e baixavam os toldos com um ar de satisfação, sonhando com recordes de vendas. Brighton não era uma metrópole religiosa. A maioria do seu povo achava que a religião era, na melhor das hipóteses, um conto de fadas e, na pior, uma vigarice. Para eles, o nascer da primeira lua cheia de Outono, que para outras metrópoles era uma noite solene e sagrada, apenas significava uma coisa: festa!

Na realidade, era quase sempre tempo de festa a bordo de Brighton. Quando Wren chegou, o Festival de Verão, que consistia numa celebração com a duração de seis semanas aos deuses dessa estação, tinha terminado com festas de lançamento de fogos-de-artifício e paradas de vestidos chiques. Desde então, já tinha havido o Festival do Chapéu Alto, a Bienal da Escultura de Queijo, o Festival de Peças Sem Público, A Semana do Poskitt e o Dia do Tormento dos Mimos (quando os brightonianos tinham autorização para se vingarem dos irritantes enxames de actores de rua da metrópole). Mas o Festival da Lua tinha ainda um lugar especial nos corações e nas carteiras dos brightonianos e a crescente aglomeração de metrópoles em terra parecia prometer uma grande invasão de visitantes. Até o editor do *Palimpsesto*, que em geral adoraria ter impresso os rumores que corriam acerca da misteriosa morte na *Cloud 9* durante a noite, relegara a história para uma pequena coluna na página quatro, enchendo a primeira página com as notícias do Festival.

GRUPO DE BELDADES DE BOO-BOO

IMPULSIONA BRIGHTON!

A esposa do Presidente da Câmara, Boo-Boo Pennyroyal, previu ontem que as celebrações deste ano do Festival da Lua serão as melhores que Brighton alguma vez teve. Mrs. Pennyroyal (39), na fotografia da esquerda, a posar para o fotógrafo do *Palimpsesto* com um grupo das suas criadas mais belas, será a anfitriã desta noite para os convidados mais abastados do Middle Sea quando o *Pavilhão* abrir as suas portas e pistas de dança para o Baile da Câmara Municipal.

— Toda a gente que é alguém já vem a caminho de Brighton! — comentou Mrs. Pennyroyal. — Que melhor lugar para comemorar o Festival da Lua do que a bordo desta branca metrópole vogando neste mar azul celeste?

É claro que não se tratava de uma metrópole branca num mar azul celeste, mas apenas o que parecia, quando das plataformas de observação da *Cloud 9*. Lá em baixo, ao nível do convés, Brighton era uma metrópole de um branco sujo, com os telhados riscados pelos dejectos das gaivotas, as ruas peganhentas com restos de comida, à deriva numa superfície feita do seu próprio lixo e esgoto. Mas o tempo estava perfeito. Uma suave brisa vinda do mar para impelir os táxis aéreos que atravessavam para Benghazi e Kom Ombo, e refrescar os passageiros na viagem de regresso. O sol quente queimava os passeios de metal e extraía odores complexos das poças de gordura e vômito que os libertinos da noite anterior tinham deixado atrás de si. À medida que o dia avançava, a metrópole ia-se afundando mais na água devido ao peso das multidões de visitantes que enchiam as ruas e as praias artificiais, e mergulhavam e gritavam ao longo das margens da Piscina Oceânica. A meio da tarde, já todos os caixotes de lixo estavam

atulhados e as gaivotas lutavam entre si por restos de carne e de bolos ali conseguidos, voando baixo sobre as cabeças das longas filas que se formavam por baixo da Roda do Farol e à entrada para o Aquário de Brighton.

Tom Natsworthy, que aguardava na fila dos excursionistas, baixava-se sempre que outra gaivota estridente passava por cima dele. Sentia-se nervoso ao pé de pássaros grandes, desde que lutara contra um dos Caçadores Voadores da Green Storm em Rogues' Roost. Mas estas ávidas gaivotas eram a menor das suas preocupações. Tinha a certeza de que os assistentes uniformizados do Aquário conseguiriam adivinhar, só de olhar para ele, que tinha entrado a bordo de Brighton apenas uma hora antes, saindo de um buraco que o *Screw Worm* conseguira abrir no casco da metrópole. Esperava a qualquer momento ser arrastado da fila e denunciado como intruso e passageiro clandestino.

O *Screw Worm* alcançara Brighton naquela manhã. Tom tinha-se aproximado cautelosamente, com receio de accionar qualquer tipo de Antiga Tecnologia que Brighton tivesse usado para apanhar os Meninos Perdidos, mas parecia que a metrópole havia desligado os seus sensores, agora que a sua viagem de pescaria terminara. Mesmo assim, ele e Hester mal se atreviam a respirar quando os ganchos magnéticos se prenderam e a broca de cascos ruidosamente roeu as placas do convés da estância de veraneio.

Tom tinha querido utilizar as *camaracnídeas* para procurar sinais de Wren mas Hester discordara.

— Não somos Meninos Perdidos — sublinhou. — Seriam necessários vários conhecimentos que não temos para colocar uma coisa dessas a passear pela canalização de Brighton. Podíamos levar semanas até encontrarmos algum sinal de Wren. Iremos nós mesmos lá acima. Devemos ser capazes de descobrir alguma coisa sobre aquelas «lapas» que eles pescaram para bordo.

Hester tinha razão. Quando emergiram do *Worm* para um beco deserto que ficava por trás da subdivisão de máquinas de Brighton, praticamente a primeira coisa que viram foi um *poster* colado a uma

conduta de descarga. Mostrava uma «lapa» rodeada por rapazes selvagens e por baixo uma frase que dizia: *Piratas Parasitas do Atlântico! Artefactos e cativos retirados do antro subaquático de Grimsby durante a recente expedição de Brighton em exposição no Aquário de Brighton na Praça Burchill 11-17.*

— Cativos! — exclamou Tom. — A Wren pode lá estar! É para lá que temos de ir...

Hester, que demorava mais tempo a ler que o marido, ainda ia a meio do texto.

— O que é um Aquário?

— Um sítio para peixes. Uma espécie de jardim zoológico ou museu.

Hester acenou com a cabeça.

— Os museus são o teu departamento. Vai dar uma olhadela. Eu quero é ir meter o nariz na doca aérea. Pode ser que oiça por lá alguma coisa acerca da Wren e quero ver se arranjo um dirigível para nós. Não me agrada nada voltar para casa naquela velha «lapa» malcheirosa.

— Não nos devíamos separar — considerou Tom.

— É só por um bocado — prometeu Hester. — Vai ser rápido.

— Mas era apenas uma desculpa, claro. A verdade é que todo o tempo que ela passara enclausurada com Tom debaixo de água tinha-a deixado irritada. Queria ficar só durante alguns momentos. Precisava de respirar e dar uma vista de olhos por aquela metrópole, sem ter de o ouvir a preocupar-se com Wren. Deu-lhe um beijo rápido e disse: — Encontro-me contigo dentro de uma hora.

— No *Worm!*

Hester abanou a cabeça. A subdivisão de máquinas estava a ficar agitada pois tinha começado um novo turno e os transeuntes poderiam reparar neles a esgueirarem-se pela sua entrada secreta. Apontou para outro anúncio, meio escondido por baixo do *poster* do Aquário, de um café na Old Steine chamado *O Café Rosa*.

— Ali...

Felizmente, os assistentes do Aquário estavam apenas interessados em vender bilhetes e conversar uns com os outros sobre os planos que tinham para aquela noite. Não estavam na mira de intrusos e, mesmo que tivessem estado, não havia nada que distinguisse Tom dos outros visitantes. Não passava de um homem ainda jovem, desgrenhado e ligeiramente calvo talvez um erudito vindo da plataforma do meio de Kom Ombo, e se as suas roupas estavam um pouco amarrotadas e fora de moda, e ele cheirasse ligeiramente a bolor e água do mar, bem, não havia qualquer norma contra. A rapariga que estava no torniquete mal olhou para ele quando agarrou no dinheiro e lhe fez sinal para passar.

Dentro do Aquário, viam-se peixes com um ar aborrecido a nadar dentro de tanques enormes e escuros e sentia-se um tal odor a ferrugem e água salgada, que Tom quase podia imaginar ter regressado a Grimsby. Mas ninguém olhava os peixes, nem os cavalos-marinhos, nem os sarnentos leões-marinhos. Todos se dirigiam para o corredor central, seguindo as placas brilhantemente coloridas que anunciavam a exposição dos Piratas Parasitas.

Tom entrou com eles, tentando não parecer muito ansioso e recordando a si mesmo que Wren poderia provavelmente não estar ali. Caminhou lentamente entre os outros visitantes, espreitando para uma vitrina de *camaracnídeas* e depois para uma «lapa» chamada *Aranha Bebé* colocada num estrado no centro da sala. Quem quer que a tivesse colocado ali, conferia-lhe uma posição dramática, empinada nas quatro patas traseiras e acenando as da frente no ar como se estivesse prestes a atacar os visitantes. As famílias colocavam-se à frente para lhes tirarem fotografias e as crianças faziam caras assustadas ou deitavam a língua de fora para aquela máquina ameaçadora.

Por trás da «lapa», enfiados numa gaiola com o chão coberto de palha, estavam alguns dos Meninos Perdidos cativos, agachados e a olhar para as multidões que passavam. De vez em quando um deles agarrava-se às grades a gritar impropérios e os visitantes afastavam-se assustados e encantados enquanto um dos corpulentos assistentes empurrava o selvagem com um bastão eléctrico.

Tom sentiu pena dos Meninos Perdidos e ao mesmo tempo alívio por Wren não se encontrar no meio deles.

Ali perto, uma jovem e bonita mulher com a farda do Aquário chamava a atenção para alguns pormenores a um grupo de crianças. Tom esperou que ela terminasse e depois aproximou-se.

— Desculpe — interpelou —, poderia dizer-me quantas «lapas» apanharam?

A jovem era de facto muito bonita. O seu sorriso quase deslumbrou Tom.

— Dezanove no total, senhor — respondeu. — E mais três que foram destruídas no mar.

— Alguma delas se chamava *Autolycus*?

O sorriso desapareceu. Atrapalhada, começou a remexer nas suas notas. Nunca ninguém lhe tinha feito perguntas sobre uma «lapa» específica.

— Deixe-me ver... — murmurou. — Acho... Oh, sim! O *Autolycus* foi uma das primeiras «lapas» que capturámos ainda nos mares do Ocidente bem longe do covil dos parasitas. — O sorriso regressou. — Devia ir em alguma missão de roubo quando a apanhámos...

— E a tripulação?

A jovem continuava a sorrir, mas havia perturbação nos seus olhos. Começara a pensar se Tom não seria algum doido.

— Terá de perguntar a Mr. Shkin, senhor. Mr. Nabisco Shkin. Todos os cativos pertencem à Empresa Shkin.

— E o que é a Empresa Shkin? — perguntou Hester, a quem um vendedor de balões em segunda mão, na doca aérea, tinha dito exactamente a mesma coisa.

— Escravos — respondeu o homem cuspiendo um jacto negro de suco de tabaco para a placa de convés aos seus pés e piscando-lhe o olho. — Todos os rapazes e raparigas que eles apanharam são agora escravos e, se quer que lhe diga, é bem feito.

Uma escrava, pensou Hester, enquanto percorria as ruas cada vez mais concorridas. As sombras de dirigíveis e táxis-balões deslizavam sobre ela à medida que se dirigiam para a doca aérea para desembarcar mais multidões de turistas barulhentos. *Uma escrava*. Hester empurrou um grupo de estudantes de línguas do passeio. Como é que ia dar aquela notícia a Tom? Que a sua filhinha querida estava presa numa prisão de escravos algures ou a sofrer sabe-se lá o quê às mãos de donos cruéis...

Para piorar as coisas, tinha percebido que o seu plano para comprar um dirigível não era viável. Os preços haviam subido em flecha desde a última vez que ela tinha estado a bordo de uma metrópole e o dinheiro que trouxera de Grimsby dava para pouco mais que uma cobertura de motor sobressalente nos estaleiros de dirigíveis em segunda mão.

Em vez disso, gastou algum dinheiro numa barraquinha por trás da doca, onde comprou um par de óculos escuros para esconder a falta do olho e um toucado de discos prateado que ocultava mais ou menos a cicatriz da testa. Comprou igualmente um véu novo e um casaco preto pelo tornozelo com vários botões, para substituir o trapo velho que usara desde que tinha saído de Anchorage. Enquanto caminhava sentiu o seu humor a melhorar. Gostava daquela metrópole. Gostava do sol e das multidões, do barulho das máquinas automáticas e das fachadas trabalhadas dos hotéis. Gostava de estar no meio de pessoas que não a conheciam e não podiam adivinhar o que estava por detrás daquele véu. Gostava dos jovens e atraentes aviadores que lhe sorriam quando passava por eles, os olhos presos à misteriosa mulher com o rosto escondido e o corpo esguio e alto. E, apesar de não o admitir a si mesma, gostava da vida sem Wren. Estava quase satisfeita por a rapariga ter sido raptada.

Parou para estudar um mapa das ruas e depois atravessou a ponte pedonal sobre a Piscina Oceânica e seguiu para a popa, para a Old Steine. Não havia qualquer sinal de Tom nas mesas da esplanada do *Café Rosa*. Hester pensou em tomar um café enquanto esperava por ele, mas depois decidiu que não o podia fazer ao preço praticado em Brighton. Em vez disso, caminhou pela

longa curva da Steine olhando as montras das lojas até chegar a uma que a fez estacar.

Era um edifício em mau estado que em tempos fora um teatro. Num jovial letreiro cor-de-rosa por cima da porta, lia-se, *A Experiência de Nimrod Pennyroyal* e *posters* anunciavam: *Reviva as Aventuras do Presidente da Câmara Pennyroyal nos Cinco Continentes e em Milhares de Metrópoles! Educativo e Divertido!* Na montra via-se uma escultura em cera de Pennyroyal, acorrentado ao chão de uma masmorra de cartão, que subia e descia a cabeça olhando com um ar inquiridor para uma lâmina arredondada que balançava sobre ele num pêndulo.

Presidente da Câmara Pennyroyal? Hester tinha várias vezes pensado no que teria acontecido ao falso explorador, depois de ter alvejado Tom e roubado o *Jenny Haniver*. Presumira que, por aquela altura, já os deuses o teriam castigado por todas as mentiras e estratégias que inventara. Afinal, tinham tido dezasseis anos para pensar num castigo adequado. Em vez disso, parecia que o tinham recompensado. Pennyroyal estava vivo. E ele sabia o que ela tinha feito. Ela própria lho dissera na cozinha destrozada dos Aakiuq, quando se preparava para matar Masgard e os outros Predadores.

Deu uma moeda de bronze ao homem da bilheteira e entrou.

Parecia que os visitantes de Brighton tinham arranjado melhores formas de se educarem e divertirem pois a *Experiência de Nimrod Pennyroyal* estava quase deserta. Sentia-se no ar um cheiro a museu poeirento e outro cheiro desesperador e deslocado, que lhe era ainda mais familiar. Hester passou por artefactos pouco notáveis enfiados em vitrinas de vidro, pela reconstrução de uma paisagem de um terreno Antigo em que Pennyroyal fizera em tempos escavações. Quadros e dioramas de cera mostravam Pennyroyal a lutar com um urso, a escapar de piratas aéreos e a ser quase sacrificado por um culto de adoração de Antiga Tecnologia de mulheres guerreiras. Eram tudo cenas dos *best-sellers* de Pennyroyal e que não passavam de mentiras. Apenas um dos quadros tinha algum significado para Hester. Mostrava Pennyroyal de espada em riste a lutar contra um bando de Predadores selvagens, enquanto a seu lado, uma bela e jovem mulher soltava o seu último suspiro. Foi só

depois de já estar há algum tempo a olhar para o quadro que Hester reparou que a martirizada rapariga usava uma pala no olho e tinha uma pequena e atraente cicatriz no rosto.

— Pelos deuses! — disse em voz alta. — Supõe-se que aquela bimba seja *eu*!

A sua voz soou muito alto naquelas salas vazias e ecoantes. Quando se extinguiu, Hester ouviu passos e o homem do quiosque enfiou a cabeça pela porta, perguntando:

— Está tudo bem, minha senhora?

Hester fez que sim com a cabeça, demasiado irritada para falar.

— É um magnífico quadro, não é? — perguntou o curador. Era um homem simpático, de meia-idade e com alguns fios de cabelo cor de areia cuidadosamente penteados sobre a cabeça calva. Aproximou-se, ficando junto a Hester e sorriu orgulhoso para o quadro. — É inspirado nos últimos capítulos d'*O Ouro do Predador*, no qual Sua Excelência combate os Predadores de Arkangel.

— Quem é a rapariga? — perguntou Hester.

— Nunca leu *O Ouro do Predador*? — perguntou o homem, surpreendido. — É Hester Shaw, a aviadora que vende *Anchorage* aos Predadores. Ela redime-se, pobrezita, morrendo ao lado de Pennyroyal, abatida pelo chefe dos Predadores, Piotr Masgard.

Hester afastou-se rapidamente, subindo uma escada de metal empoeirada em direcção ao andar de cima do museu, mal reparando nos quadros por onde passava, com a cabeça cheia de pensamentos alarmistas e imparáveis. Estava tudo perdido! Pennyroyal não só sabia o que ela tinha feito, como até escrevera um livro acerca disso! E havia quadros! Mesmo que Pennyroyal tivesse deturpado os factos, a verdade permanecia ali, a preto e branco nas páginas de um livro. Hester Shaw tinha vendido *Anchorage* aos Predadores. E quando Tom descobrisse...

Será que ele a amaria depois de saber como ela era na realidade? Chegou ao cimo das escadas. O cheiro familiar era agora mais forte e Hester apercebeu-se subitamente do que se tratava. Uma mistura de combustível de aviação e de hélio. Olhou para cima.

Todo o andar superior consistia numa única sala com tecto de vidro e no meio, preso a pilares de metal, encontrava-se um dirigível. Estava velho e esfarrapado e o nome pintado num dos flancos era *O Rolo do Ártico*, mas Hester reconheceria aquela barquinha de tábuas sobrepostas e aqueles motores *Jeunet-Carot* já muito reparados, em qualquer lado. Tinha vivido naquelas cabinas estreitas durante dois anos e viajado meio mundo por baixo daquele velho balão vermelho. Era o *Jenny Haniver*.

— É uma banheira velha, não é?

Hester não se tinha apercebido que o curador a tinha seguido pelas escadas acima, mas ali estava ele mesmo por trás dela com um sorriso amistoso.

— Hester Shaw legou-o ao professor Pennyroyal ao morrer e ele trouxe-o para Brighton através de tempestades polares e ataques de piratas aéreos.

Ao lado da barquinha, fora construído um passadiço de madeira. Semiatenta ao curador, Hester subiu os degraus e espreitou através dos vidros sujos, relembrando a verdadeira história daquele dirigível. Ali estava a cabina da popa com o estreito beliche onde costumava dormir com Tom. Lá estava o lugar do piloto onde ela passara tantas e tão longas vigílias. Ali, nas gastas tábuas do chão do convés de voo, fora Wren concebida...

Hester aspirou o ar.

— Pelo cheiro, está pronto para voar...

— Sim, de facto minha senhora. É aviadora?

Hester olhou para ele assustada, pensando se ele teria adivinhado quem ela era, mas o homem estava apenas a ser simpático.

— Sim — respondeu e depois, como ele fizesse um ar de quem queria saber mais, acrescentou: — Sou a Capitã Valentine do *Freya*.

— Ah! — exclamou o curador, convencido, e acenou novamente para o *Jenny*. — É este que vai liderar a parada aérea de dirigíveis históricos amanhã, Ms. Valentine.

Hester tocou na parte inferior, fria, da cobertura de um dos motores e imaginou-o a rugir de vida. Começava a recuperar do

choque. Afinal, Tom sabia que Pennyroyal era um mentiroso.

Porque havia ele de acreditar no que aquele velho aldrabão tinha a dizer sobre ela? Sob o véu sorriu com o seu sorriso torto.

— Deve ser um belo espectáculo — continuou o curador sorrindo para ela. — Vai haver a reconstituição de uma das aventuras mais desesperadas do Professor Pennyroyal. A luta entre o *Rolo do Ártico* e um grupo de rebocadores aéreos disfarçados de dirigíveis piratas. Com foguetões a sério e tudo...

Hester olhou em volta da grande sala.

— Como é que ele sai daqui?

— Hem? — o curador fez. — Ah, o tecto abre-se. Abre-se para cima como um hangar de recolha. O Presidente da Câmara vai limitar-se a voar nele daqui para fora.

Hester acenou com a cabeça e verificou as horas no seu relógio de pulso. Tinha-se esquecido do encontro com Tom e já estava vinte minutos atrasada. Desceu rapidamente as escadas, com o curador a correr atrás dela. Perto da saída, na loja de recordações, agarrou num exemplar d'*O Ouro do Predador* e atirou algumas moedas ao homem para pagar.

— Se me permite, Ms. Valentine — disse o curador procurando na caixa registadora troco para lhe dar —, estava a pensar se aceitaria ir comigo amanhã ao espectáculo e depois, quem sabe, jantar?

Mas quando ergueu os olhos, a misteriosa aviadora já tinha desaparecido e a porta de saída estava ainda a fechar-se suavemente.

Hester percorreu rapidamente a Old Steine em direcção ao café, enfiando o livro de Pennyroyal no bolso. O pedido idiota e lisonjeiro do curador tinham-na feito sentir novamente atraente e misteriosa, e o pânico que experimentara anteriormente tinha desaparecido por completo. Sabia agora que ia correr tudo bem. Mostraria o livro a Tom e juntos rir-se-iam das mentiras que Pennyroyal contava acerca dela. Depois libertava Wren da prisão dos escravos e, juntos, resgatariam o *Jenny Haniver* e zarpariam dali.

As mesas da esplanada do café continuavam ocupadas e sem sinal de Tom. Voltou-se à procura dele, já irritada. Tom não costumava atrasar-se e ela queria contar-lhe os seus planos.

— Hester? — perguntou uma das escravas do café aproximando-se com um papel dobrado na mão. — Chama-se Hester? O senhor disse que a senhora viria. Pediu-me para lhe entregar isto.

O papel era um prospecto a anunciar o Aquário. Nas costas, na sua caligrafia impecável, Tom tinha escrito, *Querida Het, encontramos-nos no SW. A Wren foi feita escrava. Vou a um sítio chamado o Pimenteiro para ver se a consigo resgatar...*

Capítulo 24

O Requiem Vortex

A frota aérea tinha feito um bom tempo desde que saíra de Shan Guo. Tinham atravessado as águas de um turquesa brilhante do Golfo Pérsico e seguiam agora para Ocidente, sobre as montanhas de Jabal Hammar. Os quatro contratorpedeiros voavam em coluna e, à volta deles, o ar vibrava com o rugido dos motores enquanto uma escolta de dirigíveis de caça, *Murasaki Fox Spirits* e *Zhang Chen Hawkmoths*, esquadrihavam o céu em busca de corsários citadinos.

Através de uma fresta da barquinha blindada do dirigível almirante da Caçadora Fang, o *Requiem Vortex*, Oenone Zero espreitou para o solo distante. Nada se mexia lá em baixo, à excepção das sombras dos dirigíveis, mas, para onde quer que olhasse, conseguia ver as profundas marcas deixadas pelas lagartas e rodas das metrópoles que por ali tinham passado. Marcas dentadas esfuracavam as montanhas onde metrópoles mineiras tinham enchido as entranhas com rochas metalíferas.

Oenone sentira-se satisfeita ao saber que tinha de ir com a sua chefe naquela misteriosa expedição. Isolada no céu a bordo do dirigível almirante da Caçadora, conseguiria certamente uma oportunidade para usar a sua arma? Mas o mundo que vira pelo caminho, marcado e arruinado pelo *Darwinismo Municipal*, fizeram-na pensar melhor se teria realmente esse direito. Odiava a guerra, mas também as Metrópoles de Tracção. Ao matar Fang, não estaria a oferecer-lhes a vitória? Se a Green Storm desabasse, a terra inteira acabaria por ficar com aquele aspecto de pilhas de destroços abaixo de si. E não queria ficar com esse peso na consciência.

— Ainda a arranjar desculpas para não fazer aquilo que vieste fazer, Oenone — disse para consigo naquele tom desapontado que a mãe usava quando Oenone era uma criança e se furtava aos trabalhos de casa. — És mesmo covarde!

Olhou em frente para uma névoa acastanhado que ela sabia ser em parte provocada pelos fumos de escape das metrópoles. Algures para lá dela, ficava o Middle Sea, já não muito longe. Oenone tentou acabar com as suas dúvidas. Aproximava-se uma batalha e ela sabia o suficiente sobre batalhas para ter a certeza de que haveria momentos de caos e confusão, e que seria capaz de soltar o seu dispositivo contra a Caçadora Fang sem que ninguém percebesse o que ela estava a fazer.

Afastou-se da festa e subiu para os trovejantes passadiços dentro do balão. À medida que se aproximava da messe dos oficiais, conseguiu ouvir as vozes de alguns camaradas e parou junto à porta aberta a ouvir a conversa sem ser vista.

— Ela disse que devemos atacar apenas Brighton! — dizia a Tenente Zhao, a oficial de artilharia, baixando a voz com receio de que a Caçadora Fang a ouvisse. — Porquê Brighton? Eu li os relatórios dos serviços secretos. Brighton é a menor das metrópoles, apenas uma jangada de diversões.

— Ela tem os seus próprios espões — respondeu o Navegador Cheung, olhando para a sua chávena vazia como se conseguisse adivinhar os planos da Caçadora através das folhas de chá. — Agentes infiltrados que lhe apresentam relatórios.

— Sim, mas para que é que foi colocar um a bordo de Brighton?

— Quem sabe? Deve por lá haver alguma coisa importante.

— Tal como? — Zhao abanou a cabeça. — Há grandes metrópoles predadoras à coca nestas montanhas por baixo de nós. Porque é que hei-de guardar os meus foguetões para Brighton quando podia estar a rebentar com as lagartas de metrópoles predadoras?

— Não nos cabe a nós questionar as ordens dela, Zhao.

Esta última frase viera do imediato nomeado para a expedição, General Naga. Oenone viu os oficiais juniores perfilarem-se e inclinarem a cabeça ao som da sua voz. Naga fazia parte da Storm desde a sua fundação. Havia uma famosa fotografia dele, ainda jovem e bonito, erguendo a bandeira com o raio sobre os destroços de Traktiongrad. Oenone tinha tido um *poster* daqueles no seu

quarto quando era rapariga. Mas Naga já não era jovem, nem bonito. Tinha o cabelo grisalho e o rosto, alongado e ocre, sulcado por costuras e cicatrizes. Tinha trinta e cinco anos. Um velho, segundo os padrões dos militares da Green Storm. Perdera um braço em Xanne-Sandansky e o uso das pernas no cerco aéreo de Omsk, e só podia caminhar e lutar porque o Corpo de Ressuscitação Ihe tinha construído um exosqueleto de metal, motorizado.

— Não gosto desta missão — admitiu, com os segmentos da sua armadura mecânica a ranger quando se inclinou sobre a mesa. — Brighton não representa qualquer ameaça para nós e ouvi dizer que passou o Verão a apanhar esses tais parasitas salteadores no Atlântico Norte. Eu era cadete em Rogues' Roost quando atacaram a nossa base de lá. Perdi grandes amigos por causa daqueles demónios e ainda bem que Brighton acabou com eles. Mas ordens são ordens e ordens vindas da *Flor de Fogo*...

Parou subitamente ao sentir a presença de Oenone junto à porta.

— Cirurgiã-Mecânica — disse bruscamente, voltando-se na direcção dela. A sua mão mecânica fechou-se sobre o punho da espada. O seu exosqueleto tilintou e zuniu, ao fazer uma semi-vénia desajeitada. Por trás dele, Oenone viu o medo nos rostos dos oficiais mais jovens ao reconhecerem-na. Sabia o que eles estavam a pensar. *Há quanto tempo estaria ela ali? O que teria ouvido? Iria contar à Caçadora?* Até Naga tinha receio dela.

— Desculpem, por favor — rogou, curvando-se formalmente perante o general e logo perante os oficiais que estavam à mesa. Entrou na messe, serviu-se de uma chávena de chá de jasmim, que não queria, e bebeu-o rapidamente e em silêncio. Os olhos de todos continuavam postos nela. Tinham-lhe quase tanto receio como à própria Caçadora Fang e Oenone gostava de o saber pois significava que não suspeitavam das suas verdadeiras intenções.

Mas alguém a bordo do *Requiem Vortex* suspeitava dela. Quando saiu da messe e subiu as escadas do convés para as camaratas até à sua cabina que ficava lá em cima no meio das células de gás reforçadas, Shrike observou-a das sombras e esperou pacientemente que ela desse o primeiro passo.

Capítulo 25

O Pimenteiro

A tarde ia dando lugar à noite, enquanto Tom se encaminhava para o Pimenteiro através das ruas repletas de festejos. Uma procissão avançava lentamente ao longo da Alameda Oceânica, com bonitas raparigas e rapazes mascarados de sereias a cabriolarem em flutuadores eléctricos, marionetas gigantes de deusas do mar a dançar, lanternas de papel em forma de peixes e serpentes enroladas ao longo de compridos postes, e travestis com enormes chapéus de penas que lançavam papelinhos de balões de carga voando baixo. Tom continuava a olhar para o mar pelos intervalos entre os edifícios brancos e, uma das vezes, com um estridor agudo de motores, uma patrulha daqueles estranhos engenhos voadores passou a rasar o telhado das casas. Tom colocou as mãos nos ouvidos e voltou-se para os ver passar. Se fosse mais jovem, teria ficado entusiasmado, mas agora apenas lhe recordavam como o mundo estava perigoso e como tinha mudado desde que ele se afastara. Quanto mais coisas via, mais desejava encontrar Wren e regressar à paz de Vineland.

Passou por entre as multidões em direcção ao endereço que a rapariga do Aquário lhe tinha dado. Sabia que Hester iria ficar zangada com ele por ter ido sem ela, mas estava demasiado ansioso para continuar à sua espera ali no *Café Rosa*. Além disso, não parava de se lembrar do que ela tinha feito a Gargle e a forma como poderia reagir quando soubesse o destino de Wren deixava-o pouco à vontade. Queria conversar calmamente com esse tal Shkin. Até podia ser um homem sensato que devolvesse Wren aos pais quando soubesse a verdade. Se não, Tom arranjaría forma de a comprar de novo. De uma maneira ou doutra, não havia razão para violências.

Quando avistou o Pimenteiro, sentiu-se ainda mais optimista. A maioria das prisões de escravos eram lugares sombrios, escondidos em plataformas inomináveis de selvagens metrópoles de recuperação e não em elegantes torres brancas. Fora da porta en-

vidraçada da frente, um guarda elegantemente fardado de negro mandou-o educadamente parar e passou um detector de metais sobre ele, antes de o deixar entrar para a zona de recepção, tão calma e bem decorada como a entrada de um hotel. Havia cadeiras confortáveis e vasos de plantas em verde metalizado e uma placa na parede que dizia, *Empresa Shkin* e por baixo em letras mais pequenas *Investidor em Pessoas*. A única pista verdadeira acerca daquele tipo de lugar, eram os gritos furiosos e abafados e o ressoar metálico que se ouviam vagamente através da alcatifa verde marinha.

— Peço desculpa pelo barulho — disse uma mulher bem vestida sentada por trás de uma secretária negra. — São aqueles nojentos dos Meninos Perdidos. Quando os trouxemos a primeira vez para bordo, eram muito pacíficos, mas têm vindo a tornar-se, a cada dia que passa, mais problemáticos e insolentes. Não ligue. Os leilões de Outono começam amanhã e em breve nos veremos livres deles.

— Então ainda não os venderam? — guinchou Tom. — Ainda bem. Ando à procura da minha filha. Wren Natsworthy. Ela estava com os Meninos Perdidos e acho que talvez a tenham prendido por engano...

A mulher tinha umas sobancelhas desenhadas a lápis com um risco fino como um arame e ergueu ambas, surpreendida.

— Um momento, por favor — pediu ela, inclinando-se sobre a secretária e murmurando para um intercomunicador de bronze e baquelite que Tom achou muito futurista. O intercomunicador murmurou em resposta e, após um momento, a mulher ergueu os olhos para Tom, sorriu e disse: — Mr. Shkin irá recebê-lo pessoalmente. Pode subir.

Tom dirigiu-se para a escada em espiral que levava ao andar de cima, mas a mulher pressionou um botão na sua secretária e uma porta estreita deslizou na parede. Tom percebeu que se tratava de um elevador. Não era nada parecido com os enormes elevadores públicos de que ele se lembrava da sua adolescência em Londres. Aquele era apenas um armário sofisticado, forrado a madrepérola, mas ele tentou não parecer muito espantado e entrou. A porta deslizou, fechando-se. Sentiu o estômago dar-lhe uma reviravolta.

Quando a porta se voltou a abrir, estava num silencioso e luxuoso escritório onde um homem se levantava de outra secretária de metal negro para o receber.

— Mr. Shkin? — perguntou Tom, enquanto por trás dele a porta se fechava suavemente e o elevador descia com um ronronar suave.

Nabisco Shkin fez uma profunda vénia e estendeu a mão envolta numa luva cinzenta.

— Meu caro Mr. Natsworthy — começou suavemente —, Miss Weems disse-me que estava interessado numa das nossas escravas. Uma rapariga chamada Wren.

Tom sentiu-se irritado ao ouvir chamar escrava a Wren com um ar tão calmo, mas controlou-se e apertou a mão de Shkin, declarando:

— Wren é minha filha. Foi raptada por um dos Meninos Perdidos. E eu vim buscá-la.

— Ah, sim? — Shkin acenou com a cabeça, observando Tom cuidadosamente. — Infelizmente, não sei do paradeiro da rapariga. Ela já foi vendida.

— Vendida? — gritou Tom. — Onde é que ela está? Ainda está a bordo de Brighton?

— Terei de consultar os meus arquivos. Processámos tantos escravos este mês...

A porta do elevador voltou a abrir-se e a sala começou a encher-se de homens. Guardas armados de uniforme negro. Tom, apanhado de surpresa, mal se apercebeu do que lhe estava a acontecer até que um dos homens lhe bateu de lado com o punho dum bastão e outros dois o agarraram quando ele se dobrou em dois, sem conseguir respirar e sentindo-se sufocar.

Nabisco Shkin deu a volta à sala puxando as cortinas de tela para ocultar as longas janelas.

— Hoje há muitas embarcações de prazer no céu — comentou em tom de conversa. — Não íamos gostar que nenhum dos felizes veraneantes espreitasse e nos visse, pois não? — A sala tornou-se

mais sombria. Regressou à secretária e falou para o intercomunicador. — Mónica, mande aqui o rapaz. Vejamos se este traste é mesmo quem ele diz que é.

Os captores de Tom torceram-lhe os braços dolorosamente para trás das costas e seguraram-no com força, mas nem teriam precisado de o fazer pois ele não estava em condições de se manter de pé, quanto mais de dominar aqueles quatro e fortes guardas. Sentiu o coração a bater forte e irregularmente, e a dor a trespassar-lhe o flanco. Shkin aproximou-se, levantou a manga de Tom com um olhar de ligeira aversão e retirou-lhe a bracelete de casamento.

— Isso pertence-me! — arfou Tom. — Devolva-ma!

Shkin atirou a bracelete ao ar e voltou a apanhá-la.

— Já nada te pertence — respondeu. — Tu és propriedade. A não ser que possuas papéis que provem que és um homem livre. Mas se és quem dizes ser, então não tens. — Ergueu a bracelete no ar e semicerrou os olhos para ela. — HS e TN. — leu. — Que comovente...

A campainha do elevador voltou a tocar e outro dos guardas vestidos de negro de Shkin saiu cá para fora. Este não passava de um rapaz vestido da mesma forma que os outros de uniforme negro e um boné de pala negro, com o logótipo da *Shkin* a prateado à frente.

— E então, Fishcake? — perguntou-lhe Shkin. — Reconheces o nosso convidado?

O rapaz olhou para Tom.

— É ele, sim senhor, Mr. Shkin — respondeu. — Vi-o nos ecrãs quando estivemos em Anchorage. É o pai da Wren.

— Como é que tu... — começou Tom a perguntar mas depois percebeu quem aquele rapaz devia ser. Fishcake. O rapaz de quem o Tio tinha falado, o caloiro que raptara Wren! Tom sabia que deveria sentir-se zangado com ele, mas não conseguiu. Apenas se sentiu mais irritado com Shkin ao ver a marca do logótipo nas costas da mão magra do rapaz. Que tipo de homem faria aquilo a uma criança? Que tipo de metrópole deixaria que um homem daqueles se tornasse rico e poderoso? E continuou: — Fishcake, por favor, a Wren está bem? Alguém a magoou? Sabes quem é que a comprou?

Fishcake estava prestes a responder quando Shkin o interrompeu.

— Não lhe respondas, rapaz. — Um dos guardas voltou a bater em Tom fazendo-lhe sair o ar dos pulmões num sopro forte e sem palavras.

— Fishcake já aprendeu a obedecer — fez notar Shkin. — Ele sabe que, se me desobedecer, volta para as celas onde estão os seus amigos e eles irão chaciná-lo por ter traído Grimsby. — Abriu de rompante o casaco de Tom e levantou a camisa seguindo com um dedo enlavadado de cinzento as cicatrizes deixadas pela cirurgia amadora de Windolene Pye. No seu rosto vislumbrou-se uma espécie de sorriso.

— O Presidente da Câmara desta metrópole é um homem irritante, Mr. Natsworthy — continuou. — Acho que o senhor poderá ajudar-me a expô-lo como fraudulento e mentiroso. Mas primeiro a sua filha terá de me ajudar a recuperar algo que ele me roubou. Quem sabe. Se colaborarem, talvez os solte aos dois. — Ao voltar para a sua secretária tornou a lançar a bracelete no ar e a agarrá-la. Depois, debruçou-se sobre o bocal de bronze do intercomunicador e disse: — Miss Weems, arranje uma cela nos níveis intermédios para Mr. Natsworthy e prepare um veículo para me levar a Old Steine às sete e meia. Acho que, afinal, sempre irei ao Baile de Sua Excelência.

Hester já tinha espreitado pela porta principal da pequena e bonita torre uma vez, sem ver qualquer sinal de Tom. Já o procurara por todo o lado que lhe viera à cabeça, esperando que talvez tivesse decidido regressar ao *Screw Worm* antes de tentar falar com os escravos ou voltado para o *Café Rosa*. Agora estava à porta do Pimenteiro e sentia-se zangada e ligeiramente assustada. Tinha a certeza de que Tom estava lá dentro e que algo de mau lhe acontecera. As cortinas haviam sido corridas nas janelas de um dos andares e estava um grupo de guardas de uniforme negro na zona da recepção, a falar com a recepcionista de ar presumido. Hester pensou se deveria entrar de repente e confrontá-los, mas não queria cair na mesma armadilha que Tom.

O homem que estava cá fora viu-a espreitar novamente e ficou a observá-la, de modo que Hester resolveu começar a andar rapidamente como se não passasse de uma mera turista curiosa e entrou num café do outro lado da praça, onde bebeu café gelado por uma palhinha enquanto pensava. Aquele tal Shkin devia ter decidido prender Tom por qualquer razão. Talvez achasse que ele tinha alguma relação com os Meninos Perdidos. Mas isso não era um problema assim tão grande. Ia salvá-lo da mesma forma que ele a tinha salvo a ela quando fora feita prisioneira em Rogues' Roost.

Mas como é que ia entrar naquela torre? O guarda da porta já estava desconfiado dela e, com todas aquelas multidões carnavalescas, não podia abrir caminho a tiro. Aí, pobre Tom! Porque é que lá tinha ido sozinho? Já devia saber que, sozinho, não conseguiria haver-se com gente como Nabisco Shkin.

Pagou o café e perguntou ao empregado:

— Ali é que é a empresa de Shkin? Naquela torre? É pequena de mais para guardar assim muitos escravos.

— Tem umas profundezas escondidas — respondeu o empregado, olhando satisfeito para a gorjeta que ela tinha deixado na mesa. — As celas e essas coisas são na parte de baixo. É lá que têm todos aqueles horrorosos piratas.

Hester voltou a pensar em Rogues' Roost e como ela tinha conseguido safar Tom no meio daquela confusão do assalto dos Meninos Perdidos. Depois saiu do café com um passo apressado, olhando de relance para baixo, a certificar-se de que a arma que tinha no cinto não deformava o cair do seu casaco novo.

Capítulo 26

À Espera Da Lua

A brisa aumentava à medida que o sol se afundava, vermelho e gordo na neblina que pairava sobre África. Brighton começou a balançar suavemente nas ondas compridas, de crista branca, que rebentavam na costa. Sem temer o ondular dos pavimentos, as paradas de crianças marchavam à volta da Alameda Oceânica com bandeiras coloridas e lanternas de papel em forma de lua cheia, enquanto milhares de autodesignados artistas faziam inaugurações nas casas uns dos outros.

— Mantém-nos ocupados, acho eu — comentou Nimrod Pennyroyal olhando filosoficamente para tudo isto, de uma das plataformas de observação da *Cloud 9*. — Há uma percentagem tão grande de pintores e artistas nesta metrópole que precisaríamos de fazer um belo festival de duas em duas ou de três em três semanas, para eles sentirem que as suas vidas idiotas têm algum valor. — Uma onda de bolhas de sabão passou por ele vomitadas para o céu por uma instalação artística em Queens Park. A brisa trouxe igualmente os sons do Carnaval. Guitarras e cacofonias inarmónicas vindas das ruas da histórica *Cintura Muesli* e fogos-de-artifício prematuros rebentando estridentes nas esplanadas junto ao mar.

Nos relvados verdes azulados dos jardins do *Pavilhão*, entre as sombras dos ciprestes, os convidados começavam a reunir-se. Os homens envergavam vestes formais e as mulheres estavam deslumbrantes nos seus vestidos compridos em tons de prateado lunar e azul-escuro. Lanternas de papel tinham sido penduradas ao longo dos passeios e entre os pilares do coreto encontravam-se os músicos que afinavam os seus instrumentos. Os *Furões Voadores* tinham chegado com um aspecto absolutamente devastador nos seus fatos de aviador forrados a pele de carneiro e lenços de seda brancos, falando em altas vozes sobre «inimigos», «bandidos» e «armações» «lançados ao mar». Orla Twombly, pendurada no braço de Pennyroyal, trazia o cabelo preso com laca em forma de duas asas estendidas para trás.

Bebidas e aperitivos estavam a ser servidos antes de começar o baile e Wren era uma das pessoas que andavam a servir. Sentia-se bonita e esfusiente no seu fato do Festival da Lua que consistia em calças largas e uma túnica comprida feita de um tecido prateado esvoaçante de que não sabia o nome, mas os convidados pareciam nem reparar nela. Apenas lhes interessava o tabuleiro que ela segurava. À medida que se movia pelo meio das pessoas, as várias mãos aproximavam-se sem um «obrigado» ou um «com licença» ao sacarem-lhe bebidas e canapés do seu tabuleiro.

Wren não se importava. Sentia-se ainda cansada e desconfortável devido aos acontecimentos da noite anterior. Durante o dia todo tinha existido uma estranha atmosfera no *Pavilhão*, com os homens da milícia a entrar e a sair e a segurança ainda mais apertada. As outras escravas insistiam em aproximar-se de Wren para lhe perguntar se ela tinha mesmo visto o corpo e se havia assim tanto sangue? Para piorar ainda mais as coisas, Mrs. Pennyroyal sorria intencionalmente para Wren sempre que a via e estava sempre a arranjar desculpas para a mandar para as salas onde estivesse Theo Ngoni ou então mandava Theo para as salas onde Wren se encontrasse, como se de alguma forma esperasse que alguém viesse um dia a escrever uma ópera sobre eles e que houvesse um papel para um soprano de certa idade como Boo-Boo Pennyroyal, a patroa atenciosa que tornara possível o amor deles.

Estranhamente, toda aquela bondade fez com que Wren simpatizasse menos com Boo-Boo. Uma coisa era ter escravos, outra tentar resolver os seus casos de amor. Wren sentia que a esposa do Presidente da Câmara estava a acasalá-los, a ela e a Theo, como um par de caniches premiados.

Assim, agradava-lhe passar despercebida por algum tempo, para observar e ouvir. E, para onde quer que olhasse, reconhecia sempre alguém das páginas da vida social do *Palimpsesto*. Estavam lá os principais pintores de Brighton, Robertson Gloom e Ariane Arai. Estava a maravilhosa Davina Twisty, com o seu recente triunfo em *Corações à Cintura* no Teatro Marlborough. Aquele homem de chapéu devia ser o escultor Gormless cujas ridículas peças de arte inundavam os lugares públicos da metrópole como emaranhados de

arame farpado. E não seria aquele o grande P. P. Bellman, o autor dos livros *pop-up* ateísticos, para a criança moderna que começa a dar os primeiros passos? Wren pôs-se a imaginar a reacção de cada um se soubesse que há menos de vinte e quatro horas tinha sido assassinada uma pessoa ali, na *Cloud 9*.

Encontrou Cynthia e perguntou-lhe baixinho:

— Já há alguma novidade?

— Novidade? — ecoou Cynthia, tão alegre e oca como um raio de sol.

— Sobre o coitado do Mr. Plover? Já descobriram quem foi?

— Ah! — Os caracóis dourados de Cynthia agitaram-se levemente quando ela abanou a cabeça. — Não. E a Mrs. Pennyroyal disse para não falarmos no assunto. Mas que história é essa que eu ouvi sobre ti e o Theo?

— Não é nada. É só a imaginação de Boo-Boo.

— Estás a corar, Wren! Eu sabia que gostavas dele! Vi-te naquele dia a falar com ele na piscina, lembras-te?

Wren deixou-a com os seus risinhos e continuou a servir as pessoas, perguntando:

— Deseja uma bebida, Senhor? Um canapé, Minha Senhora? — enquanto reunia copos vazios e fragmentos de conversas ainda mais vazias.

— Repara só no que a La Twisty tem vestido!

— *Tem* de conhecer o Gloom, ele é *tão* divertido!

— Já leu a última obra do Bellman? É simplesmente brilhante! Alguma da melhor literatura da nossa era está a ser escrita para crianças com menos de cinco anos...

O crepúsculo escureceu mais. Davina Twisty estava a tentar convencer alguns amigos e admiradores a aventurarem-se com ela no desvairadamente complicado labirinto de sebes da *Cloud 9*. A banda tocava «Ecos Dourados» e «Embalo Da Lua». Em breve a Lua se ergueria e todos veriam os fogos-de-artifício, antes de se recolherem ao *Pavilhão* para o baile e mais iguarias. Wren, sentindo-se exausta, fez uma pausa numa zona recatada dos

jardins perto do rebordo da placa do convés. Sabia bem estar finalmente só. Olhou para o mar, para as metrópoles blindadas e pensou como pareciam melancólicas, ali escondidas entre as dunas, quais templos de uma raça desaparecida.

Um punho agarrou-lhe o ombro como uma aranha de seda cinzenta. Ao voltar-se, deparou com o rosto inexpressivo de Nabisco Shkin.

— A desfrutar da vista, minha querida? — perguntou o homem. — Espero que mais nenhum dos outros convidados de Sua Excelência te tenha visto fugir para aqui. A Empresa Shkin é reputada como fornecedora apenas dos escravos mais trabalhadores.

Wren afastou-se dele e tentou voltar para a alegria e boa disposição da festa mas Shkin barrou-lhe o caminho. O que queria ele dela? Devia ter andado a segui-la pelos jardins atulhados de pessoas, à espera de uma oportunidade para a apanhar sozinha. Sentiu-se enregelada e assustada. Ergueu a bandeja vazia à sua frente como um escudo, mas Shkin limitou-se a rir. Não gostava do riso dele. Preferia quando ele estava calado e frio.

— Porque havia eu de te fazer mal, miúda? — perguntou. — Quero apenas que me faças um favor. O mais simples e curto dos favores. Sabes onde é que o teu novo dono guarda o seu cofre pessoal?

Wren acenou com a cabeça.

— Menina bonita. — Shkin ergueu um simples quadrado de papel onde estava escrito um número. — Esta é a combinação. Quero que vás buscar o *Livro de Estanho* e mo tragas. Ontem mandei um amigo, mas ouvi dizer que teve um pequeno acidente.

Wren baixou a bandeja, ao lembrar-se do pobre Mr. Plover.

— Não faças essa cara! disse-lhe Shkin. — Já o roubaste antes. O jovem Fishcake contou-me tudo.

— Não o farei! — exclamou Wren. — Não me pode obrigar!

— Coitado do teu pai — continuou Shkin. Voltou a enfiar o pedaço de papel num dos bolsos interiores das suas vestes cor de

grafite e encolheu suavemente os ombros — Que pena, depois de ter vindo de tão longe só para te salvar!

Wren nem percebia do que estava ele a falar. Só percebeu quando ele enfiou a mão noutro bolso e dele tirou uma bracelete que colocou em cima da bandeja. À luz das lanternas penduradas nas árvores ali perto, Wren reconheceu a bracelete de casamento do pai. Sempre a conhecera. Aquele arco vermelho e dourado com as letras HS e TN entrelaçadas. Mas o que fazia ali na *Cloud 9*?

— É uma armadilha! — exclamou ela. — Fishcake deve tê-la descrito e o senhor mandou fazer uma réplica...

— Não achas mais provável que o teu querido pai tenha vindo até Brighton para te levar para casa? — perguntou Shkin. — É convidado da Empresa Shkin. Se falhares nesta missão de que te incumbi, ele morrerá. Lentamente. Portanto, sê uma menina bem-comportada e corre até ao escritório de Pennyroyal.

Os jardins estavam a tornar-se silenciosos. Alguns dos convidados estavam a organizar uma equipa de busca para encontrar Davina Twisty, que se perdera no labirinto. Os outros mandaram-nos calar. Faltavam apenas alguns instantes para o nascer da Lua. Só de saber o pai ali tão perto, Wren começou a chorar. Como é que ele tinha ali chegado? Como é que Shkin o tinha encontrado? E onde estava a mãe? Tentou agarrar na bracelete mas as mãos prestidigitadoras de Shkin fizeram-na desaparecer, deixando o quadrado de papel no seu lugar.

— Faz-me este pequeno favor — disse suavemente —, e juntar-te-ás a ele. Mandar-vos-ei a ambos de volta para Vineland num dos meus dirigíveis.

Wren não acreditou naquilo, mas acreditou no resto. O pai estava em poder de Shkin. Se não fizesse o que Shkin lhe pedia, morreria. E o pior é que era tudo por culpa dela. Logo para começar se não tivesse roubado o livro, ele ainda estaria a salvo em *Anchorage*. Por isso, se a única forma de o manter a salvo mais algum tempo era roubando o livro, então era isso que tinha de fazer.

— Mas porquê eu? — perguntou. — Deve conhecer todo o tipo de pessoas capazes de fazer esse trabalho melhor que eu...

— Devias ter mais fé em ti mesma — respondeu Shkin. — Pelo que ouvi dizer, és uma ladra perfeita. Além disso, se fores apanhada, o crime não poderá ser relacionado comigo pois foste tu que trouxeste o *Livro de Estanho* para cá. Pennyroyal vai achar que estavas simplesmente a tentar recuperá-lo para ti mesma.

Wren agarrou no papel. A escuridão ia-se tornando mais densa enquanto os outros escravos se movimentavam entre as árvores, espevitando as lanternas, mas o pedaço de papel branco que segurava na mão parecia ter luz própria.

— Está bem — respondeu, com a voz reduzida a um murmúrio. Depois, ao pousar a bandeja, perguntou: — O que é? Tenho o direito de saber. O que é esse *Livro de Estanho* e porque é que todos o querem?

— Isso não é da tua conta — ripostou Shkin, olhando para lá dela, o horizonte. — Posso ganhar muito dinheiro com ele. Que mais razões preciso? Agora vai, que tens trabalho a fazer.

E Wren lá foi a correr por entre as árvores, enquanto a Lua sagrada espreitava no horizonte. Durante alguns segundos, abateu-se sobre Brighton um silêncio perfeito pois, de acordo com a velha tradição, os pedidos feitos ao nascer da Lua daquela noite sagrada eram muitas vezes satisfeitos pela Deusa da Lua. Os convidados de Pennyroyal eram demasiado sofisticados para acreditar em tais contos de fadas, claro, mas baixaram a cabeça apesar de tudo, embora alguns o fizessem encolhendo os ombros e sorrindo para demonstrar que estavam apenas a ser irónicos, mas ao mesmo tempo comovidos, ao lembrarem-se dos mágicos Festivais da Lua das suas infâncias. Pediram amor e felicidade, e ainda mais riqueza, enquanto lá em baixo, na metrópole, os artistas de Brighton pediam fama e os seus actores longas temporadas com peças de êxito, e nos conveses inferiores, os escravos e os trabalhadores contratados pediam liberdade. Depois, o silêncio foi quebrado primeiro por um único fogo-de-artifício, seguido de outro e logo por uma imensa salva de foguetes e bombas, e um clamor de gongos e sinos e panelas de cozinha tão alto que a própria Deusa o deveria ouvir enquanto passeava pelos seus jardins de porcelana.

Mesmo que a frota da Green Storm não tivesse captado o sinal do radiofarol de Brighton, poderia ter-se guiado facilmente pelos fogos-de-artifício que rebentavam no céu acima da estância de veraneio. Mudando o ângulo das hélices de direcção, os dirigíveis de guerra rodaram em direcção ao seu alvo, espalhando-se pelo céu enquanto as tripulações preparavam os lança-foguetões e o canhão de tiro rápido, bombas derrubantes e bandos de rapinas, e os seus caças de escolta avançavam a desbravar caminho. Na barriga do *Requiem Vortex*, Shrike procurou Oenone Zero e encontrou-a na sua cabina a experimentar um capacete de aço que lhe dava um ar mais jovem e menos militar que antes. A sua cobardia deixou-o perplexo. Tivera a certeza de que ela iria tentar atacar a Caçadora Fang, antes de a frota chegar ao seu alvo. Teria desistido do plano? Talvez. Revistara-lhe várias vezes a cabina, sem encontrar qualquer indício de uma arma.

As sirenes tocavam. As escadas entre conveses e os passadiços do dirigível estavam cheios de mortais atemorizados e de Caçadores de guerra impassíveis que acorriam aos seus postos. Shrike dirigiu-se para a parte da frente da barquinha onde encontrou a sua chefe, que ignorava a tripulação e em vez disso fitava a imensa Lua.

— PORQUE É QUE ESTAMOS AQUI? — perguntou Shrike.

A máscara mortuária de bronze da Caçadora Fang voltou-se para olhar o motivo. Ainda não tinha dito a ninguém daquela expedição e Shrike suspeitava que se algum dos mortais, até mesmo Naga, lhe fizesse aquela pergunta tão abruptamente, ela lhe rasgaria o pescoço com as próprias garras, só pela impertinência. Mas ela limitou-se a fitar Shrike e depois sussurrou:

— Diga-me Mr. Shrike, alguma vez se lembra da sua vida anterior? Da sua vida como mortal?

— EU NEM SEQUER ME LEMBRO DA MINHA VIDA COMO CAÇADOR — respondeu Shrike, embora uma recordação surgisse subitamente enquanto ele falava. Era a imagem de uma rapariga com o rosto ensanguentado, jazendo sobre uma pilha de algas marinhas e velhas bóias de cortiça das redes de pesca. Mas esmagou-a rapidamente como um homem que pisa uma chama. — NÃO ME

LEMBRO DE NADA ANTES DE A Dr.^a ZERO ME TER ACORDADO NA ILHA NEGRA.

Fang voltou-se e olhou novamente através da janela mas ele conseguia ver o reflexo do seu rosto e o brilho estranho, como gás dos pântanos, dos seus olhos verdes.

— Lembrei-me uma vez de uma coisa — continuou ela. — Ou quase me lembrei. Havia um rapaz que encontrei em Rogues' Roost. *Tom*. Quando o vi, senti que o conhecia. Era muito bonito. Muito simpático. Anna Fang devia ter gostado muito dele. Eu não sou Anna Fang mas quando olhei para ele, dei por... ah, uma série de estranhos sentimentos.

— NÓS SOMOS OS MORTOS — lembrou Shrike, que começava a sentir-se pouco à vontade. — NÃO TEMOS SENTIMENTOS. NÃO TEMOS RECORDAÇÕES. FOMOS FEITOS PARA MATAR. PARA QUE SERVEM AS RECORDAÇÕES?

— Quem sabe para que foi construído o primeiro da nossa espécie ainda nos Séculos Negros? — indagou a outra Caçadora. — Foram as minhas memórias que nos trouxeram aqui, Mr. Shrike. Andei a investigar esse *Tom*. Queria saber mais acerca dele e talvez recapturar aquelas estranhas sensações. Descobri que ele e a sua companheira têm uma ligação com uma metrópole gelada chamada *Anchorage*, por isso pedi que me enviassem livros sobre *Anchorage* da grande biblioteca de Tienjing. Tinham apenas um: *História Anchorage* de Wormworld. Não me disse nada acerca de Tom, mas foi lá que soube da existência do *Livro de Estanho* e adivinhei o seu conteúdo.

— O QUE É O *LIVRO DE ESTANHO*? — perguntou Shrike.

— O *Livro de Estanho*? — A Caçadora observou-o com um ar brincalhão, a cabeça pendida para um dos lados e um dedo nos lábios. — É por causa do *Livro de Estanho* que aqui estamos, Mr. Shrike.

Também Hester tinha estado à espera da Lua. Empoleirada num lugar do passeio público da plataforma inferior, passara o tempo a dar uma vista de olhos pelo seu exemplar d' *O Ouro do Predador* e

o que lá encontrara tinha-a animado. Parecia que Pennyroyal havia enterrado a verdade por baixo de tantas mentiras que ninguém jamais a conseguiria desenterrar. Ao nascer da Lua, enquanto as multidões barulhentas emergiam dos conveses inferiores para ver os fogos-de-artifício, abriu caminho por entre elas, lutando contra a corrente em direcção à subdivisão de húmidas e frias casernas de escravos e habitações baratas chamada Comba da Toupeira. Quando finalmente chegou ao sopé da torre de Shkin, as ruas à sua volta estavam desertas, à excepção das gaivotas que, assustadas dos seus poleiros pela barulheira nos conveses, planavam como fantasmas brancos sob a rede de vigas descascadas acima delas.

Já antes ela tinha estado a observar o Pimenteiro e arranjava uma forma de entrar. Dando a volta pelo lado da popa, rodeada de caixotes de lixo e condutas largas e tortuosas, havia uma pequena porta de metal ferrugento e tachonada com rebites como a escotilha de um submarino. Sobre a porta, uma câmara de segurança de metal observava os visitantes, mas era a única protecção. O Pimenteiro fora desenhado para manter as pessoas dentro e não fora.

Hester aproximou-se com cautela, mantendo-se nas sombras. O coração batia-lhe com força. Imaginou o sangue a percorrer veias e artérias, a enchê-la com a força implacável do pai. Sentia que tanto Wren como Tom estavam perto e em breve estariam todos novamente juntos e felizes. Sorrindo para si mesma por baixo do véu, sacou a *Schadenfreude* do casaco, esperou pela próxima fuzilaria de foguetes e deu um tiro na câmara, fazendo-a cair.

Só teve tempo de esconder a arma antes que a porta se abrisse e um homem saísse com as mãos nas ancas, olhando com ar indignado para a câmara desfeita.

— Feliz Festival da Lua! — gritou Hester.

O homem voltou-se. Pareceu surpreendido ao ver a mulher de véu no rosto a caminhar rapidamente na sua direcção e ainda mais surpreendido quando ela lhe enfiou a faca entre as costelas. Morreu rapidamente e ela arrastou o corpo para as sombras por trás dos caixotes e atravessou a porta, fechando-a em seguida com cuidado. Deu por si num corredor. Luzes e vozes vinham de uma pequena

sala de segurança. Espreitou. Lá dentro estavam mais três homens. Um deles carregava com ar irritado nos botões por baixo de um ecrã circular, que silvava de estática. Os outros estavam afundados com ar aborrecido e desconfortável em cadeiras de escritório com bebidas nas mãos, desejando poder estar com as mulheres e os filhos nas celebrações.

Hester matou primeiro o que estava junto ao ecrã e os outros dois quando estes se levantaram para sacar das armas. Ficou quieta na escuridão, à espera que mais alguém aparecesse. Mas ninguém apareceu. Havia tantos foguetes e fogos-de-artifício a serem lançados nas ruas ao redor do Pimenteiro naquela noite, que uns estrondos a mais passavam despercebidos. Recarregou a sua *Schadenfreude*, reparando com orgulho que as suas mãos mal tremiam.

A Empresa Shkin estava bem organizada e ficou satisfeita com isso. Um plano emoldurado na parede da sala dos seguranças deu-lhe uma ideia do lugar. Demorou alguns instantes a memorizá-lo e depois, em silêncio e segura de si mesma, encaminhou-se para as prisões dos escravos. Dois homens guardavam o local na parte de fora de duas pesadas portas duplas. Um deles lançou-se sobre Hester com uma espécie de bastão eléctrico mas ela desviou-se e espetou-lhe a faca nas costas, cortando depois a garganta do outro quando ele tentou accionar o alarme. Havia uma argola de chaves no cinto do segundo guarda, mas ela não demorou muito tempo a descobrir aquela de que precisava.

As prisões dos escravos estavam cheias de respirações suaves e ligeiros movimentos de coisas enjauladas. Ao acostumar-se ao escuro, ela começou a distinguir as jaulas presas nas paredes e os rostos que a observavam através das grades.

— Tom? — chamou ela.

Todos à volta dela se moviam e sussurravam. Alguns dos prisioneiros que estavam mais perto das portas conseguiam ver os guardas mortos do lado de fora e iam passando a palavra uns aos outros.

— Quem és tu? — perguntou uma das vozes das jaulas.

— Quem és *tu*? — perguntou ela.

— Chamo-me Krill.

— Um Menino Perdido? — Hester encaminhou-se para a voz. Em breve estava suficientemente perto para distinguir os olhos que brilhavam à fraca luz vinda da porta que ela abria. O rapaz olhava as chaves que ela segurava como se fosse um cão faminto a olhar para um prato de comida. Ela chocalhou ligeiramente as chaves como forma de encorajamento e perguntou: — A Wren está aqui? Wren Natsworthy?

— Aquela «Gamada» que chegou no *Autolycus*? — perguntou Krill. — Quem é que quer saber?

— A senhora com as chaves — respondeu Hester.

Viu a cabeça clara de Krill acenar na escuridão, concordando.

— Esteve algum tempo na cela ao lado da minha, mas depois levaram-na.

— Porquê?

— Não sei. O Fishcake também foi, pouco tempo depois. — Parou para cuspir como se quisesse limpar da boca o nome de Fishcake. Seguiram-se murmúrios de raiva e descontentamento das outras jaulas. Fishcake não era ali popular. — Os homens de Shkin disseram-nos que ele se tornou num delator e traiu Grimsby. Anda por aí de uniforme como se andasse a brincar aos soldados. O que aconteceu à rapariga, já não sei. Julgo que a tenham vendido.

— E o pai dela, Tom? Foi apanhado hoje.

— Nunca ouvi falar dele. Aqui não há «Gamados», senhora. Meninos Perdidos.

— Será que está nas celas da plataforma intermédia?

— Talvez. — Krill moveu-se pensativo. Nas outras celas à volta dele, todos os outros cativos também se mexeram, escutando, alerta como animais. Aqueles que estavam mais perto de Hester não tiravam os olhos das chaves. — Mas deve haver mais guardas lá em cima. Vai precisar de qualquer coisa para os distrair.

— Estás a pensar nalguma coisa em particular? — perguntou Hester. Krill sorriu e, por trás do véu, também Hester sorriu, pois,

aquilo era exactamente o que tinha planeado. Deixou cair as chaves dentro da jaula de Krill. — Vai com calma — avisou-o. Enquanto subia as escadas, conseguia ouvi-lo a remexer no molho de chaves, experimentando-as uma a uma para abrir a porta da sua jaula e as vozes dos Meninos Perdidos como uma onda a formar-se, encorajando-o.

Capítulo 27

O Cofre Pouco Forte

O Presidente da Câmara Pennyroyal mandara redecorar o salão de baile especialmente para o Festival. A parede principal fora substituída por uma porta envidraçada que abria para o convés solar, deixando assim entrar a luz da sagrada Lua. Ao redor da pista de dança, viam-se grandes dobras e cascatas de tecido prateado, pendendo de todos os pilares e cornijas, reflectindo a Via Láctea de pequenas lâmpadas espalhadas pelo tecto azul-escuro. Focos iluminavam um pódio onde tocava uma pequena orquestra. As paredes estavam cobertas de obras de arte de valor incalculável, antigas dobras-primase Strange e Nias suspensas ao lado das mais recentes pinturas de ranho de Hoover Daley, um mestre do *Espirro Expressionista*.

Numa colmeia de salas hexagonais que se abriam por trás da sala principal, encontrava-se toda a espécie de diversões para os convidados. Numa delas havia uma réplica de um «castelo elástico» uma estranha fortificação insuflável que Pennyroyal afirmava ter sido uma peça importante dos instrumentos bélicos antigos mas que também podia ser usada como trampolim. Noutra sala havia um projector que mostrava cópias de alguns fragmentos de filmes que haviam sobrevivido ao período anterior à Guerra dos Sessenta Minutos. Cavaleiros envergando armaduras cavalgavam por uma floresta em chamas e as suas sombras como que prolongavam o fumo; máquinas aéreas erguiam-se numa aurora tropical; um pequeno vagabundo caminhava por uma estrada poeirenta; veículos terrestres perseguiam-se uns aos outros como pequenas metrópoles; um homem estava suspenso de um relógio partido sobre uma enorme colónia estática e, em suaves e belos grandes planos, surgiam os rostos sonhadores das deusas dos ecrãs.

Wren, que vinha a correr do jardim com a missão que Shkin lhe confiara, mal reparava em tudo aquilo. Mas quando passou dessembestada pela sala de cinema em direcção à escada em caracol que a levaria até ao escritório de Pennyroyal, quase chocou com

Theo que vinha na direcção contrária com o seu leque de avestruz na mão. Trazia umas calças largas prateadas e um par de asas de anjo prateadas.

— Olá — disse Wren. — O que é isso das asas?

Theo encolheu os ombros e as asas bateram.

— Todos os rapazes estão assim vestidos. Ideia da Boo-Boo.

Horrrível, não é?

— Medonho — concordou Wren, embora secretamente achasse que ele ficava bastante bem.

— Olha — continuou ele —, aquela ideia que a Boo-Boo tem a nosso respeito...

— Não há problema — interrompeu Wren. — Também não gosto de ti.

— Ótimo.

— Ótimo. — Wren sentia-se feliz por ele ali estar e não queria que ele se fosse embora. Pensou como seria muito mais fácil assaltar o cofre de Pennyroyal se tivesse um cúmplice. Principalmente um cúmplice como Theo, que já tinha participado em batalhas e era provavelmente dez vezes mais corajoso que ela.

— Olha — começou ela —, eu preciso de fazer uma coisa...

— Mais uma tentativa de fuga?

— Não. Preciso de tirar uma coisa do cofre do Pennyroyal.

— O quê? Depois do que aconteceu àquele negociante de arte?

— Theo ficou a olhá-la, à espera que ela lhe dissesse que não passava tudo de uma brincadeira. Mas como não o fez, continuou:

— É aquele tal livro, não é? O tal livro de metal?

— O *Livro de Estanho* de Anchorage — confirmou ela. — Shkin mandou Ploverly roubá-lo e agora que Ploverly morreu, mandou-me a mim.

— Porquê? — perguntou Theo. — O que é que tem essa coisa de tão importante?

Wren encolheu os ombros.

— Tudo o que sei é que parece que todos o querem... acho que tem qualquer coisa a ver com submarinos, mas... — Fez uma pausa, preocupada. Talvez não lhe devesse estar a contar. Afinal, ele fazia parte da Green Storm, ou fizera. Mas ficou satisfeita por lhe ter dito. Tocou-lhe no ombro. — Ele prendeu o meu pai no Pimenteiro e se eu não fizer o que ele quer... não sei o que lhe fará. Ajudas-me?

Ela sabia claro, só não queria era dizer. Sentia-se feliz por poder confiar em Theo.

— O teu pai? — perguntou Theo. — Não sabia que as Meninas Perdidas tinham pais...

— Eu não sou bem uma Menina Perdida — explicou Wren —, apenas desviada. Disse a Pennyroyal que tinha vindo de Grimsby porque... Aí, Theo, é demasiado complicado para te explicar. Só sei que tenho de salvar o meu pai!

Percebeu que ele compreendera. O rapaz parecia assustado e sério.

— Mas se o cofre estiver armadilhado... — continuou ele.

— Por isso é que preciso que fiques de vigia. Por favor, Theo. Não quero ir lá sozinha.

— Mas eu tenho de estar de serviço no salão de baile. Ordens da Boo-Boo.

— Boo-Boo está a divertir-se à grande. Nem vai reparar se desaparecemos durante cinco minutos.

Theo ponderou e depois acenou com a cabeça.

— Está bem. Está bem.

Agarrou no leque como se fosse uma acha de armas e seguiu Wren pelas escadas acima e através de uma porta no cimo que dava para um corredor ladeado de antiguidades. O barulho da festa foi diminuindo à medida que a porta se fechava lentamente atrás deles, baixando ainda quando o corredor virou bruscamente para a esquerda. Ao passarem silenciosamente pela porta da sala de controlo, ouviram vagamente as vozes da tripulação a conversar nos seus postos lá em baixo mas, para além disso, não se ouvia mais

som nenhum. Todos os outros estavam ocupados no salão de baile ou nas cozinhas e esta parte do *Pavilhão* encontrava-se deserta.

Chegaram ao fim do corredor e pararam a olhar para a porta do escritório de Pennyroyal.

— E se, depois do que aconteceu ontem, ele mudou a combinação do cofre? — sussurrou Theo — E se tiver mudado as fechaduras da porta?

Wren nem tinha pensado naquilo. E rezava para que Pennyroyal também não. Os seus dedos tateantes encontraram rapidamente a chave sobressalente, que continuava escondida no vaso. A princípio, parecia que não cabia na fechadura mas foi só porque as mãos não lhe paravam de tremer. Após alguns momentos a praguejar e a tentar abrir a fechadura, esta fez um pequeno barulho seco e Wren girou a maçaneta e empurrou a porta, que se abriu.

O escritório parecia pacífico e seguro. O desenho de Walmart Strange estava novamente no seu lugar na parede. Wren aproximou-se dele, retirou-o cuidadosamente do gancho e pousou-o em cima da secretária. Theo tinha-a seguido para o escritório e fechado silenciosamente a porta e depois quase deitou abaixo com o seu leque uma estátua que estava num pedestal.

— Não podias ter deixado essa coisa idiota lá fora? — sibilou Wren.

— Para que alguém a pudesse ver quando passasse?

Wren voltou-se para o cofre.

— Pronto? — perguntou.

Theo não parecia pronto.

— Achas que há alguma armadilha dentro do cofre? — perguntou.

Wren abanou a cabeça.

— Ontem à noite o cofre estava aberto, lembras-te? E não vi que se parecesse com uma armadilha lá dentro. — Mas, pelo sim pelo não, certificou-se de que estava bem para um lado quando estendeu a mão para o disco. — Mr. Plover abriu o cofre e tirou o livro para

fora. Foi aí que alguma coisa o atacou. Agora, cala-te. — Franziu o sobrolho enquanto recordava a combinação. — 2209957...

Enquanto o disco girava soltando estalidos e o mecanismo dentro da fechadura rangia e chiava, Theo girou devagar sobre si próprio à procura de perigos eminentes. Não havia naquela pequena sala nenhum sítio capaz de esconder uma armadilha. Os objectos colocados em cima da mesa tinham um ar bastante inocente (um mata-borrão, algumas canetas, uma fotografia de Boo-Boo numa pesada moldura preta). Havia um arquivo de teca encostado à parede mais afastada com um quadro pendurado por cima, e sobre ele apenas uma data de rebuscados motivos arquitectónicos, a cúpula alta e sombria do tecto e...

Estariam os seus olhos a enganá-lo ou havia alguma coisa a mover-se lá em cima?

— Wren... — segredou ele.

Wren tinha conseguido abrir a porta do cofre. Enfiou a mão lá dentro e retirou uma caixa preta, muito maltratada.

— Já o tenho.

— Wren! — exclamou Theo, empurrando-a e fazendo-a cair de lado. A rapariga largou a caixa e teve a impressão de sentir que algo branco tinha passado rente a ela. Uma lâmina atingiu a porta aberta do cofre com força suficiente para produzir faíscas. O que quer que fosse debateu-se, voltou-se e foi na direcção dela com as asas a bater enquanto Wren permanecia estendida no chão. Conseguiu vislumbrar umas asas recortadas, um bico adunco de aço e um brilho de olhos verdes. Depois o leque de Theo bateu aquela coisa para o lado, atirando-a contra a parede. Wren ouviu algo a partir-se. A coisa esvoaçante caiu ao chão e continuou a bater as asas e a agitar as suas pequenas patas, de garras semelhantes a um feixe de lâminas. Theo pôs-se a bater-lhe com o leque. Choramingando, Wren tacteou a secretária, deu com a fotografia de Boo-Boo e partiu-a com força sobre a cabeça da criatura.

Theo ajudou Wren a levantar-se.

— Estás bem? — perguntou a tremer.

— Acho que sim. E tu?

— Também.

Depois daquilo e durante algum tempo não proferiram palavra. Os braços de Theo continuavam a envolver Wren e ela mantinha o rosto encostado ao ombro dele. Era um ombro acolhedor, quente, com um cheiro agradável e ela gostaria de ter ficado assim mais tempo mas obrigou-se a afastar-se dele, abanando a cabeça com força para se libertar de todos os pensamentos que a estivessem a tentar distrair e a invadir a sua mente. Viam-se penas esvoaçando à luz do luar.

— O que era aquilo? — perguntou Wren, tocando nervosamente no pássaro morto com o dedo do pé.

— Uma rapina — respondeu Theo. — Um pássaro Ressuscitado. Pensava que só a Storm é que os usava. Deve ter sido colocada para guardar o cofre.

— Como é que achas que o velho Pennyroyal a conseguiu arranjar? — perguntou Wren.

Theo abanou a cabeça, confuso e preocupado.

— Talvez não seja do Pennyroyal.

— Isso é uma estupidez — ripostou Wren. — Quem mais havia de querer guardar-lhe o cofre? — Apanhou a caixa preta do chão e abriu-a. Lá dentro, o *Livro de Estanho* brilhava suavemente à luz do fogo-de-artifício que vinha da rua. Parecia tão desinteressante como sempre. Era difícil acreditar que tivesse causado tantos problemas. Ela olhou para Theo. — Vai andando — disse-lhe. — Eu arrumo isto tudo e depois vou à procura de Shkin.

Theo fitava o *Livro de Estanho*. E propôs:

— Eu ajudo.

— Não. — Wren sentia-se terrivelmente grata a Theo e não queria mantê-lo ali por mais tempo que o necessário. Se fossem descobertos e Theo castigado por a ter ajudado, nunca se perdoaria. — Volta lá para baixo — insistiu. — Dentro de um minuto ou dois também desço. Mais tarde vou ter contigo.

Ele tentou argumentar mas depois pareceu perceber que o que ela dizia fazia sentido. Acenou com a cabeça, olhou-a pensativa-

mente durante alguns instantes e depois agarrou no leque desfeito e saiu, deixando Wren a trabalhar. Cautelosamente, ela agarrou no pássaro morto e enfiou-o dentro de uma das gavetas da secretária, juntamente com todas as penas caídas que conseguiu apanhar. O pássaro tinha deixado uma mancha de óleo ou sangue ou fosse lá o que fosse, no chão do escritório, mas quanto a isso não podia Wren fazer nada. Retirou o *Livro de Estanho* de dentro da caixa e substituiu-o pela fotografia partida de Boo-Boo que era mais ou menos do mesmo tamanho e peso.

Ouviu-se um som vindo do corredor, alguém a gritar qualquer coisa. Wren ficou muito quieta, à escuta. A gritaria soava zangada e assustada, mas Wren não conseguiu perceber as palavras e, após um momento, parou.

— Theo? — chamou em voz alta.

O escritório estremeceu de repente, como se umas mãos gigantes tivessem abanado o *Pavilhão* pelos ombros. O som distante do salão de festas diminuiu com as conversas a interromperem-se, a orquestra a parar de tocar. Wren imaginou os músicos a levantar os olhos assustados das suas partituras. Depois, as pessoas recomeçaram a rir e a música e a conversa retomaram, voltando rapidamente ao tom anterior, como se alguém estivesse a levantar o volume a uma gravação dos efeitos sonoros de uma festa.

— Apenas turbulência — disse Wren para consigo. Ou talvez tivesse havido algum problema com os motores. E agora que pensava nisso, talvez os gritos que ouvira, tivessem vindo através da pequena escada que ia dar à sala de controlo. Voltou aliviada ao seu trabalho. Colocou novamente a caixa dentro do cofre, fechou-o e depois voltou a pendurar o Walmart Strange na frente. Levantou a parte de trás da túnica e meteu o *Livro de Estanho* debaixo do cós das calças. Ali estaria a salvo, pensou, mas o metal era frio contra as suas costas nuas e o arame que lhe prendia as folhas arranhava-a.

Saiu para o corredor e fechou a porta, voltando a colocar a chave no seu esconderijo.

— Theo? — sibilou. Mas não obteve resposta. Claro. Por aquela altura já ele teria regressado ao salão de baile são e salvo.

Depois vislumbrou um movimento pelo canto do olho. A porta que dava para a escada da sala de controlo estava aberta, oscilando nos gozos a cada leve movimento do edifício. Parou e ficou a observá-la, pois tinha quase a certeza de que estava fechada quando ela e Theo haviam passado alguns minutos antes. Seria que algum dos homens da sala de controlo ouvira o barulho que eles tinham feito no escritório de Pennyroyal e subira para ver o que se passava?

O ruído vindo do salão de baile aumentou e depois voltou a diminuir. Alguém tinha passado pela porta que ficava ao fundo do corredor. Wren ouviu passos a aproximarem-se rapidamente pelo chão polido. Uma sombra cresceu na parede, na zona em que o corredor curvava. Wren recuou para o escritório de Pennyroyal mas não havia tempo para procurar novamente a chave, por isso desembestou pela porta da sala de controlo que estava aberta e fechou-a atrás de si.

Deu por si enfiada num cubículo pequeno, onde umas escadas em ferro subiam em espiral vindas do andar de baixo. Sabia que continuavam através do andar de baixo e da placa do convés que ficava ainda mais abaixo, acabando eventualmente por se abrir naquela pequena bolha de vidro que ela vira do ascensor, no dia em que Shkin a tinha trazido para a *Cloud 9*. Encostou o ouvido à porta e ouviu os passos no corredor a afastarem-se.

Estava prestes a respirar fundo quando uma voz por baixo dela perguntou:

— Quem está aí?

A voz parecia assustada e estranhamente familiar.

— Theo? — perguntou ela. Um confuso sentimento de estranheza a invadiu. O que estaria Theo a fazer lá em baixo, naquela sala de controlo repleta de homens de Pennyroyal? Teria ele estado desde sempre do lado de Pennyroyal? Ter-lhes-ia ido contar acerca da escrava que acabara de assaltar o cofre do patrão?

— Wren — chamou a voz —, aconteceu uma coisa. Não sei o que hei-de fazer...

Ele parecia *de facto* assustado. Decidida a confiar nele, Wren desceu rapidamente as escadas em caracol com o *Livro de Estanho* a magoá-la nas costas a cada passo. Passou por outra entrada no andar térreo e depois desceu por um tubo de metal pintado de branco, rugoso e com rebites, que ia dar lá abaixo através da placa do convés. Theo olhava-a de lá do fundo dos degraus e afastou-se para a deixar entrar na sala de controlo. Através das paredes envidraçadas conseguia ver Brighton abaixo de si, ostentando as iluminações do Festival da Lua. A toda a volta, os fogos-de-artifício rebentavam no ar límpido, banhando os painéis de instrumentos com ondas de luz rosa e âmbar. Era provavelmente a melhor vista da *Cloud 9*, mas para a desperdiçada tripulação da sala de controlo, afundada nas cadeiras, morta. Um deles ainda tinha uma faca espetada no pescoço. Uma faca de trinchar normal das cozinhas do *Pavilhão* com o brasão de Pennyroyal no cabo.

— Por Quirke! — guinchou Wren, desejando não ter comido tantos canapés. Ao dobrar-se em frente para vomitar, um turbilhão de pensamentos invadiu-lhe a cabeça. E nenhum deles era agradável. Não vinha o Theo da zona das cozinhas quando esbarrara com ele na noite anterior? E agora estava ali numa sala cheia de homens, mortos com uma faca de cozinha e ela estava sozinha com ele.

— Está tudo bem — disse o rapaz. Mas Wren voltou a guinchar quando ele lhe tocou timidamente no braço, sem perceber que ela estava subitamente cheia de medo dele. Quando ela se afastou, ele disse: — Quer dizer, não está tudo bem. Olha. — Ele puxou por uma das grandes alavancas de bronze no painel de instrumentos, — Partida. Todas partidas. E aqui...

Na mesa de controlo principal havia uma grossa alavanca vermelha enfiada numa caixa de vidro, rodeada de pontos de exclamação e avisos de que deveria ser usada apenas em caso de emergência. Mas alguém já a usara, quebrando o vidro para a poder accionar.

— O que é que isso faz? — perguntou Wren, mas já sabia a resposta, pois Brighton parecia mais pequena do que quando ela tinha entrado na sala de controlo e os estrondos do fogo-de-artifício a rebentar eram cada vez mais fracos.

— Parafusos explosivos — respondeu Theo. — Servem para cortar os cabos, caso Brighton se afunde ou coisa parecida. Não sentiste aquele balanço? Wren, alguém rebentou os cabos de reboque! Vamos à deriva!

Wren olhava para ele, aterrada, e no silêncio ela conseguia distinguir claramente os sons da festa que continuava lá por cima. Ela e Theo deviam ser provavelmente as únicas pessoas na *Cloud 9* que sabiam o que estava a acontecer.

— Theo — disse ela —, podes ficar com o livro.

— Quê?

Tirou-o das calças e estendeu-lho. As mãos dela tremiam, fazendo dançar os reflexos da capa de metal no rosto confuso de Theo.

— Wren — disse ele —, não estás a pensar que *eu* possa ter feito isto? E mesmo que pudesse, para quê?

— Porque andas atrás do livro como toda a gente — respondeu Wren. — És um agente da Green Storm, não és? Eu sabia que havia algo de estranho em ti! Aposto que te deixaste apanhar de propósito para poderes espiar-nos a todos no *Pavilhão*. Aposto que foste tu que deixaste aquela gaivota a guardar o cofre e agora puseste a *Cloud 9* à deriva para poderes matar-nos a todos e ficar com o *Livro de Estanho*! Foi por isso que não me ajudaste a roubar o *Peewit*, não foi? Para poderes escapar nele assim que tivesses o *Livro*!

— Wren! — gritou Theo. — Não estás a pensar bem! — Agarrou-a quando ela tentou correr para as escadas. Prendeu-a com ambas as mãos e olhou o seu rosto com ar sincero. — Se eu quisesse aquele maldito *Livro de Estanho* porque é que havia de te deixar roubá-lo? Deixava a gaivota matar-te no escritório do Pennyroyal e levava-o comigo. Pelo que eu sei, *tu* é que podes ser uma agente da Green Storm. Estás tão ansiosa por deitar a mão a esse livro,

andavas a espiar quando Ploverly morreu. Num minuto és uma Menina Perdida e no minuto seguinte já não... Podias ter sido *tu* a fazer isto!

— Não sou nada! Não fiz! — arfou Wren.

— Nem eu — redarguiu Theo, largando-a. Ela recuou, a tremer, com o *Livro de Estanho* ainda na mão.

— Eu ia a caminho do salão de baile, quando ouvi alguém a gritar por socorro — explicou ele. — Abri a porta e perguntei cá para baixo se estava tudo bem. Ninguém respondeu, mas pareceu-me ter ouvido alguém a mexer-se e resolvi descer. Quando cá cheguei, estavam todos mortos. Vi que o cabo tinha sido solto e ia subir para dar o alarme, mas receei que ainda lá estivesses em cima e alguém te pudesse encontrar. — O rapaz estremeceu e passou a mão pelo rosto.

— Havia alguém lá em cima — confirmou Wren, ao lembrar-se dos passos e da sombra. — Ouvi essa pessoa passar pela porta. Não há mais nada naquele corredor para além do escritório do Pennyroyal. Deviam andar atrás do mesmo que nós. O *Livro de Estanho*.

Theo olhou para ela.

— Isso já tem lógica. Primeiro vieram aqui abaixo e fizeram isto, mas quando me ouviram a descer, podem ter subido e entrado no escritório. Não podiam arriscar-se a matarem-me a mim também, pois eu podia ser um convidado e darem por sua falta, por isso devem ter entrado pelas cozinhas e depois cortaram caminho pelo salão de baile e subiram para o escritório por lá... Mas para que é que nos puseram à deriva? Porque é que não se limitaram a roubar o *Livro*?

Wren tentou vomitar novamente, mas tinha o estômago vazio.

— Quase que me viram! — lamuriou ela. — Se não me tivesse escondido a tempo, tinham-me morto como fizeram a estes homens...

Theo estendeu-lhe os braços, mas não sabia se a rapariga queria que ele lhe tocasse.

— Continuas a achar que fui eu? — perguntou-lhe.

Wren abanou a cabeça e aproximou-se dele agradecida, escondendo o rosto no seu peito.

— Theo, desculpa...

— Não faz mal — respondeu-lhe Theo gentilmente e depois acrescentou: — Quanto a ontem à noite, foi só que eu não conseguia dormir. Tinha ido ao templo rezar pelos meus pais e irmãs. Foi há um ano atrás, no último Festival da Lua, que eu saí de Zagwa. Fugi de casa dos meus pais enquanto estavam todos a celebrar e embarquei clandestinamente num cargueiro em direcção a Shan Guo, para me juntar à Green Storm. Todos aqueles preparativos de ontem me fizeram pensar no que é que eles estariam a fazer. Se os meus pais me esqueceram, ou se sentem a minha falta...

— Tenho a certeza de que sentem — disse Wren. Voltou-se e encostou-se a uma janela, comprimindo o rosto contra o vidro frio. — É o que os pais fazem. Perdoam-nos e sentem a nossa falta, seja lá o que for que a gente tenha feito. Repara só no meu pai, que veio de tão longe à minha procura...

Olhou para Brighton, sentindo a falta do pai. Viam-se fogos-de-artifício a serem lançados no céu de algures em Montpellier, rebentando em estrelas brilhantes de vermelho e dourado. Wren observava-os a desaparecer, enquanto seguiam à deriva de lado com o vento e foi então que o seu olhar captou outro movimento. Voltou o rosto. Via-se apenas o mar e uma inconstante e instável mancha de luar. Mas o que era aquilo? Que longa sombra era aquela que deslizava sobre as cristas das ondas?

A sua visão ficou obstruída por algo comprido e pálido. Motores enormes deslizaram por perto seguidos pelas aberturas das armas de uma barquinha blindada. Wren viu uns homens que usavam óculos escuros e capacetes em forma de carapaças colocados nos seus postos de ataque que avançavam sobre umas torres e depois umas hélices de direcção enormes, cada uma delas marcada com um raio verde em ziguezague.

— Theo! — gritou ela.

A uns seis metros de onde eles estavam, um imenso contratorpedeiro aéreo passava a toda a velocidade pela *Cloud 9*.

Capítulo 28

O Ataque Aéreo

Numa cela, algures sob a bem equipada zona de recepção do Pimenteiro, Tom jazia meio tonto sentindo o rosto inchado onde os capangas de Shkin lhe tinham batido e receoso por Wren. De início, tinha sido mais do que suficiente saber que ela estava viva. Não se importava com o que lhe acontecesse, desde que Wren estivesse a salvo. Mas estaria Wren a salvo? Segundo o que lhe tinham dito os homens de Shkin, logo havia de ter sido vendida a *Pennyroyal*! não era mau homem, mas era egoísta, e estouvado, e sem escrúpulos, e em tempos alvejara Tom no coração. A velha ferida doeu-lhe novamente, enquanto para ali estava, deitado no beliche, à espera que algo acontecesse. Doía-lhe o peito mas não tinha a certeza se aquela dor era real ou apenas a recordação que o seu corpo guardava da bala.

Tinha perdido rapidamente a noção do tempo naquela sala insípida e sem janelas, onde um tubo de árgon brilhava no tecto bege como um halo. Não fazia ideia se era de dia ou de noite, quando por fim a porta se abriu de rompante.

— Trouxe-lhe qualquer coisa para comer, Mr. Natsworthy — disse uma vozinha. — E isto.

Tom rolou do beliche e sentou-se, esfregando o rosto magoado. O rapaz chamado Fishcake estava de pé na ombreira da porta com uma bandeja na mão onde se viam uma tigela e uma caneca de estanho. Tom conseguia ver alguns metros do corredor bege claro por trás do rapaz. Pensou vagamente na fuga, mas o peito doía-lhe demasiado. Ficou a observar enquanto Fishcake avançava na sua direcção e pousava o tabuleiro no chão.

— Troquei os turnos com outra pessoa para poder vir vê-lo — confessou o rapaz. — Foi fácil. Todos queriam ter a noite de folga por ser o Festival da Lua. Por isso é que se ouve esta barulheira toda.

Tom prestou atenção e distinguiu vagamente os ruídos dos fogos-de-artifício e das buzinas que vinham da rua.

— Lamento que tenha sido apanhado, Mr. Natsworthy — admitiu Fishcake — A Wren foi muito simpática comigo. Por isso achei que ia gostar de ver isto.

Tirou uma folha de jornal amarrotada de dentro do bolso do uniforme e deu-a a Tom para ler. O *Palimpsesto*. E ali, na fotografia logo abaixo do cabeçalho e ajoelhada no meio de um grupo de outras raparigas que rodeavam uma mulher volumosa e de cabelo enorme...

— É a Wren, não é? — perguntou Fishcake. — Vê? Eu pensei que gostaria de saber que ela estava bem. Dizem que é uma bela vida, esta de ser escravo na *Cloud 9*. Repare, tem um vestido todo bonito e um novo penteado e tudo.

— *Cloud 9*? É lá que a Wren está? — Tom lembrava-se daquela espécie de palácio que vira a flutuar sobre a metrópole. Chegou-se mais à frente e poisou a mão no ombro de Fishcake. — Fishcake, será que consegues encontrar a minha mulher e dar-lhe um recado? Dizer-lhe onde é que a Wren está?

— Aquela da cicatriz? — perguntou Fishcake afastando-se. Parecia assustado e enojado. — *Ela não está cá*, pois não?

— Está em Brighton, sim. Viemos juntos.

Fishcake tinha adquirido uma cor curiosa. As suas mãos tremiam.

— Eu não me aproximo dela — afirmou. — É má. Matou o Gargle e a Rémore e também me tinha morto a mim se tivesse podido. Foi por isso que tive de trazer a Wren comigo. Eu não queria, mas se não o tivesse feito, ela matava-me.

— Tenho a certeza de que ela só fez o que tinha de fazer — assegurou Tom pouco à vontade, pois também ele não tinha a certeza do que afirmava. — Foi trágico, mas...

— Ela é má — insistiu Fishcake carrancudo. — E o senhor também é mau apesar de achar que não. Andar por aí com ela, torna-o tão mau como ela é.

— Mas, apesar disso, trouxeste-me o jornal — frisou Tom. — És um bom rapaz, Fishcake. — Sorriu para o Menino Perdido, que o

olhou com ar desconfiado. Tom sentiu pena dele. Devia ter sido magoado e traído por tantas pessoas, que tinha acabado por se voltar para o primeiro adulto que lhe mostrou algum tipo de amabilidade, embora não passasse de Nabisco Shkin. Tom desejou poder levar Fishcake daquela horrível metrópole para a segurança de Vineland, onde ele teria a oportunidade de viver uma vida normal como as crianças que Freya resgatara de Grimsby.

Tom continuou:

— Fishcake, consegues tirar-me daqui?

— Não abuse! — respondeu o rapaz. — Mr. Shkin matava-me.

— Mr. Shkin nunca te ia encontrar. Eu levo-te comigo se quiser. É só encontrarmos Wren e Hester e vamo-nos embora todos juntos.

— Embora para onde? Grimsby já não existe. Eu aqui tenho um bom emprego. Para onde é que eu havia de querer ir?

— Para qualquer lado — respondeu Tom. — Podíamos deixar-te onde quisesse. Ou levar-te connosco para Anchorage-in-Vineland e lá vivias connosco.

— Viver convosco? — repetiu Fishcake. Os seus olhos pareceram a Tom tão redondos e brilhantes com a luz do tecto. — O quê — prosseguiu —, como uma família?

— Mas só se tu quisesse — confirmou Tom.

Fishcake engoliu em seco. Não lhe agradava ir para onde quer que fosse com Hester. Hester merecia morrer e, um dia, trataria disso, pois não se tinha esquecido da sua promessa. Mas não conseguia evitar gostar de Tom. Tom parecia bondoso, ainda mais que Mr. Shkin. E Wren também tinha sido bondosa, apesar de não o ter salvo da armadilha de Brighton. Ele até gostaria de viver com Tom e Wren.

— Está bem — concordou. Olhou para a porta com receio de que alguém o tivesse ouvido. — Está bem. Desde que me prometa...

No corredor, uma campainha eléctrica desagradável e irritante desatou a tocar, fazendo Tom e Fishcake dar um pulo. As portas batiam e ouvia-se o som de botas no chão de metal. Fishcake arrancou o pedaço de papel das mãos de Tom e saiu rapidamente da sala, fechando a porta atrás de si. Tom levantou-se e correu a espreitar pela pequena grade que se encontrava na parte de cima da porta, mas não conseguia ver nada. A campainha tinia e vibrava. Ouviam-se vozes masculinas a gritar no fundo do corredor e de novo o som de botas a ressoar. Depois seguiu-se um estampido inesperado assustador, e logo outro. Alguém gritou.

— Fishcake! — chamou Tom. Ouviu-se outro disparo, mais próximo, e em seguida a voz de Hester no corredor a gritar.

— Tom!

— Aqui! Aqui dentro! — respondeu ele e, momentos depois, o rosto coberto pelo véu surgiu na grade.

— Recebi o teu recado — informou ela. Tom afastou-se da porta e ela disparou várias vezes contra a fechadura. Por fim, abriu-a com um pontapé.

— Onde é que está Fishcake? — perguntou Tom. — Não lhe fizeste mal? Ele ainda agora aqui esteve! Ele tinha uma fotografia! Wren está na *Cloud 9*!

Hester baixou o véu e beijou-o rapidamente. Exalava um odor a fumo e o seu querido e feio rosto estava corado.

— Cala-te e corre — disse ela.

Ele correu, ignorando as guinadas de dor no seu peito. Fora da porta da cela, o corredor fazia uma curva acentuada. Dois homens jaziam mortos no canto. Nenhum deles era Fishcake. Tom passou sobre os cadáveres, atento a não os pisar, e seguiu a mulher pelas escadas acima, passando por mais corpos. Havia fumo no ar. Gritos e brados vinham algures do andar de baixo.

— O que é que se passa? — perguntou Tom. — O que é que está a acontecer lá em baixo?

Hester olhou para ele e sorriu.

— Alguém deixou fugir os Meninos Perdidos. Descuidados, não são? É melhor sairmos por cima.

As luzes apagaram-se todas ao mesmo tempo. Tom foi de encontro a Hester que o segurou e disse suavemente.

— Não te preocupes.

Houve um negrume total durante o tempo de que Tom precisou para o seu coração dar cinco gaguejantes batidas e depois acenderam-se umas luzes vermelhas, escuras.

— Gerador de emergência — explicou Hester.

Tom seguiu-a através de uma série de escritórios vazios onde a luz vermelha iluminava os manípulos de metal dos arquivadores e as teclas de marfim das máquinas de escrever. Pensou onde Hester teria arranjado aquele casaco novo e o que teria acontecido ao antigo. Continuava a pensar, quando esbarraram com um bando de homens da Empresa Shkin a correr na direcção inversa.

— Baixa-te! — gritou Hester, atirando Tom ao chão. — Vocês não! — acrescentou ela quando os guardas se baixaram.

O escritório encheu-se de fumo e labaredas e de um terrível barulho. Nem todos os homens tinham armas e aqueles que as tinham atiravam à toa. As balas batiam contra as paredes, partiam o refrigerador de água e arrancavam páginas de um calendário de mesa. Tom escondeu-se por trás de um arquivador enquanto via Hester matar os homens, um por um. Não tinha estado com ela quando ela tinha morto os Predadores e sempre pensara que ela teria sentido raiva e medo mas agora mostrava uma calma terrível. Quando ficou sem munições na arma pousou-a e matou o último homem com uma máquina de escrever, com a campainha de aviso de retorno a tilintar alegremente enquanto ela lhe esmagava a cabeça. Quando agarrou novamente na arma e a começou a recarregá-la, estava a sorrir. Tom achou que ela parecia mais viva do que alguma vez a vira.

— Estás bem? — perguntou-lhe Hester, ajudando-o a levantar-se.

Não estava, mas tremia demasiado para lho poder dizer, por isso limitou-se a segui-la, subindo mais escadas, e deu por si novamente

na elegante recepção onde falara com Miss Weems. A sua cadeira estava agora vazia, havia um sinal na porta que dizia FECHADO e o guarda que deveria estar à entrada tinha desaparecido. Os fogos-de-artifício rebentavam e explodiam sobre os telhados das casas, lançando luzes em tons de rosa e esmeralda através das frestas das cortinas. Hester disparou sobre a fechadura da porta e abriu-a com um empurrão, mas quando Tom atravessou a sala ouviu uma respiração assustada e depois lamentos.

Pôs-se de joelhos e espreitou para debaixo da mesa de Miss Weems.

O rosto pálido e aterrorizado de Fishcake retribuiu-lhe o olhar.

— Fishcake, está tudo bem! — afiançou Tom, ao ver o rapaz enfiar-se ainda mais no escuro. Fez sinal a Hester para se manter afastada. — É só o Fishcake — anunciou, voltando-se para olhá-la.

— Então, deixa-o ficar — disse Hester.

— Não podemos — retorquiu Tom. — Está só e assustado e tem trabalhado para o Shkin. Se os outros Meninos Perdidos o encontram vão fazê-lo em pedaços. Maneira de falar — acrescentou de forma pouco convincente, ao ouvir Fishcake gemer aterrorizado.

— A culpa é dele — redarguiu Hester, já à porta e ansiosa por se ir embora. — Deixa-o.

— Mas ele disse-me onde é que a Wren está.

— Ótimo — respondeu Hester furiosa. — Disse-te. Portanto, já não precisamos dele. Deixa-o.

— Não! — exclamou Tom num tom mais ríspido do que pretendia. Enfiou a mão por baixo da secretária, agarrou a de Fishcake e puxou o Menino Perdido para fora. — Ele vem connosco. Eu prometi-lhe.

Hester olhou para o rapaz e o rapaz olhou para Hester e, por momentos Tom achou que ela ia matar Fishcake ali mesmo. Mas um alarido trovejante de desafio e raiva ecoou das profundezas do Pimenteiro, o rugido dos Meninos Perdidos lançados na senda da guerra, e ela guardou a arma e deslizou porta fora, mantendo-a aberta para que Tom conseguisse arrastar consigo a criança assus-

tada e tremebunda para fora do edifício e escadas abaixo até à praça. Estrondos enormes, reverberantes, faziam ricochete nas paredes dos edifícios circundantes e clarões impressionantes iluminavam o céu. *Os fogos-de-artifício são muito mais fortes agora do que quando eu era pequeno*, pensou Tom e, ao olhar para cima, viu assustadores dirigíveis brancos que pairavam ao nível dos telhados da metrópole, lançando foguetões das suas barquinhas blindadas.

— Por todos os deuses e deusas! — bradou Hester. — Era mesmo disto que precisávamos!

— O que foi? — gemeu Fishcake, apertando-se contra Tom — O que é que está a acontecer?

O que estava a acontecer é que um esquadrão de *Fox Spirits* tinha largado do corpo principal da frota da Green Storm para silenciar as defesas aéreas de Brighton. As celebrações do Festival da Lua estavam a transformar-se em pânico, à medida que os aviadores tomavam as exibições de fogo-de-artifício em Queen's Park e no Rochedo Negro por fogo anti-aéreo e começavam a bombardeá-las. Enquanto os cortejos de Carnaval serpenteavam pela Alameda Oceânica como cobras decapitadas, o *Requiem Vortex* atravessava o fumo acima delas dirigindo-se a todo o gás para a *Cloud 9*. Mais à frente estavam as montanhas blindadas que eram Kom Ombo e Benghazi, outras metrópoles mais pequenas e subúrbios que se escondiam nas suas saias.

— Ora aí temos todo um grupo delas! — gritou o General Naga cheio de satisfação, como um caçador que acabou de avistar a raposa. — Aquela grande devorou a Estática Palmyra há alguns verões atrás! — A sua armadura mecânica rangeu e sibilou ao voltar-se para a Caçadora Fang, erguendo o seu único braço numa saudação sacudida. — Então foi por isto que nos trouxe para Oeste, Digníssima! Eu sabia que não podia ser por causa daquela estância de veraneio roída das traças! Permissão para liderar o ataque...

— Silêncio — sussurrou a Caçadora Fang. Os fogos de Brighton iluminavam-lhe o rosto de bronze. — O grupo traccionista é

irrelevante. Os outros dirigíveis vão manter as baterias daquelas metrópoles e os caças ocupados, assegurando que os Brightonianos não vão ajudar o seu Presidente da Câmara. O nosso alvo é o palácio voador. Prepare equipas de abordagem.

Naga tinha seguido a Caçadora incondicionalmente durante os últimos dezasseis anos, mas aquilo era quase de mais para ele. Enquanto os seus subalternos e oficiais se apressavam a cumprir as ordens da Caçadora e iam buscar armas brancas e armaduras de guerra, ele permaneceu parado durante uns instantes com o ar de quem acabou de levar um estalo na cara. Depois, ao lembrar-se do que acontecia aos oficiais que questionavam as ordens da Caçadora Fang, correu a obedecer-lhe.

Theo e Wren correram para o outro lado da sala de controlo mesmo a tempo de verem o céu entre Brighton e a costa florir-se de garridas explosões dos projecteis do canhão de defesa antiaérea de Benghazi. A luz crepitante e incerta deslizou pelos balões de quatro grandes dirigíveis de guerra e inúmeros caças.

— Uma Unidade de Ataque Aéreo da Green Storm — explicou Theo.

— Por Quirke! — sussurrou Wren, pensando no pai. — Achas que vão afundar Brighton? O meu pai está lá! Theo, ele vai ser morto e a culpa é toda minha!

— Eles não estão interessados em Brighton — acalmou-a Theo, segurando-lhe na mão. — Vieram por causa do livro! Quem quer que tenha posto a gaivota de guarda e morto todos estes homens deve ter avisado estes dirigíveis e deixaram-nos à deriva para sermos mais fáceis de abordar.

Algures lá de fora surgiu o grito estridente de alarmes aéreos como unhas a arranhar o quadro preto do céu.

— Temos de fugir — disse Wren.

— Como? — perguntou Theo.

— No *Peewit*, claro. Acho que ninguém teve tempo de drenar o combustível dos tanques ontem à noite.

Theo abanou a cabeça.

— Mesmo que conseguíssemos chegar à casa dos barcos, a Storm abatia-nos ainda antes de sairmos do espaço aéreo da *Cloud 9*.

— Mas o *Peewit* é um iate. Não é um dirigível de guerra!

— A Storm não liga a esse tipo de pormenores.

— Mas não conheces códigos, palavras-chave e coisas do género? Não podias contactá-los por rádio e explicar que és um deles?

— Wren, eu *não* faço parte deles — respondeu Theo. — Pelo menos, já não faço. Falhei. E se eles me apanharem, matam-me e mandam-me para Batmunkh Tsaka.

Wren não sabia bem o que aquilo significava mas apercebeu-se de que ele estava assustado, talvez tanto quanto ela. A sala de comando estremeceu quando algo atingiu a placa de convés que ficava por cima e uma chuva de faíscas e destroços em chamas passaram pelas janelas. Ela olhou para o rosto de Theo e tentou fazer um ar corajoso.

— Theo — começou ela —, o meu pai está à minha espera em Brighton e os teus pais estão à tua espera em Zagwa e ficarão todos tristes se ficarmos aqui a deixar que nos matem. Anda. Temos de tentar!

Ainda de mãos dadas, subiram as escadas para a entrada do andar térreo, a porta por onde o assassino devia ter saído. Esta abria para um corredor do lado de fora das cozinhas. Não havia ali ninguém. Acima deles, ouviam os gritos e berros e o tropel de pés das pessoas que fugiam do salão de baile. Lá fora, no céu, as explosões desenhavam assimétricos diamantes de luz amarelo-viva no chão por baixo das janelas da cozinha e cintilavam nas panelas caídas e nas bandejas de doçarias deixadas pelos escravos que tinham debandado.

Correram para a saída mais próxima e deram consigo nos jardins em frente ao *Pavilhão*. Multidões de convidados apressavam-se a atravessar os relvados como ovelhas assustadas. Não havia forma de sair da *Cloud 9* mas todos queriam afastar-se do *Pavilhão* para o caso de a Green Storm o querer bombardear.

Afinal, eram ricos e estavam habituados a ter tudo o que queriam. Embora o ascensor tivesse desaparecido, devia certamente haver um dirigível ou um táxi aéreo ou alguns Brightonianos corajosos a organizar uma forma de salvamento com os pedalos e iates aéreos!

Para não serem apanhados pela debandada de gente, Theo empurrou Wren para o abrigo de uma das estátuas abstractas de Pennyroyal. Aconchegaram-se a um canto e observaram os rastos dos escapes iluminados pela lua, a formar ondas no céu à volta da *Cloud 9* como meadas de seda de aranha, à medida que os *Furões Voadores* zumbiam e se deixavam cair, lançando-se contra os dirigíveis da Storm. Era como se cada dirigível tivesse dentro uma semente de fogo, e os *Furões Voadores* estivessem pacientemente a procurá-las com jorros de balas incendiárias. Quando a encontravam, o dirigível começava a brilhar como uma lanterna do Festival da Lua depois padrões de uma luz ofuscante marcavam o invólucro e, por fim, tudo aquilo se tornava numa pira funerária que arrancava fantásticas sombras dos bosques de ciprestes, enquanto o vento a arrastava para longe da *Cloud 9*.

Mas os dirigíveis aéreos ripostavam, bem como os bandos de águias e condores ressuscitados que voavam com eles. Os pássaros desciam, agitando-se como nuvens negras, em direcção às máquinas voadoras dos *Furões*, destruindo as asas e atacando os pilotos desprotegidos e, quando os *Furões* se desviavam para fugir deles, tornavam-se alvos fáceis para os foguetões e canhões dos dirigíveis. As asas eram despedaçadas, os tanques de combustível rebentavam, as lâminas dos rotores saíam disparadas e vinham rodopiar pelos relvados do *Pavilhão* como pedaços de persianas que tivessem explodido. As asas do *Dia Não* soltaram-se e mergulharam a arder no posto do ascensor. O *Comandante de Esquadrilha Mandrake* desviou-se em direcção ao *Queijo de Combate* e ambas as máquinas foram chocar contra um dos flancos de um contratorpedeiro da Green Storm e caíram todos juntos como um enorme barril de fogo a afundar-se graciosamente no mar.

Mesmo à beira de um dos lados dos jardins, um enorme dirigível circulava, enquanto esperava que os caças acabassem com os *Furões*, e Wren conseguiu vislumbrar para além dele, a plataforma

superior de Kom Ombo a erguer-se, como uma ilha blindada, de um mar de fumo. Um dirigível enorme pairava sobre a metrópole, lançando grandes nuvens de coisas que caíam com violência a rodopiar e que pareciam casulos de prata até atingirem uma fortaleza ou zonas de armamentos, altura em que explodiam em relâmpagos brancos e lançavam destroços para bem alto no céu nocturno. Wren sentiu as explosões no seu peito como o bater de um enorme tambor.

— Derrubantes — murmurou Theo.

— O quê, aquelas coisas prateadas? — perguntou Wren. — Não, aquilo são bombas. Vê-se pela forma como explodem. Tu contaste-me que costumavas *pilotar* Derrubantes.

Theo acenou que sim com a cabeça.

— Queres dizer que aquelas coisas têm *pilotos*? Mas vão ficar feitos em pedaços!

Theo voltou a assentir.

— Então, como é que...?

— Como é que eu não morri? — Theo abanou a cabeça e nem olhou para ela. — Porque sou cobarde — respondeu. — Sou um cobarde, foi por isso.

O *Requiem Vortex* vagueava à caça através dos véus de fumo e cinzas suspensos sobre a costa. O pânico instalara-se entre as metrópoles e as cidades agrupadas que assumiam que a Green Storm as tinha vindo atacar. Algumas procuravam refúgio no deserto, outras accionavam os sacos flutuantes e lançavam-se ao mar, e, outras ainda aproveitavam a confusão para tentar devorar os seus vizinhos. Benghazi e Kom Ombo lançavam nuvens de caças aéreos, que por sua vez eram destruídos por *Fox Spirits*, mais rápidos e mais temíveis, e por bandos de pássaros Caçadores.

Uma célula de gás explodiu algures perto da popa do *Requiem Vortex* e aranhaços Caçadores *Mark IV* trepavam pelos flancos íngremes do invólucro, accionando extintores sobre os focos de incêndio. As hélices de direcção também sofreram estragos e vozes

desesperadas ecoavam pelos tubos acústicos, avisando que a barquinha da retaguarda fora destruída.

Os mortais da ponte estavam pálidos e tensos. Shrike via os seus rostos a brilhar de suor à luz infernal que entrava pelas janelas. Por baixo do seu capacete de aço, Oenone Zero chorava de medo. O rádio crepitava com pedidos de socorro e relatórios de danos vindos de outros dirigíveis. O *Sabre Agitado por Compreensível Rancor* fora atingido de través e caía em chamas. O *Chuva de Outono das Montanhas Divinas* perdera os lemes e dirigia-se à deriva para o flanco de Benghazi. Alguém a bordo de uma corveta condenada insistia em gritar até que o sinal foi repentinamente cortado.

A Caçadora Fang ignorou tudo isto. De pé ao lado do timoneiro, observava a *Cloud 9* à medida que se ia afastando da sua metrópole-mãe.

— Siga aquele edifício — ordenou.

Os dirigíveis que tinham atacado Brighton haviam mudado rapidamente de rota para seguirem novos alvos, mas os problemas da estância de veraneio não tinham ainda terminado. A sua casa das máquinas estava a arder e metade das rodas de pás estava destruída. Soltara-se das amarras quando o ataque tinha começado e ia agora à deriva, deixando para trás um rasto de fumo negro e chamas cor de açafão, vertendo golfadas de combustível em chamas. Todos os que podiam tomar conta da situação, ou tinham morrido, ou estavam na festa do Presidente da Câmara.

No meio de toda aquela confusão, ninguém prestara atenção aos alarmes que haviam disparado dentro do Pimenteiro, até os Meninos Perdidos dominarem o último dos guardas e saírem todos juntos para a rua para se juntarem aos festejos. Da casa das máquinas, das quintas estrumadas com dejectos dos esgotos da plataforma inferior, dos filtros de cascalho fedorento sob a Piscina Oceânica, os escravos de Brighton viram a sua oportunidade e correram para se juntar a eles. Armaram-se de chaves de fendas, rodos de piscina e martelos de bater a carne, e invadiram as escadas da metrópole, pilhando as lojas de antiguidades e lançando fogo

às galerias de arte. Os actores e artistas de Brighton de bom coração, que tinham passado tantos jantares a concordarem uns com os outros sobre como era terrível a vida que os escravos levavam e a organizarem projectos de arte na comunidade para mostrar como partilhavam a sua dor, fugiram para salvar a vida, saindo da metrópole a bordo dos sobrecarregados dirigíveis e das lanchas-motoras a adernar.

De facto, havia tanta coisa a acontecer e uma cobertura tão densa de fumo e poluição a pairar sobre a maltratada metrópole que quase ninguém tinha reparado que a *Cloud 9* já não se encontrava ligada ao resto de Brighton.

Capítulo 29

O Rapaz Que Não Explodiu

Wren e Theo esperavam que a batalha acalmasse, sentados à sombra da grande estátua e com as costas para o pedestal onde ela se empoleirava. Alguns copos de ponche tinham sido ali abandonados ao início da noite e Wren bebeu de um deles. Há quanto tempo duraria aquele pesadelo? Cinco minutos? Dez? Parecia uma eternidade. Já tinha aprendido a distinguir entre o clamor agudo que os canhões dos *Furões* faziam e o ressoar gaguejante das armas da Storm. Os foguetões já eram mais difíceis de distinguir, mas sabia sempre quando um Derrubante rebentava porque Theo dava um salto, encolhia-se todo e fechava os olhos com força.

— Queres contar-me o que se passou? — perguntou-lhe Wren,
— Essa história dos Derrubantes?

— Não.

— Mais valia. Não há muito mais para se fazer.

Theo estremeceu com o barulho distante de mais uma salva de Derrubantes a explodir nos arredores de Kom Ombo. Depois, num tom de voz praticamente inaudível sobre todo aquele barulho, contou-lhe a sua breve carreira enquanto bomba voadora.

— Foi no início da Guerra das Águas Ferrugentas — começou ele. — Subúrbios inimigos tinham irrompido ao longo da linha e a frota retirava para as fronteiras Ocidentais de Shan Guo. Nenhum de nós estava à espera de entrar em acção. Depois surgiu a ordem. Aquele lugar chamado Ilha Negra tinha de ser protegido durante mais algumas horas porque um cirurgião-mecânico qualquer do Corpo de Ressuscitação estava a desenterrar um artefacto valioso que não podia cair nas mãos dos metropolitanos...

Theo ainda sentia no ventre a súbita e agoniativa sensação do portador a movimentar-se e o pânico nas escadas com os pilotos dos Derrubantes a correrem para as suas naves.

— A espera foi o pior — prosseguiu ele. — Presos aos nossos dirigíveis, suspensos nas cremalheiras do compartimento dos Derrubantes, com as portas abertas por baixo de nós. Conseguíamos ver as armas a disparar lá no fundo. Depois veio a ordem: «Derrubantes ao ataque!» e lá fomos nós.

Eles lá foram. Soltaram os ganchos e depois foi a longa queda, desviando-se por entre as belas e mortais explosões dos foguetões inimigos. Os Derrubantes mais antigos eram automáticos e equipados com cérebros de Caçadores, mas estes não eram capazes de ziguezaguear por entre o fogo de terra como um piloto humano e, além disso, para quê desperdiçar Caçadores se havia jovens como Theo desejosos de glória e prontos a morrer para tornar o mundo novamente verde?

— O alvo era uma metrópole chamada Jagdstadt Magdeburg — retomou Theo. — Atingi-a algures na plataforma do meio. Pensei que ia direito a um forte blindado, mas afinal era apenas um telhado de plástico fino sobre uma subdivisão agrícola qualquer. Aterrei sobre uma enorme pilha de fardos de forragem. Acho que foi por isso que não morri e só desmaiei por alguns minutos. Acho que também foi por isso que o Derrubante não explodiu. Devem rebentar automaticamente quando se atinge o alvo, mas há um controlo de passagem a manual em caso de falha como a minha e eu agarrei-o mal recobrei os sentidos, mas não fui capaz... não fui capaz de...

— Claro que não — apoiou Wren suavemente. — Tinhas errado o alvo. Não podias rebentar com trabalhadores. Civis. Teria sido assassínio.

— Pois teria — concordou Theo. — Mas não foi isso que me impediu. Eu não queria era morrer.

— Um pouco tarde para uma decisão dessas, não?

Theo encolheu os ombros.

— Limitei-me a ficar ali sentado e a chorar. E, pouco depois, eles vieram, despoletaram o meu Derrubante, tiraram-me cá para fora e levaram-me dali. Pensei que me iam matar. Não lhes teria levado a mal. Mas não o fizeram. Durante toda a minha vida, ouvi histórias sobre a crueldade dos bárbaros, a maneira como torturavam os

prisioneiros e talvez alguns deles sejam assim, mas estes trataram-me como se eu fosse um filho. Alimentaram-me e explicaram-me que tinham muita pena de me vender como escravo. Mas não lhes era permitido ter prisioneiros da Green Storm a bordo, percebes, com medo que nos juntássemos e nos revoltássemos. Mas eu não me teria revoltado. Fizeram-me perceber como a Storm estava errada. A estupidez de toda esta guerra.

Ergueu os olhos para Wren.

— Foi por isso que desisti da Storm. E agora, quando me apanharem e descobrirem o que eu fiz, vão matar-me.

— Não vão nada! — prometeu Wren — Porque não vamos deixar que te apanhem! Havemos de sair daqui...

Um rugido de motores fê-la calar. Levantou-se cautelosamente e observou os jardins. Um enorme dirigível branco, marcado pelo combate, abria caminho por entre o cordame da *Cloud 9*.

— Pelos deuses! — exclamou Theo, olhando por cima do ombro de Wren. — É o *Requiem Vortex*! É o dirigível *dela*!

Lançadores de nariz arrebitado, montados nas coberturas dos motores do dirigível, moviam-se de um lado para o outro, reben-tando sem esforço qualquer *Furão Voador* que passasse ao seu alcance. O *Cueca Visível* e o *É um Mecanismo Pequenino às Bolinhas Amarelas* foram cada um deles desfeito por foguetões, lançando bocados de madeira de balsa e tela queimada sobre as multidões que se tinham escondido nos relvados do *Pavilhão*. Um ornitóptero chamado *É Só Isto?* voava em torno do dirigível como um mosquito a chatear um dinossauro mas não conseguia perfurar o balão reforçado e, passados alguns segundos, um bando de pássaros Caçadores encontrou-o e desfê-lo em chamas. O *Vai-te lixar, Gravidade!* mergulhou em direcção à barquinha do dirigível numa tentativa desesperada de a abalroar, mas mais foguetões o lançaram para o lado e caiu, rasgando o flanco de um dos sacos de gás exteriores da *Cloud 9*. O *Pavilhão* estremeceu, os convidados histéricos que estavam nos relvados gritaram ainda mais alto e toda a placa do convés se inclinou fortemente quando algum do gás que a suportava foi expelido para o ar.

O *Marsupial de Combate* de Orla Twombly e os outros *Furões* sobreviventes, ao aperceberem-se de que não podiam fazer mais nada, deram meia volta e fugiram.

Wren cobriu o rosto contra o pó e fumo que o *Requiem Vortex* levantou ao rodar as hélices de direcção para a posição de aterragem e pousar nos relvados da *Cloud 9*. Os convidados que tinham fugido anteriormente do *Pavilhão* regressavam a correr, passando pelo esconderijo de Wren e Theo, ou então deixavam-se ficar quietos, improvisando bandeiras de rendição com peitilhos de camisas e guardanapos. Os guardas de casacos vermelhos furavam por entre os arbustos, deitando por terra as armas e tentando livrar-se dos seus vistosos uniformes. Metralhadoras tamborilaram por entre as palmeiras ornamentais. As escotilhas abertas das barquinhas do dirigível de guerra derramaram figuras armadas e blindadas.

— Caçadores! — guinchou Wren. Nunca tinha visto um Caçador e nem nunca acreditara realmente neles, mas algo no modo como aquelas figuras se moviam era mais do que suficiente para a convencer de que não eram humanos e só queria era ver-se bem longe deles. Começou a correr, gritando a Theo que a seguisse. — Anda! Voltamos para trás pelo *Pavilhão* até à casa dos barcos!

As escadas do *Pavilhão* estavam agora vazias. Wren e Theo subiram-nas rapidamente, passando por cima de chapéus abandonados e corpos espezinhados. No convés solar onde Shkin a tinha vendido a Pennyroyal, Wren escorregou num bolo cheio de creme que estava no chão e caiu. O *Livro de Estanho*, enfiado no cós das calças raspou-lhe a coluna e espetou-se-lhe dolorosamente no traseiro. Wren julgou sentir sangue a escorrer pelas calças, enquanto Theo a ajudava a levantar-se. Pensou se não deveria ver-se livre do livro. Ou entregá-lo à Storm e pedir piedade. Mas a Storm não tinha piedade, pois não? Ela vira folhetos e *posters* desde que tinha chegado a Brighton, cabeçalhos nas páginas dos negócios estrangeiros do *Palimpsesto* que referiam *Mais Atrocidades Musguentas* e *Continuam as Brutalidades da Green Storm*. Se eles descobrissem que ela tinha o *Livro de Estanho*...

Olharam da entrada do salão de baile para os relvados atrás deles. A batalha tinha terminado e os Caçadores deambulavam por

ali, arrebanhando grupos de convidados à sua frente.

— Será que o Shkin está por ali? — perguntou-se Wren.

— Então e a Boo-Boo? — acrescentou Theo, enquanto continuavam a atravessar o salão de baile, onde as luzes das paredes e do tecto estavam apagadas e vidros partidos rangiam sob os seus pés. — E Pennyroyal?

— Ah, esse está bem — respondeu Wren. — Aposto que foi ele que os trouxe cá. Shkin contou-me que ele andava à procura de comprador para o *Livro de Estanho*. É mesmo o género do Pennyroyal, vender a metrópole para ganhar dinheiro...

Passaram pela sala de cinema, onde o projector ainda estava a funcionar. À sua luz, Wren vislumbrou um movimento na escada em espiral.

— Cynthia! — chamou Theo.

A companhia de escravidão deles os dois desceu as escadas a correr, com o vestido de festa a brilhar suavemente sob o reflexo das cores da banda contínua de filme. O que ela teria estado a fazer lá em cima nem passava pela cabeça de Wren. Talvez tivesse ficado baralhada e corrido na direcção errada quando todos fugiam do salão de baile. Ou talvez Mrs. Pennyroyal a tivesse mandado buscar alguma coisa. Ela trazia algo reluzente numa das mãos.

— Cynthia — disse-lhe Wren — não tenhas medo. Nós vamos embora e levamos-te connosco. Não levamos, Theo?

— Onde é que está, Wren? — cortou Cynthia.

— Onde é que está o quê? — perguntou Wren.

— O *Livro de Estanho*, claro. — Wren não reconhecia aquela expressão no rosto de Cynthia. Fria, severa e inteligente, como se o seu rosto estivesse com nova gerência — Já fui verificar no cofre de Pennyroyal — continuou ela. — E sei que foste tu que o tiraste. Sabia que estavas a tramar alguma desde que cá chegaste. Para quem é que trabalhas? Para a Traktionstadtgesellschaft? Para os Africanos?

— Eu não trabalho para ninguém — retorquiu Wren.

— Mas *tu* sim, Cynthia Twite — interrompeu Theo. — Tu trabalhas para a Green Storm, certo? Mataste o Plover e os outros. E foste tu que puseste a *Cloud 9* à deriva.

Cynthia riu-se.

— Oh, tu topas as coisas depressa, Africano! — Fez uma pequena vénia. — Agente 28 do grupo secreto privado da Caçadora Fang. Portei-me muito bem, não acham? Coitada da tonta da Cynthia. Como todos vocês e a Boo-Boo se riam de mim. E durante todo o tempo, eu estava a trabalhar para uma patroa diferente. Para uma que tornará o mundo novamente verde. — Ergueu firmemente o braço para Wren. A coisa reluzente que ela tinha na mão era uma arma.

Entorpecida, Wren tirou o *Livro de Estanho* de debaixo da túnica e ergueu-o para que Cynthia o visse. Cynthia deitou-lhe a mão e deu um passo atrás.

— Obrigada — disse com um resquício da sua antiga simpatia. — A Caçadora Fang vai ficar encantada.

— Ela mandou-te cá por causa disso? — perguntou Wren confusa. — Mas como é que ela sabia...

Cynthia explodiu.

— Oh, não. Ela julgava que ainda estivesse em *Anchorage*. Enviou uma expedição ao sítio onde Pennyroyal dizia que *Anchorage* se tinha afundado mas não havia lá nada. De maneira que fui colocada a bordo da *Cloud 9* para o espiar, caso ele soubesse o que tinha realmente acontecido ao livro. Mal consegui acreditar na minha sorte quando te ouvi dizer que tinhas trazido o *Livro de Estanho* contigo! Mandeí de imediato uma mensagem para o Pagode de Jade e recebi ordens para o deixar ficar a salvo no escritório de Pennyroyal até chegar ajuda. É importante. Pode ser a chave para uma vitória final. A minha chefe não o quer copiado, nem enviado pelos meios normais. Ela própria o vem buscar. Aquele dirigível que está no relvado é o *dela*. — Olhou afectuosamente para o *Livro de Estanho*. — Recompensar-me-á bem quando eu lho entregar.

Os disparos no jardim tinham cessado. Wren conseguia ouvir vozes nos conveses solares a gritarem ordens numa língua que não conhecia. Encaminhou-se para Cynthia, atenta à arma que a outra empunhava.

— Por favor — começou —, já tens o *Livro de Estanho*. Não nos podes deixar ir? Se a Storm apanha Theo...

— Mata-o por ser o cobarde que é — concluiu calmamente Cynthia — Eu própria o faria, mas tenho a certeza de que a minha chefe vai querer interrogar os dois e descobrir o que sabem acerca do Livro.

— Nós não sabemos nada acerca dele! — exclamou Theo.

— Essa é a tua versão, Africano. Podes querer alterá-la quando as máquinas de interrogar começarem a trabalhar em ti.

— Mas, Cynthia... — Wren abanou a cabeça, sentindo-se ainda entorpecida com o choque da traição de Cynthia. — Presumo que Cynthia nem seja o teu verdadeiro nome, pois não?

A outra rapariga fez uma expressão surpreendida.

— É claro que é. Porque é que não havia de ser?

— Bem, não soa lá muito a espião. — comentou Wren.

— Não? O que é que tem de errado?

— Nada, nada... É que...

Uma bojudá mala caiu da galeria que ficava por cima, atingindo Cynthia na cabeça, e abriu-se, espalhando moedas de ouro, jóias e coisas com um ar valioso da Antiga Tecnologia.

— Aí... — disse a rapariga enquanto caía. A sua arma disparou e fez um buraco no tecto, algures acima da cabeça de Wren. Theo agarrou Wren e puxou-a para trás, receando que caísse mais bagagem, mas quando olharam para cima viram apenas o rosto redondo e pálido de Nimrod Pennyroyal, a espreitar por cima do corrimão.

— Ela desmaiou? — perguntou nervoso.

Wren aproximou-se de Cynthia para verificar. Via-se sangue no cabelo da rapariga e, quando lhe tocou no pescoço, não sentiu

qualquer pulsação. A verdade é que também não sabia se estava a verificar no sítio certo. E respondeu:

— Acho que é capaz de estar morta.

Pennyroyal desceu as escadas a correr.

— Tretas, foi apenas uma pancadinha a brincar. Mas de qualquer forma, ela é um agente inimigo, certo? Provavelmente, ter-vos-ia morto aos dois, se eu não tivesse agido rapidamente. Estava lá em cima a arrumar algumas coisas de valor quando vos ouvi a falar. — Soltou um riso abafado ao retirar o livro dos dedos de Cynthia. — Mas que sorte! Pensei que o tinha perdido. Agora venham ajudar-me a apanhar isto tudo.

Como num torpor, Wren e Theo puseram-se a fazer o que ele lhes mandara. Talvez com receio de que pudessem tentar roubá-lo, Pennyroyal agarrou na arma de Cynthia e manteve-a apontada enquanto enfiava as moedas, as estatuetas e os antigos artefactos novamente dentro da mala e se sentava em cima para a forçar a fechar-se. Os gritos vindos da rua tornaram-se mais próximos à medida que os soldados da Green Storm, atraídos pelo som do disparo, convergiam para o salão de baile.

— Pronto! — exclamou Pennyroyal. — E agora, depressa para a casa dos barcos. Então é assim, se me ajudarem a carregar isto tudo, podem vir comigo. Mas despachem-se!

— Não pode ir-se assim embora! — protestou Wren, seguindo-o pelos corredores adernados, enquanto Theo se debatia com a mala. — E o seu povo?

— Ora, . — respondeu Pennyroyal com ar de desprezo.

— E a sua mulher? Por esta altura já deve ter sido presa....

— Sim, pobre Boo-Boo... — Pennyroyal abriu uma porta e encaminhou-os para os jardins nas traseiras do *Pavilhão*. — É claro que sentirei a sua falta... uma perda terrível... mas o tempo cura tudo. Seja como for, não posso arriscar o meu pescoço a tentar resgatá-las. Devo aos meus leitores salvar-me, para que o mundo conheça o meu relato da Batalha de Brighton e da minha heróica resistência contra a Storm...

Percorreram rapidamente os jardins, com Pennyroyal à frente e Wren e Theo a levarem a mala à vez. As tropas da Storm ainda não tinham chegado àquela zona do jardim. Nada se mexia por entre os renques de ciprestes e os passeios cobertos. Saía o fumo dos destroços do aeródromo dos *Furões Voadores*, mas a Green Storm deveria ter achado que a casa dos barcos de Pennyroyal era um alvo sem valor, pois permanecia intacta entre as árvores, bolbosa e ridícula, com pontos de lume a brilhar nos seus loucos espinhos de cobre.

— Estou a ouvir motores — comentou Theo, enquanto seguiam pelo meio das árvores em direcção à zona de aterragem em frente à casa dos barcos. — Alguém abriu as portas...

— Pelo Grande e Poderoso Poskitt! — gritou Pennyroyal.

O *Peewit* estava a pairar junto à porta, com os motores ronroando a aquecerem para levantar voo. As luzes estavam acesas na barquinha e Wren distinguiu Nabisco Shkin ao comando. Devia ter desistido de esperar que ela lhe trouxesse o *Livro de Estanho* e decidira-se a esquecer o resto e salvar a sua própria pele. Wren deixou-se ficar para trás com medo dele, mas Pennyroyal acelerou mais um pouco o passo em direcção ao iate.

— Shkin! Sou eu! O seu velho amigo Pennyroyal!

Shkin debruçou-se da escotilha, num dos flancos da lustrosa barquinha do *Peewit*, e disparou duas vezes sobre Pennyroyal com uma pistola que retirou de dentro das vestes. Wren viu um jacto de sangue, em forma de ponto de exclamação, voar em direcção ao brilho das luzes do iate. Pennyroyal deu uma cambalhota desajeitada no ar, caiu em cima de uma pilha de cabos e ficou imóvel.

— Oh, deuses — sussurrou Wren. Pennyroyal fazia tanta parte da sua vida, devido às histórias que ouvira contar em Anchorage que o julgara indestrutível.

Shkin saiu da barquinha e encaminhou-se para eles com a arma em punho.

— Têm o meu livro? — perguntou.

— Não — respondeu Theo antes que Wren o fizesse. — A Storm levou-o.

— Então o que é que está na mala? — perguntou Shkin e Theo abriu-a para ele ver. O negociante de escravos fez o seu sorriso frio e cínico. — Bom, sempre é alguma coisa, não? — comentou.

— Fecha a mala e passa-ma.

Theo fez o que ele mandara. Os olhos frios de Shkin deslizaram novamente para Wren.

— Então e agora? — perguntou ela. — Presumo que nos vá matar?

— Pelos deuses, não! — Shkin parecia genuinamente chocado.

— Eu não sou nenhum assassino, minha filha. Sou um homem de negócios. Que lucro tinha eu em vos matar? É verdade que conseguiste irritar-me, mas parece-me que os nossos amigos da Green Storm em breve chegarão para te ensinar a ter maneiras.

Wren escutou e ouviu vozes duras, estrangeiras, vindas do jardim. Viam-se luzes a moverem-se por entre as árvores, por trás da casa dos barcos. Queria perguntar pelo pai a Shkin, mas este já tinha empurrado a mala de Pennyroyal para bordo do *Peewit* e subiu atrás dela. Os motores rugiram.

— Não! — gritou Wren. Não podia acreditar que os deuses iam deixar aquele vilão do Shkin escapar ileso. Mas os ganchos de atracação do *Peewit* soltaram-se e ele ergueu-se do chão da casa dos barcos, com as hélices de direcção a tomar a posição de descolagem. — Não é justo! — urrou Wren e logo a seguir: — O Livro! Nós temos o Livro! O Theo mentiu! Leve-nos consigo e eu dou-lhe o Livro!

Shkin ouviu-lhe a voz mas não entendeu as palavras. Olhou para baixo para ela, fez a sua sombra de sorriso e depois voltou a atenção para os comandos. O iate ganhou velocidade na zona de aterragem, passou entre dois pequenos maciços de árvores que se inclinaram para o lado para o deixar passar e subiu graciosamente em direcção ao céu.

— Não é justo! — repetiu Wren. Estava farta do Shkin e farta de ter medo. Percebia agora porque é que os pais não gostavam de falar das aventuras por que tinham passado. Caso sobrevivesse, jamais iria querer voltar a recordar-se daquela terrível noite.

— Por que mentiste acerca do Livro? — perguntou a Theo.

— Talvez nos tivesse levado com ele, se lho tivéssemos dado.

— Não levava — redarguiu Theo. — De qualquer forma, se todos o querem assim tanto, é porque deve ser perigoso. Não podemos deixar que um homem como o Shkin lhe deite as unhas.

Wren fungou.

— *Ninguém* devia ficar com ele — contrapôs a rapariga. Aproximou-se do local onde Pennyroyal jazia e, delicadamente retirou o *Livro de Estanho* de dentro das vestes rasgadas do Presidente da Câmara. Uma das balas de Shkin deixara uma funda amolgadela na capa mas, para além disso, parecia intacto. Tocar-lhe enojou-a. Todos os problemas que tinham causado! Todas as mortes! — Vou deitá-lo ao mar. — decidiu Wren. E deitou a correr com ele na mão através da pista aérea, fumegante e marcada por crateras, em direcção ao limite dos jardins.

Mas não foi o mar que ela viu quando espreitou por cima do corrimão. A *Cloud 9* tinha andado à deriva mais depressa e para mais longe do que ela julgara. O serpentear da rebentação branca que marcava a linha da costa ficara a várias milhas para norte com as luzes e fogos de outras metrópoles a demarcarem-na como pérolas de um colar. Por baixo dela, as montanhas de África jaziam, rígidas sob a lua.

Enquanto ali permanecia a olhar para elas e agarrada ao *Livro de Estanho* com ambas as mãos, ouviu passos apressados atrás de si e voltou-se dando com as lanternas e as armas em punho de um esquadrão de soldados. Também havia Caçadores. Um deles agarrou em Theo e um homem que parecia também ele um Caçador, de rosto aquilino e envergonhado uma armadura mecânica, com uma espada na mão de ferro, deu um passo que o colocou à frente dos outros e disse:

— Não se mexam! São prisioneiros da Green Storm!

À medida que o *Peewit* deslizava por entre o cordame para fora da *Cloud 9* e se dirigia para o céu aberto, Nabisco Shkin permitiu-se um sorriso de satisfação. A maioria dos dirigíveis da Green Storm estava a milhas dali, ainda ocupados com Benghazi e Kom Ombo, e as tropas que haviam aterrado nos jardins de Pennyroyal tinham coisas mais importantes para fazer do que preocuparem-se com um ocasional negociante de escravos em fuga.

Instalou-se nos confortáveis assentos do iate e passou a mão pela mala que jazia a seu lado, no convés. Mais ao longe, conseguia vislumbrar as luzes das metrópoles mais pequenas, brilhando na noite deserta. Desceria numa delas até ter a certeza de que a Storm acabara com Brighton e depois iria verificar que estragos tinham sido feitos ao seu negócio por lá. O Pimenteiro teria certamente sido deitado abaixo. Os empregados e a mercadoria deveriam estar provavelmente mortos. Não havia problema, estava tudo no seguro. Esperava que o rapaz chamado Fishcake ainda estivesse vivo. Mas, mesmo sem ele, seria possível encontrar Anchorage-in-Vineland e encher os porões de um ou dois dirigíveis com escravos...

Ainda sonhava com Vineland quando as rapaces o encontraram. Faziam parte de uma patrulha recrutada para guardar os céus à volta da *Cloud 9*. Shkin achou que não passavam de uma nuvem quando se aproximaram rapidamente dele, obscurecendo o luar. Depois, reparou nos batimentos e esvoaçar das suas asas e, num instante, os pássaros começaram a partir os vidros de glástico do *Peewit*, destruindo as protecções das hélices, rasgando o delicado invólucro com as garras e os bicos. As hélices de direcção arrancadas afastaram-se, rodopiando no vento. Os propulsores desfizeram dezenas de pássaros em pedaços mas outras dezenas insistiam em lhes tomar os lugares, até que os motores do *Peewit* se entupiram de penas e muco. Shkin agarrou no aparelho de rádio e abriu todos os canais, gritando:

— Abortem o vosso ataque! Sou um legítimo homem de negócios! Sou estritamente neutro!

Mas os dirigíveis de guerra da Green Storm que tinham apanhado o seu sinal não sabiam de onde vinha e os próprios

pássaros não entendiam o que ele dizia. Limitaram-se a destruir, rasgar, esgatanhar e delicerar, arrancando o balão da sua armação metálica até que Nabisco Shkin, ao olhar para cima através das barras nuas, não viu senão um caleidoscópio de silhuetas de pássaros, negras e de asas abertas, rodando contra a Lua sagrada. E quando aquele destroço começou a cair, eles arrancaram o tecto da barquinha e enfiaram-se lá dentro com ele.

Nabisco Shkin era um homem que não costumava deixar transparecer as suas emoções mas havia pássaros de mais e a queda até ao chão parecia terrivelmente longa. Foi a gritar o tempo todo que a queda durou.

Capítulo 30

Cativos Da Storm

O homem de armadura mecânica chamava-se Naga. Wren ouviu os seus homens tratarem-no por esse nome, quando lhe tiraram o *Livro de Estanho* e começaram a dirigir-se novamente para o *Pavilhão*. Era um nome deveras assustador e também ele tinha um ar bastante aterrador, caminhando pesadamente dentro daquele exosqueleto que sibilava e rangia, mas parecia suficientemente civilizado e afastou os seus homens quando eles empurraram Wren com as armas para ela andar mais depressa. A rapariga sentiu-se surpreendida e aliviada. Ouvira histórias acerca de a Storm matar prisioneiros à primeira vista. Pensou em perguntar a Naga o que pensava fazer com ela, mas não se sentia assim tão corajosa. Olhou de relance para Theo, na esperança de que ele lhe explicasse o que estavam os homens da Green Storm a dizer uns aos outros na sua estranha língua, mas Theo caminhava com a cabeça baixa e nem olhava para ela.

Subiram uma das escadarias exteriores do *Pavilhão*, passaram por um jardim fechado onde uma multidão de escravos e convidados da festa capturados tinham sido encurralados sob o olhar atento de uma companhia de Caçadores. Boo-Boo Pennyroyal também lá estava e tentava animar as pessoas com uma canção alegre, mas pareceu a Wren que não estava a resultar.

Pensara a princípio que ela e Theo se iam juntar ao resto dos cativos mas os soldados fizeram-nos continuar a andar, passando pela piscina de Pennyroyal que se tinha esvaziado ao longo do convés inclinado, formando uma enorme poça de água. Fora das janelas do salão de baile, estava um Caçador muito mais assustador que os

outros brutos, sem cérebro nem rosto, que Wren tinha visto até aí. Este era grande, brilhante e a peça blindada que lhe protegia o crânio não era tão comprida que lhe tapasse o rosto como aos outros deixando uma parte à vista. Um rosto morto, lívido, com um grande rasgão em vez de boca, que estremeceu ligeiramente quando os seus olhos verdes pousaram sobre Wren. Ela desviou

rapidamente o olhar horrorizada por ter chamado a atenção daquela coisa. Iria ele falar com ela? Atacá-la? Mas ele limitou-se a retribuir a saudação de Naga e a afastar-se, deixando passar os outros Caçadores e os seus cativos para o salão de baile.

Alguém tinha posto as luzes novamente a funcionarem. Enfermeiros levavam Cynthia numa maca. Wren ouviu-a gemer quando passaram por ela e sentiu-se feliz por a amiga estar viva, mas depois lembrou-se de que ela fora apenas uma falsa amiga e assim não sabia se devia ficar contente ou não.

No pódio onde os músicos deveriam estar a tocar, tinha-se reunido um grupo de oficiais. Naga aproximou-se deles e cumprimentou-os rapidamente, fazendo em seguida o seu relatório. O mais alto de todos voltou-se para observar os cativos. O seu rosto era uma máscara mortuária de bronze, furada por dois olhos esmeraldinos brilhantes.

— Oh! — exclamou Theo.

Wren percebeu de imediato que se tratava da Caçadora Fang. Quem mais poderia ser? Parecia irradiar poder. Crepitava no ar à sua volta como electricidade estática fazendo com que os pequenos cabelos na nuca de Wren se eriçassem. Ao seu lado, sentia Theo tremer como se estivesse na presença de alguma deusa.

Naga disse mais qualquer coisa e a Caçadora desceu graciosamente do pódio, com os olhos a brilhar ainda mais quando ele retirou o *Livro de Estanho* de um compartimento na sua armadura. Deitou-lhe a mão, observou os símbolos gravados na capa e soltou um longo e trémulo suspiro de satisfação. Naga apontou para Wren e Theo e fez uma pergunta, mas a Caçadora ignorou-a. Sentou-se de pernas cruzadas sobre o cascalho, abriu o *Livro de Estanho* e começou a lê-lo.

— E agora? — murmurou Theo. — Pensei que ela nos quisesse interrogar...

— Acho que Naga pensou o mesmo — respondeu Wren. Mas, ao que parecia a Caçadora Fang esquecera-se deles. As tropas da Green Storm estavam a observá-la como se esperassem por mais ordens, mas ela parecia absorta no *Livro de Estanho*. Naga

murmurou qualquer coisa para um dos companheiros. Depois uma mulher, jovem e bonita, envergando uma versão negra dos uniformes brancos que os outros usavam, falou com ele, fez uma vénia e saltou do pódio, encaminhando-se para os três prisioneiros que aguardavam.

— Façam o favor de vir comigo — disse em Anglo.

Wren sentiu-se aliviada. Aquela pessoa parecia menos rígida que o resto do grupo de desembarque da Green Storm. *Dr.^a Zero* era o nome impresso na chapinha do seu uniforme, sob um par de caracteres floreados que Wren supôs significarem o mesmo em Shan Guonês. Parecia demasiado jovem para ser médica. Os seus olhos em bico e as maçãs do rosto salientes, lembravam a Wren os amigos Inuítas de Anchorage e aquele cabelo curto e verde adequava-se surpreendentemente ao seu rosto de gnomo. Mas a voz não exprimia simpatia. Tirou a arma a um dos soldados e ergueu-a para os dois cativos.

— Lá para fora, por favor. Imediatamente!

Fizeram o que ela mandava. Ao levá-los para fora, para o convés solar, Wren olhou de soslaio e viu o Caçador grande observá-la de novo. O que teria ela feito que o interessasse assim tanto? Desviou rapidamente os olhos, mas continuava a sentir o seu olhar verde a segui-la.

A *Dr.^a Zero* fez sinal com a arma aos prisioneiros para atravessarem o convés solar e se dirigirem para as escadas, como se os estivesse a levar para junto dos outros no jardim fechado. Porém, ao fundo das escadas, num terraço em forma de meia-lua e fora do alcance da vista e dos ouvidos do salão de baile, parou abruptamente e disse em Anglo suave, que falava com sotaque:

— O que era aquilo que a Caçadora vos tirou?

Wren respondeu:

— *O Livro de Estanho. O Livro de Estanho de Anchorage...*

A *Dr.^a Zero* franziu o sobrolho como se aquele nome lhe fosse completamente desconhecido.

— Não foi por causa dele que cá vieram? — perguntou Theo.

— Aparentemente. Quem sabe? — A Dr.^a Zero encolheu os ombros, olhou de soslaio na direcção do salão de baile e baixou o tom de voz com receio de que a sua chefe a pudesse ouvir. — A Digníssima achou por bem não partilhar com quem quer que fosse a razão para atacar a vossa metrópole. O que é esse tal *Livro de Estanho*... O que o tornará tão importante, ao ponto de aqui vir com dirigíveis de guerra para o conseguir?

— Cynthia explicou que quem tivesse o *Livro de Estanho* ganharia a guerra — explicou Wren.

Estava a tentar ajudar, mas a Dr.^a Zero limitou-se a olhar para ela. Teria sido apenas o luar que lhe sugara a cor do rosto? Os seus olhos esbugalharam-se, olhando através de Wren como se tivesse alguma visão terrível de coisas futuras.

— Sim! — suspirou. — É claro! É *claro*! O livro deve ser uma pista para alguma arma da Antiga Tecnologia. Talvez algo como a MEDUSA, com poder suficiente para destruir metrópoles inteiras. E vocês deram-no à Caçadora Fang! Seus loucos!

— Não é justo! — protestou Wren. — A culpa não foi nossa...

A Dr.^a Zero soltou uma breve gargalhada, mas não havia nela sinal algum de humor, apenas medo.

— Agora, só depende de mim, certo? — perguntou ela. — É a mim que cabe impedi-la!

Voltou-se e deitou a correr, escada acima em direcção ao salão de baile, lançando de caminho a arma para um lado.

Capítulo 31

O Momento Da Rosa

O General Naga, ainda irritado por lhe ter sido negada a hipótese de atacar Benghazi e o resto do agrupamento de metrópoles, tinha levado as suas tropas de choque para esquadrihar os níveis inferiores do *Pavilhão*, na esperança de encontrar algum ninho escondido de guerreiros da metrópole que dessem uma luta decente. No salão de baile, alguns Caçadores de batalha mantinham-se de guarda enquanto a Caçadora Fang continuava a ler. As páginas metálicas do livro brilham com uma ligeira tonalidade verde à luz dos seus olhos, e os seus dedos de aço, ao passarem sobre as antigas marcas nelas riscadas, provocavam pequenos estalidos.

Shrike esperou junto à janela, observando a sua chefe, mas sem a ver realmente. Em vez disso, concentrou-se no rosto o que tinha na mente, o rosto da jovem prisioneira que Oenone Zero levara dali. Tinha a certeza ou a quase certeza de já ter visto aquele rosto antes. Aqueles olhos cinzentos cor do mar, aquele longo queixo e o cabelo acobreado tinham enviado sinais de reconhecimento para a sua mente. E no entanto, quando tentara que as características da rapariga correspondessem a outros rostos que tinha em memória, nenhum deles se adequava.

Ouviram-se passos a correr no convés solar. Shrike voltou-se e sentiu que, por trás dele no salão de baile, os outros Caçadores também tinham reagido, fazendo sair as garras, prontos a agir. Mas era apenas a Dr.^a Zero.

— Mr. Shrike!

Ela dirigiu-se para ele, desviando-se dos corpos que juncavam o convés solar. Ela tentava sorrir, mas o sorriso tinha-lhe saído mal, resultando numa espécie de esgar. Shrike sentiu a respiração irregular da Dr.^a Zero, o bater rápido do seu coração, o odor acentuado e informativo do seu suor e percebeu que algo ia acontecer. Por al-

guma razão, Oenone Zero tinha decidido que era aquele o momento para desencadear a sua misteriosa arma contra a Caçadora Fang.

Mas onde estaria ela? As mãos de Oenone Zero estavam vazias e o seu uniforme preto e composto não deixava espaço para esconder algo suficientemente poderoso para causar dano a um Caçador. Fez passar rapidamente os olhos por toda a gama de visão, procurando em vão, armas escondidas ou odor forte a explosivos químicos.

— Mr. Shrike — começou a Dr.^a Zero, parando ao lado dele e olhando-o no rosto — há algo de muito importante que tenho para lhe dizer. — Gotas de suor começavam a abrir caminho através dos poros do seu rosto. Shrike voltou o rosto e examinou o salão de baile, imaginando que ela tivesse trazido algo do *Requiem Vortex* quando tinham aterrado. Verificou igualmente o convés solar, procurando dispositivos escondidos por trás das estátuas das balaustradas. Nada. Nada.

Sentiu um toque na mão. Olhou para baixo. Os dedos da Dr.^a Zero repousavam suavemente no seu pulso blindado. Agora já sorria normalmente. Por trás das espessas lentes dos seus óculos, os olhos encheram-se-lhe de lágrimas.

E disse:

— *O momento da rosa e o momento do teixo têm a mesma duração.*

E Shrike compreendeu.

Voltou-se e afastou-se rapidamente dela em direcção ao salão de baile. Não tinha a intenção de ir, não dissera às suas pernas que andassem mas elas moviam-se na mesma. Ele era a arma da Dr.^a Zero e era tudo o que sempre fora.

— DETENHAM-ME! — conseguiu ele gritar ao aproximar-se da Caçadora Fang. Dois dos Caçadores de guerra tentaram barrar-lhe o caminho mas, com dois golpes, desarmou-os, arrancando-lhes as cabeças e deixando-lhes os corpos cegos e estúpidos a tropeçar e a largar faíscas e fluidos. Mas, pelo menos, tinha avisado Fang do que estava a acontecer. Ela voltou-se e ergueu-se para ir ao seu encontro. *O Livro de Estanho* brilhava nas suas longas mãos.

— O que está a fazer, Mr. Shrike?

Shrike não podia explicar. Era um prisioneiro dentro do seu próprio corpo, sem qualquer poder para controlar os seus movimentos repentinos e deliberados. Os seus braços ergueram-se e as suas mãos flectiram-se. Das pontas dos seus dedos saíram lâminas brilhantes, mais compridas e pesadas que as suas antigas garras. Como um passageiro num tanque desarvorado, deu por si a investir contra a outra Caçadora.

A Caçadora Fang libertou as suas próprias garras e foi ao encontro dele. Chocaram um contra o outro, com as armaduras a ranger e faíscas a saltar. Detrás da máscara mortuária de bronze da Caçadora Fang veio um sibilo furioso. O *Livro de Estanho* caiu, rebentando com um ruído seco as capas enferrujadas, e as páginas de metal espalharam-se pelo chão. *Foi por isso que não me apercebi do perigo*, pensou Shrike, ao lembrar-se dos dedos hábeis de Oenone Zero, trabalhando no seu cérebro durante todos aqueles turnos de noite na Oficina de Caçadores. Porque é que nunca adivinhara o que ela lhe estava a fazer? Tinha procurado a arma assassina por todo o lado, mas nunca suspeitara que fosse ele próprio. E, durante todo aquele tempo a vontade de matar a sua nova chefe estivera adormecida na sua mente, à espera que Oenone Zero proferisse as palavras que a despertariam...

Shrike conseguia ouvi-la atrás de si, atravessando a custo os destroços do salão de festas e gritando, como que a encorajá-lo: «*O momento da rosa e o momento do teixo...*»

Libertando-se, ele enfiou as lâminas da mão direita no peito de Fang, por entre uma chuva de faíscas e lubrificantes. As novas garras eram boas. Mais fortes que pele de Caçador. Fang voltou a sibilar com as vestes em farrapos, a armadura aberta por um rasgão e a escorrer espessas volutas daquilo que lhe servia de sangue. Oenone estava atrás dela, a gritar:

— Não lhe podes fazer mal! Construí-o para te matar e dei-lhe as armas para o fazer! Armadura reforçada! Garras de liga de tungsténio! Força que podes apenas sonhar!

Irritada, a Caçadora Fang virou-se rapidamente e apanhou a Dr.^a Zero com uma pancada que a fez voar pela pista de dança. Shrike lançou-se em corrida e atingiu a Caçadora com violência. O impacto afastou-a da mulher caída e lançou-a para a luz do luar lá fora no convés solar. Mais Caçadores de batalha se lançaram sobre ele mas ele varreu-lhes as pernas a pontapé e enterrou-lhes as garras nas ligações dos pescoços. Estes pareciam ser o ponto fraco dos Caçadores de Popjoy. As cabeças cortadas rolavam pelo chão como caçarolas de metal caídas, com os olhos verdes a tornarem-se escuros. Com socos violentos, Shrike retirou do caminho os corpos titubeantes. Um deles ficou preso nos farrapos de uma cortina, que pendia do lado de dentro das janelas despedaçadas, e as faíscas que saltaram do seu pescoço pegaram fogo ao tecido. As chamas subiram pela cortina e rapidamente se espalharam pelo tecto do salão de baile. A sua luz iluminou a armadura de Fang que tentava fugir pelo convés solar a arrastar uma perna, um dos braços preso apenas por um novelo de fios, amolgada e a verter líquido como um insecto meio esmagado.

Shrike queria desistir daquela luta. Queria voltar ao salão de festas em chamas e ajudar a Dr.^a Zero, mas o seu corpo rebelde tinha outras ideias. Encaminhou-se para a Caçadora Fang e, quando ela se lançou sobre ele, estava preparado para a receber. Agarrou-a pela cabeça, espetou as lâminas dos polegares nos olhos dela, apagando-lhes a luz verde esmoreceu e sentiu as suas garras a arranharem a máquina que ela tinha no cérebro.

Ela sibilou, guinchou e pontapeou-o, arrancando-lhe a armadura do torso, pois também tinha lâminas nos dedos dos pés. Ele não previra isso e lançou-a com força contra a balaustrada no limiar do convés. A cantaria rachou-se, fragmentos do pilar e da arquitrave explodiram em tons prateados ao luar, com Fang a cair no meio de tudo aquilo. Shrike, com todos os nervos a vibrar com alegria feroz de um Caçador lançou-se em combate, atrás dela.

E Wren? E Theo? Abandonados pelos seus captores, permaneceram a olhar um para o outro no terraço em forma de meia-lua, sem quererem acreditar que tinham sido esquecidos e demasiado

assustados pelos terríveis ruídos que lhes chegavam de cima, para se arriscarem a fugir. Agora, fragmentos da balaustrada haviam começado a cair à volta deles e a Caçadora Fang e o seu atacante caíram como cometas eriçados de bicos, vindos do convés superior. Wren observava tudo de olhos esbugalhados, abraçada a Theo. O confronto entre Caçadores era algo que ninguém via há séculos. Pelo menos desde que os Impérios Nómadas do Norte tinham enviado os seus exércitos de mortos-vivos uns contra os outros, nos anos perdidos antes do dealbar da Tracção, quando os homens eram homens e as metrópoles permaneciam onde as punham.

— Mas eu pensei que ele estivesse do lado *dela* — queixou-se Wren.

— Chiuuu! — sibilou Theo rapidamente, receoso de que as palavras dela revelassem a sua presença aos Caçadores.

Mas os Caçadores tinham outras coisas em que pensar. Fang atirou Shrike para trás com um pontapé mas faltaram-lhe as forças para prosseguir o ataque e, em vez disso, tentou encontrar um caminho de fuga, ao mesmo tempo que gritava por ajuda no fio de voz que lhe restara. Agarrou-se ao corrimão no limiar do terraço e, quando Shrike recuperou, atacando-a traiçoeiramente pelas costas, passou para o outro lado e atirou-se para os jardins.

Shrike saltou atrás dela. Apercebeu-se de gritos dos mortais assustados que vinham de detrás dele e, voltando a cabeça, viu Naga e os seus homens a correr para a varanda partida e a olhar para baixo. Shrike continuou a perseguição, seguindo o rasto de óleo e fluídos que a Caçadora ferida tinha deixado. A princípio parecia dirigir-se para o *Requiem Vortex*, mas estava cega, talvez também os outros sentidos estivessem danificados. Shrike seguiu o odor nauseabundo daquela máquina através de arbustos cerrados, dos corredores verdejantes do labirinto ornamental, pela íngreme colina do parque abaixo. Já junto aos corrimões da borda ela voltou-se, sem ter para onde fugir. O braço que se arrastava pendia inútil, e ela mal tinha força para levantar o outro. As suas garras deslizavam e chiavam como tesouras partidas.

Cheio de pena, Shrike balbuciou:

— LAMENTO.

— Aquela Zero! — sibilou a Caçadora Fang. — É uma traidora e tu és a sua criatura. Eu devia ter sido mais cautelosa quanto a confiar numa mortal...

Com um golpe brutal, Shrike arrancou-lhe a máscara de bronze do rosto. A cabeça dela pendeu para trás, mal segura pelas juntas danificadas do pescoço e o luar caía sobre o rosto da aviadora morta. Um rosto cinzento e magro, lábios negros afastados dos dentes negros como azeitonas verdes esmagadas, lâmpadas no lugar onde deviam estar os seus olhos. Ergueu a mão de metal estropiada para se esconder e aquele gesto familiar sobressaltou Shrike. Onde vira ele aquilo antes?

Ela afastou-se subitamente dele, desajeitada, destruída, com os olhos cegos erguidos para as estrelas.

— Estás a vê-la? — perguntou. — A mais brilhante para leste? É ODIN, a última das grandes armas orbitais que os Antigos colocaram no céu. Tem estado ali à espera, adormecida, desde a

Guerra dos Sessenta Minutos. É poderosa. Poderosa o suficiente para destruir metrópoles incontáveis. E o *Livro de Estanho* de *Anchorage* guarda o código que a despertará. Ajude-me Mr. Shrike. Ajude-me a acordar ODIN e a tornar o mundo novamente verde.

Shrike cortou-lhe o pescoço com três golpes ferozes e o longo grito de Fang foi morrendo, à medida que a cabeça se soltava.

Lançou o corpo dela pela borda fora, depois agarrou na cabeça e na máscara caída e fez o mesmo. A máscara brilhou ao luar enquanto caía e a raiva de Shrike, a sua nova força, pareceram abandoná-lo. Várias interferências soltas crepitaram pela sua mente, enquanto os instintos secretos que Oenone Zero ali instalara se iam desligando. As recordações surgiam-lhe em revoada, como morcegos. Ergueu as mãos para as tentar afastar, mas insistiam em aparecer. Não eram as recordações calmas e tristes que haviam enchido a sua memória enquanto jazia quase morto na Ilha Negra, mas as recordações de todas as coisas terríveis que tinha feito, desde que se transformara num Caçador. As batalhas e os

assassínios, os mortais foragidos chacinados por um prémio, o jovem pedinte que em tempos quebrara em dois em Airhaven pelo simples prazer de matar. Como é que tinha feito tais coisas? Porque não sentira a culpa e a vergonha que agora se estavam a apoderar dele?

E, de repente, um rosto marcado por uma cicatriz surgiu na sua memória, como alguém a emergir das águas profundas, tão claramente que quase que lhe conseguia dar um nome.

— H...HES...

— Lá está ele! — gritaram vozes próximas. Eram uns soldados mortais que surgiam do meio dos arbustos. — Pára! Pára, Caçador, em nome da Green Storm! — Liderados por Naga na sua chocalhante armadura de guerra, os mortais aproximaram-se cautelosamente, apontando-lhe grandes canhões de mão e metralhadoras da vapor.

— Onde é que ela está? — perguntou Naga. — O que é que fizeste à Caçadora Fang?

— ESTÁ MORTA! — respondeu Shrike. Mal conseguia ver os soldados. O rosto marcado por uma cicatriz preenchia-lhe a sua mente. — A CAÇADORA FANG ESTÁ MORTA. MORTA DUAS VEZES.

EU DESTRUÍ-A.

Naga disse mais qualquer coisa, mas Shrike não o ouviu. Sentia que se estava a desfazer, a dissolver-se em ferrugem, e tudo que o mantinha inteiro era a memória daquele rosto. Ela era a criança que ele salvara, a única coisa boa que havia feito.

— HES...HEST...

Ignorando os soldados, começou a correr. Os Caçadores atacaram-no, mas ele lançou-os para os lados. As balas atingiam-lhe a armadura, mas ele mal notava. Avisos de danificação brilharam dentro dos seus olhos, mas nem os via.

— HESTER! — uivou, e os jardins engoliram-no.

Capítulo 32

O Voo D'O Polo Do Ártico

Na Alameda Oceânica, sob uma cortina de fumo, serpentinas e chapéus de papel estavam espalhados pelos passeios, os resquícios de uma festa de rua que havia terminado abruptamente, quando o ataque aéreo começara.

Tom, Hester e Fishcake caminhavam cautelosos pelas sombras, tentando evitar os bandos de saqueadores e escravos revoltosos que vagabundeavam pelas arcadas destruídas. Grupos de chamuscas dançavam no palco do teatro ao ar livre e, de vez em quando, as placas do convés abanavam quando um dos tanques de gás explodia na doca aérea, lançando destroços pelos telhados e transformando a Piscina Oceânica em milhares de ondas brancas. Os elaborados e esfarrapados trajes dos participantes mortos do Carnaval agitavam-se suavemente no ar da noite como se fossem as penas de pássaros chacinados.

— Continua o motim nos conveses inferiores — comentou Tom, escutando as vozes que ecoavam pelas escadas acima. — Como é que vamos voltar para o *Screw Worm*?

Hester riu-se. Continuava a sentir-se feliz e orgulhosa pela forma como tinha conseguido libertar Tom da prisão de Shkin, e nem sequer a insistência dele em trazer Fishcake consigo a deixara irritada por muito tempo.

— Esqueci-me! — exclamou ela. — Acreditas? Com toda esta excitação, esqueci-me completamente. Tom, já não precisamos do *Screw Worm*. Afinal, não podemos voar numa «lapa» até à *Cloud 9*, pois não?

— Um dirigível, queres tu dizer? — perguntou Tom com ar duvidoso. — Como é que podemos esperar arranjar um? Eles têm

estado a zarpar da doca aérea desde que a batalha começou e, ao que parece, completamente lotados.

Hester parou de andar, voltou-se e sorriu triunfante para Tom, enquanto Fishcake se escondia por trás dele.

— O *Jenny Haniver* está aqui — anunciou ela. — Naquele estúpido daquele museu do Pennyroyal. Está à nossa espera, Tom. Vamos roubá-lo. Nós costumávamos ser bons nisso.

Explicou tudo rapidamente e depois dirigiram-se apressados para o Old Steine. Através do fumo, ouviam-se gritos e o barulho de vidros a partirem-se, e por vezes alguns disparos. Os corpos de oficiais inferiores do conselho e de promissores artistas de espectáculo pendiam dos candeeiros de rua. Hester caminhava com a arma em punho e Fishcake observava-a e lembrava-se da promessa que fizera de a matar. Gostaria de ter coragem para isso, mas ela assustava-o demasiado. E depois havia qualquer coisa na forma como ela olhava para Tom, uma ternura que o desconcertava e o fez pensar que se calhar ela não era assim tão má e até podia ser bom viver com os Natsworthy. Pegou timidamente na mão de Tom.

— O que disse foi a sério? — perguntou. — Acerca de eu ir viver convosco? Vão mesmo levar-me para Vineland?

Tom acenou que sim com a cabeça e tentou sorrir de forma encorajadora.

— Mas primeiro temos de fazer uma paragem na *Cloud 9*...

Porém, quando chegaram a Old Steine, ele viu os cabos cortados e caídos à volta do posto do ascensor. *Cloud 9* tinha desaparecido.

— Por Quirke! — gritou. — Onde é que ela está?

Nunca lhe passara pela cabeça que não pudesse lá estar, danificada como o resto de Brighton mas ainda no ar, presa às amarras, e com Wren algures a bordo à espera de ser salva. Via agora como fora idiota. Aquele palácio voador com a sua nuvem de balões, devia ter sido um alvo fácil para os contratorpedeiros aéreos da Storm.

— Wren... — murmurou. Nem conseguia acreditar que os deuses a tivessem trazido para tão perto dele só para depois lhe tirarem novamente.

Hester agarrou-lhe na mão e apertou-a com força.

— Vá lá, Tom — animou-o. — Se conseguirmos sair desta po-cilga, ainda podemos descobrir esse lugar idiota caído no mar ou à deriva. Lembra-te que é Pennyroyal que o dirige. Não há-de ter dado grande luta.

Apontou para a mancha da frontaria branca da *Experiência de Nimrod Pennyroyal*. A parede frontal tinha algumas frestas profundas e inclinava-se sobre o passeio. As portas também haviam sido arrancadas dos gonzos e, enquanto Hester levava Fishcake e Tom lá para dentro, sentiu um súbito receio de que talvez já fosse demasiado tarde, que algum outro refugiado tivesse ido ali antes dela e levado o *Jenny* embora. Mas, quando subiu as escadas, foi dar com o velho dirigível no mesmo sítio onde o tinha deixado. O tecto de vidro estava todo partido e os cacos espalhados pelo chão e pelo balão do *Jenny* mas, para além disso, parecia completamente intacto. De facto, até tinha sido ligeiramente limpo desde a última vez que Hester o vira e um grande número 7 tinha sido colado no seu flanco, deixando-o pronto para a regata. Inclusive, tinha um par de pequenos foguetões nas respectivas cremalheiras.

Atrás dela, Tom tinha chegado ao cimo das escadas e parado.

— Het — exclamou. — Oh, Het... — E as lágrimas escorreram-lhe pelo rosto e riu-se de si próprio enquanto as limpava. — É o nosso dirigível!

— Mas que monte de sucata! — exclamou Fishcake, vestindo um casaco que tirara de uma das figuras de cera do andar de baixo.

— Fishcake, vê se consegues acender as luzes — sugeriu Tom. Depois subiu para a barquinha. O velho dirigível cheirava a museu. Passou por baixo de fios pendurados e passou as mãos pelo painel de controlo, reconhecendo os familiares conjuntos de instrumentos. As luzes acenderam-se na sala lá fora iluminando o *Jenny* por dentro através das suas janelas recém-lavadas.

— Lembras-te como é que funciona? — perguntou Hester por trás dele. Falava no tom sussurrado que se usaria num templo.

— Oh, sim — sussurrou Tom em resposta. — É coisa que nunca se esquece... — Estendeu reverentemente a mão e puxou uma

alavanca. Um transportador insuflável caiu de um compartimento no tecto e deitou Tom ao chão. Ele enfiou-o debaixo da mesa dos mapas e tentou outra alavanca. Desta vez o *Jenny* estremeceu e deslocou-se e o museu encheu-se com o ruído crescente dos motores gémeos *Jeunet-Carot*.

Do lado de fora, Fishcake, com as mãos a tapar os ouvidos, tossia com o fumo do escape e gritava:

— Como é que o vai tirar daqui?

— O tecto abre-se — gritou Hester em resposta, apontando para cima.

Fishcake abanou a cabeça.

— Não me parece...

Tom desligou os motores. Debruçando-se para fora das escotilhas do *Jenny*, olhou para o tecto. Com as luzes acesas, era agora fácil perceber por que é que ninguém se tinha dado ao trabalho de ir ali roubar o dirigível. Um cabo enorme, dos que antes ligavam Brighton à *Cloud 9*, tinha caído sobre a *Experiência de Nimrod Pennyroyal*, partindo os vidros acima do *Jenny Haniver* e travando os delicados apoios e traves do telhado.

— Por Quirke todo-poderoso! — exclamou Tom. Estava a começar a achar que o seu deus brincava com ele. Caso sobrevivesse a tudo aquilo, ia considerar seriamente arranjar uma nova divindade.

Voltou a correr para o convés de voo e para junto de Hester.

— O telhado está destruído. Nunca vamos conseguir tirá-lo daqui!

— Vem aí alguém! — avisou Fishcake, espreitando por uma das janelas do museu. — Um grande grupo. Meninos Perdidos, aposto, que vêm ver que barulheira é esta!

Hester espreitou por uma das janelas do nariz do *Jenny* para o telhado.

— Achas que conseguíamos afastar aqueles detritos?

Tom abanou a cabeça.

— Aquele cabo é mais grosso que nós os dois juntos. Estamos presos aqui dentro!

— Não te preocupes — sossegou-o ela. — Havemos de inventar alguma maneira. — Fechou o seu único olho, concentrando-se, enquanto Fishcake, lá fora, corria de janela em janela e gritava qualquer coisa acerca dos Meninos Perdidos. Depois, levantou os olhos para Tom e sorriu.

— Lembrei-me de uma coisa — disse ela.

Começou a ligar interruptores nas compridas e empoeiradas mesas de controlo. O *Jenny Haniver* estremeceu, atirando Tom para trás. No meio de toda aquela confusão de motores a ser ligados e ganchos de atracação a ser soltos, nem se percebeu a princípio do que Hester havia feito. Depois, quando a onda de choque de duas explosões simultâneas abaulou as janelas e o *Jenny* começou a ganhar altura, lançando-se em frente, percebeu que ela tinha disparado os foguetões contra a parede da frente já danificada, derrubando-a para a rua e deixando um buraco suficientemente largo para que o pequeno dirigível saísse em direcção ao céu.

— Esqueceste-te do Fishcake! — bradou Tom, acima do barulho ensurdecedor de uma cobertura de motor a raspar a parede do museu.

— Não me digas! — gritou ela em resposta.

— Volta para trás!

— Não precisamos dele, Tom. Desnecessário Em Viagem.

Tom voltou atrás para a escotilha aberta e, debruçando-se, pôs-se a chamar pelo rapaz. Fishcake corria com as mãos estendidas para a barquinha que ia subindo, o rosto branco e horrorizado sob uma máscara circense de pó de estuque. Com o rugido dos motores e o silvo surdo da explosão ainda a ecoar nos seus ouvidos, Tom não conseguia ouvir o que ele dizia, mas também não precisava.

— Voltem! — gritava Fishcake, enquanto o *Jenny Haniver* subia através do fumo e da poeira e pairava ao longo de uma Old Steine cheia de rostos de Meninos Perdidos e saqueadores espantados e voltados para cima em direcção ao céu onde pertencia. — Não me deixe, Mr. Natsworthy! Por favor! Volte! Volte!

O *Jenny Haniver* continuou a voar, balançando de forma instável com Tom e Hester a lutar pelos comandos.

— Por Quirke! — gritou Tom. — Temos de voltar! Não o podemos lá deixar!

Hester arrancou-lhe as mãos das alavancas de direcção e atirou-o para um lado.

— Esquece-o Tom! — gritou ela. — Não podemos confiar nele. E disse que o *Jenny* era um monte de sucata! Muita sorte teve ele por não lhe ter espetado uma facada!

— Mas é apenas uma criança! Não o podes deixar lá! O que é que lhe irá acontecer?

— E depois? É um Menino Perdido! Já te esqueceste do que ele fez à Wren?

O *Jenny* emergiu de repente no ar límpido e à luz do luar. O fumo jazia como um campo de neve suja a cerca de cento e cinquenta metros abaixo da barquinha, com as obras mortas, salpicadas de fogos, de Kom Ombo e Benghazi furando-o aqui e além, a algumas milhas para bombordo. Dirigíveis besouravam por dia, mas nenhum mostrou interesse no *Jenny Haniver*,

Hester esquadrinhou o céu à sua frente e, mais ao longe para sul, viu os esfarrapados balões da *Cloud 9*. Apontou o nariz do *Jenny* rumo a ela, bloqueou os comandos e ajoelhou-se ao lado de Tom, que a olhou com uma expressão estranha. Hester apercebeu-se subitamente de que ele a receava, o que a fez rir-se. Tomou-lhe o rosto entre as mãos e beijou-o, lambendo as lágrimas salgadas que se lhe tinham acumulado nos cantos da boca, mas Tom desviou o rosto. Então, também ela começou a sentir um certo receio. Teria ido longe de mais desta vez?

— Desculpa — disse-lhe, apesar de não se sentir em nada culpada. — Ouve, Tom, desculpa, cometi um erro. Entrei em pânico. Se quiseres, voltamos atrás.

Tom afastou-se e pôs-se de pé. Continuava a lembrar-se do estranho sorriso que lhe passara pelo rosto quando o tinha tirado do

Pimenteiro.

— Tu gostas — disse ele. — Não gostas? Como quando mataste toda aquela gente na empresa de Shkin. Estavas a *gostar* de fazer aquilo...

Hester respondeu:

— Eles eram escravos, Tom. Eram vilões. Foram eles que venderam a Wren. Eles *venderam* a nossa menina. O mundo fica muito melhor sem eles.

— Mas...

Ela abanou a cabeça e soltou um grito de frustração. Porque é que ele não entendia?

— Ouve — continuou. — Nós somos pessoas normais, não somos? Sempre fomos. Pessoas normais a tentar viver a sua vida, mas sempre à mercê de homens como o Tio, Shkin, Masgard, Pennyroyal e... Valentine. Portanto, é verdade. Sabe bem sentir-me tão forte como eles. Sabe bem ripostar e equilibrar um bocado as coisas.

Tom nem respondeu. À luz do painel de instrumentos, apercebeu-se de uma nova equimose a formar-se-lhe na cabeça, de quando embatera na mesa dos mapas.

— Pobre Tom — disse ela, inclinando-se para a beijar, mas ele afastou-se e pôs-se a olhar para os indicadores de combustível.

— Os tanques só estão meio cheios — comentou Tom. — Tu sabias disso quando levantámos voo. Se voltarmos atrás, podemos não conseguir chegar à Wren. De qualquer forma, por esta altura, aqueles escravos *já* devem ter apanhado o pobre do Fishcake.

Hester encolheu os ombros desajeitadamente e desejou que ele a deixasse abraçá-lo. Aquela obsessão pelo Menino Perdido irritava-a. Porque havia o Tom de andar sempre tão preocupado com os outros? Mas controlou-se.

— O Fishcake é muito capaz de tomar conta de si próprio

— prometeu ela.

Tom olhou-a esperançado, querendo acreditar nela.

— Achas? Ele é tão novo...

— Deve ter uns doze se não estou errada. Eu vivi sozinha no Terreno Exterior quando tinha mais ou menos a idade dele e saí-me bem. E não tinha o treino do Furtário como ele. — Tocou no rosto de Tom. — Vamos encontrar a Wren — prometeu.

— Depois arranjamos combustível e voltamos a Brighton para levar o Fishcake quando tudo estiver mais calmo.

Pôs os braços à volta dele e, desta vez, ele não a afastou, se bem que também não a abraçasse propriamente. Ela beijou-o e passou-lhe os dedos pelo cabelo ralo. Odiava discutir com ele. E odiava Fishcake por os estar a fazer discutir daquela maneira. Só esperava que os outros Meninos Perdidos já estivessem a usar a cabeça piolhenta do rapaz como bola de futebol.

Capítulo 33

Partidas

Theo e Wren não tinham ficado à espera que a Storm os voltasse a capturar. Já iam a fugir pelos jardins quando ouviram o grito de agonia da Caçadora Fang a ecoar por entre as árvores.

— O que foi aquilo? — perguntou Wren parando, chocada com aquele som terrível e solitário.

— Não sei — respondeu Theo. — Algo mau, julgo eu.

Esconderam-se nuns arbustos, quando outro esquadrão da Green Storm passou por eles a correr. Os capacetes dos soldados cintilavam com uma luz laranja. Wren espreitou para trás de si e viu que o *Pavilhão* estava a começar a arder.

— Theo! Está a arder!

— Eu sei — respondeu ele. Estava tão perto que ela conseguia distinguir, à luz das chamas, a pele de galinha no seu peito nu e que ele tremia ligeiramente naquela brisa gelada. Subitamente, ele envolveu-a nos seus braços. — Devias deixar a Storm apanhar-te, Wren. A *Cloud 9* vai cair. Talvez fiques mais segura como prisioneira. Eu não posso deixar que me apanham, mas contigo é diferente. Parecem simpáticos, o Naga e a tal Zero. Devias voltar.

— E tu? — perguntou ela. — Não te posso deixar aqui.

— Fico bem — respondeu ele e depois repetiu-o, tentando parecer mais seguro do que estava a dizer. — Eu fico bem. Isto aqui está a afundar-se lentamente. Vai acabar por cair no deserto e eu depois tentarei seguir para sul, onde existe um agrupamento estático nas Montanhas Tibesti, a sul do mar de areia. Talvez lá consiga chegar a pé.

— Não — cortou Wren. Afastou-se dele porque quando o rapaz a abraçava o seu cérebro parava de funcionar por momentos e dava por si a querer concordar com tudo o que ele dizia. Mas lá no fundo, sabia que ele só estava a dizer disparates. Ainda que sobrevivesse à queda da *Cloud 9*, atravessar o deserto a pé seria um suicídio. —

Eu fico contigo — decidiu. — Vamos arranjar forma de sair daqui e está decidido. Anda. Vamos voltar ao aeródromo. Talvez ainda lá exista alguma máquina voadora que se possa usar...

Começou a andar pelo meio dos jardins fumarentos, sentindo-se inexplicavelmente esperançosa e satisfeita consigo mesma, mas, quando chegaram ao aeródromo, viu que este tinha sido destruído ainda mais totalmente do que esperara. Os hangares e alojamentos pré-fabricados dos *Furões* tinham sido desventrados e espalhados em pedaços por todos os lados, e quanto às máquinas apanhadas em terra firme, delas apenas restavam destroços queimados. Mas, no meio das ruínas da casa de Verão onde, na noite anterior, falara com Orla Twombley, encontrou um par de casacos de cabedal forrados e pendurados desajeitadamente num cabide que permanecia direito e impecável no meio dos destroços. Aquilo pareceu-lhe uma espécie de consolação. Atirou um a Theo que o vestiu com satisfação, pendurando as suas asas prateadas, como um anjo banido do céu.

Wren tentou pensar num novo plano enquanto vestia o seu casaco.

— Ora bem — começou ela —, talvez *acabemos* no deserto. Vamos precisar de água e de comida. Uma bússola também dava jeito...

Theo não a estava a ouvir. Um restolhar por trás das ruínas tinham-lhe chamado a atenção. Fez sinal a Wren para se calar.

— Pelos deuses! — sussurrou ela. — Outra vez a Storm?

Mas era apenas Nimrod Pennyroyal. O primeiro tiro de Shkin tinha atingido o *Livro de Estanho* que estava no bolso das suas vestes, partindo-lhe várias costelas e o segundo tinha roçado uma das têmporas de Pennyroyal, fazendo-o desmaiar e cobrindo um dos lados do seu rosto de sangue. Mas ele tinha entretanto recobrado os sentidos e tinha-se arrastado até ao aeródromo com a mesma ideia que Wren e Theo de arranjar forma de sair da *Cloud 9*. Olhou para ambos com um ar de súplica e sussurrou:

— Ajudem-me!

— Deixa-o — alvitrou Theo, ao ver que Wren se encaminhava para ele.

— Não posso — respondeu ela. Gostaria de poder. Depois de tudo o que Pennyroyal fizera, não merecia que o ajudasse. Mas não o ajudar faria dela uma pessoa tão má como ele. Ajoelhou-se ao seu lado e rasgou uma tira da parte de baixo da túnica para lhe ligar a cabeça.

— Linda menina — gemeu Pennyroyal, enquanto ela o tratava.

— Acho que também parti a perna quando caí... Aquele demónio do Shkin! Que bruto! Ele alvejou-me! Alvejou-me e fugiu!

— Bem, agora já sabe como é que o pobre do Tom Natsworthy se sentiu — ripostou Wren. O sangue ensopou a ligadura improvisada mal a colocou. Desejou ter prestado mais atenção às aulas de primeiros socorros Mrs. Scabious, em Vineland.

— Isso foi completamente diferente — defendeu-se Pennyroyal.

— Foi... Grande Poskitt! Como é que sabes do Tom Natsworthy?

— Porque sou filha dele — respondeu Wren. — O que Shkin lhe contou a meu respeito é verdade. Tom é meu pai e Hester é minha mãe.

Pennyroyal fez uns sons gorgolejantes e os olhos esbugalharam-se-lhe de medo e dor. Viu Wren rasgar mais uma tira de tecido das suas roupas como se estivesse à espera que ela o fosse estrangular.

— Mas não haverá ninguém neste convés em chamas que seja quem diz ser? — perguntou debilmente e ficou-se, pesado e inerte, nos braços de Wren.

— Morreu? — perguntou Theo por detrás dela.

Wren abanou a cabeça.

— Acho que a ferida é só na carne. Desmaiou. Temos de o ajudar, Theo. Ele salvou-nos da Cynthia.

— Sim, mas só porque queria deitar outra vez as unhas ao *Livro de Estanho* — replicou Theo. — Deixa-o ficar. Talvez a Storm o encontre e o leve quando se for embora...

Mas por trás dele, com um rugido de aeromotores, os *Hawkmoths* e os *Fox Spirits* começavam a erguer-se por detrás das árvores, lançando longas sombras sobre o fumo, à medida que iam deixando a *Cloud 9*.

A Storm já estava a ir-se embora.

Oenone Zero fora arrancada aos seus sonhos pelo cheiro das cortinas a arder. Sentia uma dor na cabeça e, quando tentou respirar, o fumo espesso entrou-lhe pela garganta e fê-la tossir e engasgar-se, acabando por rolar e ficar de costas.

Sobre ela, as chamas varriam o tecto ornamentado do salão de baile em vagas sucessivas, semelhante a um líquido brilhante. Levantou-se e procurou os óculos, mas estes estavam esmagados e as chamas erguiam-se à sua volta. Por entre elas, viu as páginas dispersas do *Livro de Estanho* começarem a enegrecer.

Mergulhou, através duma cortina ondulante de fogo, para o terraço. Não passava de uma mancha de fumo, chamas e pessoas a correr e, ao cambalear por entre tudo aquilo em busca das escadas, o General Naga barrou-lhe o caminho. Ela afastou-se, tropeçou num Caçador caído e ficou sentada, sem forças, em frente do homem blindado.

— Dr.^a Zero? — perguntou ele. — Este... este ataque... Foi obra sua?

Oenone percebeu que ele a ia matar. Ela estava tão aterrada que da sua boca apenas saíam pequenos sons. Cerrou os olhos com força e rezou ao deus da capela em ruínas de Tienjing porque, embora nunca tivesse disposto de muito tempo para os deuses, achou que Ele deveria saber o que significava estar assustada, e sofrer, e morrer. Então, o medo abandonou-a, abriu os olhos e, para lá do fumo, a lua brilhava, plena e branca, e achou que era a coisa mais bela que alguma vez tinha visto.

Sorriu para o General Naga e respondeu:

— Sim. Fui eu. Instalei instruções secretas no cérebro do Caçador Shrike. Obriguei-o a destruí-la. Tinha de ser feito.

Naga ajoelhou-se e as suas enormes mãos de metal seguraram-lhe a cabeça. Inclinou-se para a frente e deu-lhe um beijo desajeitado entre as sobrancelhas.

— Magnífico! — exclamou, ajudando-a a levantar-se. — Magnífico! Preparar um Caçador para matar outro Caçador, hã?

Afastou-a do fogo, levando-a por entre grupos de soldados e aviadores atónitos, iluminados pelo fogo, através do relvado, em direcção ao *Requiem Vortex*. Tirou o manto a alguém e envolveu os ombros trémulos de Oenone.

— Nem imagina quanto tempo esperei por este dia! — exclamou ele. — Oh, ela foi uma boa líder naqueles primeiros anos, mas a guerra arrastou-se e insistia em desperdiçar homens e dirigíveis como se não passassem de fichas num jogo. O tempo que passei a imaginar uma forma... E a Dr.^a conseguiu! Livrou-nos dela! A propósito, o seu amigo Mr. Shrike fugiu não sei para onde. Ele é perigoso?

Oenone abanou a cabeça, tentando imaginar o que Shrike devia estar a passar.

— É difícil dizer. Eu suprimi algumas das suas memórias para dar espaço ao meu programa secreto. Agora que cumpriu os seus deveres, essas memórias deverão voltar à superfície. Vai ficar confuso... Talvez até louco... Pobre Mr. Shrike.

— Ele não passa de uma máquina, Dr.^a.

— Não, é mais do que isso. Tens de dizer aos seus homens que o procurem.

Com um aceno Naga afastou dois sentinelas e subiu a prancha de embarque do *Requiem Vortex*. Dentro da barquinha, conduziu Oenone a uma cadeira. Ela sentia-se terrivelmente cansada. O seu próprio rosto devolveu-lhe o olhar, espelhado na couraça brunida do general, manchado de sangue e de cinzas parecendo nu sem os óculos. Naga deu-lhe uma palmadita no ombro e resmoneou bruscamente:

— Pronto, rapariga, pronto — como se estivesse a acalmar algum animal assustado. Tinha o toque de um soldado, desastrado e pouco habituado à gentileza. — É uma jovem muito valente.

— Não sou nada. Tinha medo. Tanto medo...

— Mas a valentia é exactamente isso, minha querida. O domínio do medo. Se não se tiver medo, não vale. — E tirou um frasco de bolso de um compartimento da armadura. — Vá, beba um pouco de *brandy*. Vai ajudar a acalmá-la. É claro que não vamos deixar que ninguém fique a saber que isto foi obra sua. Oficialmente, teremos pelo menos de chorar a morte da Caçadora Fang. Culparemos a gente das metrópoles. Servirá para dar um ânimo aos nossos guerreiros como se nada o conseguiu desde o início da guerra! Lançaremos ataques em todas as frentes e vingaremos a morte da nossa líder...

Oenone cuspiu ao sentir o sabor violento do *brandy* e afastou o frasco.

— Não! — contestou. — A guerra tem de terminar...

Naga sorriu sem entender.

— A Storm pode continuar a ganhar batalhas sem aquela bruxa de metal a dar-nos ordens! Não se preocupe, Dr.^a Zero. Ficaremos melhor sem ela. Imobilizaremos aquelas metrópoles bárbaras à força de bombas! E, quando eu assumir o meu lugar de líder, a Dr.^a será recompensada... palácios, dinheiro, o emprego que desejar...

Aturdida, Oenone sacudiu a cabeça. E, ao ver aquele homem blindado, a caminhar pela estreita barquinha danificada pelo combate, compreendeu que subestimara a Green Storm. A guerra é que os fizera e eles assegurar-se-iam de que ela não terminasse nunca.

— Não — retomou ela —, não foi para isso que eu...

Mas o General Naga tinha-a esquecido de momento e dava já ordens aos seus subalternos.

— Difundam uma mensagem em todas as frequências. A Caçadora Fang morreu em combate. É necessário apelar à calma e estabilidade neste momento trágico, etc., etc. De modo a continuarmos a nossa luta contra o barbarismo Traccionista, assumo o comando supremo. E preparem o *Requiem Vortex* para partir. Quero regressar a Tienjing antes que algum dos nossos camaradas tente tomar o poder.

— E os prisioneiros, General?

Naga hesitou, olhou para a Dr.^a Zero e respondeu.

— Não começarei o meu reino com um massacre. Tragam-nos para bordo. Mas, por favor, digam a essa Pennyroyal que pare de cantar.

O Caçador Shrike observava, oculto no meio dos arbustos, enquanto os grupos de embarque da Storm se precipitavam para bordo do *Requiem Vortex*. Alguém com um altifalante gritava:

— Mr. Shrike! Mr. Shrike! Venha para bordo! Vamos partir!

Shrike sabia que a Dr.^a Zero devia ter dado ordens para o procurarem e sentiu-se grato à Cirurgiã-Mecânica, mas não mostrou. Tinha de permanecer na *Cloud 9*. A rapariga que viera à porta do salão de baile não estava entre os prisioneiros que tinham sido levados para dentro do contratorpedeiro aéreo. Se ela ia ficar, Shrike também ficaria. Aquela rapariga estava de alguma forma, que ele não conseguia ainda entender, ligada a Hester. Talvez, se ficasse junto dela, voltasse a encontrar Hester.

Capítulo 34

Achado Não É Roubado

Fishcake estava estendido nas dunas por trás da praia. Entorpecido do frio e da traição, viu Brighton arrancar os seus motores maltratados e pedalar desequilibradamente, afastando-se, com as vozes dos vitoriosos Meninos Perdidos que derivando roucamente sobre as águas, juntamente com o fumo.

Mal conseguira escapar com vida. Assim que os Meninos Perdidos tinham invadido o museu, fugira, como a presa ao caçador, por uma entrada de serviço e pelas ruas em chamas, soluçando convulsivamente. — Mr. Natsworthy, volte, volte... — Até que, por fim, chegou à popa da metrópole e saltou às cegas de uma plataforma de observação, em busca de segurança no mar.

Nadar até à costa deixara-o exausto e quase se tinha afogado na rebentação. Agora, por muito cansado e gelado que estivesse, chegara a hora de recomeçar a caminhar. E que metrópoles do deserto famintas passavam por ele pelo meio das dunas e temíveis subúrbios anfíbios iam a todo o vapor na sua direcção, atraídos pelos dirigíveis e engenhos voadores desfeitos que se amontoavam na areia ou ondulavam, para cá e para lá, na rebentação. Fishcake, que nunca antes estivera perto de uma metrópole de tracção, mal acreditava no tamanho das suas enormes rodas no meio da fumarada, nem na forma como o chão estremecia e se deslocava, à medida que iam passando. Sufocado pelo fumo de escape e pela areia levantada, fugiu delas em direcção ao deserto.

Era agora, realmente, um Menino Perdido. Não tinha ideia de onde estava nem para onde ia. Correu sem parar, hora após hora, deslizando sobre as dunas, tropeçando em extensões secas de gravilha e pilhas de rochas áridas. Tinha medo do escuro e das sombras profundas, que iam crescendo à medida que a Lua declinava para oeste no horizonte. Por fim, na margem de um riacho seco, deixou-se cair e abraçou os joelhos húmidos contra o peito para se aquecer, enquanto choramingava em voz alta:

— O que é que vai acontecer ao pobre Fishcakezinho?

Ninguém lhe respondeu, e isso era o que o assustava mais. Gargle, Rémore e Wren tinham-no desiludido e as mães e papás falsos haviam-no enganado. Mr. Shkin também faltara ao prometido e Tom Natsworthy abandonara-o mas ele preferia estar com qualquer um deles, em vez de estar ali, sozinho.

A Lua brilhou sobre algo que estava ali perto. Fishcake, que tinha sido treinado para caçar coisas que brilhassem, aproximou-se a rastejar, sem sequer pensar.

Um rosto olhava-o da areia. Apanhou-o. Era feito de bronze e tinha sido bastante maltratado. Tinha buracos para os olhos. Os lábios estavam ligeiramente afastados, num sorriso que Fishcake achou reconfortante. Era lindo. Fishcake colocou-o no seu próprio rosto e espreitou através dos buracos dos olhos para a Lua. Depois enfiou a máscara dentro do casaco e continuou a andar, sentindo-se mais corajoso e a pensar que outros tesouros esconderia aquele deserto.

Alguns metros mais à frente, os seus olhos perspicazes viram um movimento no leito de um rio seco. Nervoso como um animal, aproximou-se devagar. Uma mão decepada rastejava no meio da gravilha. Parecia feita de metal. Mexia-se como um caranguejo de carapaça partida, arrastando-se com os próprios dedos. Fios, maquinaria e algo que se assemelhava a um osso saíam do pulso. Fishcake observou-a e depois, como a coisa parecia ter um objectivo qualquer, seguiu-a.

Em breve começou a passar por outras partes de um corpo, mas com menos vida. Uma perna de metal arrancada dobrada ao contrário e presa a um pedregulho, depois um tronco golpeado e amolgado. A mão ficou ali a cirandar durante uns momentos e depois continuou o seu caminho. Alguns metros mais adiante, encontrou a outra mão, ainda presa a grande parte do braço que se dirigiria para uma encosta de gravilha e pequenos seixos, onde cresciam umas acácias atrofiadas.

E ali encontrou a cabeça. Um rosto, esquelético, cinzento, inserido num crânio de metal, rodeado por um emaranhado de cabos,

fios e tubos. Parecia morto, mas, quando Fishcake se debruçou sobre ele, pressentiu que lhe tinha sentido a presença. As lentes de vidro dos olhos estavam partidas mas a maquinaria araneiforme no interior contorcia-se e tiquetaqueava, tentando ainda ver. A boca morta moveu-se. Tão suavemente que Fishcake mal a conseguia ouvir, a cabeça sussurrou-lhe:

— Estou danificada.

— Um bocadinho — concordou Fishcake. Sentia pena daquela pobre cabeça. E perguntou: — Como te chamas?

— *Chamo-me Anna* — sussurrou a cabeça. Depois disse:

— Não, não. A Anna morreu. Eu sou a Caçadora Fang. — Parecia ter duas vozes, uma severa e de comando, a outra hesitante, atônita. — *Fomos apanhados por Arkangel* — retomou a segunda voz. — *Tenho dezassete anos. Sou escrava do 4.º tipo nos estaleiros de Stilton Kael, mas estou a construir o meu próprio dirigível e...* — Depois a primeira voz sibilou: — Não! Isso foi há muito, no tempo da Anna e a Anna morreu. *Sathya, minha querida? És tu? Estou tão confusa...*

— O meu nome é Fishcake — respondeu Fishcake, ele próprio um pouco confuso.

— Acho que estou danificada — disse a cabeça. — *A Valentine ludibriou-me... a espada no meu coração... tenho tanto frio... tanto frio...* Não. Sim. Já me lembro. *Eu lembro-me.* A máquina dessa tal Zero... E o General Naga ficou de lado e deixou que aquilo acontecesse... Fui traída.

— Também eu — comentou Fishcake. Conseguia ver as junções retorcidas à volta do crânio, de onde a máscara de bronze tinha sido arrancada. Ele tirou a máscara de dentro do seu casaco e colocou-a no lugar o melhor que pôde.

— *Por favor, ajuda-a* — sussurrou a cabeça, e logo: — Tu vais reparar-me.

— Não sei como.

— *Ela...* eu explico-te.

Fishcake olhou em redor. Os pedaços do corpo da Caçadora aproximavam-se dele pela areia, em direcção à cabeça. Os movimentos rápidos dos dedos faziam-lhe lembrar as *camaracnídeas* que ele reparara para Gargle.

— Eu talvez consiga, mas não aqui. Vou precisar de ferramentas e outras coisas. Se conseguirmos juntar todos os teus pedaços e encontrar uma metrópole ou coisa parecida...

— Faz isso — ordenou a cabeça. — Depois viajarei para Leste. *Para Shan Guo. Para a minha casa em Erdene Tezh.* Hei-de vingarme daquela mortal. *Sim, sim...*

— Eu vou contigo — atalhou Fishcake, ansioso por não ser novamente abandonado. — Eu posso ajudar-te. Vais precisar de mim.

— Eu conheço os segredos do *Livro de Estanho* — sussurrou a cabeça para si mesma. — Os códigos estão bem guardados na minha memória. Regressarei a Erdene Tezh e despertarei ODIN.

Fishcake não sabia o que aquilo queria dizer, mas estava satisfeito por ter alguém que o mandasse fazer alguma coisa, apesar de não passar de uma cabeça. Levantou-se. A pouca distância um manto cinzento rasgado agitava-se nos ramos de um arbusto. Fishcake tirou-o dali e atou-o de forma a parecer um saco. Depois, enquanto a cabeça da Caçadora Fang sussurrava para consigo sobre o mundo voltar a ser verde, pôs-se a recolher as várias peças do seu corpo espalhadas por ali.

Capítulo 35

Vagueando Pelos Céus

Desde que a Storm tinha zarpado da *Cloud 9* que tudo parecia muito calmo. Ainda se ouvia o vento calmo sibilar pelo cordame pendente, os balões que ainda restavam batendo uns contra os outros, o estrondo de andares a cair que vinha por vezes de dentro do *Pavilhão* em chamas, mas nenhum deles era um som humano, pelo que não pareciam ter importância.

Theo e Wren carregaram o inconsciente Pennyroyal para o abrigo de um bosque de ciprestes, entre a sua casa de barcos e o labirinto ornamental. Havia uma fonte no meio do bosque e eles deitaram Pennyroyal e fizeram os possíveis para o deixarem confortável. Depois, Theo sentou-se, deitou a cabeça nos braços e adormeceu também. Aquilo surpreendeu Wren. Sentia-se cansada mas sabia que estava demasiado assustada e ansiosa para conseguir dormir. Mas para Theo era diferente, supôs ela. Já antes tinha participado em batalhas, e provavelmente, estaria habituado àquele tipo de incerteza desesperada.

— Boo-Boo, minha pombinha, eu posso explicar tudo! — murmurou Pennyroyal, mexendo-se e entreabrindo os olhos. Viu Wren sentada a seu lado e balbuciou: — Ah, és tu!

— Durma — aconselhou Wren.

— Tu não gostas de mim — resmungou Pennyroyal. — Ouve, lamento o que aconteceu ao teu pai, a sério. Pobre do jovem Tom. Nunca o quis magoar. Foi um acidente, juro.

Wren verificou-lhe as ligaduras.

— Não é só isso — continuou ela. — É aquele seu livro. É só mentiras! Sobre Miss Freya, e *Anchorage* e a minha mãe ter feito um acordo com os Predadores...

— Ah, mas esse bocado é verdade — atalhou Pennyroyal. — Eu admito que posso ter apimentado mais os factos aqui e ali puramente por questões de ritmo, mas foi mesmo Hester Shaw que

lançou Arkangel no nosso encalço. Foi ela própria que mo contou. «Fui eu que mandei os Predadores para cá», contou-me ela. «Eu queria outra vez o Tom só para mim. Ele é o meu ouro do predador.» E alguns meses depois, no meio de um bando de refugiados, conheci uma jovem adorável chamada Julianna. Tinha sido escrava na casa daquela besta do Piotr Masgard e contou-me que assistira ao negócio. Uma aviadora tinha ido falar com o seu dono, pois sabia a posição de Anchorage. Uma jovem aviadora, pouco mais que uma miúda, com o rosto dividido em dois por uma terrível cicatriz...

— Não acredito — respondeu Wren, zangada. E, deixando-o ali, dirigiu-se para os jardins. *Não podia* ser verdade. Pennyroyal estava novamente a usar as suas artimanhas e a distorcer as coisas. *Mas porque é que ele insiste em manter aquela parte da história, depois de ter admitido que o resto era pura invenção?*, pensou, sentindo-se incomodada. Bom, talvez ele acreditasse. Talvez a mãe lhe *tivesse* contado aquilo para o assustar. E quanto à escrava de Masgard, lá porque tinha visto Masgard a falar com uma aviadora com uma cicatriz, isso não significava que fosse a mãe. O comércio aéreo era um tipo de vida difícil. Devia haver montes de aviadoras com a cara desfigurada...

Abanou a cabeça para tentar afastar aqueles pensamentos perturbadores. Tinha coisas mais importantes para se preocupar do que com as histórias idiotas de Pennyroyal. *Cloud 9* oscilava sob os seus pés e o ranger do cordame esticado, enchia o ar nocturno. O fumo espalhava-se sobre o relvado inclinado, escondendo os corpos espalhados e as mesas do *buffet* tombadas. Wren apanhou alguns canapés caídos e pôs-se a olhar para o *Pavilhão* enquanto os comia. Era difícil acreditar na mudança que sofrera aquele belo edifício. Estava manchado e inclinado e a única luz que se via através dos vidros partidos era o vermelho cintilante das chamas que nele grassavam. A grande cúpula central abria-se como um ouriço de castanheiro. Sobre ela, os balões pareciam aguentar-se, mas estavam negros do fumo e algumas das chamas mais alterosas, subindo do telhado da ala dos convidados de Pennyroyal, aproximavam-se assustadoramente da parte de baixo das suas barrigas.

E, enquanto ali estava a observar, apercebeu-se de que por sua vez alguém a observava.

— Theo? — perguntou, voltando-se.

Mas não era Theo.

Assustada, perdeu o equilíbrio na erva alta e caiu, com um soluço de susto. O Caçador não se mexia, a não ser para se equilibrar face à inclinação do jardim. Olhava Wren francamente. E como podia ele deixar de olhar assim, só com aquelas duas lâmpadas verdes a servir de olhos? O clarão do fogo brilhava na sua armadura amachucada e nas suas garras manchadas. A cabeça teve um estremecimento. Óleo e lubrificante pingavam-lhe das feridas.

— NÃO ÉS ELA — disse.

— Não — concordou Wren num guincho de rato assustado. Não fazia a menor ideia de quem é que aquela horrível máquina estava a falar, mas também não ia discutir. Moveu-se sorrateiramente com o traseiro pela relva, tentado afastar-se dele.

O Caçador aproximou-se devagar e depois voltou a parar. Pareceu-lhe ouvir estranhos mecanismos zunindo e tagarelando dentro do seu crânio blindado.

— ÉS PARECIDA COM ELA — prosseguiu ele —, MAS NÃO ÉS ELA.

— Não, eu sei, há muita gente que nos confunde — respondeu Wren, tentando imaginar com quem é que ele a estaria a confundir. Não valia a pena fugir, disse para consigo. Mas o seu corpo, ávido por viver, não lhe prestou atenção. Levantou-se de um salto e desatou a correr, escorregando na relva molhada, correndo rapidamente pela inclinação absurda dos jardins.

— VOLTA! — implorou Shrike. — AJUDA-ME! PRECISO DE A ENCONTRAR! — E começou a correr atrás dela, mas depois parou. Perseguir a rapariga ia apenas provocar-lhe mais medo e ele já tinha ficado consternado pelo terror e aversão que vira naquele rosto estranho e familiar. Viu-a desaparecer no meio do fumo. Por trás dele, a cúpula central do *Pavilhão* caiu para dentro do salão de baile numa chuva de faíscas. Rosáceas de fogo-de-artifício passaram por ele e foram embater nas fontes e canteiros de flores, ou

saltaram borda fora pela beira da placa do convés e caíram a prumo no meio do deserto.

Shrike ignorou-as e inclinou a cabeça interrogativamente para um lado. Acima daquele barulho, os seus ouvidos sensitivos tinham captado o rugido de aeromotores.

Arquejando para conseguir respirar e com o coração a bater descompassadamente, Wren voltou a mergulhar no bosque de ciprestes. Pennyroyal estava a dormir ou novamente inconsciente, mas Theo levantou-se de um salto.

— Wren, o que foi?

— *Caçador!* — conseguiu ela arquejar. — A Green Storm deixou um Caçador para trás. Aquele grande e feio que lutou contra o outro...

Pennyroyal gemeu e mexeu-se. Theo afastou Wren gentilmente dali.

— Wren, se esse Caçador nos quisesse matar, já nos teria encontrado, certo? Ter-te-ia perseguido e já aqui estaria.

Wren pensou no assunto.

— Acho que está danificado — respondeu por fim.

— Aí tens a resposta.

— Acho que estava louco — continuou ela, ao recordar-se da forma estranha como o Caçador tinha falado com ela. Soltou um risinho nervoso. — Bom, suponho que, se os Caçadores normais andarem atrás das pessoas para as matar, então um que seja louco é a melhor opção para se ficar preso com ele numa ilha condenada e à deriva. Talvez quisesse apenas conversar acerca do tempo. Ou tricotar-me uma camisola.

Theo riu-se.

— De qualquer forma — continuou ele —, vai correr tudo bem. À velocidade a que estamos a perder gás, tocaremos no chão do deserto dentro de mais ou menos meia hora.

— Dizes isso como se fosse uma coisa boa.

— E é — retorquiu Theo. — Vem cá ver.

Ela seguiu-o através das árvores até ao outro lado do bosque. Por ali, apenas uma pequena e íngreme língua de relvado inclinado os separava da beira da placa do convés. Para além do corrimão, podiam ver o chão e a sombra da *Cloud 9* a deslizar sobre dunas arredondadas e afloramentos áridos de pedra. Em toda a volta viam-se aglomerações de luzes e remoinhos fantasmagóricos de pó marcando a aproximação de pequenas cidades e metrópoles que acorriam para o lugar onde julgavam que a *Cloud 9* ia cair.

— Metrópoles necrófagas! — uivou Wren. — Vamos ser devorados!

— A *Cloud 9* vai ser devorada — sossegou-a Theo. — Nós não. Nós saltaremos para o deserto antes que as metrópoles cheguem e entraremos a bordo como viajantes, não como presas. Levaremos algum ouro ou Antiga Tecnologia ou outra coisa qualquer do *Pavilhão*, para pagar a nossa passagem. Ficaremos bem.

Wren acalmou-se. *Foi isto que juntou os meus pais*, pensou. *Existe um sentimento de união que se gera da partilha de aventuras como esta e que é suficientemente forte para ultrapassar qualquer coisa, desconfiança, fealdade, o que for*. Mas Theo não era feio. Longe disso. Voltou o rosto para o olhar, mas estavam de tal forma perto um do outro que o seu nariz roçou na bochecha dele.

E foi então que, precisamente quando Wren percebeu que se iam beijar, e uma parte dela queria muito que tal acontecesse mas a outra parte estava mais assustada com o facto de beijar do que propriamente com as metrópoles necrófagas, foi então que o relvado, tal como o convés de um barco num mar tempestuoso, lhe faltou subitamente debaixo dos pés, atirando-a contra Theo e este contra uma árvore.

— Bolas! — exclamou ela.

Alguma coisa estava a correr mal na coroa de balões da *Cloud*

9. Queimada pelas chamas que saíam do *Pavilhão*, a célula central tinha rebentado e o gás saía num esguicho de fogo azul. Alguns dos balões mais pequenos ainda se mantinham, mas não eram suficientes para aguentar o peso da *Cloud 9* durante muito tempo. A placa do convés estava ainda mais inclinada e a água das fontes e

das piscinas jorrava pelas bermas, formando pequenas cataratas brancas. Também começaram a cair destroços. Estátuas, pequenas pérgulas, palmeiras em vasos, mobiliário de jardim, grandes toldos e instrumentos musicais caíam como maná nas dunas que ficavam por baixo.

As metrópoles malhadas do deserto aumentaram a velocidade, competindo e brigando na sua pressa de serem os primeiros a chegar ao local da queda.

O *Jenny Haniver* voava, através do fumo e do pó, em direcção à sombra da *Cloud 9*. Através das suas janelas de bombordo, a base inclinada lembrava uma muralha enorme e em ruínas, marcada por crateras de obuses e destroços queimados. Hester apontou o holofote para ela e observou enquanto algumas contorcidas passarelas de manutenção passaram por eles seguidas por um aviso escrito em letras brancas de cerca de três metros de altura que dizia: PROIBIDO FUMAR. O ascensor balouçava preso a uns cabos danificados, com vestidos de baile e de noite manchados de sangue a pender ondulantes da cabina desfeita.

— Chegámos tarde de mais — disse Hester. — Já não vamos encontrar ali ninguém com vida.

— Não digas isso! — ripostou Tom em tom cortante, ainda a sentir-se incomodado e trémulo da discussão que tinham tido. Não queria discutir mais, porque encontrar Wren era o que importava no momento mas as coisas tinham-se modificado entre ele e Hester e ele não estava seguro de que se pudessem recompor. A dureza dela, a forma calma como abandonara Fishcake tinham-lhe dado volta ao estômago.

Irritado, agarrou nos comandos do *Jenny* erguendo-o até passar o topo da placa do convés e avançando cuidadosamente por entre o emaranhado de cordame. Subitamente, desejou que fosse Freya que estivesse com ele em vez de Hester. *Ela* não teria deixado Fishcake para trás. *Ela* teria conseguido sair da torre de Shkin sem ter morto todos aqueles desgraçados. E ela não teria perdido tão rapidamente a esperança de encontrar Wren.

— Lembras-te de Londres? — perguntou. — Lembras-te da noite da MEDUSA, quando te fui buscar a Londres? Também parecia não haver esperança, mas eu encontrei-te, não foi? E agora, vamos encontrar a Wren.

Por baixo deles, a *Cloud 9* balançava como um turíbulo. Hester apontou o holofote para os jardins em ruínas.

Wren e Theo seguiram de gatas pela superfície agora íngreme dos jardins, arrastando Pennyroyal com eles, em busca de um lugar onde se pudessem abrigar quando a placa do convés tocasse no chão.

— Bom trabalho! — exclamou Pennyroyal, ao recobrar lentamente os sentidos. — Esplêndido esforço! Certificar-me-ei de que terão a vossa liberdade deste... — Depois voltou a desmaiar, o que tornou impossível carregá-lo. Pousaram-no e Wren sentou-se a seu lado. O chão devia estar a escassos metros. Wren distinguia arbustos insignificantes a lutar para conseguirem crescer no meio das compridas e imensas rochas que salpicavam o deserto, e as janelas e portas das obras mortas de uma metrópole que avançavam aos saltos grandes rodas em forma de barris, na sombra da *Cloud 9*. O ar enchia-se do barulho do cordames esticado até ao limite. Sob os gemidos metálicos e ecoantes, erguia-se outro ruído. Wren olhou para cima. Através dos cabos emaranhados que balançavam pelo jardim, o cone de luz de um holofote surgiu, assustando-a. Depois desviou-se, como um longo dedo de luz a traçar caminhos sem sentido através dos relvados e, por trás, ela viu um pequeno dirigível.

— Olha! — gritou.

— Necrófagos. — rugiu Theo. — Ou piratas do ar!

As pessoas da metrópole que estava debaixo deles pareciam pensar o mesmo pois surgiu um foguetão que rebentou no céu ao lado do pequeno dirigível. Este desviou-se e depois voltou a aproximar-se, com as hélices de direcção espetadas como as barbatanas de um peixe curioso. Um rosto pálido surgiu na janela da barquinha. As hélices de direcção voltaram a erguer-se e a girar e o

dirigível aterrou num pátio de metal, não muito perto de Wren e Theo, mas não tão longe que Wren não conseguisse reconhecer as pessoas que saíam da barquinha e se encaminhavam para ela pelo relvado inclinado.

Primeiro, recusou-se a acreditar. Pareceu-lhe tão impossível que os pais ali estivessem que fechou os olhos e tentou fazer com que aquela dolorosa alucinação desaparecesse. Não podiam ser eles, não *podiam*, apesar do que os seus loucos olhos lhe mostravam. Era óbvio que as aventuras por que passara tinham sido demasiado para ela e começava a imaginar coisas.

E então ouviu uma voz gritar: — Wren! — E os braços de alguém envolveram-na e seguraram-na com força e era o pai que a abraçava enquanto ria e repetia: — Wren! — vezes sem conta e as lágrimas lhe abriam sulcos brancos no meio das cinzas e do pó que lhe cobriam o rosto.

Capítulo 36

Estranhos Encontros

— Perdão — disse ela. — Perdão, fui tão estúpida... — E depois não conseguiu dizer mais nada, não conseguia lembrar-se de mais nada para dizer.

— Não faz mal — repetia-lhe o pai. — Não faz mal. Estás bem e isso é que interessa...

Depois o pai afastou-se e foi a vez da mãe a cingir num abraço forte e apertado, encostando o rosto de Wren contra o seu ombro magro, e a voz da mãe no ouvido dela a perguntar:

— Estás bem? Não estás magoada?

— Estou ótima — fungou Wren.

Hester afastou-se e pegou no rosto de Wren com as duas mãos, surpreendida com o tanto amor que sentia. Estava a chorar de alegria, ela que quase nunca chorava. Sem querer que Tom e Wren pensassem que se tornara lamechas, desviou o olhar e reparou no rapaz alto e negro que estava por trás de Wren, a observá-los.

— Mãe e pai — disse Wren voltando-se para o fazer aproximar —, este é o Theo Ngoni. Salvou-me a vida.

— Salvámo-nos um ao outro — emendou Theo timidamente. Também ele chorava, imagina os seus próprios pais a darem-lhe as boas-vindas, se algum dia encontrasse o caminho de regresso a Zagwa.

Hester olhou desconfiada para o jovem e atraente aviador, mas Tom apertou-lhe a mão e disse:

— É melhor irmos para bordo.

Encaminhou-se para o dirigível que os aguardava e Theo foi com ele mas, quando Hester ia começar a segui-los, Wren disse:

— Não, esperem. Pennyroyal...

Tom e Theo não a ouviram, mas a mãe sim.

Wren correu por entre as árvores em direcção à fonte. Pennyroyal tinha acordado com o som dos motores e estava a pôr-se de pé com dificuldade. Sorriu ao ver Wren e disse debilmente:

— O que é que eu te disse, hem? Nunca desesperes! — Depois, ao reconhecer a figura que vinha atrás dela acrescentou: — Ah, Grande Poskitt!

A última vez que Hester vira Pennyroyal havia sido quando ele fugia pela neve e escuridão de *Anchorage* na noite em que ela tinha morto os Predadores. E a última vez que falara com ele tinha sido um pouco antes disso na cozinha saqueada de Mr. e Mrs. Aakuiq, quando lhe contara como os Predadores lá tinham ido parar.

Pennyroyal afastou-se debilmente para trás, com o rosto branco de terror sob os salpicos de sangue seco. Hester chegou junto dele com duas passadas, lançou-o ao chão e sacou da faca, enquanto ele gemia e se debatia aos seus pés.

— Por favor! — gemeu ele. — Poupa-me! Dou-te tudo o que quiseres!

— Cala-te — cortou ela, encostando-lhe a lâmina ao pescoço, inclinando-se de modo a que o sangue não manchasse o seu casaco novo.

Wren bateu-lhe de lado, empurrando-a.

— Mamã, não! — gritou.

Hester grunhiu voltando-se zangada.

— Mantém-te fora disto...

Mas Wren não foi capaz. Ela tinha visto o olhar da mãe ao deparar com Pennyroyal. Não era um olhar de ódio, raiva ou sede de vingança, mas de medo. E porque havia a mãe de ter medo de Pennyroyal, a não ser que o que ele dissera fosse verdade? Quando Hester se voltou a dirigir para ele, Wren saltou para o meio de ambos com os braços abertos para o proteger.

— Eu sei! — gritou ela. — Eu sei o que é que fizeste! Por isso, se o quiseres calar, chegaste tarde de mais! Se quiseres manter o segredo, terás de me matar a mim também.

— Matar-te? — Hester agarrou Wren pelo colarinho do casaco e atirou-a contra uma árvore. — Quem me dera que nunca tivesses nascido! — gritou. Voltou a faca invertendo a posição da mão no punho de osso já gasto. A lâmina encheu-se da luz do fogo.

Reflexos deslizaram pelo rosto consternado e desafiador de Wren lembrando subitamente a Hester o da sua meia-irmã Katherine Valentine, que morrera a defendê-la da espada do pai.

— Mamã? — implorou Wren em tom baixo, chocado.

Hester baixou a faca.

Tom e Theo surgiram a correr pelo meio das árvores, escorregando pelo íngreme relvado abaixo.

— O que é que se passa? — gritou Theo, que vinha à frente.

— Wren? Estás bem?

— Ela está a querer matá-lo! — Wren caíra de joelhos. Estava a chorar tanto que eles mal percebiam as suas palavras mas ela insistia em repeti-las até que, por fim, perceberam. — Ela quer matar o Pennyroyal!

Tom olhou para baixo, para Pennyroyal, que ergueu uma mão trémula.

— Tom, meu caro amigo, não precipitemos...

Por momentos, Tom manteve-se calado. Estava a recordar-se de como se sentira, deitado de costas sobre a neve de *Anchorage*, com a certeza de que ia morrer. Consequia ainda sentir o buraco no peito e o sabor a sangue. Consequia ainda ouvir o ruído dos motores do *Jenny* a desvanecerem-se, enquanto Pennyroyal fugia nele. Por momentos sentiu-se tão cruel como Hester, pronto a agarrar na faca e acabar com aquele velho miserável. Mas a sensação rapidamente passou e estendeu a mão para a da mulher.

— Het, olha para ele. Não passa de um velho indefeso e o seu palácio está a desfazer-se em chamas. Não será vingança suficiente? Vamos levá-lo para bordo do *Jenny* depressa, antes que este lugar se afunde de vez.

— Não! — gritou Hester. — Já te esqueceste do que aconteceu da última vez que o levámos connosco para bordo? Já te es-

queceste do que ele te fez? Ele quase que te *matou*! Não lhe podes simplesmente *perdoar*!

— Posso, sim — redarguiu Tom e ajoelhou-se ao lado de Pennyroyal, fazendo sinal a Theo para o ajudar a levantá-lo.

— Qual é a alternativa? Matá-lo? O que é que ganhavas com isso? Não ia mudar nada...

— Mudava sim — ripostou Wren e o som da sua voz era de tal forma estranho, que Tom olhou para ela. Chorava com grandes soluços, totalmente impróprios de uma senhora, e tinha o rosto coberto de lágrimas e ranho. Afastou-se assustada quando a mãe se voltou para ela, mas gritou: — Se ela o matar, ele já não te pode contar como ela vendeu *Anchorage* aos Predadores.

Hester lançou a cabeça para trás como se a rapariga lhe tivesse dado um estalo.

— Mentiras! — contestou. E tentou soltar uma gargalhada.

— Pennyroyal tem estado a encher-lhe a cabeça de mentiras!

— Não — interrompeu Wren. — É verdade. Durante todos estes anos estivemos-lhe todos tão gratos por ela nos ter salvo dos Predadores, quando afinal foi ela quem os levou até lá. Eu não queria que fosse verdade. Disse para mim mesma que não podia ser. Mas é.

Tom olhou para Hester à espera que ela negasse.

— Eu fi-lo por ti — respondeu ela.

— Então é verdade?

Hester deu um passo atrás, afastando-se dele.

— É claro que é verdade! Onde julgas tu que eu fui naquela noite em que levei o *Jenny*? Fui direita a Arkangel e contei a Masgard onde é que podia encontrar *Anchorage*. Era isso ou então perder-te e eu não podia... não podia...! Oh Tom, pelos deuses, foi há dezasseis anos atrás e já não tem importância, pois não? Pois não? Eu resolvi tudo, não foi? Matei Masgard e os seus homens. E só o fiz por ti...

Mas tinha sido um Tom Natsworthy diferente que ela amara o suficiente para trair metrópoles inteiras. Aquele Tom valente, bonito

e apaixonado tê-la-ia perdoado, mas este Tom, mais velho, este tímido historiador de *Anchorage* que permanecia ali a olhar para ela, com a sua estúpida boca escancarada de consternação, com a sua estúpida filha a choramingar ao lado e jamais entenderia o que ela tinha feito. Nenhum deles entenderia. Ela não era nada como eles. Fora uma idiota em pensar que podia viver no mundo deles.

— Todos estes anos — continuou ela, deitando fora a faca —, todos estes anos em Vineland — disse ainda, vendo-a brilhar ao espetar-se, vibrante, no relvado de Pennyroyal. — Todos estes anos convosco... Deuses, como eu me senti *aborrecida*!

Toda ela tremia e isso fê-la recordar a noite da MEDUSA, quando se atrevera a beijar Tom pela primeira vez. Tinha tremido descontroladamente naquela altura, quando tudo começara e agora, que tudo terminava, voltava a tremer. Rodou sobre os calcanhares e afastou-se dele rapidamente pelo meio dos jardins em ruínas.

Através de uma aberta no fumo à sua frente, viu qualquer coisa quadrangular e baixa. Pensou que fosse um edifício e depois percebeu que se tratava de um estúpido labirinto. Bem, teria de servir. Encaminhou-se rapidamente para a entrada.

— Hester! — gritou Tom por trás dela.

— Vão! — gritou ela, olhando de relance para trás. Ele corria atrás dela como uma silhueta desesperada contra o fundo de fogo do *Pavilhão*, com Wren no seu encalço seguida pelo seu amigo africano. — Vão! — gritou Hester novamente, voltando-se sem parar, dando alguns passos a andar para trás e apontando para o *Jenny Haniver* — Mete a Wren a bordo e vão, antes que Pennyroyal torne a deitar a unha àquela porcaria...

Mas Tom limitou-se a gritar:

— Hester!

— Eu não vou, Tom — respondeu ela. Estava a chorar. O fumo passou por ela trazendo pedaços de tecido de balão a arder e o vento quente levantou as abas do seu casaco como asas negras, o que a fez parecer um anjo terrível. — Voltem para Vineland. Sejam felizes. Mas sem mim. Eu fico por aqui.

— Hester, não sejas estúpida! Este lugar está a cair em pedaços!

— Não. Está apenas a cair — emendou Hester. — Eu sobrevivo. Há metrópoles lá em baixo. Metrópoles do deserto, plataformas de necrófagos. O meu género de lugar.

Ele quase a alcançara. Hester conseguia ver o rosto dele a brilhar de lágrimas à luz dos edifícios em fogo. Queria desesperadamente ir ter com ele, beijá-lo, e abraçá-lo, mas sabia que nunca mais lhe poderia tocar, pois o que ela tinha feito ficaria para sempre entre os dois.

— Amo-te — disse ela. Voltou-se e correu, enfiando pelo labirinto enquanto as placas do convés se inclinavam e erguiam por trás dela e sons que tanto pareciam soluços como risos saíam da sua boca sem ela querer. Por trás de si, e cada vez mais desvanecido, ouvia Tom gritar o seu nome. Acima da sua cabeça, os balões da *Cloud 9* iam-se inflamando um por um, enchendo o labirinto de estranhas e fugidias sombras. Hester soluçou e tropeçou, com as sebes a arranharem-lhe o rosto ao esbarrar nelas. Começara a perceber que aquele era um péssimo sítio para se estar e que ela ia precisar de um abrigo melhor, quando a placa do convés caísse e ela chegasse ao coração do labirinto. Algo se agachava ali, como se estivesse há muito tempo à espera dela.

Ela parou de repente, escorregando na relva. A sombra que a aguardava desenrolou-se e ficou direita, maior que Hester. A princípio, julgou-a de fogo, mas afinal eram os reflexos dos balões a arder que brilhavam naquela armadura amachucada e queimada. O rosto morto abriu-se num sorriso. Hester conhecia aquele rosto. Lançara terra sobre ele dezoito anos antes, na Ilha Negra, enterrando o velho Caçador bem fundo e empilhando pedras sobre a sua sepultura. Mas, ao que parecia, fora uma perda de tempo. Ela sentia o seu odor característico de formaldeído e metal quente.

— Hester? — chamou a voz de Tom ao longe, algures no meio do jardim e agora perdida para sempre para ela.

E Shrike estendeu para ela as suas mãos medonhas e disse:

— HESTER SHAW.

Outro balão explodiu com um rugido e um géiser de luz a fugir para o céu. Tom deu por si erguido por um momento no ar, quando a placa do convés caiu. Tombou violentamente sobre a relva, rolou e foi parar de encontro a uma estátua de Poskitt.

— Hester! — gritou ele, enquanto tentava levantar-se. Mas a sua voz fraquejava com o esforço e também o seu coração parecia fraquejar. Massajou o peito mas não sentiu qualquer alívio. Estava de joelhos, com o rosto na terra, a dor parecia pregá-lo ao chão. Desmaiou e, quando recobrou os sentidos, viu alguém a seu lado.

— Hester? — murmurou.

— Papá... — Era Wren com as mãos nas costas e ombros dele e o seu rosto a olhá-lo, assustado e sulcado de lágrimas.

— Eu estou bem — assegurou-lhe e era verdade. A dor estava a passar, embora se sentisse enjoado e zozzo. — Já aconteceu antes... Não é nada.

Tentou levantar-se mas Theo, o amigo de Wren, ajudou-o e levantou-o sem qualquer esforço. Pelo caminho devia ter perdido novamente os sentidos enquanto Theo o carregava pelos jardins pois achava que Hester estava a seu lado mas, quando olhou em volta, não a viu e eles já estavam à entrada da escotilha do *Jenny*, com Pennyroyal a espreitar pelas janelas do convés de voo. Era confuso, sobretudo com o jardim inteiro inclinado e a baloiçar daquela forma, e a única coisa de que podia estar certo era da presença de Wren, que lhe segurava fortemente na mão e tentava sorrir, chorando ao mesmo tempo.

— Wren — disse ele —, não podemos partir. Temos de encontrar a tua mãe...

Wren abanou a cabeça e ajudou Theo a içá-lo para bordo.

— Vamos tirar-te deste terrível lugar, antes que seja tarde de mais — replicou ela.

A escotilha foi fechada e, enquanto Theo ia para a parte da frente, para o convés de voo ajudar Pennyroyal a pôr os motores a trabalhar, Wren ajoelhou-se junto do pai, segurando-o como ele lhe costumava fazer quando ela era pequena e estava doente ou com medo. «Pronto, pronto», costumava ele sussurrar-lhe e assim ela

sussurrou «Pronto, pronto», enquanto lhe afagava o cabelo e o beijava para o acalmar de novo. E tentou não pensar na mãe nem nas coisas que ela havia feito e dito, na luz trémula que irradiava da lâmina da sua faca. Tentou lembrar-se de que já não tinha mãe.

Como ela envelhecera!

Shrike pensara que compreendia os mortais e as coisas que o tempo lhes fazia, mas mesmo assim um choque ver a sua pobre filha com o rosto enrugado e marcado pelo tempo e o seu belo cabelo ruivo a tornar-se feio e grisalho. Aproximou-se dela encolhendo as garras e ela reagiu da mesma forma que os outros mortais reagiam quando a perseguição terminava e já não havia escapatória possível. Aquele lamento mudo e o súbito odor quente, quando as suas entranhas se esvaziavam. O facto de ela sentir medo dele magoou-o. Puxou-a para si o mais suavemente que pôde e disse:

— TIVE TANTAS SAUDADES TUAS.

E Hester, esmagada contra a sua armadura amolgada, só conseguia tremer, gemer e ouvir o som mais triste que alguma vez ouvira. O diminuir do rugido dos motores gémeos *Jeunet-Carots*, enquanto o *Jenny Haniver* zarpava sem ela.

E, finalmente, a *Cloud 9* tocou o solo, primeiro o ascensor suspenso do seu cabo, que se enterrou na areia como uma âncora de arrasto e depois a beira da placa do convés que ficou presa num grupo de rochas. Os passadiços arrancados da parte de baixo foram às cambalhotas pelas dunas. Engenhos voadores destruídos e árvores arrancadas pelas raízes espalharam-se pelo deserto. Um dos cabos partiu-se. Um dos balões pendentes soltou-se e começou a subir por entre o fumo e o pó. Secções inteiras do *Pavilhão* reben-taram, semeando antiguidades e *objets d'art* como estilhaços de granadas. As escadarias não resistiram, os conveses solares deformaram-se e as piscinas implodiram. A *Cloud 9* ressaltou, cortando o topo de uma duna gigante. Cúpulas coloridas rolavam pelo deserto, perseguidas por vilas vorazes. O destroço voltou a

cair, vomitando fogo, arrastando cabos e destruindo balões. Depois chocou, deslizou, voltou-se, girou e estremeceu até parar.

Seguiu-se um momento de silêncio, quebrado apenas pelo suspiro mineral de bilhões de grãos de areia que tinham sido lançados ao ar e suavemente iam pousando, suavemente. E, no meio daquele silêncio e antes que as metrópoles necrófagas surgissem para pilhar os destroços, o Caçador Shrike levantou-se, pegou em Hester ao colo e internou-se no deserto, na escuridão.